



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

MARIA AURILENE PINTO SAMPAIO HOLANDA

ESTUDO LEXICAL DO RITUAL DA MORTE EM CERTIDÃO DE ÓBITO DA
DIOCESE DE ITAPIPOCA-CE



FORTALEZA – CEARÁ

2019

MARIA AURILENE PINTO SAMPAIO HOLANDA

ESTUDO LEXICAL DO RITUAL DA MORTE EM CERTIDÃO DE
ÓBITO DA DIOCESE DE ITAPIPOCA-CE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientador: Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Holanda, Maria Aurilene Pinto Sampaio.

Estudo lexical do ritual da morte em certidão de óbito da diocese de Itapipoca-CE [recurso eletrônico] / Maria Aurilene Pinto Sampaio Holanda. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 348 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Ph.D. Expedito Eloísio Ximenes.

1. Filologia. 2. Lexicologia. 3. Lexias. 4. Morte. 5. Sócio-histórico-cultural. I. Título.

MARIA AURILENE PINTOSAMPAIO HOLANDA

ESTUDO LEXICAL DO RITUAL DA MORTE EM CERTIDÃO DE ÓBITO DA DIOCESE
DE ITAPIPOCA-CE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 26 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



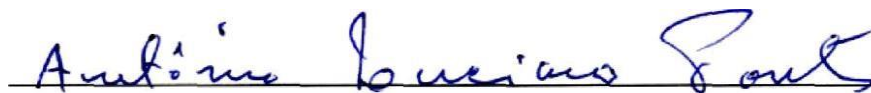
Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes

Universidade Estadual do Ceará — UECE



Prof. Dr. Tyrone Apollo Pontes Cândido

Universidade Estadual do Ceará – MIHL/UECE



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao Universo, que confluuiu com suas energias e colocou no meu caminho pessoas especiais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu vivesse e frísse este processo enriquecedor à minha vida.

Aos Vigários Philomeno do Monte Coelho e Catão Porfirio Sampaio (*in memorian*), que mesmo no plano espiritual estiveram tão presentes na minha vida durante esta caminhada, como anjos que indicam o caminho a seguir.

À Curia Diocesana de Itapipoca, por disponibilizar os documentos que serviram à pesquisa.

À minha filha amada Ariadna Sampaio e ao meu marido e incentivador Mandu Holanda, por estarem do meu lado pacientemente, partilhando das alegrias, acalentando as tristezas e desfazendo as angústias. Por cada comemoração e com elas cada taça de vinho que brindamos juntos.

Aos meus pais Graça e Zaquilton, que a seu modo me fizeram chegar aqui, fazendo eu me sentir amada todos os dias de minha vida.

À minha sobrinha afilhada Adrya Sampaio, por todo carinho e amor que me concedes.

Ao querido amigo e Professor Expedito Eloísio Ximenes, por todas horas de dedicação que dispensou a mim nesta empreitada, pela paciência, pelos ensinamentos, pelo acolhimento singular e, acima de tudo, por me fazer acreditar que percorrer este caminho seria possível.

Ao amigo e Professor Luciano Pontes, por ser exemplo de generosidade, amizade e humildade, pelas boas risadas, pelos preciosos ensinamentos nos descontraídos bate-papos e pelas valiosas contribuições na etapa de qualificação deste trabalho.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA Professor Lucineudo Irineu, pela amizade, pelos ensinamentos e, sobretudo, por ser exemplo de profissionalismo, dedicação e empatia com o próximo.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA, pela presteza no atendimento das demandas e empenho na solução dos problemas.

Aos professores do PosLA, que muito contribuíram com o direcionamento deste estudo e com o meu crescimento acadêmico.

Às amigas Claudia Régia e Áurea, que como anjos estiveram ao meu lado, amparando-me nos momentos mais difíceis desta empreitada. A vocês todo o meu carinho e gratidão.

Aos colegas do Grupo PRAETECE e a todos aqueles que contribuíram para esta caminhada, obrigada pelo engrandecimento acadêmico e humano.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro, o qual foi de grande valia para o andamento deste trabalho.

À CAPES, pelo incentivo e por fomentar pesquisas no PosLA.

A todos, que tornaram essa jornada possível.

“Morte me aguarde cem anos, tenho que
plantar filhos, fazer planos, escrever árvores,
viver desenganos, ter livros e muitos dias.

Não morte! Me aguarde mil anos, tenho que
plantar livros, fazer árvores, escrever filhos
viver planos, ter desenganos e ainda mais dias.

E viver árvores, filhos, planos, livros e
desenganos sempre”

(Mandu Holanda – *Morte me aguarde*).

RESUMO

A vida do homem transcorre em meio a crenças e costumes que são adquiridos ao longo das vivências sócio-histórico-culturais às quais é submetido, e com a morte não é diferente. Os rituais que circundam a morte e o morrer são repassados de geração a geração, podendo ocorrer ruptura ou permanência ao longo dos anos. E uma das maneiras de conhecer determinada realidade sócio-histórico-cultural de um povo é por meio dos textos deixados pelos antepassados, mais precisamente por meio do léxico. Assim, a fim de estudar os sentidos expressos pelo léxico da morte, nesta dissertação analisa-se as lexias que dizem respeito à pré-morte, à *causa mortis* e ao pós-morte, considerando tanto o contexto sócio-histórico-cultural de produção dos textos quanto a classificação das lexias. Os documentos que nos serviram de *corpus* foram escritos pelos vigários Philomeno do Monte Coelho e Catão Porfírio Sampaio, entre os anos de 1889 a 1915; são 755 certidões de óbitos que se encontram em um códice, intitulado *Livro – 2 – Itapipoca*, hodiernamente, arquivado na cúria diocesana de Itapipoca-CE. Nosso percurso teórico-metodológico contempla o labor Filológico (SPINA, 1977; CAMBRAIA, 2005; XIMENES, 2013); em que adotamos o modelo de edição filológica recomendado pelo grupo de pesquisa PRAETECE (Práticas de Edição de Texto do Estado do Ceará), no qual este trabalho está inserido. No que concerne aos estudos linguísticos tomamos como pressupostos teóricos os estudos em Lexicologia (BIDERMAN, 1978, 1996; VILELA, 1979, 1994); e nas definições de Lexicologia Social (MATORÉ, 1953), bem como na classificação e definição de lexia (POTTIER, 1979). Quanto aos estudos históricos e culturais que circundam a morte e o morrer, aparamo-nos nos pressupostos de Ariès (2012, 2014), Reis (1991, 1997) e Geertz (2008). Investigação que possibilitou compreender o papel das crenças religiosas, sobretudo da Igreja Católica perante costumes e rituais fúnebres. Os procedimentos metodológicos deram início com a reprodução mecânica, do livro de registros de óbitos, por meio de fotografias, que nos permitiu ter acesso ao livro sem a necessidade do constante manuseio, deste modo, preservando a materialidade do objeto. Posteriormente, acessando os arquivos digitais das fotografias, realizamos a edição semidiplomática, processo que consiste na transcrição do conteúdo do texto seguindo as normas do modelo de edição semidiplomático, para suporte digital, neste caso, o programa de computador Word. De posse das edições filológicas, iniciamos a recolha das lexias, em que foram coletadas: 34 lexias que correspondem ao ritual de pré-morte; 94 lexias de *causa mortis*; e 11 lexias concernentes ao pós-morte. O que nos possibilitou um estudo interdisciplinar dos fenômenos linguísticos e/ou extralinguísticos presentes nos textos, pois adentramos a diversas áreas do conhecimento. Com o estudo lexical

foi possível compreender o grau de relevância dos rituais e atitudes do homem ante a morte, sobretudo dos costumes e rituais fúnebres, bem como as mudanças sócio-histórico-culturais que interferem nas atitudes do homem perante a morte e o morrer. A investigação possibilitou identificar, no contexto de produção, as relações de sentido expressas pelas lexias de pré-morte, de *causa mortis* e de pós-morte.

Palavras-chave: Filologia. Lexicologia. Lexias. Morte. Sócio-histórico-cultural.

ABSTRACT

Human's life goes through beliefs and manners that are obtained through socio-historical-cultural experiences they are submitted to and, in regard to death, is not different. The rituals that encompass death and the act of dying are transmitted from generation to generation, and ruptures or permanence may occur over the years. One of the ways to know the socio-historical-cultural reality of a community is through texts left by their ancestors, more precisely the lexicon. Therefore, in order to study the meanings expressed by the death lexicon we intend to analyze the lexias related to pre-death, the causa mortis and the post-death, considering both the historical-cultural context of text production and the classification of the lexias. The documents used as the *corpus* were written by the vicars Philomeno do Monte Coelho and Catão Porfírio Sampaio, from 1889 to 1915. There are 754 death certificates that are separated into a code, entitled Book - 2 - Itapipoca, currently filed in Diocesan Curia of Itapipoca-Ce. Our theoretical and methodological procedures consider the philological work (SPINA, 1977); (CAMBRAIA, 2005); (XIMENES, 2013); in which we adopted the philological editing model recommended by the research group PRAETECE (Text Editing Practices of the State of Ceará), wherein this paper is inserted. Regarding the linguistic studies, we assumed as theoretical assumptions the studies in Lexicology (BIDERMAN, 1978, 1996; VILELA, 1979, 1994); and the definitions of Social Lexicology (MATORÉ, 1953), as well as the classification and definition of lexia (POTTIER, 1979). Concerning to historical and cultural studies that include death and the act of dying we supported this study in the presumptions of Ariès (2012, 2014); Reis (1991, 1997) and Geertz (2008). This research enabled us to understand the roles of religious beliefs, especially the Catholic Church's ones towards manners and mournful rituals. The methodological procedures had begun with mechanical reproduction of the obituary book by photos so as to access the book without handling it constantly, preserving its materiality. After that, we accessed digital photo files in order to reproduce a semidiplomatic editing, a process that consists of transcribing the text content, following the rules of the semidiplomatic editing model, for digital support, in this case, Word computer program. Since we had possessed the philological editions we started the collection of lexias in which counts to: 34 lexias related to pre-death ritual; 94 lexias of causa mortis; and 11 lexias concerning to post-death. It has permitted us an interdisciplinary study of linguistic and/or extralinguistic phenomena in the texts, as we have entered several areas of knowledge. Through the lexical studies was possible to understand how relevant the rituals and attitudes of men towards death are, especially the costumes and mournful ones, as well as the socio-historical-cultural changes that interfere in

the attitudes of men towards death and the act of dying. The investigation enabled us to identify, in the context of production, the relations of meanings expressed by pre-death, *causa mortis*, and post-death *lexias*.

Keywords: Philology. Lexicology. *Lexias*. Death. Socio-historical-cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Guia básico de descrição codicológica.....	39
Figura 2 –	Reprodução do Juízo Final pintada por Michelangelo e finalizada no ano de 1512.....	63
Figura 3 –	Imagem frontal do livro óbitos 2 – Itapipoca.....	90
Figura 4 –	Imagem da lombada do livro óbitos 2 – Itapipoca.....	90
Figura 5 –	Acervo dos livros de óbito na diocese e imagem da fachada da cúria diocesana, onde os livros estão guardados.....	91
Figura 6 –	Placa Frontal da sede da Cúria diocesana de Itapipoca.....	91
Figura 7 –	Edição mecânica de nota do vigário	94
Figura 8 –	Edição semidiplomática de nota do vigário.....	95
Figura 9 –	Registro mecânico de dois fólhos não manuscritos.....	95
Figura 10 –	Edição mecânica de um fólio<fl. 79r>.....	96
Figura 11 –	Edição semidiplomática de fólio<fl.79r>.....	97
Figura 12 –	Fotografia da Maternidade Martagão Gesteira instalada na cidade de Itapipoca no ano de 1951.....	137

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Quantitativo de falecidos por sexo.....	115
Gráfico 2 –	Quantitativo de falecidos por sexo e faixa etária.....	115
Gráfico 3 –	Indicação de estado civil dos sujeitos referidos nos documentos de óbito.....	117
Gráfico 4 –	Lexias complexas de pré-morte.....	125
Gráfico 5 –	Quantitativos de <i>causa mortis</i> com maior ocorrência no <i>corpus</i>	131
Gráfico 6 –	Indicativo de <i>causa mortis</i> em que todos os indivíduos são adultos.....	133
Gráfico 7 –	Indicativo de <i>causa mortis</i> em que todos os indivíduos são párvulos..	139
Gráfico 8 –	Quantitativo de <i>causa mortis</i> que afetam párvulos e adultos.....	141
Gráfico 9 –	Quantitativos de <i>causa mortis</i> não informada pelos vigários.....	145
Gráfico 10 –	Lexias de pós-morte com maior recorrência no <i>corpus</i>	149
Gráfico 11 –	Cores das mortalhas.....	150
Gráfico 12 –	Tipos de missas ministradas aos defuntos.....	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de registros de óbitos por ano.....	93
Tabela 2 – Modelo da tabela com dados reais de quantitativos das lexias de pré-morte do ano de 1889.....	102
Tabela 3 – Modelo da tabela com dados reais de quantitativos das lexias de <i>causa mortis</i> do ano de 1889.....	103
Tabela 4 – Modelo da tabela com dados reais de quantitativos das lexias de pós-morte do ano de 1889.....	103
Tabela 5 – Dados quantitativos de registros por faixa etária e sexo.....	116
Tabela 6 – Lexias simples de pré-morte.....	120
Tabela 7 – Lexias complexas de pré-morte.....	123
Tabela 8 – Lexias do pós-morte.....	147

SUMÁRIO

1	COMO TUDO COMEÇOU: PASSOS INTRODUTÓRIOS.....	17
2	POR ONDE ANDAMOS: PERCURSO TEÓRICO.....	25
2.1	A Filologia e o estudo do texto.....	25
2.1.1	Os métodos e as funções da Filologia.....	32
2.1.2	A função social do texto.....	41
2.2	A Lexicologia e o estudo do léxico.....	44
2.2.1	Léxico e sociedade.....	50
2.2.2	Léxico na perspectiva histórico-cultural.....	57
3	A MORTE NA VIDA DO HOMEM OCIDENTAL: PERCURSO HISTÓRICO.....	61
3.1	A morte e a cultura do bem morrer no Ocidente.....	61
3.1.1	Os documentos que registram a morte.....	69
3.1.2	O morrer no Ceará nos séculos XIX e XX.....	76
3.1.3	A comercialização da morte.....	81
4	O CAMINHO: PERCURSO METODOLÓGICO.....	88
4.1	Caracterização do <i>corpus</i> de pesquisa.....	89
4.1.1	As normas de edição.....	98
4.1.2	Coleta das lexias.....	101
4.1.3	A análise lexical e sócio-histórico-cultural.....	105
5	OS RITUAIS DA MORTE: PERCURSO DERRADEIRO.....	109
5.1	Os sujeitos que produzem e os sujeitos que são citados nos documentos de óbitos.....	109
5.1.1	As lexias de pré-morte.....	118
5.1.2	As lexias de <i>causa mortis</i>	129
5.1.3	As lexias do pós-morte.....	146
6	O FIM DE UMA JORNADA: PASSOS DERRADEIROS DESTA ETAPA.....	158
	REFERÊNCIAS.....	165
	APÊNDICE A – TABELAS COM AS LEXIAS DE PRÉ-MORTE ORGANIZADAS POR ANO DE REGISTRO.....	172
	APÊNDICE B – TABELAS COM AS LEXIAS DE CAUSA MORTIS ORGANIZADAS POR ANO DE REGISTRO.....	184

APÊNDICE C – TABELAS COM AS LEXIAS DE PÓS-MORTE ORGANIZADAS POR ANO DE REGISTRO.....	200
ANEXO A – EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA (ÓBITOS 2 – ITAPIPOCA)....	209

1 COMO TUDO COMEÇOU: PASSOS INTRODUTÓRIOS

Por muito tempo fui¹ cética quando me diziam que, na pesquisa científica, o objeto de análise escolhe o pesquisador e não o contrário, porém, ao ingressar na pós-graduação, o universo veio me mostrar que eu estava errada, e por mais que as escolhas parecessem conscientes, agora entendo que fui guiada ao objetivo pelo objeto de análise.

Desde o primeiro momento desta pesquisa, fui levada pelo seu encantamento e, quanto mais me aprofundava na investigação acerca do objeto de estudo, mais tinha certeza de que fui escolhida, sentindo-me parte dele, pois conseguia ouvir o inaudível nas folhas daquele livro que contém as certidões de óbitos. Por isso, afirmo que, a cada etapa deste trabalho, fui direcionada pelos dados, como quem toma a mão de um guia e percorre o caminho a ser trilhado sem saber ao certo os percalços da estrada, mas segura do destino.

Tudo começou com a “escolha” do *corpus*, em uma conversa informal (diria até que aleatória) com um amigo, soube da existência de documentos de óbitos escritos pela Igreja. Informação que em outro momento passaria despercebida, mas que naquele me pareceu um “sinal”, foi assim que cheguei aos óbitos registrados pelos vigários Philomeno do Monte Coelho e Catão Porfírio Sampaio. Em visita à cúria diocesana de Itapipoca, tive acesso a apenas um livro, intitulado *Óbitos – 2 – Itapipoca*, apesar do arquivo contar com outros seis livros. E foi com este “um” livro que me encontrei pesquisadora e encantada pelos dados, sobretudo pela história e pelos significados encontrados no léxico que reflete a morte, como veremos no decorrer desta dissertação.

Sobre o léxico, é importante ressaltar que concebê-lo como uma estrutura mensurável é uma definição utópica, já que o sistema lexical de uma língua está em constante evolução e traduz a experiência vocabular e cultural acumulada ao longo dos anos por uma sociedade. Biderman (1978) apresenta a definição de léxico como um sistema aberto, de difícil mensuração, pois permite um alto grau de combinações linguísticas nos eixos sintagmático e paradigmático. A autora afirma ainda que a comunicação linguística realiza-se, sobretudo, pelo léxico, de modo que a sociedade é refletida na língua e a língua na sociedade, por isso, estudar o léxico de uma dada comunidade linguística é abrir uma janela ao contexto de produção da linguagem através de seu léxico que se expande para fora do sistema linguístico.

Sendo assim, para estudar o léxico de uma língua, é necessário a imersão no

¹ Inicialmente, neste trabalho, utilizo a primeira pessoa do singular quando se trata de situações e experiências vividas por mim como pesquisadora; e, posteriormente, utilizo a primeira pessoa do plural quando se fizer presente a pluralidade de vozes na pesquisa.

contexto sócio-histórico-cultural de produção dos textos e dos usos de uma determinada língua em cada momento, pois, a partir das lexias empregadas em textos produzidos em épocas passadas, é possível desvelar as motivações linguístico-sociais, que remontam a uma determinada cultura, ao contexto histórico e às vivências sociais. Como bem pontua Marcotulio *et al.* (2018, p. 32), “Uma forma de resgatar a história de uma língua é partir da história dos textos redigidos”.

Todavia, recuperar os textos escritos em tempos passados tem se tornado uma tarefa cada vez mais árdua, visto que muitos destes textos têm se perdido, ou pela inadequação no armazenamento, ou mesmo pela degradação natural causada pelas condições temporais. Desse modo, não raros são os documentos que se perderam ao longo dos anos, levando consigo uma infinidade de dados históricos e culturais da comunidade que os produziu, bem como o esquecimento de uma importante “fonte de dados para conhecimento linguístico”, uma vez que, “uma descrição linguística só tem validade se, de fato, os textos adotados como fonte de dados espelham o emprego efetivo da língua” (CAMBRAIA, 2005, p. 20).

Desse modo, atestamos o cuidado e a seriedade no labor filológico para a restituição e a edição de documentos, tendo em vista que, “o texto editado cuidadosamente se presta a vários estudos da língua em diferentes âmbitos e sobre vários olhares” (XIMENES, 2013, p. 203), pois o texto (escrito/oral) é o suporte prototípico do uso do idioma. Desta maneira, entendemos que o “filólogo seria o pesquisador responsável por estudar os textos[...]” (MARCOTULIO *et al.*, 2018, p. 32). Sem, contudo, deixar de considerar o contexto sócio-histórico-cultural de produção e de circulação, a fixação e a edição dos textos para serem, posteriormente, submetidos às análises linguísticas, históricas, sociais e de diversas ordens. Visto que todo uso da linguagem, seja ele escrito, oral ou imagético, caracteriza-se por registrar um dado momento histórico, revelando conceitos, variações linguísticas, costumes, crenças e contextos sociais e culturais, podendo ser de cunho individual ou social.

Assim sendo, é o texto (oral, escrito, imagético) uma privilegiada fonte de estudo da língua em diferentes vertentes, pois é a partir de registros textuais que se pode adentrar ao contexto sócio-histórico-cultural de um dado povo. Por isso, salientamos a necessidade da preservação por meio de edição filológica de textos escritos e historicamente situados, a fim de trazer à tona questões outras, além das inscritas na materialidade textual, bem como, quanto ao uso da língua e suas relações de sentido de cunho sócio-histórico-cultural.

Dado o exposto, entendemos que o estudo do léxico em textos permite desvelar conceitos, ideologias e costumes, que possibilitam transcender a materialidade textual.

Conforme pontua Abbade (2006, p. 213), “estudar o léxico de uma língua é

enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias”. Todavia, como acima mencionado, muitos textos têm sido devorados pela voracidade do tempo e, principalmente, pelo descuido no armazenamento, causando perdas linguísticas e históricas imensuráveis. Esse fato é vivenciado em muitos arquivos, bibliotecas e instituições portadoras de textos históricos, como é o caso dos documentos de certidões de óbito que estão de posse da cúria diocesana de Itapipoca-Ce. Hodiernamente, a diocese conta com seis volumes de registros de óbitos, alguns com poucas condições de leitura, pois as folhas estão quebradiças, rasgadas e/ou manchadas. Condição que impossibilita o manuseio ou registros em edições digitalizadas destes livros, já que muitas folhas se perderam ou estão deterioradas.

Na tentativa de amenizar esses prejuízos, objetivamos, inicialmente, editar e restaurar os escritos do livro intitulado *Óbitos 2 – Itapipoca*, seu teor trata de registros de certidões de óbitos, documentos escritos e datados entre os anos de 1889 a 1915. De posse do texto editado, no modelo semidiplomático de edição, realizamos o estudo lexical dos rituais concernentes à morte, a fim de estabelecer conexão entre o léxico e o contexto sócio-histórico-cultural daquela região e daquele período registrado nos textos.

Entendemos que estudar textos escritos em tempos pretéritos, a partir de suas lexias, permite trazer ao presente, questões intralinguísticas e extralinguísticas que revelam o *modus vivendi* das sociedades que os produziram, podendo revelar desde dados históricos ao itinerário linguístico de um povo, até seus costumes e crenças. Sendo fundamental o labor filológico para o estudo linguístico e sócio-histórico-cultural a partir destes textos.

Dado o caráter interdisciplinar da Filologia, visto que “promove um jogo dialético entre diferentes campos do saber humano, gerando frutíferas contribuições bilaterais, em especial, entre as ciências da linguagem” (ALMEIDA, 2006. p. 228), portanto, julgamos de fundamental importância o estudo que aqui realizamos pois colabora com a Linguística Aplicada e os estudos do léxico, bem como, com o grupo de pesquisa PRAETECE, sobretudo na ampliação do rol de edições e estudos de documentos que registram, subjetivamente, a história do Ceará.

Desta maneira, entendendo o caráter interdisciplinar desta dissertação, pois corroboramos Abbade (2006, p. 214), quando afirma que, “a língua, história e cultura caminham sempre de mão dadas e, para conhecermos cada um desses aspectos, faz-se necessário mergulhar nos outros, pois nenhum deles caminha sozinho e independente”.

Portanto, o estudo do léxico é, conseqüentemente, um mergulho na história e na cultura de um povo, pois permite estabelecer conexões entre o social, o cultural e o histórico porque o léxico, diferente da gramática, é o componente linguístico que mais se aproxima da

realidade extralinguística.

Cientes de que todo o sistema linguístico se manifesta no léxico, reiteramos que o repertório lexical de uma dada comunidade de fala revela conhecimentos diversos e intrínsecos àquele contexto sócio-histórico-cultural, sendo, pois, muito além de meras construções gramaticais, sobre isto, cabe salientar que, as lexias estão arraigadas às crenças, aos costumes e à história do povo que as produz.

Muitas são as pesquisas que se amparam no labor filológico para o estudo do léxico, sobretudo de textos produzidos em tempos pretéritos, os estudos revelam as inúmeras possibilidades de análise da língua na perspectiva lexical numa abordagem interdisciplinar, pois segundo Abbade (2006, p. 214), “no estudo do léxico vários conhecimentos se relacionam”, sendo necessário passear por áreas afins, como a Filologia, a História, a Sociologia, a Paleografia, a Codicologia, dentre outras.

Em nosso estudo, que tem o léxico como principal objeto de análise, tomamos como modelo, entre tantos outros trabalhos, o de Abbade (2006), a autora aponta que o léxico encontra-se intrínseco ao social, ao cultural e ao histórico, revelando uma gama de possibilidades de estudos na área de Lexicologia, e alerta que os estudos lexicológicos, ao longo dos anos, mudaram, já que, podem aliar-se às correntes estruturalistas ou às correntes funcionalistas da linguagem, assim, enfatiza que o léxico pode ser estudado em diferentes perspectivas. Queiroz (2006), realiza um estudo léxico-semântico em autos de defloração, documentos cíveis escritos no início do séc. XX, a autora demonstra que é possível reconstituir o modelo de sociedade e do contexto cultural e histórico através do estudo das lexias que foram empregadas em um dado momento, visto que, ainda para Queiroz (2006), ao dar nome às coisas/seres que estão ao seu redor, o indivíduo o faz a partir dos fluxos sociais, culturais e históricos a que o homem está inserido.

Há muitos outros trabalhos sobre o estudo do léxico atrelado à história social, a exemplo de Nascimento (2018) em que o autor propõe uma investigação e exposição da transformação do léxico em textos oficiais da capitania do Ceará do século XIX, sobretudo, no gênero testamento. O autor analisou as relações sociais e históricas sobre a maneira de nomear os bens registrados em testamentos do período. Maggi (2017), em um artigo aponta as conexões entre léxico e cultura em manuscritos setecentistas, apresentando um estudo semântico de cinco lexias, em que observa o contexto de uso e as descrições em obras lexicográficas.

Entre muitos outros, estes trabalhos são importantes à nossa pesquisa, pois lançam luz ao estudo do léxico no viés social, permitindo-nos conceber os estudos lexicais para além da forma. E mais próximo do nosso objeto de pesquisa, citamos o trabalho de Almeida (2016),

que estudou o léxico de *causa mortis* em certidões de óbitos do século XIX. Neste trabalho a autora propõe um glossário para o campo lexical da *causa mortis* dos documentos que lhe serviram de *corpus*, revelando assim a riqueza lexical deixada em certidões de óbito escritas na diocese de Limoeiro do Norte. Este trabalho contribuiu com o nosso, pois aborda, em parte, o objeto que estudamos.

Embora haja trabalhos, que primam por estudar o léxico quanto ao efeito de sentido no contexto de produção, restam lacunas no estudo lexical quanto ao campo lexical da morte e do morrer, sobretudo no que concernem aos paradigmas sócio-histórico-culturais. Com nosso trabalho trazemos à tona o léxico do ritual da morte e os efeitos de sentido salientados nos escritos de certidões de óbito, bem como os aspectos sócio-histórico-culturais que são revelados pelas lexias. Pois, como bem lembra Tavares (2009, p. 3) “com o passar dos anos as atitudes diante da morte e do morto foram mudando”, seja por mudanças sociais, históricas ou culturais, mas também por mudanças no léxico, que é sensivelmente afetado pelas mudanças anteriormente citadas.

Sabedores de que a morte é um acontecimento social que faz parte da constituição humana, a par de que, está presente em todas as culturas e povos, faz-se relevante desvelar aspectos sócio-histórico-culturais por meio do estudo das lexias que indicam os ritos que cercam o morrer. Deste modo, para nosso trabalho analisamos o léxico de certidões de óbito em textos escritos no final do século XIX e início do século XX, a fim de interpretar aspectos sócio-histórico-culturais do ritual fúnebre, na sociedade que produziu os textos, visto que, segundo Abbade (2006), o estudo lexical das línguas é importante e necessário para desvendar segredos da história social e linguística do povo.

Outro fator relevante a ser mencionado é que nossa pesquisa se enquadra dentro do grupo de pesquisa PRAETECE, que além de estudos filológicos e linguísticos, visa fortalecer o estudo do léxico no Estado do Ceará e, principalmente, dentro do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA, assim, contribuímos com a preservação da memória da comunidade em que os textos foram escritos e colaboramos para os estudos linguísticos, lexicais e culturais, contemplando o aspecto interdisciplinar que é muito caro às pesquisas científicas.

Ressaltamos, ainda, a relevância social, histórica e linguística na recuperação dos documentos de óbitos que nos serviram de *corpus* à esta pesquisa, tendo em vista que, estão em vias de deterioração material, assim evitamos a perda desta valiosa fonte histórica, que poderá ser usada para outros estudos linguísticos, sociais, religiosos e/ou históricos. Desta forma, abrimos caminhos para outras pesquisas a partir destes documentos, já que não conseguiríamos abarcar, nesta pesquisa, todas as potencialidades linguísticas/históricas/sociais/culturais

presentes nestes textos.

Para realização da dissertação, com base no contexto de uso das lexias empregadas nos documentos de certidões de óbitos, intentamos responder às seguintes inquietações: em qual contexto sócio-histórico-cultural e religioso foram produzidas as certidões de óbitos? Qual realidade sócio-histórico-cultural e religiosa do período é refletida nos textos de certidões de óbito que permite um reestabelecimento do contexto de produção? Que relações de sentidos estabelecem as lexias que identificam a pré-morte, a *causa mortis* e o pós-morte?

Os questionamentos acima nos serviram de diretrizes rumo aos nossos objetivos de pesquisa que como já citado, além da edição e restituição filológica dos documentos estencionou como objetivo mais geral: analisar o léxico do ritual da morte, em certidões de óbitos escritas no período de 1889 a 1915, quanto às motivações sócio-histórico-culturais e religiosas e às relações de sentido expressas pelas lexias. E como objetivos específicos, visando alcançar o objetivo geral, descrevemos o contexto sócio-histórico-cultural e religioso em que os textos foram produzidos, seguindo pela análise das realidades sócio-histórico-culturais e religiosas do período que são refletidas por meio das lexias e por fim, apresentamos as relações de sentido que as lexias expressam na identificação da pré-morte, da *causa mortis* e do pós-morte.

Neste sentido, organizamos esta dissertação em dois volumes. O primeiro (Vol. I) é esta dissertação e consta do estudo e das análises das lexias do ritual da morte registradas nos documentos de certidões de óbitos e está dividido em seis seções, incluindo a seção introdutória intitulada *Como tudo começou: passos introdutórios* e a seção final denominada *O fim de uma jornada: passos derradeiros desta etapa*, respectivamente. O vol. II (anexo) consta de uma introdução que descreve o conteúdo do dito volume e consta da edição semidiplomática dos documentos de certidões de óbitos, digitalizadas no programa de computador Word e formatado conforme normas de edição propostas pelo grupo de pesquisa PRAETECE.

Na seção introdutória temos a **seção 2** que intitulamos: *Por onde andamos: percurso teórico*, em que abordamos as diretrizes teóricas que orientaram este trabalho. Apresentamos os pressupostos teóricos da Filologia, amparados nas proposições de Spina (1977); Cambraia (2005); Santiago-Almeida (2011); e Ximenes (2013), em que discutimos os métodos e a função da Filologia no trato do texto, bem como, apontamos o caráter interdisciplinar da Linguística Aplicada e da Filologia, por fim destacamos a função do texto na sociedade. Posteriormente, apresentamos um panorama da Lexicologia e os estudos do léxico, em que abordamos as várias vertentes do conceito de ‘palavra’ até chegarmos à definição de lexia, usamos como base teórica os pressupostos de Pottier (1978). Na sequência, discutimos as proposições da Lexicologia Social proposta por Matoré (1953) e a definição de

léxico, a partir das bases teóricas de Biderman (1978, 1996); Vilela (1979, 1994) e outros.

Na **seção 3**, intitulada *A morte na vida do homem ocidental: percurso histórico*, iniciamos com uma abordagem histórica sobre a morte e a cultura do bem morrer, sobretudo no Ocidente, em que nos fundamentamos em Ariès (2012, 2014) e Reis (1991, 1997), já quanto à definição de cultura nos delimitamos nas suposições de Geertz (2008). Esta seção foi subdividida em três subseções, que descrevemos os costumes e características dos textos que registram a morte, seguido pelo panorama sócio-histórico-cultural do morrer no Ceará, entre os séculos XIX e XX, por fim, adentramos na cultura da comercialização da morte e os costumes e crenças que circundam o comércio funerário até os dias atuais.

Na **seção 4**, apresentamos os procedimentos metodológicos que percorremos para realização desta dissertação, por isso, a intitulamos *O caminho: percurso metodológico*. Descrevemos o *corpus* utilizado na pesquisa, com base nos pressupostos descritivos da Codicologia orientados por Cambraia (2005), bem como as normas de edição filológica utilizadas no trato dos documentos, para este procedimento amparamo-nos nas normas propostas pelo grupo de pesquisa PRAETECE. Seguindo os passos metodológicos, descrevemos o método utilizado na coleta das lexias e como se deu a análise lexical e análise sócio-histórico-cultural destas.

O ponto alto desta dissertação, em que realizamos as análises das lexias, intitulamos: *Os rituais da morte: percurso derradeiro*, trata-se da **seção 5**. Iniciamos com a descrição dos sujeitos que estão referenciados nos documentos, seguindo da descrição dos sujeitos que são citados nos óbitos, partindo da quantificação por sexo, faixa etária e estado civil. Posteriormente, analisamos por meio das lexias, as etapas dos rituais da morte, em que classificamos como lexias de pré-morte, lexias da *causa mortis* e lexias do pós-morte. Para análise das lexias, valemo-nos de recursos como gráficos, tabelas e figuras, a fim de ilustrar os dados quantitativos que obtivemos como resultados e nos foram ricos para a interpretação qualitativa. Buscamos demonstrar os sentidos expressos pelas lexias, assim como o contexto social, histórico e cultural concernente às crenças e aos costumes daquela população. Destacamos ainda o papel da igreja na vida e na morte dos indivíduos.

Por fim, nas considerações finais, retomamos os objetivos deste trabalho, destacando os pontos que foram alcançados, além de reiterar a relevância deste estudo para a preservação histórica dos contornos sociais e culturais ante à morte e ao morrer, bem como, ressaltamos a relevância aos estudos linguísticos para a ampliação dos estudos do léxico, sobretudo em uma perspectiva social. Apontamos, ainda, caminhos e novas propostas investigativas que não nos foram possíveis abarcar neste estudo.

Ao final deste trabalho dispomos de **apêndices** com tabelas das lexias recolhidas dos documentos e dispostas quantitativamente, conforme ocorrência no *corpus*, bem como as ocorrências de variação lexical e/ou ortográfica.

A seguir, discorremos sobre os pressupostos teóricos que embasam esta dissertação. Iniciamos a discussão apresentando as bases teóricas que nos orientaram no percurso da pesquisa, por isso intitulado: *Por onde andamos: percurso teórico*.

2 POR ONDE ANDAMOS: PERCURSO TEÓRICO

Esta pesquisa ampara-se nas bases teóricas da Filologia e da Linguística, mais precisamente na área da Lexicologia, sob uma perspectiva sócio-histórico-cultural, ciência que se acomoda na vertente das ciências do léxico.

As ciências que nos fundamentam teoricamente, apesar de singulares em suas linhas de investigação, possuem a língua/texto como objeto comum à investigação. Assim, se por um lado a Filologia nos serviu de orientação no que diz respeito à edição semidiplomática das certidões de óbito, bem como, nos estudos codicológicos e paleográficos, por outro lado, a Linguística nos auxiliou nos estudos que concernem à língua e ao léxico. Ambas são ciências de caráter interdisciplinar e, associam-se e interagem com outras áreas do saber no trato do objeto de investigação. Deste modo, a fim de garantir o estudo holístico do nosso objeto de análise agregamos em nossa pesquisa uma perspectiva sócio-histórico-social que alcance nossos objetivos e abarque outras áreas do conhecimento que interferem e colaboram para o melhor entendimento do objeto, uma vez que, lidamos com documentos de tempos passados que requerem maior atenção na apuração do contexto de produção dos textos. No entanto, mesmo abarcando conhecimentos de outras áreas, atemo-nos mais firmemente à Filologia e à Linguística.

Portanto, atribuímos à nossa pesquisa o caráter linguístico e filológico, visto que, lidamos com o estudo do léxico em sua relação de sentido com o contexto sócio-histórico-cultural, sendo, deste modo, o texto, nosso principal objeto de estudo. E um dos nossos objetivos é reconstituir, seguindo o padrão científico de edição semidiplomática, os textos de certidões de óbito produzidos entre os anos de 1889 a 1915.

Na subseção que segue abordamos como se dar o estudo do texto partindo da Filologia em seus métodos e suas funções (filologia, linguística e social) que podem ser atribuídas ao texto.

2.1 A Filologia e o estudo do texto

Quando nos referimos a *texto* falamos do sentido amplo do termo, não apenas na versão escrita, mas toda produção de linguagem materializada no texto (escrito, oral, imagético), fato que é importante salientar, pois, hodiernamente, os estudos filológicos ganharam dimensões para além da materialidade escrita, como outrora tivera. Atualmente, o labor filológico interage com contornos culturais, discursivos, pragmáticos, históricos e sociais;

daí faz-se primordial considerar *texto* como toda manifestação de registro da língua, visto que língua/linguagem são elementos intrínsecos à condição humana.

Somos cientes que o conceito de Filologia não é unívoco (BASSETO, 2001), e que, “não tem sido fácil determinar com precisão o âmbito da Filologia, cujos objetivos têm variado conforme as épocas em que se praticou a atividade filológica, conforme os autores a exerceram e até lugares em que ela floresceu”, conforme aponta Spina (1977, p. 75).

Houve, ao longo dos séculos, tanto mudanças semânticas no que concerne ao termo, como refinamento nos métodos e técnicas na lida com o objeto de estudo, todavia, em termos mais práticos, o filólogo é aquele estudioso que se ocupa do texto, sendo, pois, a Filologia uma ciência que não subsiste se não existir o texto, “pois é o texto sua razão de ser” (SPINA, 1977, p. 75), e agrega a ele [ao texto] tudo mais que for necessário para compreensão, interpretação e acesso deste, característica apontada por Saussure (2012, p. 31) quando afirma que “a língua não é o único objeto da Filologia, que quer antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos”, mas se ocupa também da história literária, dos costumes, do contexto, da cultura e das instituições, a fim de desnudar os sentidos arraigados ao texto.

Corroboramos com Basseto (2001, p. 55) ao afirmar que “do estudo da linguagem do documento, o filólogo pode colher informações importantes para um conhecimento mais aprofundado do próprio texto”, portanto, cabe à Filologia o estudo abrangente e preservação do texto, sobretudo no que se refere às suas edições, porque esta última permite certa acessibilidade aos documentos/textos, por vezes esquecidos em arquivos ou prateleiras; susceptíveis a mofo, as traças, a umidade e ao desgaste temporal. Deste modo, reafirmamos que o papel da Filologia extrapola os métodos tecnicistas e passeia por subjetividades, sem, contudo, deixar de lado os tradicionais métodos e técnicas filológicos, mas modernizando-os e adequando-os às novas teorias e métodos de pesquisa.

No que diz respeito ao papel da Filologia, Santiago-Almeida (2011, p. 1) define de duas maneiras, em sentido *stricto sensu* e outro em sentido *lato sensu*, esta última refere-se “ao estudo da língua em toda a sua plenitude” considerando aspectos linguísticos, sócio-históricos, literários etc., e tem o texto escrito como o objeto de estudo que permite o mergulho às exterioridades que são refletidas no texto. Já no sentido mais estreito (*stricto*), a Filologia também parte do texto escrito, porém, aplicando-se métodos filológicos que prima pela restituição da genuinidade e preparação para publicação, objetivando um produto como resultado final, a edição crítica. Portanto, é o texto, conforme já mencionamos, o objeto primordial do labor filológico, independente do caminho a percorrer pelo estudioso.

Logo, os textos enquanto objetos da primeira acepção de Filologia proposta por

Santiago-Almeida (2011) são importantes fontes para o estabelecimento da história e o estudo das línguas, tanto sob o ponto de vista linguístico, como social, histórico e cultural, característica já mencionada por Santos (2006, p. 79) quando assegura que:

A Filologia, em sentido mais amplo, estuda a língua, a literatura e a cultura representada através de documentos e textos legados por uma determinada civilização [...] explorando os mais variados aspectos de um texto: linguístico, filológico, sócio-histórico, entre outros. (SANTOS, 2006, p. 79).

Já na segunda definição proposta por Santiago-Almeida (2011, p. 2), no sentido mais restrito, a Filologia cumpriria seu papel mais técnico, atendo-se aos tradicionais métodos de edição por meio de diferentes tarefas, tal como enumera Santos (2006, p. 79) “recuperação do patrimônio cultural escrito, exame da tradição textual, e do processo de transmissão dos textos, elaboração de edições fidedignas ou críticas[...]”, tarefas que resultam na edição crítica da obra/texto/documento.

É importante salientar que, a Filologia ampara-se em diferentes *corpora* textuais que variam a depender da vertente de estudo e a intenção do filólogo. Sobre o *corpus*, Santiago-Almeida (2011, p. 2) os divide em dois tipos: fundamental e secundário. “O *corpus* fundamental são os textos literários [e] o *corpus* secundário é composto pelos textos históricos, jurídicos, religiosos, filosóficos, enfim, os textos não-literários”, este último admite que a Filologia atravesse outras áreas de conhecimento, sobretudo, a História, sendo assim, podemos inferir o caráter interdisciplinar (CAMBRAIA, 2005) da Filologia, pois ela atravessa e é atravessada não apenas pela História, mas por diversas outras ciências afins.

De posse dos *corpora* textuais, o filólogo “tem o seu campo determinado na medida em que se estabelece o que se pretende com o seu objeto de estudo” (SANTIAGO-ALMEIDA 2011, p. 2), e é a partir do que se pretende com o objeto de estudo que Spina (1977) lista as três funções da Filologia, a saber: função substantiva; função adjetiva; função transcendente.

A função substantiva torna-se completa em três etapas: inicia com a restauração do texto, numa tentativa de restituir a sua forma genuína, nesta etapa o filólogo ampara-se a um conjunto de operações relativamente precisas. Na segunda etapa, parte-se para a preparação do texto, em que se busca produzir uma edição canônica, conforme Spina (1977), definitiva, e também apela para normas técnicas, estas são sistematizadas e cientificamente aceitas. Por fim, a terceira etapa, diz respeito a “explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos princípios da crítica textual, e a sua organização formal e material com vistas à publicação” (SPINA, 1977, p. 76).

Quanto à função adjetiva a preocupação extrapola o conteúdo do texto, pois

conforme Spina (1977) há uma ordem de problemas que a Filologia também se preocupa, mas que não estão propriamente no texto, porém dele pode-se inferir, são informações extralinguísticas que somente se tem acesso com o texto, a exemplo da autoria, o valor perante outros textos de natureza similar, a datação etc. Já a função transcendente, o filólogo não se prende a somente o texto, mas o transpõe, ou seja, atravessa a materialidade linguística e mergulha em universos outros, de modo a permitir que o texto possa subsidiar na reflexão sobre importante contextos sócio-histórico-culturais.

Em resumo às indicações funcionais de Spina (1977), podemos dizer que a *função substantiva* explica o texto; restitui a sua forma original; é a organização material e formal com vistas à publicação; a *função adjetiva* identifica informações que estão fora do texto, mas que se deduz dele, a exemplo da autoria e da datação; e a *função transcendente* possibilita ao filólogo mergulhar no passado em busca da história e da cultura do povo que produziu os textos.

É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas de investigação literária; e na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2017, p. 2).

Daí a importância em salientar que não há dúvida do caráter interdisciplinar da Filologia, pois, tendo o filólogo como ponto de partida o intento bem definido, faz-se mister alinhar-se a outras ciências, sobretudo, com a História e a Linguística, pois se por um lado a História, segundo Spina (1977), é, sem dúvida, a disciplina de tem o maior contato com a Filologia, já que ambas compartilham método e objetos, por outro lado, os estudos filológicos caminham lado a lado com os estudos linguísticos, conforme assevera Lose (2006). E mais, tais ciências, associam-se a outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Geografia, a Codicologia dentre outras, a fim de contribuir para o mergulho no contexto de produção do texto, buscando elucidação de toda ordem à problemática do objeto de análise.

Por isto, ousamos, neste trabalho, atribuir à Filologia não só o caráter interdisciplinar, mas transdisciplinar, visto que a relação com disciplinas plurais transcende a interação disciplinar, pois não buscamos apenas contribuições de outras áreas, mas a participação ativa, vislumbrando a resolução da problematização que a abordagem do objeto propõe. Com isto, diferentes conhecimentos são amalgamados, “passando-se assim da interação das disciplinas à interação dos conceitos e, daí, à interação das metodologias” (CELANI, 1998, p. 117). Propriedade alcançada a partir da função transcendente da Filologia, pois nesta função

[...] o texto deixa de ser o fim por si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que ele resultou. (SPINA, 1977, p. 77).

Portanto, para análise dos documentos de óbito entendemos que a função transcendente da Filologia, primordialmente, responde às nossas questões de pesquisa, embora, precisemos em alguns momentos empregar as outras funções para o trato dos documentos. Pois, antes do mergulho ao contexto sócio-histórico-cultural de produção dos textos, ou seja, antes de transcender o texto, realizamos a restauração dos documentos por meio da edição semidiplomática, etapa que atribuímos à função substantiva da Filologia, seguindo da etapa que busca compreender atributos extralinguísticos que podem ser identificados a partir do texto, etapa da função adjetiva, e fundamental para compreensão da conjuntura social, histórica e cultural em que o texto está envolto, desta feita, as funções propostas por Spina (1977) foram, em maior ou menor grau, etapas necessárias ao labor filológico no trato dos documentos de certidão de óbitos, objeto desta pesquisa.

Atribuímos, portanto, conforme já mencionamos, o caráter transdisciplinar a Filologia, pois esta, apesar de apresentar moldes essencialmente interdisciplinar, hodiernamente, “se realiza em uma problemática *transversal, através e além*” (CELANI, 1998, p. 117, grifo da autora).

E é interdisciplinar, pois mantém relações próximas com disciplinas mais ou menos afins, todavia, ao atribuir apenas a visão interdisciplinar acabamos nos restringindo à transferência de modelos e conceitos de uma disciplina para outras, em que, as disciplinas trabalham sobre um objeto de estudo, através de pontos de vista diferenciados. Por outro ponto de vista, ao entendermos a Filologia, tal qual a Linguística Aplicada, como ciências de caráter transdisciplinar que propõe,

[...] uma modelização e uma metodologia muito mais ampla e aberta, que atravessa as disciplinas e vai além delas, incluindo não só os saberes não disciplinares, mas as diferentes culturas, os diferentes níveis do sujeito e os diferentes níveis da realidade. (SOMMENMAN, 2005, p. 8).

Vislumbramos novos níveis de realidade, pois, ambas abarcam muito mais do que a justaposição de áreas de conhecimento, envolvem a coexistência de interação dinâmica, que, segundo Celani (1998, p. 120), a transdisciplinaridade “provoca uma fecundação recíproca que desenvolve um efeito sinérgico considerável”, ou seja, age de forma simultânea, permitindo a criação/concepção de um novo conceito/produto.

Dessa maneira, entendemos que “[...] uma visão transdisciplinar [...] olha para as

disciplinas múltiplas que tem à sua volta e através delas vai além do âmbito de cada uma em particular” (CELANI, 1998, p. 120), característica que nos permite alocar Filologia e Linguística no mesmo patamar classificatório de transdisciplinaridade, sobretudo, ao aderirmos para a Filologia a função transcendente proposta por Spina (1977), esta que confere à pesquisa filológica de caráter sócio-histórico-cultural e linguístico a propriedade de ocuparem diferentes áreas do conhecimento um espaço *entre, através e além*, havendo assim, o cruzamento de especialidades, excedendo fronteiras na migração do conceito de uma área do saber para outra, assim unificando conhecimento, ou nas palavras de Nicolescu (1999, p. 22)

A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo **entre** as disciplinas, **através** das diferentes disciplinas e **além** de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 1999, p. 22, grifos do autor).

Atributo próximo ao que acontece com as disciplinas que se afinam à Filologia, a exemplo, Lose (2006) assevera que, os estudos filológicos andam *pari passu* com os estudos linguísticos, entretanto, aqueles não tomam para si *a priori* os estudos da língua, embora, estes sejam indissociáveis para o estudo do texto, objeto que compete às duas ciências. Em analogia podemos dizer que, tal como a linguagem está para a Linguística, o texto está para a Filologia e ambas se fundem. Quanto a isto, Ximenes (2013) alerta que a Filologia não existe sem os textos, pois eles “constituem as fontes fidedignas da língua em uso”, dado o exposto, reiteramos o atributo de ciência interdisciplinar à Filologia (CAMBRAIA, 2005; ALMEIDA, 2006), porém, primordialmente de caráter transdisciplinar, pois, afilia-se a outras ciências no trabalho com o texto, possibilitando perspectivas múltiplas que, além das ciências afins como a Codicologia, a Paleografia, a Diplomática e a História se afina mais proximamente à Linguística “pois os textos produzem a língua, matéria do texto” e a “filologia utiliza a linguística para estudar os textos e a linguística usa os textos para descrever a língua”(SANTOS, 2006, p. 80), então, compreende-se que a Filologia

[...] sendo uma atividade articuladora, busca em outras ciências, elementos que favoreçam o estabelecimento crítico do texto [...] é, pois, em sua essência, interdisciplinar, assim, promove um jogo dialético entre diferentes campos do saber humano, gerando frutíferas contribuições bilaterais, em especial, entre as ciências da linguagem. (ALMEIDA, 2006, p. 228).

Embora, atribuindo à Filologia o caráter transdisciplinar devido aos modernos e dinâmicos moldes na lida de diferentes áreas do saber, salientamos que uma caracterização interdisciplinar ou transdisciplinar não é excludente, ou seja, não é antagônica, mas complementar.

Sabendo disto, é basilar compreender que, para o estudo do texto, faz-se fundamental não apenas os conhecimentos linguísticos contextuais e cotextuais², mas conhecimentos outros que colaborem para o labor filológico, a exemplo das áreas de conhecimento já citadas (Codicologia, Paleografia, Sociologia, História, Diplomática, dentre outras), que contribuem e complementam com a produção de conhecimento na interpretação, análise e estudo do texto.

Deste modo, concordamos com Ximenes (2018), quando assevera que o estudo do texto constitui uma de tantas outras tarefas do filólogo e salienta que o “objeto de estudo da Filologia, desde seus primórdios, na sociedade ocidental, é o texto escrito e o seu conteúdo por meio de correção, interpretação e edição” (XIMENES, 2018, p. 13). Porém, é sabido que, com o advento da Linguística Moderna, principalmente, com a vertente da Linguística Textual – o texto passa a ser entendido em sentido amplo, como um evento comunicativo – oral, escrito ou mesmo imagético – que convergem em ações linguísticas, sociais, culturais, cognitivas. Ou seja,

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico [...] o texto é a (re) construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo [...] ele *refrata* o mundo na medida em que o reordena e reconstrói. (MARCUSCHI, 2008, p. 72, grifo do autor).

Desta maneira, depreendemos que, com seu objeto de estudo, e amparando-se na função transcendente a Filologia passa a restituir a memória linguística-social-cultural-histórica, por meio dos registros legados por um povo, através do produto final do labor filológico que é o texto preparado e editado, este último, atributo da função substantiva da Filologia.

Deste feita, é tarefa do filólogo, e concernente à função transcendente, a ampliação de sua visão para além da materialidade textual, adentrando a contornos sociais, culturais e históricos, de modo a desvelar questões outras que não somente as fixadas no escrito, mas estudar o texto enquanto sustentáculo de resquícios de uma vivência social, política, cultural, religiosa e histórica, pois, nas palavras de Ximenes (2013, p. 72) “impossível se torna estudar as manifestações linguísticas de uma comunidade [...] sem explicar os elementos de natureza sociocultural que emergem dos textos escritos”, portanto, conforme Marcotulio *et al.* (2018), uma das formas de resgatar a história de uma língua (de um povo) é a partir de seus textos, visto que, estes carregam o registro lexical de um dado povo. Dessa forma, a Filologia cumpre a função transcendente, em que o texto deixa de ser um fim por sim mesmo, mas um instrumento

² Definimos cotexto como a interação das unidades verbais que corroboram para a significação das outras formas linguísticas presentes num mesmo texto.

que nos permite atribuir a propriedade transdisciplinar à Filologia, pois constitui uma formação de conhecimento que desfaz arestas, a fim de dispor de uma aprendizagem holística. Contudo, faz-se necessário dizer, que a transdisciplinaridade não é constituinte por si só, mas integra e se aproxima da interdisciplinaridade.

Assim, a função transcendente da Filologia aliada à pesquisa transdisciplinar favorece a articulação entre teorias e o contexto social-histórico-cultural de produção dos textos, em que o estudo do léxico é apenas uma das vertentes possíveis ao filólogo, pois, conforme uma das definições de Santiago-Almeida (2011), o filólogo é o pesquisador responsável por preservar e preparar o texto que poderá, em seguida, ser submetido a investigações das mais variadas ordens. Portanto, a preparação do texto deve ocorrer seguindo métodos e diretrizes próprias da Filologia. Conforme será discutido a seguir.

2.1.1 Os métodos e as funções da Filologia

Nesta subsubseção trataremos dos métodos próprios à Filologia, que como toda ciência requer procedimentos científicos adequados ao objetivo de pesquisa, que encaminham o pesquisador a realizar funções pertinentes à área. Entretanto, embora haja métodos diversos, aqui nos ateremos mais precisamente aos que nos serviram de diretriz para a realização desta pesquisa, assim sendo, é necessário lembrar que os demais métodos filológicos não são mais ou menos importantes, todavia, nesta discussão evitaremos aprofundamento teórico a todos os modelos metodológicos, tendo em vista que estenderíamos por demais nosso campo de apresentação teórica.

Assim, vislumbrando o desdobramento da discussão sobre os modelos teórico-metodológicos que nos serviram de aporte, optamos por restringir aos métodos que nos foram úteis, sem, contudo, deixar de mencionar os demais modelos metodológicos. Desta forma, iniciamos com a explanando algumas terminologias e conceitos próprios à área, em seguida, apontamos a origem e os métodos da Filologia empregados ao longo dos anos, e que perduram até os dias atuais. Por fim, destacamos os tipos de edição e modelos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

A Filologia, como outras ciências detém de termos próprios da área, por exemplo, quando se trata de texto ou livro, são comuns à Filologia os termos: *documento*, *manuscrito*, *códice*, *recto*, *verso*, *fólio* etc. Para este trabalho optamos por adotar o termo *texto* para se referir à produção escrita e o termo *documento* para nos remeter ao gênero certidão de óbito. Como nossos documentos encontram-se compilados em um *livro*, optamos por este termo, embora

menos técnico, visto que,

O códice, antepassado do livro impresso, deriva do latim *codex, cis* (ou *caudex, cis*), tronco de árvore; da madeira se faziam tabuinhas (*tabulae*), que cobertas de cera, podiam receber a escrita; amarradas pela margem, à moda dos livros atuais, formavam os *códices*; mais tarde os livros passaram a ser feitos de papel ou pergaminho [...]. (SPINA, 1977, p. 23, grifo do autor).

Embora, o termo *codex* (códice) tenha permanecido para designar livro, e apesar de mais utilizado na linguagem especializada, vislumbramos tornar este trabalho acessível a leigos e especialistas, por isso, optamos pelo termo *livro*. Quanto aos lados de cada *fólio*, ou seja, cada folha, manteremos a terminologia própria da Filologia, *recto* e *verso*. Os documentos utilizados nesta pesquisa são do tipo *monotestemunhais*, ou seja, há apenas uma cópia ou testemunho dos textos, e a eles empregamos modelos de edição próprios da Filologia.

Convém lembrar que, Filologia, conforme Santiago-Almeida (2011), não é um termo de pouca idade, remota a tempos pretéritos. Tem-se notícias do termo por volta do século V a.C, mas, o labor filológico tem marcas de atividades, mais precisamente, no período helenístico, na Biblioteca de Alexandria, situada no delta do rio Nilo. No entanto, foi em meados do século XIX, conforme Spina (1977), que a crítica textual moderna ganhou notoriedade, sobretudo com o método filológico, inicialmente, sistematizado por Karl Lachmann, o qual ficou conhecido como *método lachmanniano*, embora, tenha o método sofrido críticas e também contribuições, é nele que a Crítica Textual se fundamenta. Lachmann foi um importante estudioso na criação de bases e princípios científicos à Crítica Textual, pois inovou o sistema de publicação e edição de textos, outrora vigente desde o Renascimento.

O método proposto por Lachmann configura um marco na história da Crítica Textual, uma vez que foi possível sistematizar as operações no trato do texto. Spina (1977) aponta para três fases distintas do método lachmanniano, em suma são elas: a) *recensio*, que consiste na pesquisa e coleta de todo material produzido sobre a obra/manuscrito/impresso. b) *estemática*, procede-se na busca por “revelar a antecedência” dos testemunhos coletados, ou seja, a construção da árvore genealógica. c) *emendatio*, diz-se de um conjunto de operações que com base na comparação dos testemunhos o filólogo passa à correção do texto. Nesta última etapa o domínio das ciências afins, o conhecimento da obra, da história e da cultura que o texto foi produzido é fundamental ao editor para se chegar à primeira etapa da edição crítica.

Os passos acima sumarizados foram fundamentais para a inovação científica e ampliação das funções da Filologia, pois contribuíram para a sistematização teórico-metodológica de fazer Filologia. E destacam-se como uma dimensão *strictu sensu* da Filologia, esta que, segundo Santiago-Almeida (2011, p. 2), está mais voltada para o preparo do texto, que

servirá de *corpus* à pesquisa, neste sentido mais estreito, a Filologia tem características mais tecnicistas, pois visa, “estabelecê-lo[o texto], fixá-lo, restituindo-lhe à sua genuinidade, e prepará-lo para publicação”, por meio da edição crítica.

Todavia, ressaltamos que o estudo filológico, hodiernamente, ganha contornos que sobressaem ao trato do texto, conforme assevera Santiago-Almeida (2011) ao mencionar a dimensão *lato sensu* da Filologia, esta que dá à Filologia o atributo de estudo científico, histórico e comparado da língua em toda a sua amplitude, não apenas nos aspectos gramaticais, pertinentes à língua representada no texto escrito, mas também quanto às representações sociais, às culturais e às históricas representadas pela língua.

Ao pensar a Filologia em um domínio linguístico, deve-se ter em mente que, para adentrar aos contornos sociais representados pela língua, faz-se necessário, sobretudo quando se fala de produções escritas deixadas por nossos antepassados, a preparação em forma de edição destes documentos/textos. Tendo em vista que a edição filológica possibilita o acesso ao texto fidedigno, e

Uma descrição linguística só tem validade se, de fato, os textos adotados como fonte de dados espelham o emprego efetivo da língua (ainda que apenas na modalidade escrita): textos com deturpações levam um linguista a considerar, como atestação de uma palavra ou de uma estrutura linguística, algo que é simplesmente erro de cópia e que, portanto, não reflete o uso real da língua. (CAMBRAIA 2005, p. 20).

Cambraia (2005, p. 109) assevera que, “todo processo de edição de texto, há sempre uma série de procedimentos que são seguidos”, e que cada tipo de edição atende a uma finalidade, ou seja, não se pode dizer que um dado conjunto de normas possa ser aplicado a qualquer caso. Para este trabalho, nos atemos à dimensão *latu* da Filologia, pois além do trabalho mais técnico de preparação da edição do texto, nos amparamos, mais precisamente à função transcendente (SPINA, 1977) da Filologia, que visa a análise para além do texto, sendo esta a função mais larga do fazer filológico, que tenciona relacionar aspectos sócio-histórico-culturais que sobressaem da materialidade textual e que estão imbricados ao sentido do texto.

Assim, inicialmente, nos serviram de aporte metodológico as técnicas de edição propostas por Cambraia (2005), especialmente nas orientações sobre os tipos de edição, sendo elas: *fac-similar*; diplomática; paleográfica ou semidiplomática; e interpretativa.

A edição *fac-similar* reproduz a imagem por meios mecânicos, podendo ser fotografia, xerografia, escanerização etc. Diz-se, em princípio, que este tipo de edição baseia-se no grau zero de mediação e tem como principal vantagem permitir o acesso ao texto sem o manuseio à obra. Por outro lado, conforme Cambraia (2005), a consulta à esta edição costuma ser indicada apenas às pessoas especializadas, visto que, pressupõe-se que a leitura de um texto

em sua escrita original requer conhecimentos técnicos.

Quanto à edição diplomática, Cambraia (2005, p. 93) observa que “neste tipo de edição, faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo [...]”, portanto, a mediação é quase nula, deste modo, apesar de facilitar a leitura, ainda é um tipo de edição que requer familiaridade na leitura do manuscrito, pois neste modelo são mantidas as características como por exemplo as abreviaturas, que podem dificultar a leitura quando inexperientes no assunto.

Já edição paleográfica ou semidiplomática, segundo Ximenes (2013, p. 199-200), é aquela que há interferência do editor, “apesar de manter-se conservadora, as abreviaturas são desenvolvidas como sinal de intervenção”, assim, visa “facilitar a leitura por outras pessoas não acostumadas aos manuscritos”, este modelo preza pela conservação, mas também, uniformiza certas normas a fim de tornar o texto mais apreensível para um público menos especializado.

No nosso trabalho, amparamo-nos às normas de edição semidiplomática adotadas pelo grupo Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará – PRAETECE. O grupo de pesquisa PRAETECE, liderado por Eloísio Expedito Ximenes, foi fundado em 2010 com o objetivo primeiro de congregar pesquisadores/alunos dos cursos de Letras e História, interessados em estudo de documentos escritos no estado do Ceará, com isso visava localizar fontes documentais nos municípios cearenses; a fim de organizar acervos para a preservação dos documentos e realizar edição de textos para estudos da língua, da história, da sociedade e da cultura do Estado do Ceará. Dado o exposto, este trabalho pretende contribuir com as pesquisas desenvolvidas pelo grupo PRAETECE, bem como, tenciona resgatar e divulgar aspectos sociais-históricos-culturais que compõem a memória do Estado.

As normas que direcionam uma edição semidiplomática caracterizam-se pelo baixo grau de intervenção, pois prima por “facilitar o acesso ao texto a leitores não familiarizados com aspectos grafemáticos e recursos abreviativos de estágios mais pretéritos, sem perder, contudo, a fidedignidade do texto” (MARCOTULIO *et al.*, 2018, p. 88).

Por fim, a edição interpretativa, a esta se atribui o grau máximo de intervenção do editor. Em que o texto passa por um minucioso processo de atualização da escrita e uniformização gráfica, podendo o editor se valer de conjecturas, a fim de dispor o texto a um público muito mais amplo.

Vemos, portanto, que cada tipo de edição segue um modelo específico e obedece a certos níveis de intervenção do editor, todavia, conforme menciona Ximenes (2013) ao tencionar realizar uma edição, o filólogo deve ater-se aos passos do trabalho filológico:

O primeiro passo, diríamos, do fazer filológico caracteriza-se pela recuperação dos

textos manuscritos ou impressos, mediante o perigo de destruição material em que estes se encontram. Por meio de transcrição [...] esses documentos passam a ter uma vida longa e sua divulgação chega ao conhecimento do grande público [...] (XIMENES, 2013, p. 197).

No labor filológico *transcrever* significa a reprodução de um dado texto/documento em um novo suporte, Cambraia (2005) salvaguarda que ao realizar a transcrição, o filólogo deve ficar atento ao *grau de fidelidade ao modelo* e assevera que a escala de fidelidade se desdobra em polos opostos: o da *conservação* e o da *uniformização*. No entanto, ao aderirmos ao modelo semidiplomático de edição entendemos que, os polos apontados por Cambraia como opostos, na verdade se complementam, tendo em vista que, buscamos reproduzir, na medida do possível, cada característica do modelo, contudo, certas características devem sofrer um processo de uniformização gráfica, a fim de possibilitar um maior alcance do público, sem, portanto, perder a genuinidade do texto.

Sendo assim, reafirmamos que fazer Filologia requer princípios norteadores, que vão além da técnica e conhecimentos teórico-metodológicos, pois requer do filólogo preceitos morais e éticos na transcrição e elaboração das edições, visto que é partindo de edições filológicas que os textos, outrora guardados em arquivos (ou similares) podem vir à tona e tornar-se acessível ao público, sendo, uma importante tarefa da Filologia a “preservação [do texto], porque se assegura sua subsistência através de registros em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão sua longevidade” (CAMBRAIA, 2005, p. 20).

O segundo passo, pós-transcrição do texto, é a preparação para a análise, esta poderá ser das mais variadas ordens, servindo do historiador ao matemático, pois é através dos registros (textuais) que, “[...] o homem pode armazenar, ao longo do seu percurso histórico, toda a sua memória: suas emoções, suas intrigas; seus pensamentos; seus feitos heroicos; seus descobrimentos; suas conquistas” (QUEIROZ, 2006, p. 141).

Por tudo isso, conforme Queiroz (2006, p. 147), são os textos “a chave para a construção de uma identidade sócio-histórico-cultural”, corroborando as proposições de Ximenes (2003, p. 204) quando alega que “[...] os textos se prestam como fontes para outras ciências, como a história, a geografia, a arquitetura, a sociologia, o direito para se avaliar as questões sociais, os conflitos, as manifestações religiosas, a situação das classes desprivilegiadas”.

Por isso, afirmamos com acuidade que, submeter textos à edição filológica é uma prática necessária para que especialistas de diferentes áreas possam acessar as produções escritas em épocas passadas, função que dá à Filologia o caráter interdisciplinar. Por outro lado, a concepção de que a Filologia tem a função do estudo global do texto, em uma exploração

exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto (CAMBRAIA, 2005), atribui à ciência filológica o caráter transdisciplinar. Ou conforme Santiago-Almeida (2011) a Filologia transpassa por duas direções, que no primeiro momento parecem incongruentes, mas na verdade podem ser complementares, que se trata das funções *lato* e *stricto sensu*.

Como já mencionado, atribuímos ao nosso trabalho a perspectiva da Filologia no sentido *latu sensu*, pois nos utilizamos das técnicas filológicas no trato das edições, a fim de recuperar o patrimônio cultural e contribuir para a transmissão e preservação deste patrimônio, bem como, exploramos os aspectos linguísticos que concernem ao léxico do ritual da morte, no intento de desvelar fatos que colaborem para a construção da identidade sócio-histórico-cultural de um dado povo diante da morte e do morrer.

Assim, para adentrar a profundidade textual, inicialmente, valemo-nos dos métodos de edição e tratamento do texto proposto pela Filologia, todavia, entendendo que,

[...] a filologia já não pretende ser a ciência que descreve os sistemas linguísticos, hoje de atribuição da linguística, mas não pode abrir mão de estudá-los para efetuar com maior precisão e simplicidade possível a sua interpretação, a sua explicação ou ensino e a preservação da memória cultural do povo [...]. (SILVA, 2011, p. 93).

Salienta Silva (2011) que apesar de não ser apenas alíngua o objeto da Filologia, é no registro linguístico que a língua se apresenta, ou seja, no texto. Daí a estreita proximidade entre as duas áreas de estudo: Filologia e Linguística.

É, pois, o filólogo que se ocupa da tarefa de restituir, por meio da edição filológica, os textos deixados por seus antepassados, ressaltamos que o conceito de texto vai além da manifestação de textualidade, visto que, conforme Marcuschi (2008) esta não é uma propriedade imanente, e que este posicionamento supõe três aspectos sobre o texto:

Primeiro: um texto não é um artefato, um produto, mas é um evento (uma espécie de acontecimento) e sua existência depende de que alguém o processe em algum contexto. É um fato discursivo e não um fato do sistema da língua. Dá-se da atividade enunciativa e não como uma relação de signos.

Segundo: um texto não se define por propriedades imanentes necessárias e suficientes, mas por situa-se num contexto sociointerativo e por satisfazer um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de sentidos.

Terceiro: a sequência de elementos linguísticos será um texto na medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha experiência social comunicativa relevante para a compreensão. (MARCUSCHI, 2008, p. 89).

Deste modo, “o nicho significativo do texto (e da própria língua) é a cultura, a história e a sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 88), desta feita, o trabalho do filólogo é, no sentido *stricto*, fixar o texto enquanto materialidade e, a partir deste, no sentido *latu*, possibilitar

a análise e as discussões sobre o contexto e o cotexto, ampliando as possibilidades de estudo para e com outras áreas do conhecimento.

Além da Linguística, outras áreas de conhecimento nos foram caras para o trato dos documentos usados nesta pesquisa e, que se afinam à Filologia é a Paleografia e a Codicologia – a primeira, conforme Cambraia (2005) se manifesta teoricamente pela busca de entendimento da constituição sócio-histórica do sistema de escrita e pragmaticamente pela capacidade de, a partir da escrita, avaliar a autenticidade de um documento, bem como interpretar satisfatoriamente os escritos. É uma ciência essencial ao filólogo na análise da materialidade textual de seu objeto de estudo, uma vez que aborda aspectos de modo a classificar a escrita (datação e localização); descrever características da escrita (a forma/o traçado/o ângulo da letra;) descrever os sistemas abreviativos; descrever os elementos não-alfabéticos que agregam valor significativo ao texto, bem como, descrever os pontos de dificuldade de leitura e solução adotada para possibilitar o entendimento.

Segundo Berwarger e Leal (2008), a Paleografia se subdivide em dois processos, um elementar, quando trata somente da leitura; e outro crítico, quando se busca deduzir informações sobre o material, sobre a época, o tipo de escrita, de tintas e/ou autores. E classifica-se em três tipos: antiga; medieval; moderna. Ao nosso trabalho aderimos ao conceito classificatório da Paleografia moderna na perspectiva crítica.

Já a Codicologia colabora na análise da materialidade física, que para Cambraia (2005, p. 26-27) “é de grande relevância, pois fornece informações que permitem compreender algumas das razões pelas quais os textos se modificam no processo de transmissão”, ou mais pragmaticamente, atua na descrição do livro.

Cambraia (2005) postula que a Codicologia é o estudo da técnica do livro manuscrito. O autor propõe, ainda, um guia básico de descrição codicológica, que visa sistematizar a análise material, todavia, salienta que, não deve ser um modelo estanque, podendo ser, inclusive, estendido.

O guia dispõe de doze pontos que dizem respeito à descrição do livro. Todavia, advertimos que, alguns termos empregados nesse guia são de domínio de um público mais especializado, no entanto, julgamos necessário dispor nesta subseção uma reprodução do guia conforme o modelo proposto por Cambraia, visto que se trata de um método que nos subsidiou para que descrevêssemos codicologicamente o livro de registros de óbito usados para esta pesquisa.

Descrevemos o nosso livro codicologicamente em um texto descritivo, de modo que, usamos apenas alguns elementos do guia, não sendo necessário usar todos os pontos

indicado, assim não nos atemos ao modelo conforme indica o guia, de tal modo, descrevemos apenas os itens pertinentes a este trabalho, sendo eles: a cota, a datação, o lugar de origem, o suporte material, a composição, a organização da página e o tipo de encadernação.

A título de ilustração, dispomos a seguir o guia de descrição codicológica proposto por Cambraia (2005) e que nos serviu de parâmetro na descrição do livro que compõe o nosso *corpus*.

Figura 1 – Guia Básico de Descrição Codicológica

Guia Básico de Descrição Codicológica

- 1. cota:** cidade em que se encontra o códice; nome da instituição; coleção de que faz parte; número ou sigla de identificação.
- 2. Datação:** explícita (transcrever, informando fólho e linha em que consta) ou inferida (apresentar justificativa)
- 3. Lugar de origem:** explícito (transcrever, informando fólho e linha em que consta) ou inferida (apresentar justificativa).
- 4. Folha de rosto:** transcrição.
- 5. Colofão:** transcrição.
- 6. Suporte material:** papiro (*papiráceo*), pergaminho (*membra-náceo*) ou papel (*cartáceo*) – sendo membranáceo, informar animal, espessura, cor e obediência à Lei de Gregory; sendo cartáceo, informar tipo, linhas-d’água (direção e distância entre pontusais e vergaduras), filigrana (descrição da figura).
- 7. Composição:** número de fólhos; número e estrutura dos cadernos (*bínio, térnio, quaterno*, etc); formato (*in-fólho, in-4º, in-8º*, etc.) e dimensão dos fólhos (largura x altura, em milímetros).
- 8. Organização das páginas:** dimensão da mancha; número de colunas; número de linhas; pautado; numeração (foliação [número só *recto* do fólho] ou paginação [número no *recto* e no *verso*]); reclusos (ausência ou presença, localização na página e frequência); assinaturas (presença ou ausência, sistema).
- 9. Particularidades:** miniaturas (capitulares ornamentadas); iluminuras; marcas especiais (carimbos, *ex-libris*, assinaturas pessoais etc.).
- 10. Encadernação:** tipo (original ou não-original); dimensão; material; natureza e cor da abertura; decoração; texto na capa; nervos no lombo.
- 11. Conteúdo:** identificação dos textos do códice por fólho (s), informando autor e obra.
- 12. Descrições prévias:** bibliografia.

O suporte/matéria em que os textos são produzidos diz muito sobre a conjuntura histórica e cultural de produção, portanto, é tarefa da Filologia, inter-relacionada à Codicologia, à Paleografia e à História, desvelar o que nos parece, tantas vezes, transparentes e de fácil entendimento, mas que esconde informações valiosas para a descrição e análise contextual.

Vemos, pois, o quão necessário é o conhecimento amplo do filólogo para lidar com as características presentes nos textos e em seus suportes. Visto que, a lida filológica requer considerar tanto o suporte, a matéria subjetiva usada na produção, como o contexto sócio-histórico-cultural e de circulação, bem como, ter ciência dos critérios de edição, preservação e posteriormente, a depender da intenção do pesquisador, das análises: linguística, histórica ou social.

Quanto ao *corpus* deste trabalho, caracteriza-se por ser manuscrito, do tipo monotestemunhal, pois não há outros testemunhos. Está arquivado em acervo exposto às intempéries do tempo, como mofo, umidade, traças e desgastes do papel, o que motivou que nosso trabalho com o texto seguisse as diretrizes da edição filológica, de modo que, o primeiro modelo adotado foi a edição mecânica, por esta atender à necessidade de acesso integral ao texto, sem o manuseio direto e constante ao livro, embora, tenhamos tido acesso ao livro para realizar a primeira edição por meio de fotografias. Posteriormente, a edição semidiplomática, modelo de edição que permite a mudança de suporte dos textos e que preserva as informações destes, mantendo sua essência, contudo, permitindo-nos acesso para a análise linguística, social, cultural e histórica.

As certidões de óbito têm caráter de documento particular que pertencem a um arquivo eclesiástico, visa garantir o direito de registro de morte do indivíduo, a fim de servir de garantia à família do falecido, ou seja, não deriva diretamente do ente público ou da sua imediata autoridade. Em suma, os textos que compõem os documentos desta pesquisa são manuscritos monotestemunhais e *opistógrafos*, este último diz-se quando escritos *recto* e *verso*.

Por fim, dado o exposto, entendemos o texto em seu sentido amplo (matéria subjetiva, matéria aparente e matéria instrumental) como o objeto primordial ao labor filológico. É, pois, o texto o objeto final da Filologia e a representação material da linguagem, que em sua materialidade exerce uma função social, uma vez que, língua (linguagem) e sociedade têm uma relação inseparável, à qual explanaremos na próxima subsubseção.

2.1.2 A função social do texto

O homem desde os mais remotos tempos intentou registrar fatos ou aspectos da vida em sociedade por meio de textos (rabiscos, desenhos ou escritos), seja como uma maneira de deixar um legado aos descendentes ou como forma de registro memorial do instante vivido, com isto, possibilitou que se pudesse, posteriormente, vivenciar, interpretar e compreender um dado momento histórico por meio dos registros deixados pela humanidade.

As primeiras tentativas de registro remontam ao período pré-histórico e eram desenhos que reproduziam de forma simplificada os conceitos ou coisas a serem representadas. A história da escrita passou por fases, conforme Berwarger e Leal (2008, p. 40), sendo elas a *escrita embrionária* que “são figuras de animais, modelos geométricos, várias espécies de objetos, sem qualquer relacionamento com a escrita sistemática, limitando-se a fixar as ideias de forma estática”. A *escrita pictográfica*, constituída por pictografia, ou sinal que significa o objeto representado, são sequências de planos que significam narrativas, esta fase da escrita não se lia, mas interpretava. Não muito distinta a fase da *escrita ideográfica* que é “uma linguagem simbólica em que cada palavra ou grupo de palavras essenciais da frase tem símbolo individual ou fixo, representando uma ideia abstrata, uma qualidade, uma ação” (BERWARGER; LEAL, 2008, p. 41). Mais adiante tem-se a *escrita silabográfica*, neste período há um sistema em que cada sílaba tem sua representação própria, a exemplo da escrita japonesa. E por fim, a *escrita fonográfica* ou sistema fonético, nesta fase, cada som tem seu símbolo individual, o que hoje chamamos de letra. Ousamos em dizer que com os novos moldes tecnológicos a escrita ganha uma nova fase, a escrita com *emojis*, que são ideogramas (figuras) com significado próprio utilizados em mensagens eletrônicas ou páginas da internet. São expressões faciais, objetos, lugares, animais, tipos de clima dentre outros.

Assim, paulatinamente, a escrita foi ganhando formas e complexidade, de modo que, tanto os suportes, como os modelos de escrita foram diversificando-se. Os primeiros ganharam diversidade na matéria usada para carregar o texto, passando por pedra, madeira, tabuinhas enceradas, ossos, argila, papiro, couro, papel, e hodiernamente, os meios virtuais, tendo como suporte os computadores, os celulares etc. Com a escrita não foi diferente, passou por várias etapas foi da escrita embrionária à alfabética, como a conhecemos hoje.

A partir dos registros escritos o “homem pode armazenar, ao longo do seu percurso histórico, toda a sua memória” (QUEIROZ, 2006, p. 141), portanto, corroboramos Marcotulio *et al.* (2018, p. 102) quando assevera que “qualquer testemunho ou documento histórico é uma expressão, um fragmento mais ou menos amplo e complexo da realidade histórica vivida”, neste

sentido, é indiscutível que os registros escritos (os textos) são recursos inestimáveis à pesquisa histórica e linguística, pois representam o testemunho fiel de uma época social-histórica e de uma língua.

A língua e a sociedade são dinâmicas e estão em constante modificação, agregando ou excluindo termos e conceitos. E estão imbricados em uma grande teia de complementariedade, ou seja,

Língua, história e cultura caminham sempre de mão dadas e, para conhecermos cada um desses aspectos faz-se necessário mergulhar nos outros, pois nenhum deles caminha sozinho e independente. Portanto, o estudo da língua de um povo é, conseqüentemente, um mergulho na história e cultura deste povo. (ABBADE, 2006, p. 214).

Nessa perspectiva, entendemos a língua registrada em documentos como um reflexo de vestígios e experiências históricas dos mais variados tipos, que alude às manifestações culturais de entes sociais inscritos historicamente, que são representados/identificáveis em textos deixados para a posterioridade.

O texto, segundo Marcuschi (2008), é o único material linguístico observável, que por sua vez, é uma reconstrução do mundo, pois se trata de um evento comunicativo que converge em ações linguísticas, sociais, históricas e cognitivas. Os textos acompanham a sociedade em todos os sentidos, têm função pragmática à vida cotidiana, sendo deste a lista de compra cotidiana aos documentos bancários, fiscais e jurídicos, assim, a servem em comprovações jurídicas, atos sociais, civis públicos ou privados, em fruição ou em registros pessoais que os servem de recordação de um dado momento. Deste modo, os textos detêm de funções para além do mero registro pessoal, servindo de documento comprobatório às questões civis e jurídicas que orientam e coordenam a vida em sociedade, bem como, para registro que testemunham o uso da língua em realidades diversas.

A exemplo da função social atribuída ao texto, citamos o âmbito jurídico, pois desde os mais remotos tempos a sociedade é tutelada por um código escrito, o Código Civil, definido por Nalin (2002) como

[...] o guia da vida de todos os cidadãos. Por meio dele, recebemos a tutela jurídica da personalidade, ao nascermos; também no Código Civil está anotado o momento em que, além da personalidade jurídica, podemos nos obrigar enquanto homens e mulheres capazes; dispõe quando e como podemos contratar; autoriza sermos possuidores e proprietários de bens juridicamente relevantes; regula a família e seus laços afetivos, sendo ela aceita, agora, em nível matrimonializado e, também, como união estável; e, ao final da vida, nos permite testar ou legar, em ato de derradeira vontade. Enfim, o Código Civil é o roteiro da vida de todos nós, razão pela qual nenhum homem e mulher escapa de sua incidência. (NALIN, 2002, on-line).

Conforme expõe o autor, a vida social é regrada pelo Código Civil, ou seja, um

texto que é um documento jurídico, inicialmente, no Brasil, apresentado como projeto, no ano de 1899 pelo jurista Clovis Beviláqua, mas, somente promulgado no ano de 1916, havendo posteriormente, em anos vindouros, adequações para atender às demandas sociais. Todavia, não nos aprofundaremos nesta descrição, pois nos interessa aqui ressaltar a função do texto para a sociedade. Assim, cabe destacar que, o Código Civil, conforme pudemos ver, perpassa por toda a vida do indivíduo e regula a vida individual e social, ousamos dizer que, analogamente ao Código Civil, os textos escritos pela humanidade (todo texto escrito detém de uma função própria) são produzidos a fim de legitimar tanto ações individuais (de registro pessoal ou memórias), como coletivas (normas, memorandos, notícias, registros de óbitos etc.) e funcionam, inclusive, como regulamentação social.

A exemplo das funções sociais dos textos, podemos citar os registros de óbitos estudados nesta pesquisa, que tinha a função precípua de registrar os falecimentos ocorridos na região da paróquia de São Francisco (Itapajé) atualmente, vinculada à diocese de Itapipoca-CE, e servia à Igreja como documento censitário dos fiéis daquela região por meio dos mecanismos de registro dos documentos de batistérios, casamentos e óbitos, assim, exercia poder de controle, sobretudo, quanto aos dados censitários da população, exercendo o papel, atualmente, de responsabilidade do Estado. Por outro lado, tais documentos serviam às famílias do falecido como um ato de fé e ritualístico na separação entre os vivos e os mortos.

Portanto, é por meio da linguagem, materializada em textos que transmitimos informações, persuadimos, assumimos compromissos, ordenamos, pedimos, demonstramos sentimentos, construímos representações mentais sobre o mundo, a cultura e a sociedade, enfim, hodiernamente, os textos escritos funcionam como um instrumento organizador do nosso dia a dia, mas também prescritivo e por vezes com poder de dominação, em diferentes aspectos, no entanto, esta função do texto e da escrita já acompanha a humanidade em tempos longínquos.

Sobre isto, Janson (2015) chama a atenção para a importância social dos registros escritos

[...] a escrita é necessária, tanto para o conhecimento do passado quanto para a transmissão das ideias e realizações das gerações anteriores. Uma sociedade com língua escrita possui um banco de dados de experiência que pode ser utilizado e ampliado ao longo do tempo. (JANSON, 2015, p. 85).

Tendo em vista que, os textos não são construídos aleatoriamente, mas da interação sujeito-contexto-interlocutores, assim, atuam sociodiscursivamente numa cultura e são legitimados por uma instância da atividade humana historicamente situada, assim, refletem e são refletidos pela conjuntura social-histórica-cultural de produção, visto que, a manifestação verbal mediante a língua se dá como textos e não como elementos linguísticos isolados

(MARCUSCHI, 2011), por isso, a materialidade textual é tão fundamental quando da análise linguística vista por um viés social, cultural e histórico. Sendo assim, os textos perpassam a existência humana, quando além de retratar as relações sociais e culturais, registram as crenças e modos de vida da sociedade que os produz. Servem [os textos], ainda, para condicionar (a exemplo das normas e leis) a relação sócio-histórica da humanidade.

Buscamos com isto, demonstrar que o texto, para cada estrato social, detém de funções específicas, sendo elas: reguladoras; informativas; descritivas; a título de fruição; e impositivas; dentre outras. Deste modo, o texto está sempre envolto às relações sociais, estas que coordenam e direcionam a vida, a história e a cultura de um povo. Ora sendo lei, ora registro documental, ora fruição.

E como material linguístico observável, os textos, podem ser submetidos a diversas procedimentos teóricos, a depender do objetivo almejado pelo pesquisador/estudioso. Nesta dissertação, conforme já mencionado, valemo-nos da Filologia e da Linguística, esta última, na vertente que tem o léxico como objeto de análise, conhecida como uma das ciências do léxico, a Lexicologia. Assunto que será pauta na próxima subseção.

2.2 A Lexicologia e o estudo do léxico

A Lexicologia tal qual a Lexicografia e a Terminologia são ciências que têm o léxico como objeto de estudo, por isso, tem-se atribuindo a estas áreas o predicado de *ciências do léxico*, por ter cada uma em seu escopo, o léxico como escopo de suas investigações. No que diz respeito à Lexicologia, esta ocupa-se mais precisamente da *palavra*³ em todos os seus aspectos, que podem ser: a formação, a etimologia, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

A lexicologia é a disciplina responsável pelo estudo das palavras de uma língua, em discursos individuais e coletivos. [...] tem por tarefa estabelecer a lista de unidades que constituem o léxico e descrever as relações entre essas unidades, seu campo de estudo compreende questões relativas à morfologia lexical e à semântica lexical, uma vez que o léxico não é apenas uma lista de palavras. (PONTES, 2009, p. 18-19).

Para Pontes (2009, p. 18), o “léxico se define como um conjunto de palavras vistas em suas propriedades, tais como: as categorias sintáticas, as categorias morfossintáticas, aspectos pragmáticos diversos, informações etimológicas”. E além de possuírem uma representação fonológica e uma representação semântica que estão associadas a um morfema que serve de base para a formação lexical ou gramatical.

Vilela (1994) defende a proposição de que a Lexicologia tem uma estreita e especial proximidade como a Semântica, área também vinculada à Linguística que tem como objeto de estudo o significado/conceito das palavras, no sentido mais reducionista do termo, porém, Matoré (1953) as distingue, alegando que atribuir à Semântica o mesmo sentido de Lexicologia pode prestar-se a confusão, visto que, segundo este autor, a primeira estuda os valores sucessivos das palavras analisadas individualmente, enquanto a segunda, considerada pelo autor como uma disciplina sociológica, visa o grupo de palavras considerado estático do ponto de vista nocional. Todavia, os dois estudiosos asseguram que o objeto primordial da Lexicologia é a *palavra*.

O valor sociológico atribuído à Lexicologia por Matoré (1953, p. 36) se dá,

³ Usamos inicialmente a terminologia *palavra* para indicar o objeto de estudo da Lexicologia, embora entendamos que não é apropriado quando se trata da análise linguística, sendo, pois, uma terminologia problemática quando se busca definir *palavra* nos diferentes campos de saber ou em diferentes línguas, pois conforme aponta Biderman (1979, p. 120) “a Linguística moderna marginalizou o objeto da Lexicologia: a palavra”, no entanto, o termo indica genericamente o objeto de estudo que tencionamos investigar, conforme cita, também de forma genérica, Vilela (1994, p. 9) ao afirmar que “A lexicologia estuda as palavras em todos os seus aspectos”; e também Borba (2003, p. 47) ao concluir que “quem trabalha com léxico opera com entidade – as palavras”, objeto que é pelos respectivos autores ampliado. Vilalva e Silvestre (2014) salientam que em um estudo linguístico é um equívoco atribuir a *palavra* o sinônimo de *unidade lexical*, dada a diversidade de descrição lexical disponíveis. Assim, o termo *palavra* será usado somente como indicação inicial, posteriormente, delimitaremos nosso objeto à terminologia *lexia*.

sobretudo, ao defender que a *palavra* é carregada por conteúdo social, por isso “não tem apenas uma existência psicológica, ela [palavra] também tem um valor coletivo”⁴.

Proposição corroborada por Kenedy (2012) ao dividir a linguagem humana em dois eixos, ou nos termos do autor, em duas dimensões: uma dimensão individual e cognitiva e uma dimensão coletiva e sociocultural. Ou seja, a produção lexical do indivíduo se dar inicialmente por meio do processo individual e cognitivo da fala, no entanto, é repercutido e construído na dimensão coletiva e sociocultural do léxico. Pois, conforme Matoré (1953, p. 36) “a palavra carregada com conteúdo social vai de alguma forma saltar fora do pensamento individual”⁵.

Sempre que os fatos da linguagem acontecem, temos, de um lado, um indivíduo específico que possui a capacidade mental de produzir e compreender expressões linguísticas e, ao mesmo tempo temos, de outro lado, a sociedade em que esse indivíduo se insere, da qual ele herdou os fonemas, os morfemas, as palavras e os contextos comunicativos necessários para a interação verbal. (KENEDY, 2012, p. 1).

É necessário salientar que há controvérsias sobre o conceito de *palavra*. Biderman (1996) alerta que o termo *palavra* é operacional para a linguagem comum, todavia, não tem funcionalidade quando se trata em identificar unidades lexicais, daí a necessidade de adotar-se termos técnicos/científicos que abarquem o sentido e a necessidade da pesquisa, pois, conforme Vilalva e Silvestre (2014, p. 75),

Esclarecer essa questão significa tomar posição, quer quanto ao que se pretende abranger ao falar de palavra, quer quanto ao que se entende por unidade lexical. Palavra é o rótulo mais simples de usar, mas nem a definição deste conceito é fácil de estabelecer nem há razões que motivem a aceitação imediata de que palavra e unidades lexicais são termos equivalentes.

Assim, o conceito de *palavra* é problemático em Linguística, não sendo possível traçar uma definição universal para o termo. Matoré (1953) em seus estudos em Lexicologia, mesmo adotando o termo *palavra*, enfatiza que “a noção de palavra não é clara”⁶, pois,

Não devemos nos deixar enganar pela separação das palavras por escrito. Essa separação nem sempre existiu; sabemos que os gregos ligaram as palavras entre eles e que são os romanos que primeiro usaram pontos para isolá-las⁷. (MATORÉ, 1953, p. 19, tradução nossa⁸).

⁴ N'apasseulement une existence psychologique, il a aussi une valeur collective (MATORÉ, 1953, p. 36).

⁵ Le mot chargé d'un contenu social va en quelque sorte rebondir sur la pensée individuelle (MATORÉ, 1953, p. 36).

⁶ La notion de mot n'est pas claire (MATORÉ, 1953, p. 19).

⁷ Il ne faut pas être dupe de la séparation des mots dans l'écriture. Cette séparation n'a pas toujours existé; on sait que les Grecs liaient les mots entre eux et que sont les Romains qui ont les premiers utilisé des points pour les isoler (MATORÉ, 1953, p. 19).

⁸ Todas as traduções deste trabalho são de nossa autoria.

Deste modo, o autor corrobora a ideia de não ser possível definir *palavra* de maneira universal, no entanto, salienta Biderman (1978, p. 85) que “é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua”, desta forma, qualquer definição de *palavra* não deve ter caráter universal, pois cada língua pressupõe suas características para a delimitação e definição do termo.

Sobre isto acrescenta Vilela (1979) que:

O reconhecimento da palavra como unidade da língua traz consigo uma série de dificuldades, quer quanto a sua caracterização, quer quanto à sua definição: dificuldades encontráveis na delimitação da palavra relativamente a outras unidades (morfemas, grupo de palavras, etc.) ou dificuldades provenientes do ponto de vista em que se considera palavra, ou ainda dificuldade derivadas das especificidades da palavra nas diferentes línguas. (VILELA, 1979, p. 16).

Destaca que “sejam quais forem as dificuldades na definição/delimitação de ‘palavra’, a descrição da língua não se consegue sem essa noção” (VILELA, 1979, p. 17). Partindo desse pressuposto, coadunamos com a proposição de Borba (2003) ao destacar que “o termo palavra tem sido evitado em descrição linguística por se prestar a equívocos [...] Em seu lugar tem se proposto *lexia*, *lexema*”. No entanto, é comum a cada vertente teórica a adoção de um termo que abarque a necessidade da pesquisa. Teóricos como Biderman (1978) e Vilela (1994) adotam a terminologia *unidade léxica*; por outro lado, Pottier (1978) e Borba (2011) optam pelo termo *lexia*, enquanto Matoré (1953) atribuiu o termo *palavra* para determinação do objeto da Lexicologia. Cabe ressaltar que cada termo em seu escopo corresponde ao mesmo objeto de estudo.

Correia e Almeida (2012) reafirmam que a definição do que se entende por *palavra* pode gerar alguns conflitos conceituais, principalmente, quando se busca uma definição para todas as línguas, ou mesmo dentro de uma mesma língua, a depender da vertente de investigação que oriente o pesquisador, pois pode haver desencontro no conceito, quando se trata, por exemplo, de morfologia ou de sintaxe. Conforme exemplifica Villalva e Silvestre (2014, p. 77) sobre a contração <*neste*>, que se trata de uma única *palavra morfológica*, “mas para a análise sintática são duas palavras (*em+este*)”, também acontece de modo contrário com os compostos, a exemplo de <*guarda-chuva*>, que na sintaxe é exemplo de uma palavra, e para morfologia contém duas palavras.

Dado o exposto, salientamos que cabe aos estudos lexicológicos, em seus diferentes vieses – fonologia, morfologia, sintaxe, semântico e inclusive prosódia – definir o que, quanto ao seu domínio analítico, é uma *palavra/unidade léxica/lexia*.

Borba (2003) delinea traços definitórios para *palavra*, em suma, diz que *palavra* é

uma forma livre mínima de configuração fonética estável, ou seja, bloco fônico que não admite inserção de outros elementos mórficos, e que carrega a expressão de um conteúdo significativo único ou amalgamado; bem como, preenche funções gramaticais específicas. Conceito de *palavra* da qual concordamos e que atribuímos às demais terminologias do objeto da Lexicologia: unidade lexical e *lexia*. Porém, tentando uniformizar o uso dos termos e direcionados por um modelo teórico-metodológico optamos pela definição e terminologia proposta por Pottier (1978, p. 269) que atribui ao termo *lexia* o conceito de unidade lexical de comportamento sintático e foneticamente memorizada.

Segundo a distinção de Pottier (1978, p. 268), a *lexia* pode se configurar em quatro modelos: *lexia* simples, *lexia* composta, *lexia* complexa e *lexia* textual. O estudioso assevera que a *lexia* é uma unidade lexical que pertence a uma categoria e nasce de um hábito associativo, a exemplo de *saca-rolha* que resulta, conforme o autor, de uma integração semântica.

A *lexia* simples corresponde à ‘palavra’ formada por uma única forma livre, ou seja, unidade funcional significativa que detém um comportamento lexical, a exemplo de: *morte*; *sepultar*; e *cadáver*. Já a *lexia* composta resulta de uma integração semântica, este tipo de *lexia* tem propriedades de *lexia* rígida, pois “forma uma sequência memorizada invariável” (POTTIER, 1978, p. 270), como exemplo podemos citar *extrema unção*.

Enquanto a *lexia* complexa pode ser entendida como um conjunto lexicalizado de duas ou mais unidades lexicais, sendo contíguos, indissociáveis e monossêmicos. Pottier (1978, p. 270) exemplifica como casos particulares de *lexias* complexas as siglas, “caso uma *lexia* seja muito longa e de uso corrente, acabamos memorizando apenas alguns elementos, as iniciais:

S.N.C.F. (Société Nationale des Chemins de fer Français)”. Alerta que a sigla pode tornar-se um lexema novo na língua, entendemos este, conforme a justificativa de Welker (2004):

Diversos autores entendem que o lexema é uma palavra ou parte de palavra que tem significado próprio (*casa*, *dormir*); são as chamadas palavras “autosemânticas”; não são consideradas *lexemas* as palavras “sinsemântica”, que não tem significado próprio: aquelas que estabelecem relações (conjunções, preposições) ou apenas se referem a outras palavras (artigos, pronomes). Estas consideradas *morfemas gramaticais* ou *gramemas*, pertencem a inventários fechados; os lexemas, ao contrário, pertencem a inventários abertos. (WELKER, 2004, p. 21-22).

Ou seja, lexemas são palavras com significados próprios, porém, o que é considerado *lexia* complexa é toda a expressão que é constituída por vários elementos linguísticos, mas que juntos possuem significação própria, assim, não cabe fragmentar uma expressão lexicalizada⁹,

⁹Lexicalização é o processo do qual um sintagma se lexicaliza, ou seja, transforma-se em *lexia* autônoma, com significação própria.

ou seja, uma lexia complexa.

Assim, a sigla pode tornar-se uma nova lexia, ocorrendo o que Alves (2004) nomeia como truncação, sendo este, o processo de formação das palavras que resulta da abreviação e eliminação de uma parte da sequência lexical, criando assim uma nova lexia.

De outro modo, a *lexia textual* pode ser definida como uma lexia complexa que atingiu o nível do texto, um exemplo típico são os provérbios, este tipo de lexia é também definido como fraseologias, estas que segundo Krieger e Finatto (2016, p. 84) “estão associadas a uma estrutura linguística estereotipada que levam a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes da estrutura”. Todavia, não nos aprofundaremos neste conceito, já que demandaria outras teorias, que não contemplam o nosso objeto de estudo.

Encaixam-se nos tipos de lexias textuais as expressões idiomáticas, as frases feitas, locuções nominais e locuções verbais, bem como estruturas típicas de determinados tipos de enunciados, a exemplo de protocolos de abertura ou fechamentos de documentos. No *corpus* de análise podemos exemplificar como lexia complexa a expressão “Do que para constar fis este assento que assigno”¹⁰ e as variantes “Do que fis este que assigno” e “Do que lavro este termo”. Lexias usadas pelos vigários como protocolo de encerramento da certidão de óbito, e embora sofra variação nos constituintes da estrutura, todas detêm do mesmo valor semântico.

Com isto, compreendemos que a identificação do tipo de lexia dentro de um contexto ou *corpus* não é uma tarefa tão simples como aparenta ser, conforme aponta Biderman (1978),

O reconhecimento das unidades léxicas, porém, não é uma operação simples. Ao contrário, às vezes, o linguista se defronta com numerosas ambiguidades de difícil solução. Nessas circunstâncias, caminhos vários poderão ser trilhados. Eles dependerão dos critérios selecionados para tal fim. (BIDERMAN, 1978, p. 121).

Portanto, são necessários alguns critérios de reconhecimento das lexias, embora Pottier (1978, p. 271) oriente-nos que “teste algum é suficiente por si mesmo, mas cada um deles revela uma propriedade”, contudo, propõe quatro preceitos que devem ser observados na identificação da lexia. A saber:

- a) não-autonomia de um componente;

Algumas lexias, em determinados contextos, só funcionam significativamente quando associadas a outro componente linguístico, tendo, portanto, autonomia relativa dentro do contexto. A exemplo da construção <*falecer de*> que requer um complemento linguístico que a torne significativo, como: <*falecer de febre*>, <*falecer de tuberculose*> etc.

¹⁰ A ortografia foi mantida conforme consta no documento de óbito.

b) não-comutabilidade de um componente;

O teste da não-comutabilidade diz respeito à impossibilidade de permuta de lexia. Pottier (1978) exemplifica com: “ele está *passando mal*”. E alerta que a lexia em destaque não se opõe à composição: “ele *passa bem*”.

c) não separabilidade de um componente.

Há casos em que a inserção de um elemento entre os componentes da lexia pode mudar o sentido da desta. Ou seja, para haver a manutenção de sentido não há possibilidade de inserção de um elemento linguístico à lexia, a exemplo de: <*lesão cardíaca*>; entre a lexia em destaque não cabe nenhum tipo de elemento linguístico, ou seja, não se pode inserir um elemento linguístico entre <*lesão*> e <*cardíaca*>, sob o risco de mudança semântica a exemplo de <*lesão repentina cardíaca*> ou <*lesão instantânea cardíaca*>.

d) particularidade da estrutura interna.

São lexias lexicalizadas, cristalizadas na forma a ponto de tornar-se parte do léxico, a exemplo de *chutou o balde*, expressão lexicalizada que tem o traço semântico de *perder o controle* ou *descontrolar-se*.

Desta forma, é partindo da observação dos princípios acima mencionados que tencionamos categorizar os tipos de lexia recolhidos do *corpus*. Todavia não nos ateremos tal e qual a proposição de Pottier (1978), mas adaptaremos os testes de identificação das lexias conforme as necessidades do nosso *corpus*, método que está descrito na seção metodológica.

Se até aqui falamos de léxico de forma mais concreta, partindo das lexias, enquanto objeto de estudo da Lexicologia, nas próximas subsubseções abordaremos o léxico na sob uma perspectiva social, de modo a relacionar as lexias com os fatores extralinguísticos, logo, tencionamos apontar a estreita relação entre léxico, sociedade, história e cultura.

2.2.1 Léxico e sociedade

O léxico de uma língua está imbricado aos ditames sociais. As escolhas lexicais vão para além do intuito comunicativo, determinam o status social do falante, assim, o homem não se comunica apenas para informar, no sentido mais reducionista da comunicação, mas busca atrelar-se ao mundo em que vive, integrar o meio social, de modo que o léxico é o instrumento modalizador¹¹ desta interação/integração.

Deste modo, o léxico, pode ser entendido em um sentido mais subjetivo, como a

¹¹ Diz-se de elemento gramatical ou lexical por meio do qual o locutor manifesta determinada atitude em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado.

herança cultural de uma sociedade, que se materializa por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma dada comunidade humana.

A esse respeito, Vilela (1994, p. 6) ressalta que o léxico é a parte da língua que configura a realidade extralinguística, assim, arquiva o saber linguístico de uma comunidade e registra os caminhos e descaminhos civilizacionais, as descobertas, os inventos, as crenças e os mitos, “afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos tem um nome e faz parte do léxico”. Assim, podemos dizer que o léxico é o repositório de conhecimento, que coexiste na consciência dos falantes, ou metaforicamente falando é o passaporte para compreender a cultura, as vivências, os costumes, as crenças, as ideologias, os medos, a história e a sociedade onde é produzido, visto que, o léxico faz referência à realidade extralinguística, por meio das *lexias*. Estas designam os elementos contextuais e conjunturais de uma dada sociedade.

Biderman (1996) destaca que

[...] a referência à realidade extralinguística nos discursos humanos faz-se pelos signos linguísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. (BIDERMAN, 1996, p. 27).

Assim, cabe ressaltar que o léxico, sendo parte do constructo social, está em constante mutação, pois acompanha às mudanças sociais, históricas e culturais, servindo assim de retrato que reflete a sociedade. Ou seja,

[...] a linguagem humana tende a uma especialização contínua, recortando sempre mais e mais detalhadamente o mundo, criando novos *constructa*, individualizando conceitos de novas percepções e atribuindo, a uns e outros, signos linguísticos unívocos. De um lado, porque o homem vai se apercebendo da univocidade de cada elemento do universo. Daí a heterogeneidade típica do léxico quando comparado com outros níveis da língua, já que é a instância da linguagem que dá conta, por excelência, da função referencial. De outro, os signos que nomeiam os *designata* se alteram, em virtude das mudanças ocorridas. (BIDERMAN, 1996, p. 35).

Vilela (1979) inicialmente define léxico como um conjunto de unidades linguísticas próprias de uma dada língua ou, segundo Correia e Almeida (2012, p. 11), “o léxico de uma língua é entendido, de forma genérica, como o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte”, entretanto, são conceitos limitantes, que são posteriormente esmiuçados pelos autores, alertando que o léxico é também constituído por unidades de dimensão superior (o que extrapola ao léxico, a realidade extralinguística) e dimensão inferior (formas gráficas) ao que entendemos no senso comum por palavra gráfica. Desta forma, o estudo do léxico requer extensões e conceitos bem delimitados, pois trata-se de uma entidade abstrata e em constante modificação,

que alegoricamente podemos definir léxico como

[...] um sistema complexo e que tem um modo de funcionamento bastante sofisticado [...] mais do que um repositório de unidades lexicais [...] uma espécie de cérebro no corpo das línguas que concentra e armazena a informação que os restantes sistemas, solidariamente, transformam em vida. (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 28).

Portanto, deve-se atentar para o entendimento de que o léxico não é um mero arquivador de lexias, mas dos componentes da língua, o mais heterogêneo, dada a sua característica de vulnerabilidade às pressões internas e externas da língua. Sendo, pois, um componente vivo e em constante mutação.

Sendo assim, no sentido mais objetivo do termo, concebemos o léxico como um conjunto virtual de lexias, que permite retratar o mundo interior e exterior do indivíduo baseado em uma estrutura linguística de dimensão coletiva e sociocultural, por isso, carregado de sentido, de expressividade e de ideologias. Todavia, propenso a certa vulnerabilidade das condições de uso que permite ao falante numa dimensão individual e cognitiva realizar escolhas sintagmáticas e paradigmáticas, com estruturas mórficas constituídas por lexias simples, lexias compostas, lexias complexas e lexias textuais, porém, vinculadas a uma tradição ou a uma cultura sociodiscursivamente estabelecida.

Segundo Abbade (2006, p. 213), partindo das lexias “é possível enveredar pela história, costumes e hábitos de um povo”, com isto, abrir uma janela ao contexto histórico, social e cultural, permite-nos que adentremos, parcialmente, ao momento de produção do texto. Segundo Schneider (2007, p. 4), o léxico é o saber vocabular compartilhado por grupos sociais culturalmente definidos e ele “revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vivem. Ainda no léxico há as designações que rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e descaminhos da humanidade”.

Desta maneira é possível desvelar fatores extralinguísticos de caráter social, partindo dos estudos lexicais, pois, assim como a sociedade, o léxico é dinâmico e permeado por influências externas, de modo que, a análise lexical propicia depreender uma série de conceitos e valores sociais e culturais. Porém, o estudo lexical perpassa diversas teorias e a depender do objeto de pesquisa em estudo pode-se definir qual o viés teórico-metodológico que se deve adotar no estudo do léxico.

A Lexicologia, ciência que tem o léxico em seu escopo investigativo, destacamos a proposição de Abbade (2012, p. 142) ao salientar que a “lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico”. Já Krieger e Finatto (2016, p. 43) fazem um alerta sobre o

entendimento do que vem a ser Lexicologia, alegam que a Lexicologia “tende a ser compreendida de modo difuso, pois diferentes visões e interesses a perpassam”. Segundo as autoras, tal característica está relacionada à complexidade e à multiplicidade de facetas e abordagem que o seu objeto de estudo encerra ou permite, visto que, a Lexicologia ocupa-se do componente lexical das línguas (as *lexias*).

Logo, definimos a Lexicologia como o campo teórico que tem por objeto as *lexias*, às quais compreendemos tal qual *unidade lexical*, definida por Villalva e Silvestre (2014)

[...] enquanto unidades lexicais, as palavras são paradigmas (identificados por um lema), ou seja, são conjuntos de formas portadoras de informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas e ainda de outras informações de varia ordem, como, por exemplo, a etimologia. (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 76).

Assim, Lexicologia é a ciência do léxico que estuda a *lexia*, quanto ao seu significado, à sua constituição mórfica ou às suas variações flexionais, pragmáticas e contextuais. Podendo, ainda, o léxico ser estudado tanto numa perspectiva sincrônica quanto diacrônica, em que se observem representações lexicais que revelam distinções sociais e culturais, historicamente alocadas.

Matoré (1953) associou o estudo do léxico à dinâmica social, histórica e cultural, tendo cunhado o termo *Lexicologia Social*, embora não se possa afirmar com certeza ter sido este estudioso o primeiro a predicar à Lexicologia o termo social, porém, foi Matoré quem preconizou que o léxico é testemunho da sociedade, e tal como a Sociologia, a Lexicologia objetiva o estudo dos fatos sociais, caráter que justifica o predicado de disciplina sociológica atribuído à Lexicologia. Partindo desse paradigma, Matoré (1953) defende que a *palavra*¹², ou seja, a *lexia* tem caráter social e revela demandas sócio-histórico-culturais, tal como mencionamos apontar na recolha e análise das *lexias* que compreendem os ritos fúnebres.

Importa-nos na teoria de Matoré, o caráter social da *lexia*, sobretudo, quando defende que a hierarquia no léxico não se dar pela morfologia, mas pela sociologia, por isso aponta que os estudos lexicológicos devem focar no conceito das *lexias*, não em sua estrutura formal, visto que, é o conceito que refletirá as concepções, os valores, as crenças e o contexto histórico de uma dada sociedade, uma vez que é “impossível isolar um elemento das operações que o produziram”¹³ (MATORÉ, 1953, p. 55). Assim, a Lexicologia ocupa um entremeio entre Linguística e Sociologia, pois, parte-se do pressuposto de que a Lexicologia não se fundamenta

¹² A terminologia utilizada por este autor para definir o objeto da Lexicologia é *palavra*, porém para este trabalho optamos por utilizar a terminologia proposta por Pottier (1978) *lexia*, desta forma, sempre que referendados por Matoré (1953) usamos a terminologia proposta por este, e a indicaremos em itálico, como forma de destacar o termo.

¹³ Est impossible d’isoler un élémentdesopérations que l’ontproduit. (MATORÉ, 1953, p. 55).

em formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções/conceitos explicados pelos fatos sociais, dos quais são refletidos no léxico.

Para Matoré a lexia, em seu caráter social, revela demandas sócio-históricas, pois “a *palavra*¹⁴ não está isolada na consciência: junta com suas vozes, no contexto, relações sintagmáticas”¹⁵ (MATORÉ, 1953, p. 20). Sendo assim, é ineficiente o estudo da lexia isoladamente, tendo em vista que, a lexia comporta um emaranhado jogo de sentido, sobretudo quando se junta a um contexto, o que nos permite falar, inclusive, na possibilidade da compreensão das mudanças sociais que se deram ao longo da história por meio do estudo das lexias.

Matoré (1953) aponta para o estudo lexical em uma perspectiva sócio-histórica, pois a lexia deve ser entendida como o reflexo da sociedade, desta forma, a Lexicologia deve considerar em seus aspectos analíticos os fatores sociais, pois esses são refletidos por meio do vocabulário. Sendo assim, Matoré (1953) afasta a Lexicologia do estruturalismo saussuriano, pois considera as variações sociais como pressuposto fundamental no estudo do léxico, deste modo, compreende a Lexicologia como uma ciência autônoma que por meio de textos possibilita adentrar às realidades históricas, sociais e culturais do momento de produção dos escritos.

A partir do capítulo VI de sua obra *O método em Lexicologia*, Matoré (1953) propõe um método para análise lexical, que, em resumo, consiste inicialmente, realizar um recorte temporal de 30 a 36 anos, por considerar que se trata do espaço- tempo que compreende uma geração, o que definiu como “recorte racional”.

Posteriormente, neste espaço-tempo são identificados os “campos nocionais”, definido como o conjunto de palavras que se integram às “palavras-testemunho”, porém, dada à quantidade de palavras-testemunho, os campos nocionais devem ser classificados com base em uma palavra-chave. A partir desse modelo Matoré organiza os campos nocionais da arte e do artista que compreende os anos de 1827 a 1834, a fim de apontar suas características lexicais e sociais. Embora Matoré (1953) didatize o método de análise, entendemos que não cabe ao nosso *corpus* aderir esta metodologia, tanto por questões de espaço-tempo, já que não tencionamos investigar a quantidade de anos propostas por Matoré, tendo em vista que nosso *corpus* compreende os anos de 1889 a 1915, nem tão pouco, visamos construir modelos de campos nocionais da morte, pois não atende ao nosso objetivo de pesquisa. Porém, interessa-

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Le mot n'est pas solé dans la conscience: il nouea vecses voices, das le contexte, des rapports syntagmatiques. (MATORÉ, 1953, p. 195).

nos analisar o léxico a partir do sentido que as lexias adquirem no contexto sócio-histórico-cultural.

Dado o exposto, faz-se necessário compreender e aderir aos pressupostos da Lexicologia Social, a fim de compreender que o léxico, para além das construções formais e gramaticais, funciona como o construto da realidade social de produção. Visto que, conforme Biderman (1978), é um sistema aberto susceptível às mudanças sociais, podendo ser de nível neológico ou arcaico, de modo que os usuários de uma língua estão a todo instante envolto em signos linguísticos¹⁶, que os permitem ir além da comunicação, à leitura holística da sociedade e do mundo, por meio do léxico.

Biderman (1978, p. 9) esclarece que, em um texto escrito ou falado, há certas constantes na distribuição dos signos, ou seja, “qualquer texto evidencia o mesmo tipo de distribuição léxica”, desse modo, podemos inferir que as escolhas lexicais são motivadas pelo contexto, pela necessidade de comunicação, ou ainda pelas normas gramaticais. Assim, salientamos que léxico e gramática caminham juntos, já que, conforme esclarece a autora, “no uso da linguagem, há um grande número de predeterminações, condicionadas pela língua em questão e alheias à interferência do indivíduo” (BIDERMAN, 1978, p. 5). E, embora, detenha o léxico um caráter dinâmico e aberto deve-se atribuir, quanto ao uso, liberdade relativa em alguns níveis linguísticos.

Nesse sentido, Biderman (1978, p. 10) afirma que “O ato da comunicação falada ou escrita tem, pois, essas duas faces paradoxais: as coesões impostas pelo sistema linguístico e a liberdade relativa que tem o sujeito de servir-se dos elementos constitutivos da língua. A estudiosa salienta que nos domínios da sintaxe, a liberdade lexical poderá exceder-se, todavia, sendo reduzida no domínio morfológico e, por fim, quase nula no domínio fonológico. Caracterizando assim um grande desafio identificar indícios que sistematize a composição, a estrutura e as combinatórias lexicais, pois, apesar das limitações citadas, o léxico, conforme já mencionado, qualificado como sistema aberto, está em permanente mutação, pois absorve interferências internas à língua e interferências sociais externas à língua, quer se considere o nível individual da fala, ou o nível coletivo dos usuários da língua.

Desta feita, faz-se necessário o recorte temporal e textual na recolha das lexias, visto que inventariar o léxico da morte sem parâmetro de delimitação seria uma tarefa hercúlea diante da complexidade que é o sistema lexical de uma língua, tendo em vista que ele está inserido em

¹⁶ Entendemos *signos linguísticos* a partir da concepção de Saussure (2012, p. 106-107), que o define como entidade psíquica de duas faces, estas que estão intimamente unidas, em que uma reclama a outra. Sendo, pois, “a combinação do conceito e da imagem acústica”, ou seja, na terminologia proposta por Saussure (2012) a combinação do significante com o significado.

um meio social e este determina o caráter dinâmico, pois é na conjuntura social que surge a necessidade de se criar novos conceitos para nomear ou definir aspectos da realidade social, cultural, econômica, política etc.

A este tipo de processo, dar-se o nome de Neologia (ALVES, 2004) que é uma vertente de estudo que faz parte da Lexicologia e resulta em um elemento chamado neologismo, que se dar pela criação lexical e inovação lexical. Ainda que não nos importe aqui aprofundar os preceitos dos neologismos, julgamos necessário justificar como o meio social é responsável pela mutação léxica, seja pela criação ou mesmo pelo desuso, este último conhecido como arcaísmo. Processo em que uma lexia deixa de ser usada pela comunidade de fala, sendo substituída por outra.

Assim, podemos afirmar que os vários campos da vida social geram uma dinamicidade à língua, a fim de satisfazer as necessidades dos falantes ou para nomear e/ou definir a realidade social. A exemplo, podemos citar as várias causas de morte dispostas em nossos documentos de análise, a saber: <falecer tísica>; <falecer de crup>; <falecer de garrotinho>.

Não se pode dizer que tais doenças deixaram de existir, mas que as mudanças sociais e históricas interferiram no modo de nomeá-las com isto ganharam nomes novos e modernos, podendo inclusive ganhar novos conceitos, como é o caso da lexia <falecer de garrotinho>, se outrora designava doença de caráter respiratório e sufocativo que levava à asfixia, hodiernamente, segundo as definições em Borba (2012), trata-se de uma “doença de cavalo causada por estreptococos” ou na segunda definição “difteria”. Não havendo, nesta definição, nenhuma relação com o trato respiratório.

Diante disso, é possível assegurar que a conjuntura sócio-histórico-cultural afeta, permanentemente, a língua no nível lexical, sendo assim, nenhum falante será plenamente competente linguisticamente, já que, conforme já repetido, o léxico compõe um universo de infinitude, e é passível de mutação permanente, quer dentro de suas possibilidades internas, quer por meio de recursos alheios e externos.

Abordamos até aqui o léxico sob uma perspectiva social, todavia, é importante neste caminho trazer à tona discussões que aponte os aspectos históricos e culturais do povo, que os produz a partir das lexias. Conforme veremos na subsubseção seguinte.

2.2.2 Léxico na perspectiva histórico-cultural

É inegável que há uma grande influência exercida pela cultura e pela realidade social de uma dada comunidade linguística, na formação da língua e no processo de composição do léxico, isto lhe confere o status de um sistema aberto, sendo ele o domínio da linguagem menos propício à sistematização, tendo em vista a sua característica mutável, esta é afirmada por Borba (2003, p. 45-46), quando adverte que, “Observando-se o léxico, percebe-se ali um acervo de conceitos que, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio sempre instável não apenas por causa de pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, acomodações internas”.

Estudar o léxico numa perspectiva histórico-cultural é conhecer as práticas sociais, os modos de vida, a cultura, as tradições e os valores de uma época. É conhecer, através das estruturas linguísticas, o patrimônio cultural e histórico de um povo. Pois, é pela herança cultural que o léxico se instaura, é pelo léxico que as manifestações e tradições culturais marcam a identidade de um povo, fato este que evidencia a sua estreita relação entre sociedade e cultura. Assim, coadunamos com Lima e Ximenes (2017) quando afirmam que a língua, materializada no léxico, é o instrumento primitivo para a expressão da alma, das emoções, dos conhecimentos e de sua capacidade de comunicação. Sendo, portanto, a cultura o veículo de todas as manifestações humanas, transporte este que é permeado pelas condições e imposições sociais e históricas.

No entanto, entendemos que a definição de cultura é um tanto difusa e que perpassa por teorias diversas, por isto, seria uma tarefa longa, para não dizer impossível, tentar conceituar e mapear cultura em todas as suas vertentes conceituais, todavia, é necessário que adotemos um conceito que ampare nossa linha de entendimento, principalmente, por entendermos que o tripé léxico/história/cultura cooptam mutuamente na construção da realidade social, deste modo, entendemos cultura conforme as proposições de Geertz (2008, p. 66), quando diz que cultura pode ser conceituada como

[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Todavia, é necessário ressaltar a complexidade do termo, pois, muito mais do que ações que direcionam o comportamento humano a cultura é contexto, é uma teia comportamental criada e repercutida pelo próprio homem, que condiciona os dizeres e os

fazerem, contudo deve-se ter em mente que

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p. 11).

Desta feita, podemos dizer que uma cultura é contextualizada historicamente, sendo o léxico o veículo condutor para tal feito, este que permite, a partir dos registros deixados outrora, que se faça um passeio a realidades sociais, históricas e culturais de um povo. Assim, reafirmamos que “o léxico ao mesmo tempo em que categoriza e nomeia a realidade mundana, também sintetiza o modo como os falantes veem essa realidade, deixando transparecer valores, crenças, hábitos e costumes de um grupo social” (LIMA; XIMENES, 2017, p. 172).

De modo que os atos culturais, os acontecimentos sociais e os acontecimentos históricos passam a ser eventos públicos e observáveis, sendo, pois, a linguagem, ou mais assertivamente o léxico, o instrumento de toda e qualquer relação social, que constrói um universo semântico de simbologias por meio de estruturas linguísticas.

O universo semântico, segundo Biderman (1978), estrutura-se em torno de dois polos: o indivíduo e a sociedade e que, dessa relação, tem-se acesso às estruturas linguísticas que compõem o acervo lexical de uma língua. Dado corroborado por Vilela (1994) ao enfatizar que léxico é a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Sendo a língua o resultado de um heterogêneo processo histórico, que age como testemunho das vivências sociais, culturais e linguística, visto que, o significado das palavras inter-relacionam-se às vivências, às experiências, aos valores sociais e aos valores culturais dos falantes, fato que sanciona a proposição de Matoré (1953) ao defender que a *palavra* está sempre ancorada em um contexto.

Todavia, o contexto, assim como a cultura, gira em torno de proposições difusas, em que variam quanto à abordagem a depender da preferência do campo disciplinar do pesquisador, pois, conforme salienta Hanks (2006, p. 119) “não é surpresa que existam várias abordagens de contexto, de acordo com as preferências disciplinares dos pesquisadores”, assim, faz-se necessário saber que contexto gira em torno de conceitos nocionais fluidos, e tentar buscar delimitações conceituais beira à impossibilidade, dada a “fluidez em que o sentido de contexto se insere” (ALENCAR; FERREIRA, 2012).

Em termos mais reducionistas e voltados ao senso comum, é costume atribuir a contexto os sinônimos “situação” ou “circunstância”, no entanto, esta definição estaria limitando as dimensões a que o termo está inserido, visto que, “situação é insuficiente para

descrever a interação porque ela carece de vários traços fundamentais” (HANKS, 2016, p. 126).

Por isso, delimitar ou definir um contexto não significa fazer a saturação deste (dada a impossibilidade), mas uma tentativa de delimitação, a fim de situar o objeto de estudo dentro de um espaço social-histórico-cultural, visto que o contexto pode ser descrito e explicado em diferentes tamanhos e escopo, em razão de ser o causador de efeitos conjunturais e linguísticos.

Portanto, na mínima tentativa por situá-lo, devem ser levados em consideração elementos como a linguagem, o cenário, o discurso, a percepção do enunciado, as práticas sociais, dentre outros aspectos.

Face ao exposto, ressaltamos que a língua/linguagem se realiza por meio do léxico em um contexto que é um construto que se assenta na mudança e na permanência, de modo que,

A mudança é decorrente do uso, ato concreto e contínuo de produção no contexto sócio-histórico-cultural-ideológico. A permanência assegura o conjunto de traços distintivos do sistema que o sustentam como tal, não permitindo que a pluralidade de usos desvirtue a singularidade de sua estrutura, nem corrompa o funcionamento da sua instituição como sistema linguístico coerente e identificável. (STEFANES, 2006, p. 1412).

Em outras palavras, podemos dizer que uma língua é alicerçada em *léxico*, *gramática* e *contexto*, de maneira que, o léxico configura a mudança, a gramática adquire o caráter de permanência, enquanto o contexto amalgama léxico e gramática.

Assim, é partindo dessas peculiaridades da língua que se torna possível o estudo das lexias em suas idiosincrasias, a fim de identificar traços próprios de um momento histórico ou aspecto cultural de um povo. Tendo em vista que, o falante incorpora ao léxico crenças e sistema de valores que o caracteriza, diferenciando-o de outros. Ou seja, uma comunidade de fala, embora carregada de similitudes, perpetua em seus discursos lexias próprias àquele grupo e contexto social em que está inserido, assim as diferenciando entre si e entre outras, visto que, o contexto sócio-histórico-cultural caminha *pari passu* com a produção linguística

As determinações sócio-histórico-culturais que compõem o processo de significação e o uso dos elementos linguísticos mantêm tão estreita relação entre si, determinando-se simultaneamente, de tal sorte que, se houver mudanças em algum de seus componentes, o processo todo vai, em menor ou maior grau, sentir os reflexos da mudança. Isso faz gerar, no contexto linguístico a mudança, a renovação da língua no aspecto lexical, quer pela criação de neologias que atendem a uma determinada necessidade, quer pela entrada de novas lexias no inventário da língua. (STEFANES, 2006, p. 1413).

Sendo assim, o léxico pode ser entendido como uma janela aberta ao passado que permite desvendar os efeitos de sentidos resultantes dos traços sociais e culturais dentro de contextos historicamente situados. E por seu caráter mutável, surge a necessidade do recorte

sócio-histórico e/ou cultural, a fim de possibilitar ao pesquisador a identificação das lexias que lhe permitirão transpassar esta janela, que está aberta, mas não escancarada, por isso o acesso é estreito e dificultoso.

Na busca por adentrar ao passado, por meio desta janela, nos aventuramos na historiografia da morte, bem como nas atitudes do homem diante da inevitabilidade dela, conforme veremos na seção que segue.

3 A MORTE NA VIDA DO HOMEM OCIDENTAL: PERCURSO HISTÓRICO

Dividimos esta seção em quatro partes, na *subseção 3.1* abordamos as atitudes da morte e a cultura do bem morrer no ocidente, em uma perspectiva mais ampla e de cunho histórico, a fim de compreender as atitudes e crenças ante a morte e o morrer ao longo dos séculos. Em seguida, na *subsubseção 3.1.1*, descrevemos os documentos que servem para oficializar socialmente a vida e a morte dos indivíduos em que abordamos a função social dos documentos em um panorama histórico e social da produção destes textos.

E na *subsubseção 3.1.2* contextualizamos o morrer no Ceará e apontamos as mudanças sociais e históricas ao longo dos séculos XIX e XX, por fim, vislumbrando findar o passeio pela temática da morte, apresentamos, na *subsubseção 3.1.3*, um panorama histórico da comercialização da morte desde o século XIX até o século XXI, sendo a morte vista como um produto que gera renda.

Com isto, expomos, na próxima subseção as digressões sobre as velhas e as novas mentalidades do homem ante a morte e o morrer.

3.1 A morte e a cultura do bem morrer no Ocidente

Nesta subseção abordamos a morte e a cultura do bem morrer no Ocidente, para isto nos fundamentamos em Ariès (2014) e Reis (1991), o primeiro, importante historiador francês, que com maestria reconstrói as atitudes que as populações europeias, especialmente, tinham ante ao morrer. O segundo, renomado historiador brasileiro, professor titular do departamento de história da Universidade Federal da Bahia teceu reflexões sobre a revolta popular que ficou conhecida como *Cemiterada*, movimento que ocorreu na Bahia, em meados do século XIX, trata-se da revolta popular ante a construção de cemitérios para sepultar os defuntos, que até então eram inumados em igrejas. Este estudioso foi fundamental para o entendimento das atitudes do homem perante a morte, no Brasil, durante o século XIX, sobretudo, na contextualização do movimento que teve como motivação central a defesa das concepções religiosas sobre a morte, os vivos diante da morte e os rituais e costumes fúnebres. Também nos foram ricas as reflexões de Geertz (2008), antropólogo estadunidense, sobre cultura e religião, temas que estão arraigados à temática da morte.

A morte se destaca nas sociedades de cultura cristã como um momento de passagem da vida terrena à vida celestial. Em que a preocupação com o destino da alma se revestia de caráter apavorante, pois, embora todos desejassem a salvação e a vida eterna, não se tinha a

certeza de que ela efetivamente ocorreria, visto que segundo os dogmas cristãos, a salvação da alma estava intimamente relacionada com a qualidade da vida terrena e o destino derradeiro era definido no *juízo final*. Porém, o temor ao juízo final, não era tão recente, imperava no imaginário do indivíduo, desde tempos mais remotos em que a morte era “o momento do ajuste de contas, quando se faz o balanço de uma vida. Por isso a primeira manifestação simbólica da relação entre a ideia de morte e a consciência de si foi a iconografia do juízo, onde a vida é pesada e avaliada” (ARIÈS, 2012, p. 148).

Portanto, o bem morrer se dava, sobretudo, nas atitudes em vida, assim corrobora Ariès (2012) ao enfatizar que desde o século XII, aproximadamente, cresce a ideia de que cada um possui uma biografia e que se pode agir até o último momento sobre ela, esta que se conclui no momento da morte. Deste modo, “criou-se uma relação fundamental entre a ideia da morte e a da própria biografia”. (ARIÈS, 2012, p. 148), por isso, muitos moribundos apressavam-se em realizar feitos que abonassem seus pecados, a exemplo de doação dos bens materiais às Irmandades e à Igreja, aos pobres, bem como a libertação de escravos, dentre outras atitudes que eram altamente valorizados como expediente de salvação (REIS,1991), pois temendo a escatologia cristã o homem se valia de todos os artifícios para amenizar os percalços no tribunal divino.

A ideia do juízo prevaleceu, sendo representada uma corte de justiça. O Cristo está sentado no trono do juiz, rodeado de sua corte (os apóstolos). Duas ações tomam uma importância cada vez maior: a avaliação das almas e a intercessão da Virgem e de São João, ajoelhados e de mãos postas, ladeando o Cristo-juiz. Cada homem é julgado segundo o "balanço de sua vida", as boas e más ações são escrupulosamente separadas nos dois pratos da balança para um cômputo das boas e más ações. Sem dúvida, os maus - aqueles que não pertenciam à Igreja - não sobreviveriam à sua morte, não despertariam, sendo abandonados ao não ser. (ARIÈS, 2012, p. 52).

Iconografia registrada pelo artista da renascença italiana¹⁷ Michelangelo no teto da capela sistina no Vaticano, trabalho encomendado pelo Papa Clemente VII, todavia a obra somente teve início sob o pontificado de Paulo III. Foi um momento em que a Igreja Católica vivia em profundas divergências religiosas, sendo a obra como uma resposta a contrarreforma, podendo-se inferir que a composição serviu como aviso aos opositores dos dogmas da Igreja.

¹⁷ Período que marca a abertura do Renascimento, momento de grandes mudanças e conquistas culturais ocorridas na Europa, entre o século XIV e o século XVI.

Figura 2 – Reprodução do Juízo Final pintada por Michelangelo e finalizada no ano de 1512



Fonte: <https://www.culturagenial.com/afrescos-teto-capela-sistina/>.

Instante final também retratado na literatura, em Ariano Suassuna na sua obra *o auto da compadecida*, que com humor retrata o juízo final para João Grilo, personagem que, após risco de idas e vindas do inferno ao purgatório, consegue uma segunda chance e volta para a vida terrena. O conflito se resolve em negociação da Compadecida Nossa Senhora, que é a advogada e se contrapõe ao Encourado (o demônio) que propõe como fim de João Grilo o inferno, ou em último caso o purgatório, dada a sua vida pregressa, que é amplamente discutida, medida e pesada pelos envolvidos diante do juiz Manoel (Cristo-juiz). Após julgamento João Grilo ganha uma nova oportunidade para reparar suas falhas, mas antes de retornar à vida questiona ao Cristo-juiz:

JOÃO GRILO – Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava me ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo? (SUASSUNA, 2004, p. 187).

Assim, não sabendo a hora do juízo final o homem temendo a condenação eterna apegase a rituais, geralmente de caráter religioso, criado pelo próprio homem a fim de

minimizar seus medos, tendo em vista que a religião, segundo Geertz (2008, p. 67), funciona como um sistema cultural em que “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”, portanto, sendo a morte do homem um evento natural e inevitável que está presente em todos os tempos, é possível identificar as diferentes visões e atitudes ante este fato eminente observando a cultura de cada povo.

Ariès (2014) faz uma análise das atitudes diante da morte na Idade Média, em que o estudioso chamou de *morte domada*, pois a relação do homem com a morte se dava naturalmente e sem questionamentos. Os ciclos naturais da vida eram vividos e aceitos, a morte era romantizada e até anunciada, o moribundo podia sentir a presença da morte, credices que se materializavam em sons não identificáveis, tilintar de sinos ou mesmo a presença sobrenatural de almas. Sobre isto lamenta Ariès (2014, p. 9) “Na verdade, esse maravilhoso legado das épocas em que era incerta a fronteira entre o natural e o sobrenatural mascarou, aos observadores românticos, o caráter positivo, muito enraizado na vida cotidiana, dapremonição da morte”, portanto, considerava-se um fenômeno natural a anunciação da morte.

Naquele período, a morte era domesticada (REIS, 1991) e o morrer em casa, próximo a familiares e amigos, era essencial para que os vivos pudessem preparar, cuidar e garantir a *boa morte*, que se dava em meio a práticas ritualísticas de cunho religioso de passagem de seus entes falecidos ao mundo espiritual. Sobre isso, Santos e Pereira (2018, p. 366) alertam que “as práticas religiosas, além de influenciarem a própria vida dos fiéis, acabam por reverberar nas práticas sociais”, deste modo, coadunamos com Geertz (2008) com a afirmação de que a religião¹⁸ funciona como um sistema cultural, em que a simbologia do sagrado orienta o *ethos* de um povo, portanto, salientamos a inegável construção de conceitos e crenças sociais a partir de ideologias e crenças religiosas. Logo, as práticas religiosas são constituintes de atos culturais, da apreensão, da propagação e da utilização de formas simbólicas, conseqüentemente, são acontecimentos sociais e como tal interferem e sofrem interferência na vida individual e coletiva do ser humano.

A exemplo da crença idealizada de que a morte era na verdade um sono profundo e do repouso do morto a espera dos momentos finais, “por isso era essencialmente importante escolher um lugar seguro onde se pudesse esperar *in pace* o dia da ressurreição” (ARIÈS, 2012,

¹⁸ Para Geertz (2008, p. 67) *religião é*: (1) *um sistema de símbolos que atua para* (2) *estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da* (3) *formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e* (4) *vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que* (5) *as disposições e motivações parecem singularmente realistas.* (grifos do autor).

p. 180). Logo, a morte não era o fim, mas o começo da vida eterna, sendo muito temida a morte sem sepultura certa (REIS, 1991, p. 213) pois “o morto sem sepultura era dos mais temidos mortos”, visto que, morrer sem o devido funeral significava torna-se alma penada e, frequentemente, transformada em demônios, assim “era importante morrer em terra firme, não para ser enterrado em qualquer lugar, mas em local sagrado” (REIS, 1991, p. 213).

Assim, lidar com a morte, sobretudo na cultura ocidental cristã, perpassa simbologias e crenças que são obtidas por meio de atos sociais, e mais fortemente simbologias de caráter cultural, estas replicadas de geração a geração, em que tais simbologias, especialmente a partir do século XVII, servem para acalantar muito mais aos vivos diante da morte, do que aos mortos.

No século XVIII, a ideia de juízo final sobrevive ainda aqui e ali, porém arquejante, “já não é verdadeiramente sob essa forma que se imagina desde então o derradeiro fim do homem. A ideia do julgamento separou-se então da ideia de ressurreição”. (ARIÈS, 2014, p. 139), crença que trouxe uma nova mentalidade sobre a morte, pois o intervalo entre o julgamento e a morte física já não existe mais.

Enquanto esse intervalo existiu, o morto não estava completamente morto, o balanço da vida não estava fechado, sobrevivia em parte na sua sombra, meio vivo meio morto, tinha sempre o recurso de ‘retornar’, reclamar aos homens da terra assistência, sacrifícios ou orações que lhe faltavam. (ARIÈS, 2014, p. 139-140).

Logo, o destino da alma passou a ser definido no instante da morte material (física) e a crença no purgatório¹⁹ substituiu a velha imagem do sono na espera do julgamento, porém, foram mantidas antigas estratégias para o bem morrer que iam da feitura do testamento, passando pela escolha da mortalha, arrumação da casa para o velório, o envio de convites para o enterro, a recomendação de celebração de missas para encomendação da alma, as velas, até aos atos derradeiros e ritualísticos da fé cristã como o recebimento dos sacramentos ministrados pelo sacerdote da Igreja.

A Igreja, sobretudo na sociedade ocidental, teve papel significativo nas atitudes do homem diante da morte, pois se outrora o homem não tinha realmente medo da morte, pois, conforme Ariès (2014) era um momento forte, mas não temível a ponto de afastá-la, fingir que não existia ou falsear sua aparência, porém esta mentalidade começa a mudar a partir do século XIX, não que outrora não a temesse [a morte], como assevera Ariès (2014):

¹⁹ A crença em um lugar de purgatório é muito antiga, sobretudo entre padres, teólogos e literatos como Dante Alighieri, porém, quando se fala da morte eram raras as alusões ao purgatório pelo menos até o século XVII, conforme assegura Ariès (2014).

Não há dúvida de que a temiam, sentiam angústia diante dela e o diziam com tranquilidade, mas justamente essa angústia não ultrapassava o limiar do indizível, do inexprimível, era traduzida em palavras apaziguantes e canalizada para ritos familiares. (ARIÈS, 2014, p. 540).

A partir do século XIX, “um clima de angústia parece ter se instalado, a ponto de se chegar a preferir a morte súbita, tão temível, à morte anunciada e ritual”. (ARIÈS, 2014, p.163) período em que a morte passou a ser negada pelo homem, o que Ariès (2012) chamou de morte silenciada, alertando que

A partir do século XIX, as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; o silêncio que, a partir de então, se entende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível. (ARIÈS, 2012, p. 152).

Com a morte silenciada o homem já não fala, nem representa a morte, com isso, apega-se ainda mais a artifícios que a minimize ou mesmo que a evite, tais artifícios são criados pelo comportamento humano e sua necessidade de explicar ou justificar seus medos, assim o comportamento humano, conforme Geertz (2008) é visto como ação simbólica, esta que representa as estruturas de significado estabelecidas socialmente, de tal modo que, mesmo quando a morte não motivava medo, simbolismos e atitudes eram instituídos a fim de preservar até o último instante a materialidade humana. A exemplo, Ariès (2014) cita que, entre os séculos XVI e XVII, a morte não era real e absoluta senão mais tarde com a putrefação do corpo físico, sendo assim, adiar a decomposição era uma forma de retardamento da morte absoluta.

Todavia, cabe ressaltar que o comportamento e atitudes do homem ante a morte é moldado em meio a conjuntura em que este está inserido, sendo os preceitos religiosos os mais atuantes nessa formação cultural. Até o início do século XX, as orações pelas almas do purgatório eram a devoção mais disseminada e popular da Igreja Católica. Esta que buscou difundir aos fiéis a ideia de que a boa morte somente se daria se o defunto e a família deste aderissem aos rituais do bem morrer. Contudo, se para os fiéis os rituais tinham efeitos de salvação, pois era este o argumento, para Igreja os ritos iam além disso, tinham efeitos, sobretudo, financeiros e burocráticos. Tudo tinha seu preço e “os padres, sobretudo os párocos podiam se dar bem” (REIS, 1991, p. 291). Em meados do século XIX, não raro ocorria recusa de sepultamento de cadáveres de pobres, por faltarem recursos financeiros que lhes permitissem aderir aos rituais de morte, como a encomenda do corpo, as missas etc.

Embora, a adesão aos dogmas da Igreja seja, em grande parte, por medo do inexplicável, o além-morte. Mas é, especialmente, guiado pela fé e pela necessidade de aplacar os medos criados pela doutrinação cristã, que busca *domesticar* os fiéis aos ditamespropostos.

Hoornaert (1984), ao descrever a postura da Igreja no Brasil diante da missão colonizadora, critica-a alertando que o compromisso desta era muito além da fé cristã, pois tinha também propósitos capitalistas, conforme consta:

Igreja, que estava comprometida com os intentos dos Estados colonizadores e com os avanços do capitalismo triunfante. A Igreja julgava que só a instituição hierárquica era válida, e não conseguia perceber que esta estava pervertida pela sua aliança com o poder colonizador. (HOORNAERT, 1984, p. 26).

Assim, o papel da Igreja na proposição de rituais para a boa morte era fundamental ao cristão, ao clero e ao Estado, pois funcionava como uma espécie de censo e controle populacional, papel exercido pela Igreja em aliança com o Estado, portanto, não sobrando ao Estado maiores preocupações censitárias ou burocráticas, papel desempenhado pela Igreja até o final do século XIX.

Ainda nos séculos XIX e início do século XX, morrer assistido pela Igreja era uma honraria e a presença de um sacerdote e administração dos sacramentos era fundamental para salvação da alma do inferno. A presença do sacerdote para a administração dos sacramentos era recomendação presente nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* – que constituem a única legislação eclesiástica elaborada no Brasil durante o primeiro período colonial – as recomendações para a morte tinham como fim a garantia ao moribundo dos socorros espirituais.

Se outrora o homem sujeitava-se à lei magna da espécie e não cogitava em evitá-la, somente “a aceitava com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor” (ARIÈS, 2014 p. 50), posteriormente, a preparação para a morte dispunha de produções fúnebres que “interessavam sobretudo aos vivos, que por meio dela expressava suas inquietações e procuravam dissipar suas angústias”. (REIS, 1991, p. 172).

Ressaltamos também que se antigamente a morte súbita²⁰ (repentina) era tida como uma maldição, conforme assevera Ariès (2012, p. 13) “a morte súbita era uma morte feia e desonrosa, aterrorizava, parecia estranha e monstruosa, e dela não se ousava falar”, atualmente, a morte repentina é o que chamamos de *boa morte*, quando a morte chega sem ser percebida, na calada da noite ou entre um cochilo e outro. A razão desta romantização da boa morte é o fato de não se saber em qual estágio da vida ou da morte se está, e mais precisamente por não está em estado de morte.

Deste modo, costumes que permeavam a cultura do bem morrer vão perdendo

²⁰ A morte súbita é aquela que ocorre de forma abrupta, sem preparação prévia (do falecido e/ou da família), podendo ocorrer tanto por processo patológico (como por exemplo, um ataque cardíaco fulminante) como por meio de violência (assassinato, acidente).

espaço para modernos aparatos simbólicos, se até findos do século XIX “quando o fim se aproximava, o doente não se isolava num quarto hospitalar, mas esperava a morte em casa, na cama em que dormira, presidia a própria morte em diante de pessoas que circulavam incessantemente em torno de seu leito” (REIS, 1997, p. 104).

O fato de esperar a morte em casa são preceitos próprios da fé católica, que com o advento do Cristianismo passou a coordenar os protocolos referentes ao falecimento de seus fiéis, protocolo que se processava em ritos para a boa morte, que iam desde a doação de bens à caridade até simbologias gestuais ou verbais. Hodiernamente, os preceitos de morrer em casa sob o aconchego da família são substituídos por salas brancas e com forte odor etéreo em hospitais gelados. “O hospital já não é, pois, apenas um lugar onde se cura e onde se morre por causa de um fracasso terapêutico; é o lugar da morte normal, prevista e aceita pelo pessoal médico” (ARIÈS, 2014, p. 788).

Assim, atualmente, vivemos a fase que Ariès (2014) chamou de morte interdita ou selvagem. E assevera que

Desde o início do século XX, havia o dispositivo psicológico que retirava a morte da sociedade, roubando-lhe o caráter de cerimônia pública, fazendo dela um ato privado, reservado principalmente aos próximos, de onde, com continuidade a própria família foi afastada quando a hospitalização dos doentes em estado grave se tornou regra geral. (ARIÈS, 2014, p. 775).

Deste modo, a morte deixou as residências para ocorrer nos hospitais, ausentando as famílias dos momentos finais de seus entes, portanto a morte para o homem da atualidade por “não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu; ela se tomou selvagem” (ARIÈS, 2012, p. 169).

Neste sentido, entendemos que, hodiernamente, a morte é vista como um evento que gera transtorno, pois quebra a correria da rotina, e torna-se cada vez mais rápida a despedida, os rituais cada dia mais banalizados e fugazes, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde a violência urbana e as inseguranças sociais transpõe a existência do indivíduo não lhes garantido vida ao final do dia, a dinâmica social não mais permite prévia preparação para a morte, nem de quem vai, nem de quem fica. O luto já não é vivido, há, portanto, uma recusa a manifestação pública do luto, “a crise de lágrimas transforma-se em crise de nervos. O luto é uma doença. Aquele que demonstra prova fraqueza de caráter” (ARIÈS, 2014, p. 782).

Os rituais que em outros momentos foram tão simbólicos para garantir a boa morte já não tem o mesmo significado ao momento derradeiro, embora ainda regado de religiosidade, tem perdido o caráter de passagem e ganhado o predicado de fim. Conforme Ariès (2012):

A morte no hospital não é mais ocasião de uma cerimônia ritualística presidida pelo moribundo em meio à assembleia de seus parentes e amigos, a qual tantas vezes mencionamos. A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar. Inclusive, na maioria dos casos, há muito o moribundo perdeu a consciência. A morte foi dividida, parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se sabe qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração... Todas essas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte, e ninguém mais tem forças ou paciência de esperar durante semanas um momento que perdeu parte de seu sentido. (ARIÈS, 2012, p. 86).

Por fim, compreendemos que a morte, assim como qualquer fenômeno social é traspassado pela cultura e os costumes de uma dada sociedade, esta que se modifica seja pela mudança de mentalidade, fenômenos históricos e até fenômenos naturais. Deste modo, os rituais e simbologias traduzem a estrutura social-histórica-cultural quanto às atitudes diante da morte e do morrer. Visto que a sociedade é perpassada por costumes que ditam os moldes comportamentais, sendo os textos testemunhos dos costumes e crenças que regulam a morte e o morrer. Assunto que trataremos na próxima subsubseção.

3.1.1 Os documentos que registam a morte

Os textos são instrumentos que, além de muitas funções pragmáticas do cotidiano, registram a vida e a morte do indivíduo. Já que a vida do homem somente é reconhecida socialmente após o seu registro de nascimento e finda com o registro de seu óbito, estes documentos têm atualmente um caráter civil e são produzidos por um escrivão em cartórios oficiais reconhecidos pelo Estado, mas outrora, foram de responsabilidade da Igreja Católica.

As demandas sociais se modificam e, se antes a Igreja funcionava como braço regulador do Estado, atualmente, já não tem o mesmo alcance e poder de tivera, assim, é agora o Estado o principal regulador das questões civis, conforme pontua Sarno (2010):

[...] os direitos oriundos do nascimento, do casamento e do falecimento surgem, se modificam, são transmitidos e são extintos independentemente da religião professada pelos indivíduos e que, conseqüentemente, é o Estado que deve providenciar a constatação para os propósitos legais de tais eventos[...] ²¹. (SARNO, 2010, p. 40).

Faz-se necessário mencionar, que a mudança de registro eclesiástico para registro civil não se deu pacificamente, embora as demandas sociais (a exemplo da constante chegada

²¹ [...] i diritti derivante dalle nascite, dai matrimoni e dalle morti sorgono, si modificano, si trasmettono o si estinguono independentemente dalla religione professata dai singoli e che, conseqüentemente, è lo Stato a do ver provvedere in via diretta ala constatazione a ifinigiu ridiciditalieventi. (SARNO 2010, p. 40).

de imigrantes que professavam outras religiões e a iminência do fim da escravidão) aludissem para necessidade de mudanças aos modelos de registros civis, a efetivação se deu lentamente.

No Brasil, ainda em regime imperial, estabeleceu medidas quanto aos registros de pessoas civis. Inicialmente, em 1851 com um decreto imperial que instituía o *Censo Geral do Estado* e o *Registro civil de nascimento e óbito*, causou revolta populacional, pois acreditava-se que tal decreto visava a possibilidade de escravização da população livre, principalmente a mais pobre, conforme cita Saavedra (2015) “os revoltosos se pautaram pelo boato de que o interesse do Estado ao registrá-los seria o de escravizá-los”, sobretudo, após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, Lei nº 581²², decreto do dia 4 de setembro de 1850, que proibia e punia o tráfico de escravos em navios e embarcações, fato que causou grande reboição interno, pois levou a um significativo aumento no preço do escravo e um elevado tráfico interno, contexto que levou os mais pobres, embora “homens livres” a sujeitar-se a trabalhos análogos a escravidão.

Outro ponto que preocupava a população era quanto ao novo modelo de registro, pois se nos moldes da prática eclesiástica, as certidões eram manuscritas em livros distintos, separando os escravos de pessoas livres. No novo modelo, o Juiz de paz seria o responsável pelo registro e não haveria distinção de livros, por isso, organizou-se uma revolta popular conhecida como o *Ronco das Abelhas* ou *Guerra dos Marimbondos* (OLIVEIRA, 2005). A alcunha dada ao movimento fundamenta-se, segundo Saavedra (2015) ao barulho semelhante ao um enxame de abelhas, que anunciava a multidão que marchava rumo às igrejas e às delegacias, exigindo a suspensão das medidas.

A revolta popular *Ronco das Abelhas* ou *Guerra dos Marimbondos* foi um movimento armado, liderado por João dos Remédios (OLIVEIRA, 2005), que visava resgatar das instituições os editais do decreto que instituía o *Censo Geral do Estado* e o *Registro civil de nascimento e óbito*, bem como, intimidar autoridades oficiais, a fim de evitar que o decreto fosse executado. O movimento aconteceu com maior intensidade em Pernambuco, contudo, também se teve notícia nas províncias da Paraíba, nas Alagoas, no Ceará, em Sergipe e em Minas Gerais.

Em circular de 2 de janeiro de 1851 publicada no Diário de Pernambuco, nota-se a preocupação das autoridades na tentativa de esclarecer os intentos dos decretos, porém sem sucesso, dado o avanço das manifestações.

²² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htma. Acesso em: 23 set. 2018.

Constando-me que homens inexpertos tem commettido actos violentos, e vociferam contra a lei n.797 de 18 de junho do anno findo (...) venho rogar a V.S. que empregue todos os esforços em esclarece-los, mostrando-lhes que não só a lei do Censo, senão a do registro dos nascimentos e obitos não são attentatorias aos direitos dos cidadãos mas pelo contrario concorrem poderosamente para o progresso civilizador do paiz, que todos devem desejar; fazendo-lhes V. S. sentir as vantagens incontestaveis, que dessas leis resultam. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1852).²³

Em Pernambuco, o movimento estendeu-se por um ano e conforme Oliveira (2005) as autoridades ao perceberem que não teriam no apaziguamento dos revoltosos mandaram que se retirassem as tropas de contenção. E em 29 de janeiro de 1852 pelo decreto 907 foi revogada a execução do *Censo Geral do Estado* e o *Registro civil de nascimento e óbito*. Como se pode averiguar no *Resumo Histórico dos Inquéritos Censitários realizados no Brasil*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 1951:

Os decretos n. 797 e n. 798 de 18 de Junho de 1851, mandaram executar os regulamentos para a organização do censo geral e do registro dos nascimentos e obitos. Uma diretoria geral do censo e comissões provinciais foram creadas, em 1851, com o objetivo principal de facilitar a execução da operação censitaria, mas esta em via de realizar-se, foi sustada pelo decreto n. 907, de 29 de Janeiro de 1852. (IBGE, 1951).

Desta maneira, foi vitorioso o movimento popular que reivindicava a não implantação do censo geral e dos registros civis, todavia, sem alarde governamental foi intuído, uma década depois, a Lei 1.144, de 11 de setembro de 1861 e o Regulamento 3.069 de 17 de abril de 1863 que previam os registros dos nascimentos, dos casamentos e dos óbitos das pessoas que não professavam a religião católica, tais registros seriam manuscritos em livros próprios por um encarregado instituído como *Escrivão dos Juízos de Paz*. Neste período os professantes do catolicismo continuaram sendo registrados pela Igreja, mudança que se deu paulatinamente, conforme alerta Pessoa (2006, p.21), “a implantação do registro civil no Brasil, em substituição aos assentos paroquiais, foi um processo lento e difícil”, ou por resistência da população conforme citamos acima, ou por costumes e crenças da população.

Em 25 de abril de 1874 foi editado o Decreto nº 5.604 para a execução do art. 2º da Lei nº 1.829, de 9 de setembro de 1870, que institui o registro civil, conforme consta em seu artigo primeiro: “Art1º O registro civil comprehende nos seus assentos as declarações especificadas neste regulamento, para certificar a existência de tres factos: o nascimento, o casamento e a morte.” (IBGE, 1874)²⁴.

²³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09 de janeiro de 1852. Biblioteca Nacional, Seção de Periódicos, B1,3,03.

²⁴ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decret-5604-25-marco-1874-550211->

Porém, ainda assim houve pouca adesão populacional dos novos moldes de registro, sobretudo nas cidades do interior das províncias, como é o caso de Itapipoca, no Ceará.

Com o advento da República entra em vigor um novo regulamento via Decreto nº 9.886, de 7 de março de 1888, que visava instituir a obrigação civil a todo cidadão de registrar em cartório os nascimentos, o casamento e os óbitos. Todavia, o Decreto somente passa a vigorar apenas em 1º de janeiro de 1889. Vale ressaltar que é neste período que dá início os registros de óbito do nosso *corpus* de pesquisa. Neste período há uma maior assimilação da sociedade sobre a obrigatoriedade do Registro Civil, porém, pela impossibilidade logística e até geográfica de manter Cartórios de Registro Cível em toda a parte, fica ainda, por questões costumeiras, a cargo da Igreja estes registros, principalmente nas regiões longínquas das capitais.

Mesmo com a separação entre Igreja e Estado e o início da República, esta que acaba com o padroado²⁵ e reconhece o caráter leigo do Estado, garantindo assim a liberdade religiosa, ainda assim, a população preserva preceitos arraigados à doutrina católica e demora na aquisição de novos hábitos.

Paulatinamente, os hábitos vão ganhando novos contornos e os documentos produzidos pela Igreja também passam a ter maior ou menor importância perante a vida social, a exemplo do batistério, documento eclesiástico que servia a esfera civil e era reconhecido como o registro de nascimento, é atualmente produzido apenas por aqueles que professam a fé católica, já não tem valor civil. Quanto aos testamentos, se outrora, mais do que um ato de direito privado, integravam o ritual de preparação para a morte, todavia, hodiernamente, tem caráter exclusivamente de negócio jurídico para a transmissão de bens materiais.

Até findos do século XIX, o testamento era indicado a todo cristão como medida de reparação dos pecados, sendo a redação do testamento a primeira providência para o bem morrer, ou conforme Reis (1991, p. 115) “Essa providência pode ser entendida como o rito inicial de separação”, o que competia aos vivos observar com rigor todas as orientações do defunto a fim de assegurar a salvação da alma do falecido (PEREIRA, 2016).

É importante salientar que, os rituais da morte tinham início ainda em vida, quando da preocupação do doente, ou mesmo se gozando boa saúde, esperava a morte ciente do fim

publicacaooriginal-65873-pe.html. Acesso em: 11 out. 2018.

²⁵ O padroado foi um tratado firmado entre a Igreja e o Estado (no caso do Brasil o colonizador Portugal) que dava aos reis alguns direitos eclesiásticos sobre as colônias. Com a expansão marítima Roma atribuía aos monarcas o padroado sobre as terras descobertas. No Brasil contribuía para manutenção do domínio colonial, e expressa a ideia de proteção, em que o monarca fazia o papel de protetor de seus súditos, como tal lhes garantia a segurança individual e coletiva, cabendo-lhe ainda a proteção da cristandade.

inevitável e preparava-se para o bem morrer. Esta preparação tem início com a redação do testamento no qual o testador expressa suas últimas vontades, bem como a preparação ritualística e orientações aos vivos para seu próprio velório. Em geral, os testamentos, segundo Lima e Silva (2010) apresentam uma estrutura formal padrão, embora o conteúdo não aparecesse no texto na mesma ordem, ou seja, os testamentos eram documentos que seguiam modelos formais próprios, e neles continham aspectos, que geralmente se dava pela invocação de uma santidade, a localização, datação e ciência das testemunhas, do testador e do escrivão, pessoa que redigia o texto. Outro aspecto era a identificação (caracterização) do sujeito testador se preto, se livre, a religião, os pais e tudo mais que pudesse identificar o sujeito, as disposições espirituais, missas, velório, vestimentas, orações, caridade etc., por fim, as declarações de bens materiais, a lista de herdeiros, bem como o destino dos bens.

Esse roteiro do documento era frequentemente enriquecido por declarações sobre as mais diversas situações envolvendo testadores, seus familiares, escravos e outras pessoas. Quem morria cuidava tanto em preparar sua morte quanto deixar arrumada, no que dele dependesse, a vida dos que lhe eram próximos. (REIS, 1991, p. 116).

De um modo mais geral podemos distribuir a estrutura formal dos testamentos em até quatro partes, o que não significa dizer que seja um padrão que se seguia incondicionalmente, mas que obedeciam a padrões próprios e com funções específicas.

A primeira parte consiste, portanto, no “testamento espiritual”. Em que o testador invoca a trindade, informa as motivações para a redação do documento e declara seu arrependimento, solicitando a intercessão de anjos e santos pela salvação de sua alma, além de convocar o testemunho das ordens religiosas irmandades e entidades piás que ajudou em vida. (PEREIRA, 2016, p. 110-111).

Exemplificamos a estrutura formal acima com o excerto do testamento de José Marques Correa que se encontra no Livro de Notas do Tabelião da Vila de Fortaleza do ano de 1806 e editado por Ximenes (no prelo).

Em nome da Santissima Trindade Padre Filho e Espirito Santo Trez Pessoas distintas e hum só Deos Verdadeiro = Saybam quantos este publico Instrumento com o theordomeosolemne Testamento virem *que* sendo no anno do Nassimento de Noso Senhor Jezus Christodemil oito sentoseseis anos oos quatorze dias do mes de Abril do *dito* anno [...] aribei ao porto desta Vilada Fortaleza de Nossa Senhora da Asumpção Capitania do Siara Grande aonde dezembarkuei para me Curar, poremaumentandose amolestia que Deos foi servido dar-me estando em meu perfeito juízo e entendimento etemendo-medamorte pela infalibilida de e en certeza do ora dela e dezejando por aminha alma noverdadeiro Caminho da Salvasão ordeno estemeu Testamento naforma e maneira seguinte = Primeiramente de Claro que sou Catholico Romano e que como tal sempre vivi e espero meser pela infinita mizeri Cordiade Deos = Emcomendo aminha alma ao Padre Eterno aquem rogo pelos meresimentos da vida morte, e Paixaõ de Seu Unigenito Filho aqueirareseber quando deste mundo partir = Rogo a Virgem Maria Nossa Senhora Mai dos pecadores queira entersedera Deos Nosso Senhor por mim = Pesse ao glorioso Patriarcha São Joze Santo do meu nome Anjo

daminha goardaemais Santos da Corte doSeoqueiraõenterseder por mim miserável
Pecador [...]. (fl. 2r – l. 17-44).

Os rituais variavam conforme crença e costume do testador, eram movimentos gestuais, a escolha da vestimenta, inclusive a indicação de cor, além da utilização de objetos simbólicos, ou seja, teias significativas para a *boa morte*, atos registrados na segunda parte do testamento que consta da “descrição de como se deseja que seja realizado o sepultamento, incluindo características de cortejo fúnebre, a vestimenta, o epitáfio e o local onde o corpo será depositado” (PEREIRA, 2016, p. 112), seguindo do legado piedoso, em outras palavras, a lista de bens materiais e doações que deviam ser feitas às entidades religiosas, aos parentes e aos pobres que seguiam em cortejo o sepultamento, atitude que acalentava o desejo de que os pecados cometidos em vida fossem perdoados, com isto, constrói o *ethos* de bom cristão, portanto, conforme a doutrina religiosa, merecedor da salvação. Por fim, deixa aos vivos a missão de zelar pelo seu espírito, indicando [aos vivos] o número de missas, dobres de sinos e rituais em memória de sua alma.

Deste modo, os testamentos serviam como instruções finais aos vivos, parentes ou amigos do defunto, este que se preparava diligentemente para a morte, pois a boa morte era antes de tudo a preparação, a fim de prestar contas com os que ficavam, mas também carregado de orientações para o fim da matéria física: o corpo, e o início da matéria espiritual: a alma. Sendo, portanto, o ato de testar é um instrumento de salvação e redenção às falhas terrenas. Providência classificada por Reis (1991) como rito inicial da separação entre os vivos e os mortos.

O ato de testar é costume arraigado socialmente por meio de crenças religiosa que se propagam séculos a fio. Conforme aponta Ariès (2014):

O testamento foi, portanto, o meio religioso e quase sacramental de ganhar *aeterna* sem perder completamente as *temporalia*, ou seja, de associar as riquezas à obra da salvação. É, de certa maneira, um contrato de segurança concluído entre o indivíduo mortal e Deus, por intermédio da Igreja: um contrato com duas finalidades; de início, um “passaporte para o céu” [...] Dessa maneira, o contrato garantia os bens eternos, mas os prêmios eram pagos em moeda temporal, graças aos legados piedosos. (ARIÈS, 2014, p. 253).

Era, pois, o documento um “salvo-conduto na terra” a segunda finalidade do testamento indicada por Ariès (2014), porém os prêmios dessa segunda eram pagos em moedas espirituais, daí a indicação de número de missas a serem rezadas, orações e pagamento de promessas indicados no testamento.

Portanto, o testamento não tratava apenas de precauções mundanas como em um

contrato de seguro de vida, conforme exemplifica Ariès (2014), mas ato de fé que buscava a salvação da alma. Em uma cartilha católica de meados do século XIX recomendava-se como regra de bem viver que todos os fiéis ainda em boa saúde redigissem seus testamentos (REIS, 1991), porém, nem todos os cristãos, sobretudo, os mais pobres tinham acesso a produzir seus testamentos.

Outro documento que trata da morte e sofreu mudanças com a separação entre Igreja e Estado foram os registros de óbito, estes “eram de responsabilidade da Igreja Católica. Essa documentação constava nos livros de óbitos eclesiásticos por paróquias e atualmente se encontram nos arquivos das cúrias eclesiásticas” (LIMA; SILVA, 2010, p. 179). Estes documentos têm as bases de sua estrutura formal instituídas pela Igreja. Instruções que foram instituídas pelo arcebispado da Bahia, no ano de 1707, nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, obra que comporta as demais regras que deviam ser seguidas pela comunidade eclesiástica, sobretudo, no período colonial brasileiro. Uma das orientações sobre os registros de óbitos era que em todas as paróquias houvesse livro para que o pároco pudesse assentar os falecimentos daquela freguesia, e orientava quanto à estrutura formal do texto. Conforme consta:

[...] faça no dito livro assento de seu falecimento, escrevendo-o ao cumprido, e não por abreviatura, ou algarismo, na maneira seguinte. Aos tantos (2) dias de tal mez, e de tal anno falleceu da vida presente N. Sacerdote Diacono, ou Subdiacono; ou N. marido, ou mulher de N. ou viúvo, ou viúva de N., ou filho, ou filha de N., do lugar de N., freguez desta ou de tal Igreja, ou forasteiro, de idade de tantos annos, (se comodamente se puder saber) com todos, ou tal Sacramento, ou sem eles: foi sepultado nesta, ou em tal Igreja: fez testamento, em que deixou se dissessem tantas Missas por sua alma, e que se fizessem tantos officios; ou morreoab intestado, ou era notoriamente pobre, e por tanto se lhez o enterro sem lhe levar esmola. (ARQUIDIOCESE DE SALVADOR, 1853, p. 292).

Embora, os registros não sigam fielmente na mesma ordem que orienta a norma eclesiástica é nela que se pauta, conforme exemplificação abaixo de um registro de óbito que compõe o *corpus* desta dissertação.

Aos dez dias do mez de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu dephthisica Antonia Damasceno de Jesus, desta freguesia, filha legitima de João **Damasceno** de Araújo, tinha trinta anos; confessou-se recebeu oviatico, extrema unção, e seu cadaver, depois de encomendado, foi sepultado no cemitério desta parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho. (fl. 1r – reg. 1).

Como se pode aferir o registro acima consta de forma sucinta as informações previstas nas diretrizes que orientam a construção do texto e documenta o fim da vida terrena do falecido, naquele período servia à família como ato de fé e à Igreja com fins censitários, já

nos moldes atuais serve ao Estado como ato jurídico e às famílias como ato civil com fins burocráticos.

Portanto, podemos dizer que a morte como fora outrora é regida (registrada) em documentos específicos (testamento e registro de óbito), hodiernamente, de obrigatoriedade regulamentada pela legislação brasileira, a fim de atender finalidades jurídicas e civis a todo e qualquer cidadão rico ou pobre, embora, os testamentos tenham muito mais serventia aos possuidores de bens materiais, sendo, portanto, acessível a apenas esta classe social, e mais uma vez os mais pobres não o produzem, por outro lado, o registro de óbito abarca a toda a população sem distinção.

3.1.2 O morrer no Ceará nos séculos XIX e XX

No Ceará, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por mudanças sociais que afetaram crenças e costumes que se perpetuavam ao longo dos anos, neste período “a cidade de Fortaleza não mudava apenas em suas pedras e topônimos: à transformação material e onomástica somava-se o desaparecimento de costumes antigos” (RIBEIRO, 2013, p. 14).

Deste modo, podemos dizer que a sociedade é afetada pelo progresso e o progresso afeta a sociedade, que por sua vez, modifica as crenças e as ideologias humanas e é modificada por estas. De tal modo, o entorno social é atravessado por avanços civilizatórios que modifica as atitudes e comportamentos humanos, seja pelo surgimento ou desaparecimento de objetos, conforme ressalta Ribeiro (2012). Quanto à morte e ao morrer, no Ceará, atitudes e costumes ganham novos significados, inicialmente, pela chegada da luz elétrica, que reduziu as numerosas velas queimadas nos pernoitados velórios, daí a lexia *velório*, dada a quantidade de velas que ornavam o funeral e o predicado semântico de *manter-se aceso, velar, permanecer em vigília*.

A prática de velar o defunto era um momento importante na cerimônia fúnebre, nela esperava-se que um grande número de pessoas participasse, assim, segundo a crença, evitava que os maus espíritos se aproximassem do defunto (REIS, 1991). Por isso, eram distribuídas comidas e bebidas (cachaças, chás, café) para que as pessoas se mantivessem no velório até o momento do enterro. O velório era ainda

[...] pretexto para a formação de um espaço de sociabilidade onde a presença da comunidade tornava-se quesito que expressava o valor social daquele que se encontrava velado. Significava o gesto de apoio e a construção do luto, quando a morte era simbolizada em um processo no qual se ia tecendo um anedotário sobre a vida do velado. (RIBEIRO, 2013, p. 28).

Sobretudo, nas regiões interioranas do Ceará, como a região de Itapipoca, os falecimentos eram comunicados aos conhecidos distantes que se deslocavam a pé ou a cavalo para os funerais onde pernoitavam na companhia do defunto. Na ocasião, as crianças corriam e brincavam no “sereno”²⁶, lugar aberto que servia de encontro para os namorados, onde os amigos se distraíam e que outras vezes era lugar para desavenças entre pessoas que excediam na bebida comumente distribuída nas ocasiões de velórios (GALENO, 1977).

Até meados do século XX os funerais no interior do Ceará, segundo Galeno (1977, p. 14), beiravam o primitivismo, havendo pequenas modificações quando da condição social do defunto, “quando o defunto é rico, vai ensapatado, engravatado e vestido com a melhor roupa. Quando é pobre, vai de mortalha, que pode ser branca ou de cor”, já quando o defunto é do sexo feminino não era comum que fosse enterrada com roupas usadas em vida, independente da condição financeira, as mulheres, no Ceará, eram sepultadas de mortalha ou vestes de santas: Nossa Senhora de Lourdes, Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Fátima, dentre outras.

Os velórios ou sentinelas, como eram chamados nas regiões como Itapipoca, Tauá, Juazeiro do Norte (GALENO, 1977) ocorriam na sala das casas e quando não havia mesa ou cama para dispor o defunto, este era colocado no chão em cima de esteira ou surrão, as poucas velas eram dispostas em tijolos, “uma aos pés, outra à cabeceira [do defunto], uma à direita e outra à esquerda”, formando uma cruz, símbolo cristão. Os enterros naquela época especialmente dos mais pobres, eram feitos em redes, conforme relata Galeno (1977):

A rede usada para enterro é a comum, com varandas de croché ou de malha, de preferência branca. O morto vem envolto em lençol. Na ocasião do enterro, tanto a rede como o lençol são retirados e voltam para a família que, depois de lavá-los, passa a usá-los como dantes. O cadáver é lançado à cova apenas com a mortalha. (GALENO, 1977, p. 46).

Porém, no decorrer do século XX e com a modernização social, práticas costumeiras caem em desuso, o ambiente urbano introduziu novos ritmos, de modo a afetar significativamente várias dimensões da vida cotidiana, inclusive a morte, pois antigas práticas fúnebres foram substituídas por novos hábitos, ou pelo avanço da modernidade ou pela estagnação dos costumes. Conforme lembra Ribeiro (2013), quando assevera que a chegada do automóvel na capital cearense, inicialmente causou estranheza a população, visto que a velocidade dos cortejos motorizados se contrapõe à solenidade dos enterros a pé em um “andar ritmado e lento”, sendo por algum tempo rejeitado pelos mais tradicionalistas, pois alegavam

²⁶ Expressão regional que se refere a lugar aberto, mais precisamente no período da noite, atribuído ao período noturno pois no Nordeste a sensação térmica fica mais fria, podendo geroar, daí o uso do termo *sereno* para referir-se a lugar aberto no período noturno.

que o cortejo motorizado servia para que as famílias se livrassem mais rapidamente de seus mortos, uma vez que ignoravam solenidade da marcha lenta até a morada final do defunto.

Porém, não foi apenas a modernização ou costumes fúnebres que se transformaram ao longo dos séculos, a morte e suas causas é outro ponto que nos chama a atenção quando se fala do morrer no Ceará, tendo em vista que o Estado, por ser uma terra muito pobre demorou mais a receber os benefícios do progresso, conforme afiança Leal (1979), sobretudo em tratamentos profiláticos de promoção a saúde e implementação de normas de higiene e assistência médica básica. Podemos acrescentar, ainda, como agravante para a saúde de boa parte da população a seca e escassez de alimentos.

Nos períodos ora citados ainda eram comuns a prática da medicina sem parâmetros científicos, primeiro por haver poucos profissionais formados na área, depois por não dispor o Estado de uma instituição que capacitasse estes profissionais, assim, Sampaio (1966) alerta para o período longo e nebuloso na medicina que atravessa o período colonial até meados do século XIX, restando resquícios destas práticas de “obscurantismo científico” para o século XX, sobretudo, em localidades longínquas dos grandes centros urbanos, em que a pobreza e a falta de recursos mínimos para garantir a saúde física impera. Sobre isto Leal (1979) reafirma que no período colonial não houve qualquer tentativa de organização da medicina, nem mesmo de higiene pública, foi um período em que a medicina era praticada “com o ingênuo empirismo da época, um burlesco mistifório de abusões e de charlatanismo” (SAMPAIO, 1966, p. 494).

Leal (1979) aponta traços definitórios para os indivíduos que praticavam a cura e que eram constantemente procurados pela população que ante a doença e sem socorro médico se valiam desses “profissionais”, são eles: os curandeiros, os curiosos e os charlatões. Os primeiros, segundo Leal (1979, p. 175), “existem em todas as comunidades, são bem conhecidos e estão sempre perto dos doentes. Atendem solícitos, com empenho, com boa vontade, muito raramente negando-se à assistência”. Já os curiosos, em geral eram pessoas de boa fé, com mais instrução que os primeiros, “procura desvelar os segredos da ciência ou arte que deseja imiscuir-se”. Leal (1979, p. 176), por fim, o charlatão é definido como impostor, trapaceiro, porém inteligente e ágil no pensar e fazer, enganava os doentes prometendo-lhes cura, com o fim de locupletar-se da boa-fé dos agonizantes.

Em todas as Capitâneas de então, encontrava-se às dezenas, os indivíduos afeitos a tais superstições e credulidades. Alguns enveredavam para as práticas de bruxaria, especialmente depois da aculturação, misturando o uso de seus ancestrais costumes, com as cerimônias rituais dos cultos africanos e católicos. (LEAL, 1979, p. 177).

Portanto, embora carente de recursos médicos a população buscava outros meios

que lhe garantisse vitalidade, apelando principalmente à fé. Embora, se tenha notícia de que a falta de higiene nas cidades e vilas era o principal motivo das mazelas que dizimavam as populações, especialmente aquelas carentes de saúde e auxílio médico. Sabendo disto, D. João VI, no início do século XIX, cria a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica na Bahia, que foi elevada à categoria de Faculdade em 1832, entretanto, apenas dez anos depois de proclamada a independência política (1889) “o Brasil afirmou o início de sua emancipação médica” (SAMPAIO, 1966, p. 495). Porém, apenas muito mais tarde o Ceará começa a receber os serviços de assistência médica, pois “demorou muito o Ceará ter médico formado. Aqueles que desejavam praticar a Medicina, iam, geralmente, à Bahia” (LEAL, 1979, p. 34) e quando voltavam poucos (ou nenhum) aventuravam-se em atender às populações distantes dos grandes centros, deixando as populações longínquas a mercê da medicina empírica.

A escola de medicina no Ceará somente foi fundada em meados do século XX, abrindo inscrição para primeiro vestibular em abril de 1948, ofertando 85 vagas, dos 60 candidatos que realizaram o exame de ingresso no curso apenas 10 foram aprovados, destes, apenas 3 concluíram o curso. Portanto, demorou que se tenha o número suficiente de profissionais para atender à demanda do Estado, na verdade ousamos dizer que dois séculos depois ainda não é um serviço disponível às populações longínquas, sobretudo, as mais carentes, por isso, ainda se valem de cuidados paliativos que são transferidos por gerações e culturalmente intrínsecos ao saber popular.

Outro episódio que atingiu o Estado do Ceará, a ponto de dizimar populações inteiras, foi *a seca*, fenômeno climático que atinge o Nordeste, mas com características de fenômeno social, pois embora cientes da possibilidade da falta ou pouca precipitação pluvial, nada se fazia para amenizar as mazelas e sofrimentos decorrentes da falta d'água. Conforme se pode observar no excerto retirado de uma nota manuscrita pelo Vigário Philomeno do Monte Coelho, no livro de óbitos da paróquia de São Francisco (Itapajé) que hoje é vinculada à diocese de Itapipoca.

Este anno de terrível secca e de bexigas que desimaram muito néstaParochia, não foram somente 34 obitos que se deram; centenas de pessoas morreram e foram sepultadas, sem darem o respectivo Registro Parochial, em muitos Cemiterios inventados pela serra toda epelo sertão. É opinião geral que a causa principal da secca ter-se agravado tanto e o Governo Federal não ter socorrido em tempo de evitar o exodo precipitado e a mortandade pela fome eos grandes, prejuizos causados pelo roubo eos furtos dos animais nos Campos, foi exclusivamente o presidente do Ceará Antonio Pinto Nogueira Accioly [...]. (fl. 67v-66r).

Deste modo, a falta de políticas públicas era agravante à saúde da população mais carente, que, sem o socorro por parte dos governantes, eram afetados por causas banais que o

levavam a morte, desde infecções leves e febres a fome e a inanição, situação que demorou muito tempo para ganhar criticidade da população e ser entendido como um problema social, vale ressaltar que o clima com falta e/ou excesso de precipitações fluviais, causando estado de seca em algumas regiões e enchentes em outras, propiciavam a decadência à saúde da população mais carente, conforme aponta Sousa (2009):

Pestes como a varíola, o beribéri e as chamadas “febres de mau caráter” decorriam de enchentes prolongadas que atingiram o Ceará no século XIX. As reivindicações de socorro público por parte da população ocorreram, sobretudo, a partir da segunda metade, quando os jornais passaram a dar maior visibilidade aos problemas das intempéries. Os jornais tiveram o papel dominante de tornar público o problema das estiagens e das enchentes. (SOUSA, 2009, p. 42).

Embora Leal (1979), já no início de sua obra, alegue e indique crônicas com declarações que a região do Ceará era um ambiente naturalmente salubre ou pelo seu clima ameno ou pela largueza dos campos, podendo servir, inclusive, de lenitivo aos enfermos, todavia, mais adiante na obra o autor, diríamos que em tom de insatisfação, alega que sobre isto há uma ou outra opinião contrária, assim, contrapõe que mesmo sendo o Ceará agraciado com os adjetivos de clima saudável, este não suportou por muito tempo o impacto das doenças infectocontagiosas, as verminoses – que atingiam sobretudo as crianças – bem como, os distúrbios intestinais que atingiam em larga escala as populações rurais, tanto pela falta de higiene, como pela proliferação de moscas e mosquitos, associados à falta de salubridade do trabalhador rural, sendo portanto, mazelas que por falta de tratamento se agravavam a ponto de causar a morte.

Portanto, a morte permeava a vida da população mais pobre que sem conhecimentos básicos de saúde e sem condições materiais de cuidados mínimos com a higiene estava exposta ao agravamento das mais simples enfermidades. Não que não morressem pessoas de classe social superior, mas cabe ressaltar que estas viviam em condições sociais privilegiadas tendo acesso aos cuidados paliativos ou preventivos e com alimentação rica em nutrientes necessários à boa saúde.

A situação acima exposta não é muito diferente do que vivenciamos atualmente, em que populações inteiras são legadas à miséria, sem o mínimo de higiene urbana, o acesso à água potável e ao saneamento básico é inexistente, sendo essas pessoas uma parcela invisível aos olhos da elite brasileira. Mesmo tendo, no Brasil, um dispositivo de lei que garante a saúde como princípio de direito universal e dever do Estado ainda estamos longe de alcançar a toda a população. Principalmente por sermos, o Brasil, um país relativamente jovem em políticas sociais que visem a promoção da saúde física e sanitária da população, pois desde colônia até

meados da década de 1930, as ações governamentais de acesso a saúde eram desenvolvidas sem significativa organização institucional, sobretudo quando se trata de regiões mais pobres como o Nordeste.

No início do século XX, as campanhas sanitárias de prevenção destacaram-se por seus resultados no controle de processos epidêmicos, principalmente em casos epidêmicos de doenças transmissíveis, todavia apesar da expansão dos serviços públicos, que tenciona atender as necessidades e direitos da população, permanece ainda um inaceitável percentual de ações e serviços necessários e urgentes que não chegam à toda a população e, muitas vezes, fechamos os olhos para esta realidade.

Assim, podemos afirmar que os modos institucionais de aplicação das políticas públicas com base no direito à igualdade e à vida e à saúde ainda é marginal, pois alcança primeiro (e às vezes somente) os mais privilegiados socialmente, enquanto isso a população mais pobre, ou por desconhecimento de seus direitos ou falta de acesso aos meios que lhes garantem tais direitos, vive à mercê da sorte e da fé. É, deste modo, o sistema capitalista quem define os privilegiados e o acesso as políticas de bem-estar social, sendo o viver uma fonte de custos e a morte uma mercadoria.

A morte é mercadoria, pois trata-se de um produto em um bem-sucedido mercado de consumo, gerando renda aos *empresários da morte*. No entanto, ressaltamos que esta mercantilização da morte não é recente, vigora desde os tempos mais remotos, conforme explanaremos na próxima subsubseção que tratara da morte como um comércio.

3.1.3 A comercialização da morte

Nesta subsubseção abordaremos a morte com finalidade comercial, apresentamos um panorama histórico da comercialização da morte desde o século XIX ao século XXI.

A morte pode ser definida conforme as proposições de Reis (1991), como uma desordem, pois, “toda morte tem algo de caótico” em que “por mais esperada e até desejada que seja, representa a ruptura do cotidiano”, pois, irrompe a estrutura biológica, e mais precisamente a estrutura emocional de quem fica. É neste momento de fragilidade emocional que a morte passa a cobrar o preço, no sentido literalmente do termo, pois para organizar o caos deixado pela morte faz-se necessário a contratação de profissionais de diversas ordens, conforme ocorria já no início do século XIX, tal como lembra Reis (1991) “um grande número de especialistas atuava na venda de bens funerários: coveiros, pedreiros, carpinteiros, armadores, campeiros, cirieiros, comerciantes de tecido, alfaiates, músicos, padres, frades, sacristão, sineiros”.

As transações financeiras são atitudes comuns e rotineiras aos rituais de morte que segundo Nalini (2014, p. 143) é um negócio lucrativo ao capitalismo visto que a indústria da morte sobrevive, pois, a “humanidade enfrenta essa vicissitude que custa dinheiro”. A depender da pompa dada ao funeral, os gastos financeiros das famílias do falecido podiam ser volumosos, Reis (1991, p. 291) alerta que “tudo tinha seu preço e seu especialista”, e em especial os padres podiam “se dar bem”, visto que cobravam desde os sacramentos administrados ao moribundo, pela presença nos funerais, à venda de acessórios e aluguel de caixões. No entanto, os custos com a morte não são somente de cunho religioso, Ariès (2014, p. 223) expõe que, “Os mais pobres, que não podiam pagar pelo carpinteiro, eram levados ao cemitério num caixão comum, destinado exclusivamente ao transporte. Os coveiros retiravam o corpo do caixão, enfiavam-no na terra e recuperavam o caixão”.

Ribeiro (2013) relata sobre a prática de coletar dinheiro (como esmola) entre os familiares do morto, a fim de pagar o tecido preto que serviria para cobrir o caixão, os familiares recebiam a esmola enquanto o morto estivesse sendo velado. Costume que se perpetuou até fins do século XX, sobretudo em famílias mais pobres. Em um dos relatos colhidos por Ribeiro (2013) pode-se inferir que o preço do caixão não era acessível a todas as famílias, por isso, na maioria das vezes providenciavam tábuas para fabricação da urna por um carpinteiro contratado ou feito por compaixão à condição financeira do morto, em outros casos, o defunto era levado à sepultura em caixões alugados ou emprestados que ao final do enterro deviam ser devolvidos ao dono.

Ainda no século XIX, para ser sepultado na igreja matriz era necessário realizar um pagamento à paróquia, que era intitulado “esmola de fábrica”, quando um fiel era sepultado em outra paróquia pagava-se “meia fábrica” à paróquia na qual ele era filiado e outra “meia fábrica” à igreja do sepultamento, “qualquer outro serviço extra custava uma taxa extra” (REIS, 1991, p. 293), como por exemplo, quanto mais próximo do altar, mais onerosas eram as taxas. Os padres vendiam velas, por vezes alugavam caixões para o transporte do morto até a sepultura, as despesas iam além das velas e serviços eclesiais. Outro grupo que mantinha um próspero comércio eram os frades franciscanos, que abasteciam a região do estado da Bahia com mortalhas de variadas qualidades e preço, como salienta Reis (1991):

Ainda entre as despesas de iluminação, havia aquelas com o aluguel de castiçais, velas especiais de cera preta, archotes, brandões, com o carroto desses objetos para o velório em casa e as exéquias na igreja. Os preços podiam variar se a tocha era nova ou usada e o cliente pagava até por velas roubadas durante o enterro, tudo anotado pelo cirieiro. (REIS, 1991, p. 295).

Outro profissional que lucrava com a morte no século XIX era o armador, que em parceria com comerciantes de tecidos, eram o ramo de maior investimento e mais lucrativo no mercado da morte, seguido dos padres, músicos e cirieiros. Todavia, quanto às mercadorias, a mais cara no mercado funerário eram as missas, que conforme Reis (1991, p. 285) embora de valor unitário irrisório, no montante contratado representava a maior verba gasta, pois “uma só missa não salvava a alma de ninguém”, tanto que as irmandades²⁷ descontavam em missas como punição aos membros que faleciam com dívida na anuidade.

O armador era contratado pela família, muitas vezes por orientação deixada pelo defunto no testamento, para *armar* as casas e igrejas para o funeral, neste caso, armar significa decorar o ambiente com tecidos e simbologias funerárias, que segundo Reis (1991) era um lucrativo negócio. Obviamente, que os preços variavam conforme a pompa, dentre elas a quantidade de velas, objeto significativo dos velórios, que funcionavam, inclusive, como uma espécie de moeda no mercado da morte. Reis (1991) relata um caso de um funeral que parte da dívida foi paga em velas, transação comum ao período. As velas, fabricadas pelos cirieiros, eram vendidas não apenas para funerais, mas para uso na iluminação das residências, por isso, muitos tinham interesse em acompanhar os funerais pois ao final lhes rendiam velas (REIS, 1991).

Já aqueles que não podiam pagar por uma cova ou catacumba de igreja tinham como destino os cemitérios comuns, costume que se manteve em vigor até meados do século XIX, porém com a municipalidade dos sepultamentos e a construção de cemitérios particulares os destinos dos corpos foram os mesmos, ainda que as catacumbas dos ricos tenham mais floreios ou lugares mais privilegiados, conforme aponta Ariès (2014, p. 75):

No espaço entre os carneiros – raramente com árvores, mas frequentemente invadidos pelo capim, a tal ponto que o pároco e a comunidade disputavam a pastagem e, por vezes, as frutas – alguns túmulos aparentes, muito espaçados, alguns monumentos de uso litúrgico, cruz, altar, púlpito, lanterna dos mortos, que deixavam descoberta e nua a maior parte do pátio interior. Era ali que se enterravam os mortos pobres, os que não pagavam direitos elevados de inumação na igreja ou sob os carneiros. (ARIÈS, 2014, p. 75).

Por fim, a mudança de século XIX para o XX é marcada pelo “surgimento do cemitério moderno: retrato da sociedade, administrado pelos poderes públicos, aberto a todos os mortos” (RODRIGUES, 2006, p. 151), todavia, ainda assim a condição financeira do

²⁷ Eram associações religiosas que teciam solidariedade aos seus membros, estes que a mantinha por meio de doações e pagamentos anuais. Os membros tinham direitos e deveres, dentre os primeiros estava o direito a enterro decente para si e membros da família, com acompanhamento de irmão e irmãs da confraria, bem como o direito a sepultura, já quanto aos deveres eram o bom comportamento, a devoção católica, o pagamento de anuidades e participações em reuniões e cerimônias, dentre outros.

indivíduo conduz a vida e o morrer, não se podendo falar o mesmo do além-morte, pois não há relatos de quem esteve do outro lado (KÜBLER-ROSS, 1996), nem se sabe ao certo se é possível passear pelos dois mundos²⁸.

Os primeiros serviços funerários realizados por empresas especializadas que se tem notícia surgiram no final do século XIX nos Estados Unidos, “Os primeiros empresários, *undertakers* [agentes funerários], eram certamente artífices, ou alugadores de carruagens que asseguravam a remoção e providenciavam o caixão. Tornaram-se importantes homens de negócios” (ARIÈS, 2014, p. 806). No Brasil essa prática como negócio somente veio surgir no século XX, antes, conforme já mencionamos, era em grande parte a Igreja Católica responsável pelos negócios que envolviam a morte. “Era ela [a Igreja] quem gerenciava as atividades de sepultamento dos mortos (registro paroquial, encomenda do morto, administração dos sacramentos etc.), determinando a aceitação ou recusa da sepultura” (PIMENTEL, 2004, p. 2). Desta maneira, mesmo quando a morte ocorria nas residências, sem assistência médica, e os rituais eram de competência da Igreja, todas as atividades e acessórios usados no funeral giravam em torno de um comércio.

No decorrer do século XX, a morte foi denominada como selvagem e saiu do ambiente familiar para ocupar os estabelecimentos hospitalares, pois já não se desejava morrer em casa, mas amparado por médicos numa vaga tentativa de prolongamento da vida, depois ela [a morte] foi para as mãos de profissionais funerários, assim sendo, perdeu a Igreja o espaço no comércio da morte.

No século XX, [no Brasil] surgem os grupos atuantes no mercado da morte, verdadeiros complexos empresariais que abarcam o universo funerário, monopolizando a venda de produtos e serviços em diversos níveis. Geralmente, um só grupo abrange empreendimentos como funerária, floricultura, cemitério, plano assistencial, seguro de vida, central de velórios, crematório, serviços de tanatopraxia (preparação do cadáver para o funeral), dentre outros. (PIMENTEL, 2004, p. 2).

Todavia, no Ceará, o século XX é marcado por uma tímida expansão do universo mercantil funerário, que paulatinamente foi passando a assumir funções mais abrangentes do que simplesmente a venda de urnas mortuárias, outrora a principal mercadoria, foi, ainda, neste século que as seges foram inseridas no transporte do morto ao sepultamento, dadas as longas distâncias que tinham que percorrer para a realização do enterro, conforme lembra Ribeiro (2006), serviços consumidos, inicialmente, apenas por famílias abastadas financeiramente,

²⁸ O Espiritismo, doutrina de cunho filosófico-religioso, em que se professa a possibilidade de comunicação com os espíritos através de médiuns e na reencarnação como processo de crescimento espiritual. Portanto, a doutrina professa que é possível saber do além-morte a partir da comunicação com os mortos.

atualmente, comum a maioria dos velórios.

Rapidamente, estes serviços funerários foram incrementados, pois se antes, as famílias contratavam um profissional para cada serviço, hodiernamente, uma única empresa fica responsável por todo o funeral e “investir no negócio da morte passou a ser uma boa opção” (NALINI, 2014, p. 144) e tais empresas passaram a investir em serviços exclusivos, enfatizando itens luxuosos e personalizados, mais contemporaneamente, serviços de maquiagem e reparação facial são itens inclusos nos planos funerários, como instrumentos de *marketing* na comercialização dos planos funerários, em analogia podemos comparar os atuais planos funerários aos antigos pagamentos anuais às irmandades, que embora não configurassem como empresa, exerciam papel semelhante.

Quase ninguém prefere velar em sua residência, como era costume antigo. Há velórios anexos aos cemitérios, junto aos hospitais, mas também se pode eleger uma residência heráldica, evidentemente a um custo maior. Grandes metrópoles já importaram o hábito norte-americano de fazer um velório *light*, com música, projeção e filmes do falecido em todas as ocasiões que, em vida, justificaram a preservação dessas imagens. Fornecimento de lanches categorizados, serviço de *valet*, dependência de repouso dos familiares e até a possibilidade de uma ducha antes do enterro. (NALINI, 2014, p. 144).

Luxuosos espaços especializados no ramo funerário atendem as necessidades das famílias na fragilidade da perda de um ente querido, a exemplo da empresa Memorial Funeral Home²⁹ instalada no bairro Papicu, na capital do Estado do Ceará, onde os planos funerários variam de 87 a 231 reais mensais e oferecem os mais diversificados serviços, dentre eles podemos citar a urna com visor e alça flexível, a mortalha e manto, uma mesa de condolências, câmara ardente³⁰ e painel decorativo, ornamentação com flores naturais e coroa de flores naturais, bem com serviço de copa em que se serve café, leite, chá e biscoitos, os santinhos para missa de 7º dia, a certidão de óbito, um carro cortejo e ônibus para os familiares seguirem até o cemitério, e ainda convênios médicos são alguns dos serviços oferecidos pela empresa.

A inovação no mercado funerário não para por aqui, em reportagem publicada no Jornal Diário do Nordeste em novembro de 2018³¹, Patrícia Meireles, então diretora comercial do Grupo Memorial informa que as inovações do setor se destacam na área de cremação e homenagens e o ramo aposta em uma proposta intimista de velórios, que a muito vem sendo transferido das residências para estruturas especializadas, local que oferece à família

²⁹ Informações disponíveis em: <https://www.memorialfuneralhome.com.br/>.

³⁰ Segundo o dicionário Michaelis On-line, trata-se de sala em que se expõe o corpo do defunto sobre um catafalco de tochas (ou velas) para ser velado até o momento do enterro.

³¹ Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/segmento-ligado-a-funeraria-e-cemiterios-gira-r-100-mi-em-fortaleza-1.2021306>. Acesso em: 09 set. 2019.

comodidade e sofisticação. Deste modo, abrindo espaço para o novo mercado de produtos e serviços funerários, estes têm, na Capital Fortaleza e região metropolitana, uma movimentação financeira de 100 milhões de reais por ano³².

Os serviços e espaços disponíveis nos locais de velórios, são: segurança 24 horas; capela ecumênica; café da manhã; *consumer*; cerimonial personalizado e exclusivo; suíte; tanatopraxia; estacionamento; *showroom*; infraestrutura moderna e aconchegante. Estes locais são montados para receber o defunto e seus convidados, aquele é perfeitamente arrumado, quando homens, de terno, já as mulheres de belos vestidos, como prontos para receber convidados em uma festa. Nas famílias dificilmente se fala em amortalhamento (mortalha), em poucos casos a roupa é escolhida pela família, em outros a própria empresa funerária se encarrega da montagem e vestimenta do defunto, tendo a família apenas os custos do produto. É possível que, a estabilização das taxas de mortalidade, causado pelo aumento da expectativa de vida, e a multiplicação de empresas no ramo, tenha obrigado o segmento a inovar os serviços oferecidos, apostando em serviços exóticos, como o exemplo do serviço oferecido desde 2011 por uma empresa funerária de Curitiba³³, que além da cremação, garante o envio das cinzas para o espaço, oferecendo quatro alternativas aos clientes: as cinzas podem ser lançadas dentro ou fora da órbita terrestre; na órbita lunar ou na superfície da Lua.

Dado que nos permite confirmar que a morte, por possuir uma demanda de clientela garantida, cada vez mais, tem se tornado alvo do capitalismo e da cultura do consumo, em que os rituais de separação têm se tornado cada dia mais curtos e onerosos.

Deste modo, a Igreja, embora permaneça prestando serviços aos defuntos (missas, encomendação, administração dos sacramentos etc.) já não tem a mesma abrangência que outrora tivera, nem tão pouco tem a morte como sua principal renda, visto que, atualmente, os serviços prestados são de cunho, diríamos que exclusivamente espirituais, não mais material, como fora outrora.

Assim, reafirmamos que os ritos fúnebres saíram de dentro dos lares e ganharam os salões funerários, e não tão diferente do que foi outrora, a morte virou mercadoria, os funerais abreviados e toda ação concentrou-se na visita ao morto, em que o defunto é exposto em uma

³² Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/segmento-ligado-a-funeraria-s-e-cemiterios-gira-r-100-mi-em-fortaleza-1.2021306>. Acesso em: 09 set. 2019.

³³ Crematório Vaticano é o nome da empresa que disponibiliza o serviço em Curitiba, mantém uma parceria com a companhia americana *Celestis Incorporated*, os valores podem variar de acordo com o serviço escolhido e local onde serão lançadas as cinzas, tem um valor inicial de R\$ 3,7 mil. Mas caso um familiar queira presenciar o lançamento da nave espacial em um local privilegiado, por exemplo, o custo total pode chegar a R\$ 60 mil. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cinzas-de-cremacao-podem-ser-lancadas-no-espaco-c3qz5eh61xu5t6elqisca6mvi>. Acesso em: 10 jul. 2019.

sala por vezes suntuosa, a depender da envergadura financeira da família do morto e as pessoas vêm visitá-lo pela última vez.

Por fim, já nos remetendo as próximas seções deste trabalho, tencionamos até aqui fazer uma reflexão sobre a morte e o morrer, tendo em vista que os documentos que nos serviram de *corpus* para esta dissertação abarca os rituais de morte, portanto justificamos as digressões acima a fim de aproximarmos nossas discussões do objeto de análise.

4 O CAMINHO: PERCURSO METODOLÓGICO

Como toda pesquisa que lida com o labor filológico, a nossa, inicialmente, envolve passos metodológicos próprios desta área de estudo. Pois, conforme salienta Gerhardt e Silveira (2009, p. 13) “a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo”.

Dado o exposto, nossa pesquisa, seguiu a divisão metodológica proposta por Ximenes (2013), que a organiza em etapas: inicialmente, a escolha e a edição do *corpus*, seguindo da análise dos elementos oferecidos pelo texto – para esta pesquisa escolhemos como *corpus* com 755 documentos de registros de óbito que compõem um livro datado do ano de 1889 a 1915, inicialmente a escolha do documento deu-se de forma involuntária, já que foi o único livro que inicialmente tivemos acesso. Nele utilizamos o modelo semidiplomático de edição, tendo em vista que, este modelo é o mais adequado ao nosso propósito de pesquisa – pois conforme Cambraia (2006) a escolha do tipo de edição deve ser aplicada de acordo com a intenção de estudo ou divulgação do filólogo; e a partir das informações contidas no gênero textual que compõe o *corpus*, categorizamos e priorizamos para análise as unidades lexicais concernentes ao ritual da morte.

No que diz respeito à classificação com base nos objetivos de pesquisa, Gil (2002) orienta que podem se classificar em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. Porém, o autor alerta que, ao dispor um trabalho dentro desse modelo classificatório, o pesquisador deve ater-se a alguns critérios.

Baseados nas orientações de classificação de Gil (2002) e direcionados pelos objetivos deste trabalho, caracterizamos esta pesquisa como explicativa e descritiva, pois, se por um lado, as pesquisas explicativas “aprofundam o conhecimento da realidade, pois explicam a razão e o porquê das coisas” (GIL, 2002, p. 42), por outro lado, podem ser a continuação de uma pesquisa do tipo descritiva, esta que “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” e estão “incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2002, p. 42). Por esse ponto de vista, entendemos que em pesquisas explicativas a identificação de fatores relevantes ao estudo, não raro, exige que seja suficientemente descrita pelo pesquisador, cabendo assim, alocarmos nossa pesquisa na classificação do tipo explicativa e descritiva, pois aprofundamos a compreensão das unidades lexicais que circundam o ritual fúnebre, a fim de descrevermos a dinâmica relacional entre o

léxico, a sociedade, a história e a cultura.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa de viés quali-quantitativa e, conforme os procedimentos técnicos adotados, é de cunho documental, pois, valemo-nos de documentos que não receberam ainda um tratamento analítico, ou conforme Gil (2002), na pesquisa documental as fontes são diversificadas e até mais dispersas, pois são

[...] documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (GIL, 2002, p. 46).

Por outro lado, são documentos de segunda mão aqueles que de alguma forma já foram analisados, como por exemplo: relatórios de pesquisa, tabelas, gráficos. Deste modo, depreendemos que esta dissertação comporta o tipo de documento “de primeira mão”, uma vez que, lidamos com textos de tempos pretéritos e não divulgados à sociedade.

Para diagnóstico e coleta dos dados salientamos que, neste trabalho, fez-se necessário lançar mão de procedimentos quantitativos, a fim de sistematizar e organizar nosso objeto de estudo no *corpus* de pesquisa. Para tal, realizamos a recolha manualmente, a partir de uma minuciosa leitura e marcações nos textos, de forma que nos possibilitou apontar os dados numéricos que são relevantes à análise das lexias e do contexto sócio-histórico-cultural de produção dos documentos.

O método de recolha das lexias será descrito nos próximos tópicos, em que descrevemos os aspectos formais e estruturais que compõem os documentos do nosso *corpus* de análise.

4.1 Caracterização do *corpus* de pesquisa

Na caracterização do *corpus* buscamos preceitos da Paleografia, que se manifestam pela preocupação sócio-histórica de entender a constituição da escrita, e da Codicologia, ciência que consiste no estudo do códice (livro) e além de permitir uma compreensão mais aprofundada do processo de transmissão dos textos, tem como fim pragmático descrever as características físicas do suporte do texto. Para descrever o livro que nos serviu de *corpus* seguimos, como modelo, o *Guia Básico de Descrição Codicologia* proposto por Cambaia (2005), que pontua os passos para a descrição física e estrutural do códice. No entanto, optamos por descrever em texto corrido, conforme segue.

O *corpus* desta pesquisa são registros de certidões de óbitos escritos entre os anos

de 1889 a 1915, na freguesia de São Francisco, hoje Itapajé, região que compete à diocese de Itapipoca, cidade localizada ao norte do Ceará e aproximadamente a 130km da capital Fortaleza. Os documentos de certidão de óbito estão escritos em um livro de dimensões 33,5cm de altura e 22,5cm de largura, coberto com capa dura de cor vermelha e lombada preta, o livro encontra-se envolto em plástico transparente. Conforme imagens a seguir:

**Figura 3 – Imagem frontal do livro *Óbitos 2*
– Itapipoca**



Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 4 – Imagem da lombada do livro
Óbitos 2 – Itapipoca**



Fonte: Elaborada pela autora.

Na gravação da lombada do livro encontra-se o título *Óbitos – 2 Itapipoca*, em etiqueta de papel impresso em tinta preta, com marcas amareladas causadas por fita adesiva e marcas do tempo.

O livro conta com 100 fólios, pautados no recto e no verso com 33 linhas cada, numerados e rubricados apenas no recto na parte superior direita do fólio. São escritos, predominantemente, em língua portuguesa, ainda que seja possível identificar algumas expressões em latim, conforme excerto:

Aos dois de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de diarrhea Maria, filha legitima de Antonio José de Mattos, desta Freguezia, tinha vinte annos de idade, solteira confessou-se *in articulus mortis*; e seu cadaver amortalhado e depois de encommendado por mim [...]. (fl. 6r – reg. 48, grifo nosso³⁴).

³⁴ A partir desta seção, os trechos destacados em itálico e negrito nos excertos do *corpus* de pesquisa são grifos

Quanto à letra podemos classificá-la como regular e uniforme, textos bem elaborados, sem poluição visual (rasuras ou afins), escrito por duas mãos (duas pessoas). O livro que usamos neste trabalho é o volume dois de um conjunto de seis, usados para os registros de falecimentos e hoje compõe o arquivo da diocese. Encontra-se em bom estado de conservação, encapado com material resistente (capa dura) e conforme já mencionado, revestido de plástico transparente, que ajuda na manutenção da conservação do conteúdo. Ressalvamos que o livro não foi completamente preenchido, sendo escrito até o fôlio 85 – recto, ocorrência que explicamos nas próximas linhas.

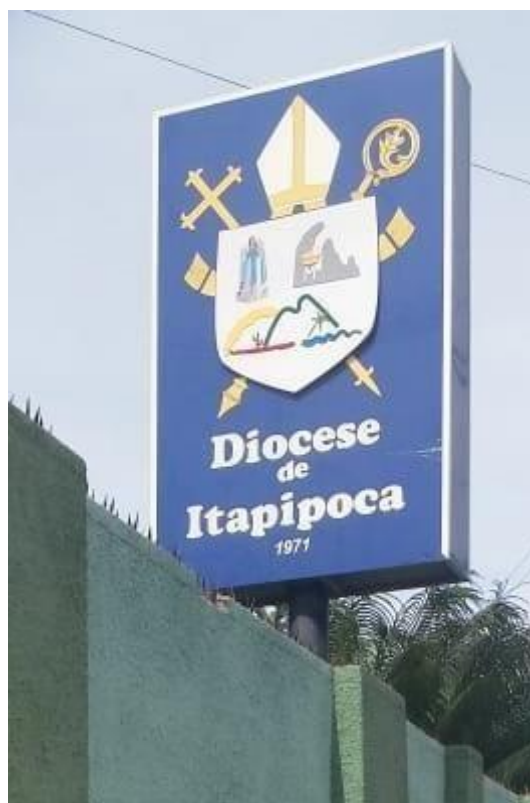
Com fins ilustrativos apresentamos abaixo o registro fotográfico do local onde os livros estão armazenados e a fachada do imóvel onde se localiza a cúria diocesana de Itapipoca, onde se encontra o arquivo

Figura 5 – Acervo dos livros de óbito na diocese



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 6 – Placa Frontal da sede da Cúria diocesana de Itapipoca³⁵



Fonte: Elaborada pela autora.

nossos.

³⁵ A Sede da Cúria Diocesana de Itapipoca é o local onde os livros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa estão guardados.

A escolha do livro como *corpus* desta pesquisa aconteceu de forma involuntária, pois, foi o único que, inicialmente, tivemos acesso para o registro em edição digitalizada em forma de fotografia, para, em seguida, realizarmos a edição conforme o modelo semidiplomático. Porém, a escolha por esse gênero se justifica por ser textos que revela aspectos cotidianos da vida e da morte, inexistentes em outros tipos de documentos oficiais, e por ser pouco explorado, assim, de ampla relevância aos estudos filológicos, sobretudo, no grupo de pesquisa (PRAETECE) ao qual esta pesquisa está vinculada, bem como, na recuperação e divulgação desses documentos, por entendermos que estes textos trazem informações importantes do ponto de vista sócio-histórico-cultural da região em que foi escrito, que interferem na compreensão da identidade cultural dos antepassados.

Sobre o tipo de escrita, predomina a humanística cursiva, modelo comum ao período histórico que os textos foram escritos. Berwarger e Leal (2008, p. 67) ressaltam que “[a] maioria da documentação brasileira está registrada em letra humanística, aliás, a escrita humanística é a corrente, usual até hoje desde o séc. XVI”. Este tipo de escrita tem como característica a tendência de unir as letras que formam uma palavra, modo de escrita que Berwarger e Leal (2008, p. 64) explicam que, geralmente, ocorre pela necessidade e “desejo de escrever mais depressa”.

Outra característica da grafia do texto é a presença de aspectos pseudoetimológicos, que segundo Coutinho (1976, p. 71-72), diz respeito a um dos três períodos da história da ortografia da língua portuguesa, são eles: *o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado*. Sobre a caracterização da grafia pseudoetimológica o autor esclarece que teve início no século XVI, indo até o início do século XX (1904), são características deste período o emprego de consoantes geminadas e insonoras e de grupos consonantais impropriamente chamados gregos. Sendo assim, podemos identificar nos textos que compõem o nosso *corpus* esta influência etimológica, a exemplo do emprego de encontros consonantais do tipo *ch* e *ph*, as consoantes geminadas *ll* e *nn* e as consoantes insonoras *gn* e *mn*, características que apontam para uma tentativa de grafia que se aproxime do Latim.

Quanto à organização formal do texto, foi atribuído pelos escrivães das certidões – os vigários da paróquia: Philomeno do Monte Coelho e Catão Porfirio Sampaio – um número para cada registro de óbito escrito, iniciando uma nova contagem a cada ano.

A seguir, a fim de quantificar o número de registros anuais, apresentamos, mais detalhadamente, o quadro com as respectivas quantidades de registros de óbito a cada ano.

Tabela 1 – Quantidades de registros de óbitos por ano

ANO DE REGISTRO	QUANT. DE REGISTROS
1889	41
1890	79
1891	52
1892	46
1893	50
1894	55
1895	30
1896	20
1897	99
1898	48
1899	42
1900	34
1901	37
1902	32
1903	26
1904	40
1905	21
1906	0
1907	1
1908	0
1909	0
1910	1
1911	0
1912	0
1913	0
1914	0
1915	1

Fonte: Elaborada pela autora.

A quantidade total de registro de óbito no livro é 755, desses 51% são óbitos de pessoas do sexo masculino e 49% do sexo feminino, dado relevante que aponta para uma

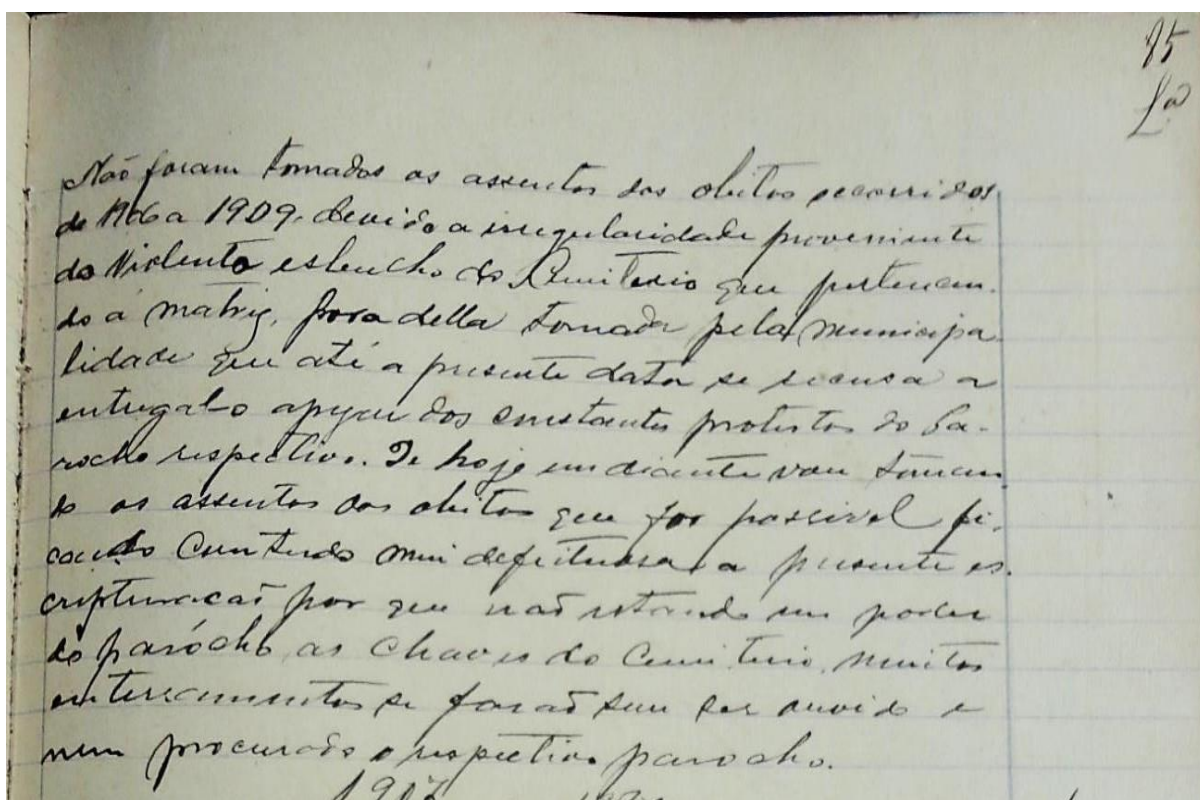
paridade no número de falecimentos por sexo, ocorrência que será discutida no capítulo de análise deste trabalho.

Conforme os dados de registros anuais, percebe-se que nos dez últimos anos o número de registros de óbito reduziu abruptamente, situação explicada em uma nota escrita no livro pelo Vigário Catão Porfirio Sampaio, fato que consideramos relevante para a descrição do *corpus*.

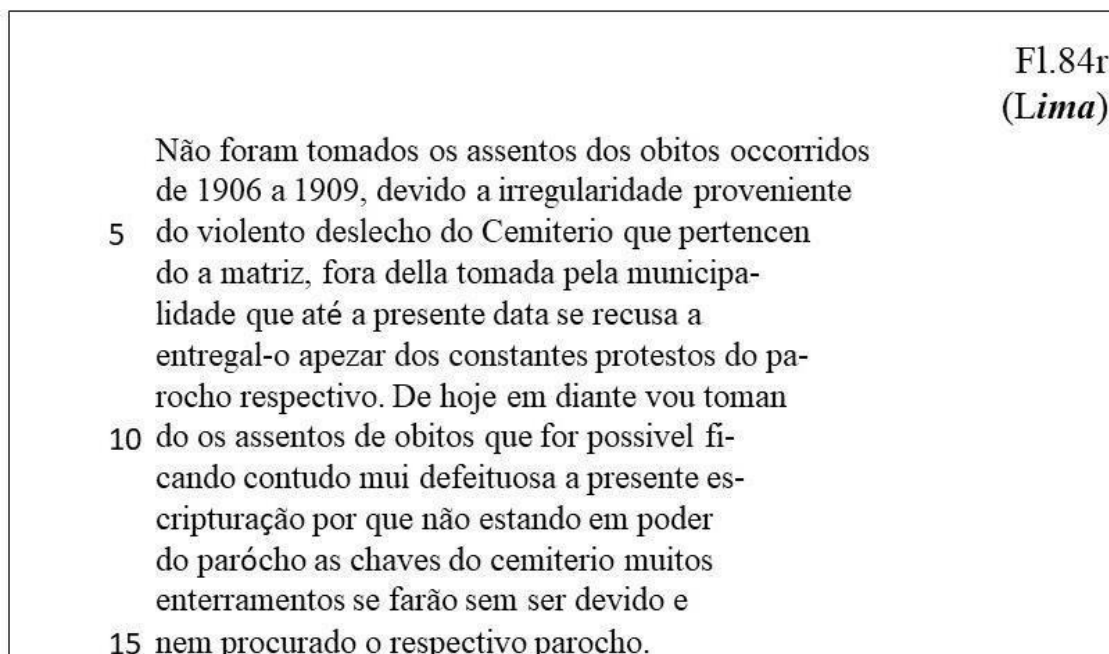
O livro é escrito até o fôlio 85 *recto*, estando em branco dos fôlios 85 *verso* ao 89 *verso*; no fôlio 90 *recto* encontra-se um registro, datado do ano de 1915. Seguindo em branco dos fôlios 90 *recto* ao 99 *verso*; e no fôlio 100 *recto* encontramos a repetição do registro de óbito datado de 1915 e já registrado fôlio 90 *recto*.

A fim de explicara descontinuidade dos registros, apresentamos abaixo as edições mecânica e semidiplomática da nota do padre que justifica a ausência de registros de óbito nestes anos.

Figura 7 – Edição mecânica de nota do vigário <fl. 85r>

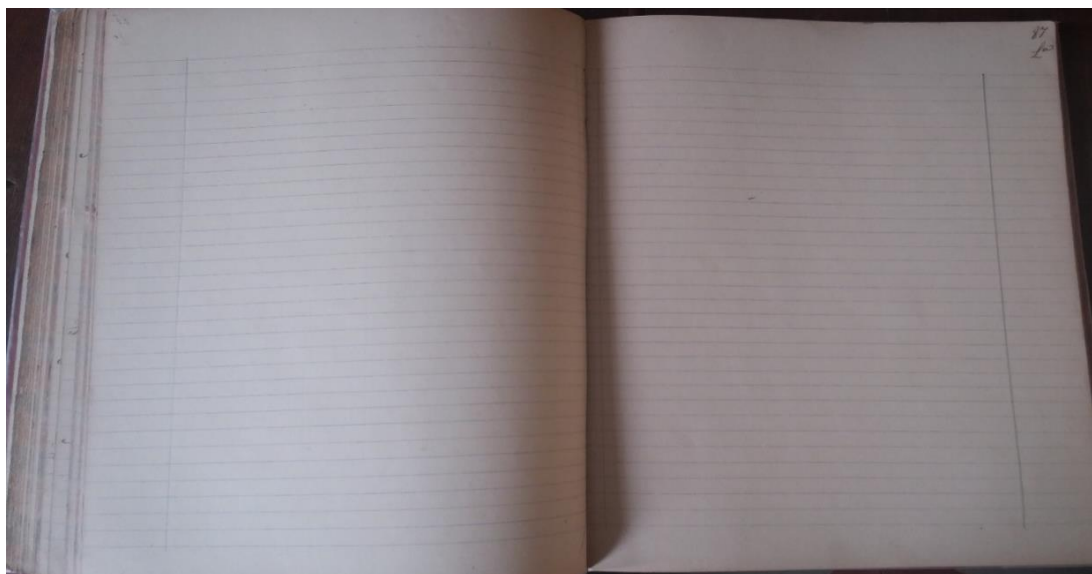


Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 8 – Edição semidiplomática de nota do vigário <fl. 85r>

Fonte: Elaborada pela autora.

As certidões de óbito foram editadas, inicialmente na forma de fotografias, em câmara digital Sony com resolução de 14megapixels, totalizando 205 arquivos de fotografias (fotolitos) já que todas as partes do livro foram registradas, inclusive os fólhos em branco, ou seja, as páginas que não foram manuscritas, conforme demonstramos abaixo na **Figura 9**, é importante destacar que este passo (fotografar todo o livro) possibilitou que tivéssemos acesso à totalidade do livro sem, contudo, manuseá-lo.

Figura 9 – Registro mecânico de dois fólhos não manuscritos<fl. 88v / fl. 89r>

Fonte: Elaborada pela autora.

Posteriormente, realizamos a edição semidiplomática dos textos, a qual exemplificamos abaixo com a edição mecânica seguida da edição semidiplomática do fólho – 79 r-*lecto*, as diretrizes que orientam sobre as normas de edição serão descritas na próxima seção deste trabalho. É importante salientar que a escolha por este fólho como modelo de exemplificação se deu por se tratar de um fólho que os registros estão completos no mesmo lado do fólho, iniciando no registro 4 e finalizando, com a assinatura do vigário, no registro 8, assim consta de cinco registros de certidões de óbito, conforme figuras a seguir.

Figura 10 – Edição mecânica de um fólho <fl. 79r>

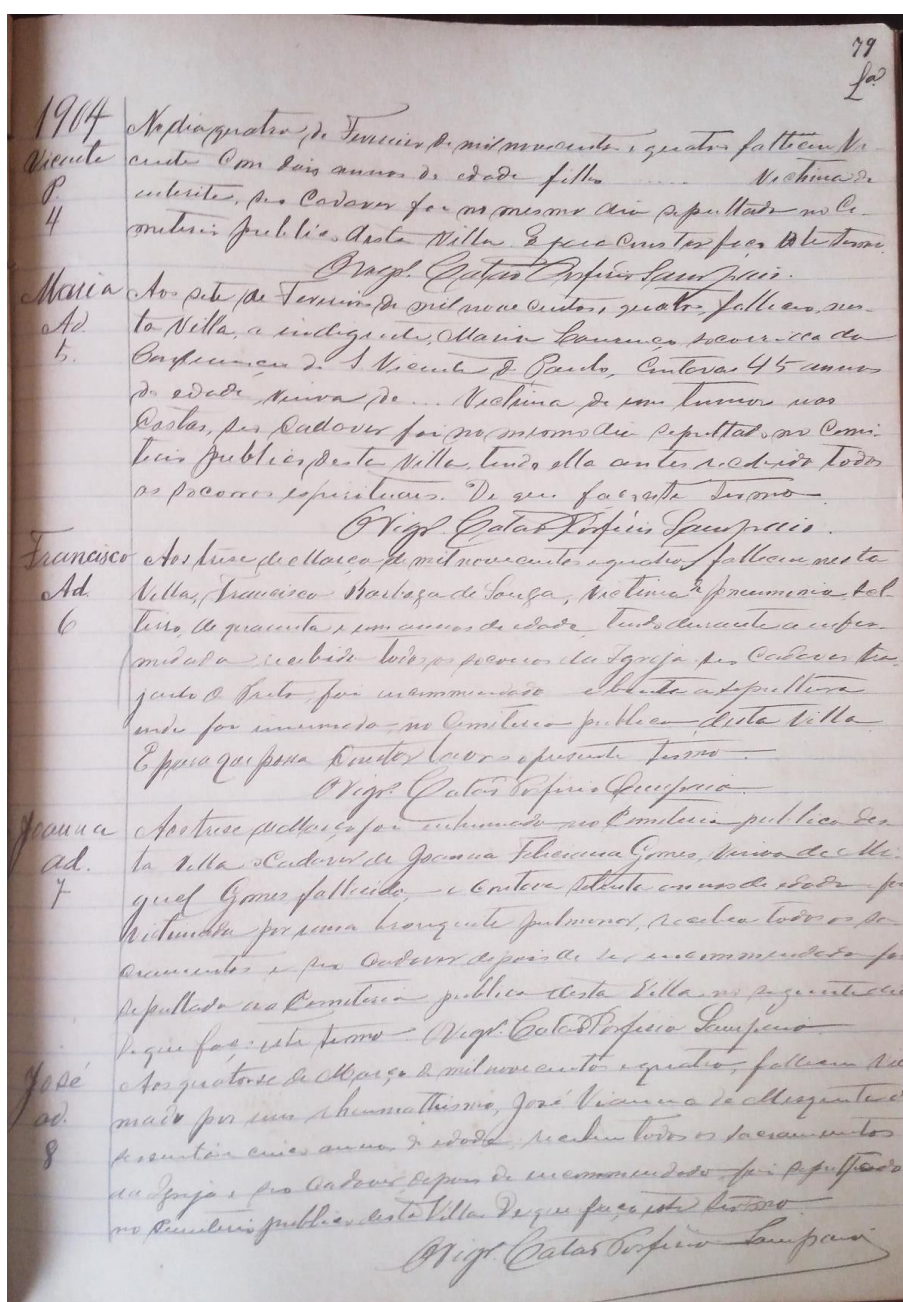


Figura 11 – Edição semidiplomática do fólio <fl. 79r>

1904
Fl. 79r
(Lima)

4Vicente Parvulo = No dia quatro de Fevereiro de mil e novecentos e quatro falleceu Vi-
cente com dois annos de idade filho ... victima de
5 enterites, seo cadaver foi no mesmo dia sepultado no ce-
miterio publico desta villa. E para constar faço este termo.
O Vizario Catão Porfirio Sampaio

5Maria Adulta = Aos sete de Fevereiro de mil e novecentos e quatro, falleceu, nes-
ta villa, a indigente Maria Lourenço socorrida da
10 conf[ilegível] de São Vicente de Paula, contava 45 annos
de idade, viuva de ... victima de um tumor nas
costas, seo cadaver foi no mesmo dia sepultado no cemi-
terio publico desta villa, tendo ella antes recebido todos
os socorros espirituais. Do que faço este termo.
15 O Vizario Catão Porfirio Sampaio

6Francisco Adulto = Aos tres de Março de mil e novecentos e quatro falleceu nesta
villa, Francisco Barboza de Souza, victima de pneumonia sol-
teiro, de quarenta e um annos de idade, tendo durante a enfer-
midade recebido todos os socorros da Igreja seo cadaver tra-
20 o junto do preto, foi encommendado e levado a sepultura
onde foi inumado no cemiterio publico desta villa.
E para que possa constar lavro o presente termo.
O Vizario Catão Porfirio Sampaio

7Joanna Adulta = Aos treze de Março foi inhumado no cemiterio publico des-
25 ta villa o cadaver de Joanna Feliciano Gomes, viuva de Mi-
guel Gomes fallecido e contava setenta annos de idade foi
victimada por uma bronquite pulmonar, recebeo todos os sa-
cramentos, e seo cadaver depois de ser encommendado foi
sepultado no cemiterio publico desta villa no seguinte dia.
30 Do que faço este termo
Vizario Catão Porfirio Sampaio

8José Adulto = Aos quatorze de Março de mil e novecentos e quatro falleceu victi-
mado por um rheumathismo, José Vianna de Mesquita de
sessenta e cinco annos de idade; recebeo todos os sacramentos
35 da Igreja e seo cadaver depois de encommendado foi sepultado
no cemiterio publico desta villa. Do que faço este assento
O Vizario Catão Porfirio Sampaio

Fonte: Elaborada pela autora.

Depois de editados os textos nos serviram de objeto de análise das relações de sentidos das unidades lexicais que compõem uma parte do universo lexical da morte e do morrer. Conforme já mencionado, no próximo tópico descrevemos as normas de edição que nos serviram de aporte metodológico.

4.1.1 As normas de edição

Ao empreitar-se na edição de documentos o filólogo deve ater-se a métodos e modelos próprios ao labor filológico, visto que, como toda ciência a Filologia preza por teorias e modelos metodológicos que a fundamentam.

Cambraia (2005, p. 90) apresenta os tipos fundamentais de edição de documentos e salienta que a escolha de um tipo de edição aplicada a um texto deve levar em consideração fatores como o público-alvo e a intenção do crítico textual, pois, cada tipo de edição “tem características muito próprias e distintas”. Para Cambraia é “igualmente importante saber se o texto em questão já foi editado antes, a fim de se evitarem edições redundantes, ou seja, que simplesmente repetem a abordagem das edições ainda disponível no mercado” (CAMBRAIA, 2005, p. 90). Marcotulio *et al.* (2018, p. 41) coaduna com Cambraia ao reforçar que “mais importante do que os rótulos são os critérios utilizados por cada editor, estabelecidos em função de seus objetivos e do público-alvo que deseja atingir”, desta maneira, vislumbrando galgar os objetivos deste trabalho utilizamo-nos de dois modelos de edição: o modelo *fac-similar* e o modelo semidiplomático.

Cambraia (2005, p. 91) orienta que a edição *fac-similar* “baseia-se, em princípio, no grau zero de mediação, porque nesse tipo apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como xerografia, escanerização etc.” Embora, hodiernamente, já não se possa mais falar em “grau zero de mediação” numa edição mecânica, pois com o advento da tecnologia é possível a manipulação de imagens e de arquivos, podendo ocorrer alteração nas informações contidas nos registros, a exemplo de limpeza das marcas, uso de filtros que escondem marcas originais do texto, dentre outros artifícios.

Neste trabalho, iniciamos com a realização da edição *fac-similar* de todo o livro, em forma de registro fotográfico, para isto, usamos uma câmera digital da marca Sony e resolução de 14 megapixels, o que nos permitiu o acesso ao texto original, sem, contudo, o manuseio direto ao exemplar, a não ser no momento de fotografar.

Tal como já mencionamos, o livro foi manuseado apenas uma vez para o registro fotográfico, ressaltamos que não houve nenhum uso de aplicativo ou suporte eletrônico para melhorar/modificar as imagens.

Posteriormente, de posse da edição mecânica, iniciamos o trabalho de edição semidiplomática, modelo que permite um grau médio de mediação, pois o editor (filólogo) tem o cuidado de inserir pequenas informações na reprodução do texto, a fim de possibilitar o entendimento de formas linguísticas que não seriam possíveis sem a intervenção do filólogo.

Na edição semidiplomática o editor resguarda as características do texto original, intervindo apenas quando da necessidade de explicar ou esclarecer dúvidas no texto, a exemplo do desenvolvimento de abreviaturas e inclusão de notas de rodapé que ajudem no entendimento do texto.

No trabalho de edição dos documentos guiamo-nos pelas normas de transcrição do Grupo de Pesquisa PRAETECE, ao qual este trabalho está inserido – o grupo foi fundado no ano de 2010 com o intuito de reunir pesquisadores/alunos/professores e interessados, sobretudo, no estudo de documentos escritos no estado do Ceará. Sobre o processo de edição dos textos, o PRAETECE espelhou-se nas normas de edição elaboradas pelo grupo de pesquisa PHPB (Para a História do Português Brasileiro) definidas durante o II Seminário do grupo, realizado no ano de 1998, no entanto, estabeleceu algumas alterações e adaptações, normas que transcrevemos na íntegra, conforme consta publicadas no blog³⁶ *praetece-ce.blogspot*.

- a) A transcrição será conservadora.
- b) As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico e em **negrito**, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:
 - respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura: m.^{to} a ser transcrita “munto”;
 - no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura: D.^s a ser transcrita “Deus”.
- c) Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, (desde que não haja nenhuma dúvida, em havendo, prefere-se separar as palavras), não se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: epor ser; aellas; daPiedade; ominino; dosertão; mostrandoselhe; achandose; sesegue.
- d) A pontuação original será rigorosamente mantida, assim como a translineação.
- e) A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: aRepublica; decommercio; edemarcando também lugar; Rey D. Jose; oRioPirahý; oexercicio; hé m.to convenientes.
- f) Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no

³⁶ Link de acesso ao blog do PRAETECE: <http://praetece-ce.blogspot.com/2013/10/atualizacoes-das-normas-de-edicao-de.html>.

original, (desde que não haja dúvida, em havendo, prefere-se a forma minúscula). No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

- g) Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: nota 1. PirassocundaporPirassonunga; nota 2. Deligonciapordeligencia; nota 3. Adverdinto por advertindo.
- h) Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição em nota de rodapé, indicando-se a linha de ocorrência.
- i) No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] em direção opaco.
- j) Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer no final do documento, informando-se a localização.
- k) Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: não deixe passar [registro] de Áreas.
- l) Letra ou palavra não legível por deterioração justifica a intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível].
- m) Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corridas + ou - 5 linhas]. Se for caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.
- n) A disposição das linhas do documento original será mantida na edição, sem necessidade de nenhuma marca. A mudança de fólio receberá a marcação com o respectivo número na sequência, alinhado à direita da seguinte forma: fl.1v. fl.2r. fl.2v. fl.3r.
- o) Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.
- p) As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão

sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Bernardo Jose de Lorena; sinal público: [Bernardo].

4.1.2 A Coleta das lexias

Na análise dos dados, descrevemos a relação de sentido das lexias levando em consideração os aspectos sócio-histórico-culturais, para tal, nos amparamos na Lexicologia, sobretudo, nas proposições de Matoré (1953), que salienta que a *palavra* (lexia) tem caráter social e que os estudos lexicológicos devem focar-se no conceito delas, pois este atribuído às lexias ou *palavras* (nos termos de Matoré) reflete a concepção de mundo e da sociedade, e não somente os aspectos formais da língua. Amparamo-nos ainda em Biderman (1978), que concebe o léxico como um sistema aberto, porém, passível de traduzir o mundo e a realidade social a que está inserido, sendo a língua o veículo, por excelência, de transmissão da cultura.

Assim, compreendemos que é possível explicar uma sociedade a partir do estudo das lexias registradas, em razão dos vestígios sociais, históricos e culturais serem refletidos na língua, sobretudo, pelo léxico, portanto o estudo desvela características típicas de um dado momento histórico, bem como, as crenças e costumes do povo.

Desta maneira, estudamos o léxico da morte em certidões de óbito, por um viés sócio-histórico-cultural, pois partimos do pressuposto que as escolhas lexicais sugerem um contexto e uma organização social, pautada em uma conjuntura histórica e cultural, dado o valor social das lexias, conforme assevera Matoré (1953).

Neste sentido, para analisar as lexias que integram os rituais da morte nos documentos de óbito, propomos três categorias de análise: *as lexias de pré-morte*; *as lexias de causa mortis* e *as lexias de pós-morte*, porém, antes de adentrar às análises, descrevemos os sujeitos que produziram os documentos de certidão de óbito, bem como quantificamos os sujeitos referenciados nos documentos por faixa etária, sexo e estado civil, dados que nos foram ricos para reconstrução do retrato social daquela comunidade.

Em relação aos sujeitos referenciados nos documentos, partimos dos dados quantitativos e quanto aos escreventes levamos em consideração os dados históricos e bibliografia deles. Para as três categorias analíticas de pré-morte; *causa mortis* e pós-morte, elaboramos tabelas com os dados quantitativos por ano de registro. Conforme segue modelo preliminar correspondente ao ano de 1889 com algumas das lexias já recolhidas do *corpus* (ver tabelas 2, 3, 4), salientamos que os dados que constam nos exemplos abaixo foram contabilizados do *corpus*.

Categoria 1 – pré-morte

Esta categoria diz respeito aos rituais que antecedem à hora da morte. Por se tratar de documentos que têm caráter religioso, mais precisamente da religião católica, os ritos de pré-morte são sacramentos administrados aos moribundos, a fim de garantir-lhes uma boa morte, conforme prega as crenças e dogmas da religião católica, a exemplo: *comungar*; *confessar*; *receber a extrema-unção*.

Tabela 2 – Modelo da tabela com dados reais de quantitativos das lexias de pré-morte do ano de 1889

PRÉ-MORTE – 1889				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Comungar	1	2,5	-	-
Confessar	4	10	-	-
Receber a extrema-unção	2	5	-	Recebeu a extrema unção
Receber o viático	2	5	-	Recebeu o sagrado viatico

Fonte: Elaborada pela autora.

Categoria 2 – causa mortis

A causa da morte é revelada na segunda categoria analítica estabelecida para este trabalho, esta que, com frequência acompanham a base verbal *falecer de* – construção que ocorrem em 92% dos registros ou *perecer de* – formação menos frequente, ou mesmo a construção metafórica: *partir da vida presente* – por vezes, acompanhada da base adjetival *vitimado por*.

As lexias revelam a razão do falecimento, ou situação que ocasionou a morte do indivíduo. Importante dado para que se possa identificar realidades social-histórico-culturais.

São exemplos de causa mortis: *falecer de tísica*; *falecer de espasmo*; *falecer de febre*.

Tabela 3 – Modelo da tabela com dados reais de quantitativos das lexias de *causamortis* do ano de 1889

CAUSAMORTIS – 1889				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Tísica	5	12	-	Phtysica; Phtisica
Espasmo	4	10	-	Spasmo
Febre	6	15		Febres
Garrotilho	5	12	crup	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Categoria 3 – pós-morte

As lexias que correspondem ao pós-morte dizem respeito aos procedimentos fúnebres, ou seja, os ritos empregados ao corpo falecido para garantir-lhe o destino final da matéria, o corpo físico, e o encaminhamento espiritual da alma. São rituais próprios da religião: *encomendar* o cadáver; *celebrar* missa de sétimo dia e/ou missa de corpo presente e ritos oriundos dos costumes e crenças ocidentais, a exemplo de *amortalhar* e *sepultar* o corpo.

Tabela 4 – Modelo da tabela com dados reais de quantitativos das lexias de pós-morte do ano de 1889

PÓS-MORTE – 1889				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Encomendar o cadáver	20	49	-	Encommendado;
Amortalhar	26	63	-	-
Sepultar	40	98	-	-
Celebrar missa de corpo presente	1	2,5	-	Teve missa de corpo presente

Fonte: Elaborada pela autora.

As três categorias analíticas nos serviram de orientação para a recolha das lexias, as quais foram organizadas, segundo tabelas ilustrativas (**Tabela 2, 3 e 4**), e recolhidas conforme método descrito a seguir.

Inicialmente, as certidões de óbito foram divididas por ano de registro, o que possibilitou a precisão na recolha das lexias, visto que, foram contadas uma a uma, sem ajuda de programas computacionais ou afins. Esse método foi utilizado a fim de que tivéssemos maior exatidão nos dados quantitativos, pois após uma minuciosa leitura e ciência do número de registros foi possível realizar a recolha das lexias em cada categoria analítica, que foram organizadas em tabelas de ocorrência (ver Tabelas 2; 3 e 4), pois somente de posse dos dados quantitativos foi possível realizar a análise qualitativa, levando-se em conta os aspectos sócio-histórico-culturais do contexto de produção dos textos.

As tabelas foram divididas em três colunas. A primeira intitulada LEXIA, nesta apontamos as lexias recolhidas, que foram reproduzidas na forma lematizada, cabe ressaltar que a lematização é o processo de “deflexionar”, ou seja, sem flexão. Na língua portuguesa a lematização dar-se com os *nomes* (substantivos, adjetivos e pronomes) no masculino e no singular e os *verbos* na forma infinitiva. Pontes (2009, p. 73) determina que “[a] lematização [é] a transformação de unidades de discurso em lema”, ou conforme Welker (2004) trata-se de dar à lexia a forma que ela costuma ter como palavra-entrada ou verbete. Assim, entendemos que se faz necessária a lematização na apresentação das lexias, para evitar possíveis dubiedades quanto ao sentido.

A segunda coluna foi intitulada OCORRÊNCIAS, e foi dividida em outras duas colunas: a primeira aponta a quantidade numérica de ocorrência, que foi determinada pela apuração da lexia por ano e, a segunda, a porcentagem da ocorrência no *corpus*, alcançamos este último por meio do método de resolução de problemas que envolve duas grandezas, mais conhecido como regra de três simples, em que o total de ocorrência da lexia é multiplicado por cem, e o resultado dividido pelo total de registro anual, chegando assim no percentual de ocorrência da lexia. Importante salientar que, a escolha pelas duas formas de representação quantitativa se deu para facilitar a leitura e a interpretação dos dados.

A terceira coluna nomeada como VARIAÇÕES e também subdividida em outras duas colunas, em que apontamos – tal como ocorre no *corpus* – as variações lexicais na primeira coluna e as variações ortográficas na segunda, neste caso, as lexias serão representadas conforme aparecem nos documentos.

A estrutura da tabela foi organizada de modo que, a primeira linha com o título da tabela diz respeito a uma das três categorias de análise (pré-morte; causa *mortis*; pós-morte), seguido pelo ano correspondente. A produção das tabelas por ano de registros fez-se necessária para que pudéssemos identificar em um tempo historicamente situado, características sociais, históricas e culturais que são expressas nas lexias.

Por se tratar de um número elevado de dados, e por questões de organização, as tabelas estão dispostas nos apêndices deste trabalho e, quando necessárias, serve-nos de ilustração em nosso capítulo de análise, de modo que, atemo-nos também a gráficos ilustrativos (optamos por dois modelos de gráficos: gráfico em pizza e gráfico em colunas³⁷) – construídos a partir dos dados coletados e dispostos nas tabelas. Salientamos que os dados quantitativos são importantes instrumentos para as digressões sobre o contexto sócio-histórico-cultural, pois colaborou para que compreendêssemos/revelássemos além da realidade social em que os textos foram produzidos, o momento histórico e os aspectos culturais que são refletidos por meio do léxico.

Desta forma, apontamos para o uso da lexia em um contexto historicamente situado, método que colaborou com a análise lexicológica, visto que buscamos identificar o conceito das lexias recolhidas dentro do contexto de produção, a fim de compreender a relação de sentido dentro da conjuntura social, histórica e cultural.

4.1.3 A análise lexical e sócio-histórico-cultural

Após recolhidas as lexias, fizemos a análise lexicológica, que se deu conforme método descrito abaixo.

Inicialmente, adaptamos, a esta pesquisa, os testes de determinação das lexias proposto por Pottier (1978, p. 271), pois entendemos que tais testes não podem ser considerados absolutos, como bem lembra o estudioso ao afirmar que “teste algum é suficiente, por si mesmo, mas cada um revela uma propriedade”, porém, nos serviram de parâmetros na identificação das lexias, uma vez que, “a noção de lexia não pode ser facilmente isolada”(POLGUÈRE, 2018, p. 49), assim, para identificação das lexias atemo-nos aos seguintes testes:

a) teste de autonomia lexical

A autonomia lexical afiança que uma forma livre pode ocorrer isoladamente, por si só constituindo uma significação lexical. Conforme podemos observar nos excertos retirados do *corpus* de análise:

“Aos dezoito de Novembro de mil oitocentos e noventa e sete **falleceu** nesta villa de febres[...]”(fl.51r – reg.85) – identificamos que a lexia *falecer* pode ocorrer isoladamente e

³⁷ Os gráficos são importantes recursos visuais que possibilitam leitura e interpretação rápida dos dados, por isso a opção pelos dois modelos (pizza e colunas) os quais escolheremos a depender do quantitativo de dados que serão informados.

constitui uma lexia simples com o significado lexical de *morrer*.

Da mesma forma a lexia em destaque: “*Aos vinte nove de março de mil oitocentos noventa dous tendo **fallecido da vida presente** Maria Antonia[...]*” (fl.21r – reg.13) que também possui o significado lexical de *morrer*, todavia constitui uma lexia complexa com propriedades variáveis. Podendo ocorrer, por exemplo: “***partiu da vida presente***” ou “***pereceu da vida presente***”. Segundo Pottier (1978, p. 270) “a lexia variável se compõe de um quadro estável e de uma zona instável”. Ou seja, diz-se de uma lexia parcialmente rígida, e possuidora de um único sentido.

b) teste de substituição

A identificação de lexias por meio do teste de substituição ocorre pela impossibilidade de troca/mudança de um elemento, Pottier (1978) define como a não-comutabilidade de um componente, ou seja, são sequências lexicalizadas, lexias que surgem de hábitos associativos e que resultam em combinações semânticas.

Em sequências como *cadáver amortalhado* a substituição do substantivo *cadáver* por outro mais ou menos sinonímico pode afetar o efeito de sentido da lexia, uma vez que se infere o uso de mortalhas em corpos falecidos. Embora ocorrendo com frequência no *corpus* não podemos afirmar definitivamente que seja uma construção lexicalizada, visto que a lexia *amortalhar* pode ocorrer isoladamente e constituir uma lexia simples com o significado lexical de *adereçar o defunto com vestes fúnebres*, com o mesmo sentido de *cadáver amortalhado*.

c) teste de não separabilidade

Este modelo de teste Biderman (1978) chama de teste de inserção, e segue os mesmos moldes propostos por Pottier (1978), diz-se de lexias que estão integradas umas às outras e não admitem que se insira um componente entre ambas, ou seja, não se pode separar, caso contrário a lexia perde o seu valor semântico.

Podemos usar como exemplo de não separabilidade a construção *lesão cardíaca*, pois não se pode dizer <lesão “fulminante” cardíaca> ou <lesão “instantânea” cardíaca>, mas, sim <fulminante lesão cardíaca> ou mesmo <instantânea lesão cardíaca>. Tampouco inserir entre os termos as preposições <de> ou <com>, tendo em vista que, a lexia perderia o sentido, resultando em uma construção não aceitável pela língua. O mesmo ocorre com a lexia <extrema unção>, não há possibilidade de separação das lexias, de modo que, o agrupamento delas forma um todo significativo, configurando como uma lexia composta. Portanto, o teste de não separabilidade demonstra a lexicalização das lexias compostas <lesão cardíaca>e<extrema

unção>, que se tratam de lexias compostas pois há integração semântica, ocorrendo uma significação lexical própria.

Identificada a natureza e propriedade das lexias, realizamos com ajuda de dicionários a identificação das variações semânticas/ortográficas, a fim de subsidiar nosso entendimento quanto ao sentido empregado no contexto, consideramos variação semântica as ocorrências que expressam o fenômeno da sinonímia, a exemplo das lexias <garrotilho> ou <crup>, que ambas podem ser definidas, segundo Chernoviz (1890, p. 754) como “uma espécie de inflamação da garganta, caracterizada pela tendência à formação de uma membrana, nas vias aéreas, ou pela formação real d'esta membrana, que obstrue a passagem do ar”.

Já na variação ortográfica, levamos em consideração as variantes de registros, mas com o mesmo valor semântico como a inserção, a redução, a variação de letras ou de grupos de letras, por exemplo: z > s, e > i, o > u. E desconsideramos o uso ou desuso de acentuação que indiquem tonicidade, tendo em vista a dificuldade de identificar a intencionalidade do escritor quanto aos aspectos fonológicos. A exemplo de variação ortográfica, podemos citar as lexias <tísica>; <thysica>; <ptytica> ou <phtysica>, que mesmo distintas ortograficamente detêm o mesmo significado lexical, ocorrência muito comum ao período em que os textos foram escritos, já que na época a norma padrão de escrita passava por processo de formatação, ocorrendo assim, muitos casos de variação ortográfica.

Na análise lexical, relacionamos o linguístico com o social, o histórico e o cultural, de modo que pudemos entender o papel do social e do cultural na constituição do léxico, para isto, descrevemos o léxico levando em consideração os fatores sócio-histórico-culturais que determinam o uso das lexias. Dado que pode ser exemplificado com o excerto “[...]falleceu de febre Francisco dezeseis annos de idade filho legitimo Izachiel Pereira Lima seu cadaver **amortalhado em branco** foi sepultado no Cemiterio publico[...]”. A lexia em destaque revela aspectos da morte e atitudes perante à morte e ao morrer próprios da cultura ocidental, que é a preparação e o cuidado com o defunto, a fim de protegê-lo na viagem para o além e garantir-lhe a boa morte.

As mortalhas, segundo Reis (1991) revelam a posição social e até mesmo o sexo do falecido, pois, quanto à posição social era preciso maior poder aquisitivo para fabricação de mortalhas pretas ou de cor, porém assevera que, embora não se possa esclarecer fielmente a simbologia das cores das mortalhas, é possível destacar a condição social, o sexo, a idade e até as diferenças etnicorraciais que influíam no seu uso. Como é o caso das vestes brancas, por vezes produzidas com tecidos grosseiros de algodão, eram comuns aos pobres, por não disporem de recursos para aquisição de outros tecidos, e aos praticantes de religiões com

matrizes africanas, por razões culturais. Ou, em outros casos, o branco simbolizava a virgindade, a pureza, conforme assegura Reis (1991, p. 149) “quem já perdeu a virgindade deve ser vestido de preto na hora da morte”, costume comum aos meados da década de 1840, momento histórico bem próximo do nosso espaço/tempo de investigação.

Segundo Reis (1991), a mortalha funcionava como um instrumento de poder mágico que falava pelo morto, garantindo-lhe uma boa passagem e protegendo-lhe na viagem para o além. Aspecto cultural confirmado por Ferraz (2016) quando lembra que até metade do século X era costume os defuntos serem enrolados em lençóis, todavia, com a Idade Moderna, sobretudo, na prática da religião católica passou-se a vestir os mortos com mortalhas, preparadas para aquele momento, seu uso exprimia uma importância ritual ao cadáver para integração e ressurreição no mundo espiritual.

Assim, a representação lexical do costume de sepultar com mortalhas representa a cultura da morte em suas práticas sociais, os significados religiosos e crenças construídas no meio social. Sendo uma tarefa impraticável separar o linguístico do social, do contexto histórico e da cultura.

Desta maneira, compreendemos que o estudo lexicológico pode ser trabalhado em um âmbito social, sem que se abra mão dos fatores internos à língua, portanto, é possível identificarmos, partindo do léxico, marcas deixadas no texto que contribuem para o entendimento sobre a cultura e as práticas sociais no âmbito da morte e do morrer.

Por fim, de posse das ocorrências das lexias, bem como do quantitativo, estas foram discutidas, de modo a identificar a relação de significação com o contexto sócio-histórico-cultural. Portanto, fez-se necessário realizar pesquisa historiográfica a respeito das crenças e do contexto religioso, a fim de buscar entender o sentido dos dados revelados pelo léxico, e que sobressaem da materialidade textual. Pois somente conhecendo o contexto de produção pudemos entender o significado lexical e partindo deste pressuposto pudemos correlacionar léxico/sociedade/história/cultura.

5 OS RITUAIS DA MORTE: PERCURSO DERRADEIRO

Nesta seção, apresentamos a análise das lexias do ritual da morte com base nos pressupostos anteriormente expostos. Portanto, a fim de sistematizar a estrutura organizacional do texto, e seguindo a metodologia proposta anteriormente, dividimos esta seção em quatro partes.

Na *subseção 5.1*, apontamos os dados biográficos e históricos dos sujeitos que produziram os documentos de óbito e posteriormente os dados quantitativos dos sujeitos referenciados nos documentos. Esta primeira parte, foi subdividida em três partes, e faz-se necessária para que possamos conhecer a partir dos sujeitos o retrato social da região, dado importante para a compreensão da constituição social, histórica e do tempo em que os textos foram produzidos. Já as três subsubseções que seguem apresentamos os dados quantitativos das lexias e suas respectivas significações dentro do contexto sócio-histórico-cultural, de modo a possibilitar reflexões qualitativas a respeito das construções lexicais e representação da cultura e da história social do momento de produção.

5.1 Os sujeitos que produzem e os sujeitos que são citados nos documentos de óbitos

No Ceará, assim como no Brasil, o século XIX foi marcado por significativas mudanças conjunturais. A antiga capitania, o Ceará, transpõe o século XVIII arquejante, devido às constantes secas na região, que geravam além da degradação física, a degeneração moral das famílias, que “para escapar às eventualidades tremendas da crise, cedendo às sugestões da própria conservação começou o povo a deslocar-se, estabeleceu-se enorme corrente emigratória, ficando despovoadas muitas localidades” (STUDART, 2004, p. 416-417). Com a chegada do século XIX os períodos de estiagem não cessaram e atingiram a população com muito mais força. Studart (2004) atribuiu ao Ceará o predicado de “terra assolada pelas secas”, característica que estigmatiza o povo desta região do Nordeste, até os dias atuais.

No último ano do século XVIII, o Ceará torna-se independente da capitania de Pernambuco e com isto adquire algumas vantagens comerciais, porém o atraso econômico ainda era evidente, conforme salienta Ximenes (2013, p. 69) “A situação de atraso socioeconômico e cultural do Ceará era sensivelmente percebida pelos próprios administradores, no referente a todas as circunstâncias da vida”, situação agravada pelos longos períodos de estiagem, tendo o povo que se apegar à fé, pois acreditava-se que os eventos climáticos tinham relação com os castigos divinos.

O atraso econômico perpetuou-se ao longo do século, sendo ainda proeminente na conjuntura das primeiras décadas do século XIX, situação social que causou revoltas e movimentos sociais que se propagaram por todo o século, e que influenciaram nos costumes e modelos socioculturais implantados no século seguinte. Um exemplo de mudança conjuntural é a respeito dos costumes fúnebres, mais precisamente no caso dos sepultamentos, que em muitas regiões até os meados do século XIX eram realizados dentro ou no entorno das igrejas. Foi em meados do século XIX que a Igreja deixou definitivamente de receber os sepultamentos em seus templos e em alguns casos perdeu o controle do número de falecimentos, e foi no início do século XX que ela [a Igreja] perdeu também a autoridade de registrar os óbitos, dado que podemos aferir no excerto deixado no livro de óbitos que utilizamos para esta pesquisa “Não foram tomados os assentos do obitos ocorridos de 1906 a 1909, devido a irregularidade proveniente do violento esleucho do Cemiterio que pertencendo a Matriz, fora della tomada pela municipalidade” (fl.85r).

A Igreja foi paulatinamente perdendo o poder de controle, sobretudo a partir da separação do Estado, instaurada com a proclamação da República e com o fim do padroado. Na vigência do padroado, o Estado controlava a atividade eclesiástica na Colônia, bem como arcava com o sustento da Igreja e impedia que se cultuasse outros ritos que não da religião católica, estes benefícios eram trocados por reconhecimento e obediência ao Império, com seu fim, passa-se a reconhecer o caráter leigo do Estado, assim garantindo a liberdade religiosa dos povos.

É importante ressaltar que estas mudanças dão início ainda no século XIX, quando em 1888, instituiu o Estado a obrigatoriedade do registro de nascimento, casamento e óbito em cartórios de registros civis que passam a ter a responsabilidade destes atos. Todavia, a população demora para aderir aos novos moldes sociais, sobretudo, quanto aos registros que eram prerrogativa exclusiva da Igreja Católica, dado comprovado em nosso *corpus* que tem início em 1889, um ano depois da obrigatoriedade dos registros cartorários e vai até o ano de 1915, quase duas décadas seguintes.

As demandas sociais foram os principais impulsionadores de mudanças, sobretudo as demandas culturais relacionadas à religião, visto que o catolicismo deixou de ser a religião oficial (exclusiva) e professar outras religiões não configurava ato de ilegalidade, importante marco na história dos costumes e crenças da população.

No período em que os registros eram de exclusividade da Igreja, eles eram escritos pelos vigários das paróquias, diretriz que orientava que cada paróquia possuísse um livro para os registros de batizado, crismados, casamentos, óbitos e outros, e qualquer avaria destes livros era o contraventor punido, conforme consta nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1853, p. 326):

O que tirar folha, ou parte della, fizer termos falsos, mudar, ou diminuir alguma cousa substancial nos verdadeiros livros das devassas, visitas, baptizados, chrismadados, ordenados, casados, ou defuntos, ou nos livros, e inventarios dos bens da Igreja de qualquer qualidade, que forem, será castigado na fórma, que melhor parecer com penas pecuniarias, e degredo. E se o dito delinquente for official nosso, ou de nosso auditorio, perderá o Officio *ipso facto*, e ficará inhabil para outro semelhante.

Portanto, estes registros eram de responsabilidade absoluta do vigário responsável pela paróquia, no caso dos documentos de óbitos analisados nesta dissertação identificamos dois vigários escreventes: O padre Philomeno do Monte Coelho, que predomina quanto ao número de registros realizados no período analisado, e o padre Catão Porfirio Sampaio.

Philomeno do Monte Coelho, nasceu a 15 de maio de 1855 na cidade de Sobral, realizou estudos teológicos no Seminário de Fortaleza, que concluiu no ano de 1881. Sete anos depois foi nomeado vigário da freguesia de São Francisco, atualmente Itapajé, cidade vinculada a diocese de Itapipoca, conforme pudemos aferir em nota publicada no *Jornal A Constituição* de setembro de 1888 – edição 00015³⁸ “Por provisão de 11 do corrente foi nomeado o Rvm.

Philomeno do Monte Coelho para o cargo de vigário encomendado da freguesia de *São Francisco*, em substituição ao Rvm. Pedro Cavalcante Rocha, que fora dispensado a seu pedido”

No ano de 1902, o vigário Philomeno com uma enfermidade na visão precisou deixar a paróquia para seguir viagem ao Rio de Janeiro, a fim de consultar o cearense e afamado especialista Dr. Moura Brasil. Após tratar a saúde não mais retornou ao Estado do Ceará, sendo enviado à Bahia, onde inicialmente (1908) exerceu o cargo de governador da arquidiocese³⁹, em seguida assumiu o cargo de secretário de D. Jeronymo Tomé, arcebispo da diocese, onde viveu até a sua morte, aos 84 anos.

O vigário era um intelectual conhecido na imprensa cearense, pois, na época em que era vigário da freguesia de São Francisco foi também correspondente do jornal sobralense *A cidade*, conforme consta:

Temos a grata satisfação de anunciar aos nossos leitores que acabamos de receber comunicado de *São Francisco*, de se acha quasi restabelecido o nosso talentoso e virtuoso amigo *Reverendíssimo* Vigário Philomeno do Monte Coelho.

O nosso illustre correspondente foi atacado de bexigas. Mas felizmente benignas que não inspiram cuidados.

Fazemos ardentes votos por seu completo restabelecimento, afim de continuar a abrilhantar com os fulgores de seu gênio privilegiado as modestas paginas d’*A Cidade*, como o tem feito com o pseudônimo *Menophilo*. (*A CIDADE*, 1900 – Edição 00078).⁴⁰

³⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=235334&pesq=Philomeno%20do%20Monte%20Coelho>.

³⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=224782&pesq=philomeno%20do%20monte%20coelho>.

⁴⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168092&pasta=ano%&pesq=Philomeno>.

O jornal *A Cidade* aponta para a peculiar eloquência, clareza e lucidez nos textos escritos pelo vigário, estes que, muito embora tivessem cunho informativo, apresentavam altas doses metafóricas, conforme podemos aferir no trecho abaixo em um comunicado publicado no jornal *A cidade* em 12 de novembro de 1902:

O Anjo do extermínio parece que ultimamente anda voejando e crocitando agoiros sobre esta triste villa, onde, ha mais de um mez, elle tem assentado as suas tendas da morte, e maneja com o punho o gladio ensanguentado, vae, de carreira, surprehendendo e cortando vidas precisosas sem se importar com o clamôr de viuvez abraçada com a orfandade, ambos de lucto e no pranto, a chorar cada qual mais, não menos da surpresa que da desgraça experimentada. (A CIDADE, 1902 – Edição 00077).

Philomeno paroquiou a região de São Francisco (Itapajé) entre os anos de 1888 – 1903 e é definido pelo historiador Ribamar Ramos como um “Sacerdote culto, grande orador sacro” (RAMOS, 2012, *on-line*). Como correspondente do jornal *A Cidade* o vigário mantém uma postura de cunho informativo diferente da nota de indignação manuscrita no livro de óbito que nos serviu de *corpus*. Na referida nota, Philomeno declara toda sua indignação aos desmandos da oligarquia acciolina, que durante a seca de 1898 e 1900 fez pouco caso das necessidades do sertanejo, como se pode averiguar na nota transcrita abaixo, da qual podemos observar outro ponto relevante, que é o interesse do vigário que o texto sirva de verdade ao “rebuscador do passado”,

Essa figura sinistra (o do Accioly) é a única responsável, sobre quem peçam todas as desgraças do Ceará, presentes, passados e futuros; atestam este sulco profundo de tamanho arraso documentos alta solememente de sua passagem maldita!... Milhares e milhares de contos essa figura deshumana e sombria, esse genio do mal sequestro aos cearenses em proveito de si mesmo e da turma de bajuladores e barrigudos, que o cercam, quais abutres que sealimentam á custa damiseria, da corrupção e da morte. Porque motivo este tigre humanizado até a ultima hora de sua tyrania e perversidade legais não declarou a secca no Ceará?... Horribilledictu! é tão horrível e infame

que poria em duvida amais prevenida opinião, ignorando a ínfima esfera em que gira esse homem estragado, corrupto e moralmente perdido. Más infelizmente se deo assim: De pleno acordo com arrendatariobenemerito e caridoso da via ferrea de Baturite para não baixar a tarifa em favor dos desprotegidos e abandonado morrem a fome e sede em todas as localidades do Estado esse honrrabillissimo chefe da corrupção e do crime negou, mentio sempre aos poderes publicos, alastrando por toda parte ubi et urbi << que o Ceará gozava de todas as prosperidades!... >> . Que escarneio, que ultraje! Em outra parte que não o Ceará, seria inevitavel mais um

linchamento..... E’ esse alejão moral e physico que sobre um montão de esqueleto absorve a ultima seiva desse povo infeliz, que elle perverso e frio desbriou e prostituiu.

Nessas paredes interiores de seopalacio, erguido sobre um montão de cadaveres onde os alejões baltharicas, figure já ver escripto em caracteres de fogo este capitulo tremendo de sua condennação: -Mane, thecel, phares >>

É assim, pois, que se manifesta a opinião publica sobre essa fonte verdadeira e unica

de todas as desgraças do Ceará. Aqui fica pois ainda registrada esta restia de verdade para perpetuo testemunho da verdade historica ao rebuscador do passado. Vigario da Freguezia Philomeno do Monte Coelho. (fl. 65r-66v).

A nota acima foi registrada ao final de 1900, ano em que finda a primeira gestão de Antônio Pinto Nogueira Acioly (1896-1900) como presidente⁴¹ do Estado, ele retornando ao poder no ano de 1904 até 1912. É importante salientar que, o intervalo dos anos de 1901 a 1904, embora sendo Pedro Borges o presidente eleito para o período, Nogueira Acioly em parceria com o então presidente manteve grande influência no governo, fazendo valer o seu legado oligárquico.

O governo de Acioly foi marcado por um intenso confronto entre ele e a oposição, dado o caráter autoritário e sem fins para o bem-estar social de sua gestão. Como se pode averiguar na nota escrita por Philomeno, este faz menção ao presidente como uma “figura desumana e sombria, esse genio do mal sequestro aos cearenses em proveito de si mesmo e da turma de bajuladores e barrigudos” e se questiona com indignação o porquê do presidente não ter declarado a seca ao governo federal, ficando o Estado sem recurso para socorrer o povo da “terrível secca e de bexigas que desimaram muito nésta Parochia”.

No trecho “Nessas paredes interiores de seopalacio, erguido sobre um montão de cadaveres onde os alejões balthararicas, figure já ver escripto em caracteres de fogo este capitulo tremendo de sua condemnação: *-Mane, thecel, phares*”, o vigário Philomeno faz uma analogia do governo de Acioly à festa sacrílega de Baltazar registrada no livro de Daniel – livro do Antigo Testamento da Bíblia – em que os escritos mencionados significam: *contado, pesado, dividido*⁴² como uma profecia divina em que o reinado (no caso o governo) seria contado em número de dias, pesado, e como nada valendo, dividido, ou seja, findado.

Por fim, finaliza a nota revelando o desejo de que possa ser lida e revelada a verdade escrita naquelas linhas. Porém, não sabemos dizer se em outro momento a nota deixada por Philomeno foi lida, todavia, asseguramos em dizer que nos serviu de “verdade histórica”. Três anos depois o vigário Philomeno deixou a paróquia de São Francisco e seguiu viagem para o Rio de Janeiro.

Após a partida do vigário Philomeno, a paróquia ficou sob responsabilidade do recém-ordenado vigário Catão Porfirio Sampaio, que nasceu no ano de 1874 e ordenou-se sacerdote em dezembro de 1902, já no ano seguinte, com a vacância deixada por Philomeno, foi indicado a vigário da paróquia de São Francisco.

⁴¹ Este era a lexia atribuída aos chefes de estado, o que hoje corresponde ao cargo de governador.

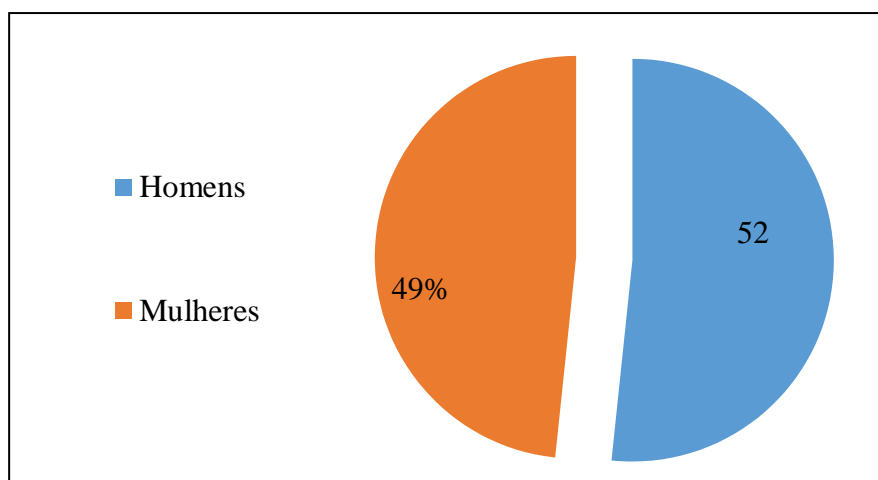
⁴² Disponível em: <https://www.dicionariodelatim.com.br/mane-thecel-phares/>.

O primeiro registro de óbito registrado por Catão Porfírio Sampaio consta na data de 18 de outubro de 1903, porém, anteriormente há um registro que trata de uma transcrição encontrada em um pedaço de papel e foi transcrita pelo vigário Catão Porfírio Sampaio, conforme consta no livro: “Este assento foi encontrado em pedaço de papel cujo teor passo para este local do presente livro. Vigário Catão Porfírio Sampaio”.

Catão Porfírio Sampaio permaneceu na paróquia por 27 anos e foi muito importante no desenvolvimento social da região, foi figura que se destacou na política, sendo vereador e prefeito da cidade de São Francisco, atual Itapajé, “a atuação política do referido padre foi tamanha que ainda hoje ele é considerado um dos grandes líderes políticos da história do Município” (BARRETO, 2008, p. 57). A atuação na política era voltada, sobretudo, para as causas sociais, sendo ele o fundador da primeira escola da região, que foi oficialmente fundada em 1939. A escola funcionava na casa paroquial, depois no fórum, na prefeitura e instalou-se em sede própria somente a partir da década de 50 do século XX. Recebeu o nome de *Escolas Reunidas de São Francisco*, nos dias atuais é uma escola da esfera estadual de ensino e homenageia seu fundador, sendo denominada *Escola de Ensino Médio Monsenhor Catão Porfírio Sampaio*.

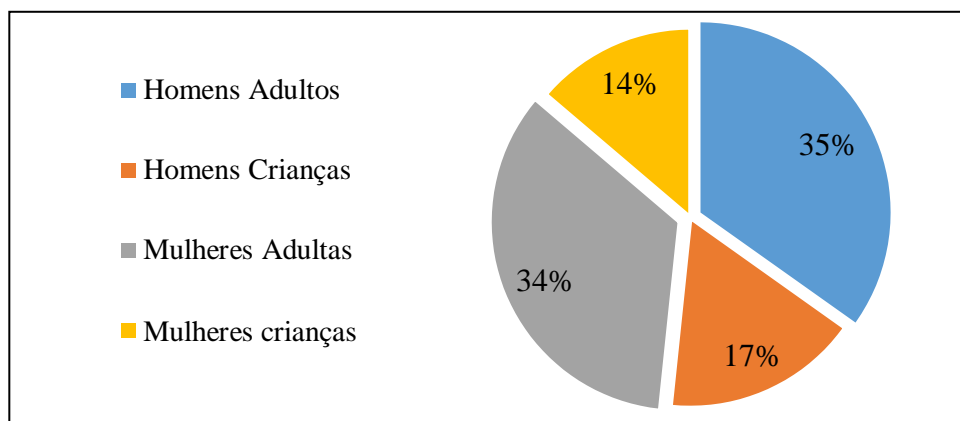
Os documentos de óbito escritos pelos vigários acima mencionados, além de registrarem o episódio da morte, descreviam, também, outros aspectos histórico-sociais que se referem aos indivíduos falecidos, revelando o sexo, a faixa etária, o estado civil, bem como os males que os acometiam, levando-os à morte. Destes elementos revelados iremos apresentar nesta subseção os dados quantitativos que dizem respeito ao sexo, a faixa etária e o estado civil dos falecidos, pois os dados de *causa mortis* serão discutidos na subseção que trata das *lexias de causa mortis*.

Quanto ao sexo, é superior o número de registros de pessoas do sexo masculino, homens adultos e crianças, mas quando comparado apenas os adultos são equivalentes os registros de homens e mulheres, conforme demonstramos nos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Quantitativo de falecimento por sexo

Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico a seguir, com fins ilustrativos, apresentamos os quantitativos relativos ao sexo e à faixa etária, importante dado na análise do contexto social das causas de morte.

Gráfico 2 – Quantitativo de falecimento por sexo e faixa etária

Fonte: Elaborado pela autora.

O **Gráfico 1** leva em consideração apenas o sexo, não faz distinção entre as idades dos falecidos e aponta para um número maior, mas pouco significativo de mortes de indivíduos do sexo masculino em detrimento aos falecimentos de indivíduos do sexo feminino. Já o **Gráfico 2**, quando separamos os falecimentos por faixa etária, identificamos que o número de mortes entre homens é na verdade equivalente ao de mulheres, havendo uma pequena diferença de apenas 1% no caso dos adultos e 2% no caso das crianças. Dados que quebram a nossa expectativa inicial, pois ao editar os documentos acreditávamos que o número de mortes de

homens seria significativamente superior ao de mulheres, tendo em vista a insalubre e por vezes penosas atividades rurais exercidas, atrelada à nutrição deficitária e à carência de cuidados com a higiene pessoal que acometem, sobretudo, aos homens adultos.

Outro importante dado que identificamos nos documentos foi a identificação quanto à faixa etária (adulto e párvulo⁴³), ressaltamos que o destaque destes dados é fundamental para conhecermos o quadro sócio-histórico dos falecimentos. Segue a seguir tabela por ano de registro e com os dados quantitativos por faixa etária e sexo:

Tabela 5 – Dados quantitativos de registros por faixa etária e sexo

Ano	Masculino		Feminino	
	Adultos	Párvulo	Adultos	Párvulo
1889	8	13	15	5
1890	30	16	27	6
1891	16	10	20	6
1892	16	12	10	8
1893	18	11	14	7
1894	13	11	19	12
1895	11	4	11	4
1896	9	3	6	2
1897	41	15	23	20
1898	8	7	24	9
1899	13	7	20	2
1900	14	3	12	5
1901	16	1	19	1
1902	15	3	11	3
1903	9	3	12	2
1904	15	4	12	9
1905	10	4	4	3
1907	0	0	1	0
1915	1	0	0	0
Total	263	127	261	104

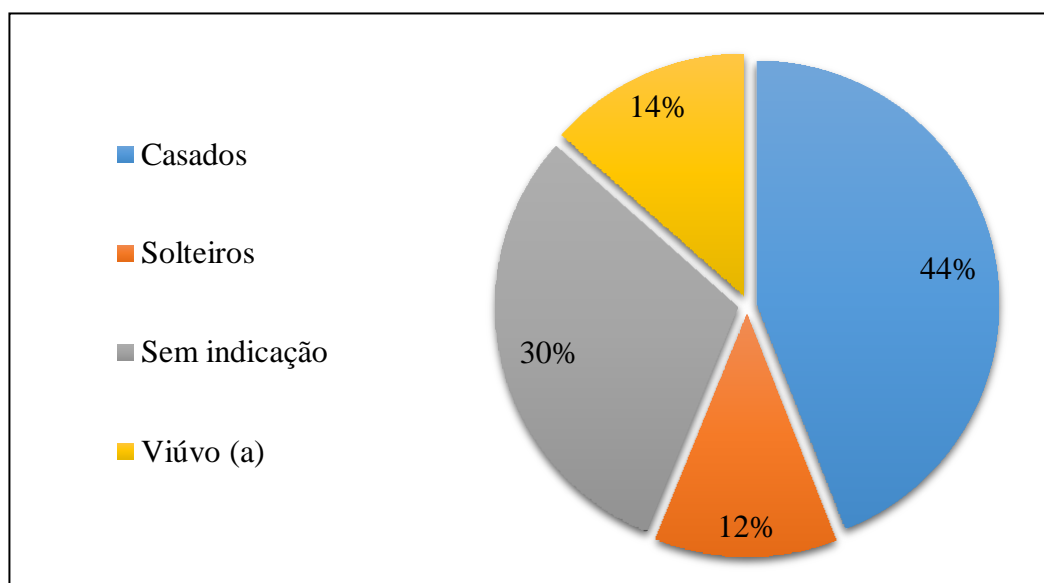
Fonte: Elaborada pela autora.

⁴³ Lexia muito utilizada nos documentos para referir-se à criança, ou ao indivíduo de pouca idade. De origem latina *parvulus, a, um* significa muito pequeno. Ressaltamos que consideramos crianças apenas os registros que constam a lexia párvulo, visto que todos os registros dos documentos há indicativo de *adulto* ou *párvulo*.

Pode-se aferir que do total de registros 524 que corresponde a 69,5% são óbitos de indivíduos adultos e 230, equivalente a 30,5%, são registros de párvulos, ou seja, o falecimento de adultos é significativamente superior ao de crianças, mesmo tendo causas de morte que acometiam apenas as crianças, informação que será discutida na *subseção 6.2* que trata das causas *mortis*.

Destes 524 registros de óbitos de adultos, mais da metade, ou seja, 265 (44%) há indicação de *casado* e apenas 73 (12%) há indicação de *solteiro*, há ainda em 81 casos (14%) a indicação de *viúvo (a)*, não havendo nenhuma indicação de estado civil em 186 (30%) registros. Conforme gráfico ilustrativo:

Gráfico 3 – Indicação de estado civil dos sujeitos referidos nos documentos de óbito



Fonte: Elaborado pela autora.

A indicação de estado civil nos registros de óbito era uma recomendação das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1853, p. 338) e asseverava ser uma falha e até ilegalidade do cristão o não recebimento do sacramento do matrimônio dado pela Igreja, tal como afiança o documento oficial: “O concubinato, ou amancebamento consiste em uma ilícita conversação do homem com mulher continuada por tempo considerável”. Portanto, em alguns casos a legalização do matrimônio ocorria na hora da morte, a fim de sanar tal irregularidade, conforme se pode aferir no registro de óbito de Francisco de Salles Borges:

[...] faleceu nesta villa, Francisco de Salles Borges victima de uma bronquite de trinta e dois annos de idade achando-se em publico concubinato recebeo nos ultimos instantes de vida, sacramento do matrimonio que fez com sua concubina Maria da Conceição. (fl. 78v – reg. 27).

O exposto, demonstra o poder da Igreja perante a sociedade, não apenas pelo viés religioso, mas de controle cível, visto que usava dos dogmas religiosos para controlar a vida social do cristão.

Outro ponto que podemos inferir sobre os dados quantitativos de registros sem indicação do estado civil revelam uma possível mudança social quanto à obrigatoriedade deste sacramento, embora, conforme excerto do registro fl. 78v – reg. 27 disposto acima, ainda tenha muita relevância para a vida em sociedade, sobretudo para a mulher, identificada nesses casos como *concubina*, lexia que pode ter sinônimo de *amante* ou por extensão e pejorativamente *prostituta*.

Assim, salientamos que, os dados acima expostos têm relevância para que se possa conhecer os sujeitos que são referenciados nos registros de óbito, para assim reproduzir o retrato do estrato social de falecimentos, por fim, para identificar as relações de sentido das lexias concernentes à morte e ao morrer.

Nas próximas subsubseções trataremos das lexias que indicam a pré-morte, a *causa mortis* e o pós-morte, as quais apresentaremos quantitativamente, a fim de contextualizar os dados.

5.1.1 As lexias de pré-morte

Configura-se lexias de pré-morte aquelas que indicam os rituais que antecedem à hora da morte. No caso dos registros analisados são rituais próprios da Igreja Católica e eram fundamentais para que o moribundo tivesse uma boa morte, conforme as diretrizes e atitudes para o bem morrer já mencionadas na *subseção 4.1*, que trata da morte e da cultura do bem morrer. Os rituais funcionavam como uma preparação do corpo para o enfrentamento da última hora e, sobretudo, a preparação da alma para o além-morte, preparação que fica evidente no registro de óbito de Maria Thereza d’Avila, viúva, que contava com 78 anos e, segundo o vigário Philomeno, depois de confessar, comungar e receber a extrema-unção mostrou-se “bem disposta ao comparecer ao juízo de Deus” (fl.72r – reg.10). Atitude que Ariès (2014) chamou de *morte domada*, pois a relação com a morte se deu naturalmente e sem questionamentos, ou seja, os ciclos naturais da vida e da morte eram aceitos, fato identificado no registro de óbito de Maria Thereza pela afirmação do vigário da disposição da doente em partir para o além-morte.

Os rituais de pré-morte também tinham como função a preparação tanto do moribundo como da família na separação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Ao sentir o fim se aproximar, a família mandava buscar o vigário, importante figura na execução

dos rituais. Em alguns casos, o sacerdote não conseguia chegar a tempo de administrar os rituais de pré-morte, conforme consta no fl.63r – registro 9 do ano de 1900 “não chegou a confessar-se por que o Vigário voltou do caminho não tendo chegado a tempo”. Em outros casos, o vigário não era convocado a administrar os sacramentos e isto era motivo de preocupação, visto que a ausência dos rituais causava danos irreparáveis à alma do falecido, e o fato era registrado no documento de óbito, conforme destaque: “[...] faleceu Francisca Maria de Jesus vítima de um parto laborioso, casada que era com Felizardo Ferreira d’Oliveira contava quarenta annos de idade; por não chamarem o vigario não recebeu sacramentos [...]” (fl. 79v – reg. 11)

Porém, havia ainda algum moribundo que se recusava a receber os sacramentos como foi o caso de Bento Teixeira Bastos, que contava com 50 anos de idade e, pelo que consta, podemos dizer que nesse caso pode ter havido alguma insistência, já que o vigário ao registrar o ocorrido usa a expressão “recusou **obstinadamente** os sacramentos da Igreja” (fl. 35v – reg. 2). A lexia *obstinadamente*, segundo Borba (2011), tem valor semântico de *inflexível*, *irredutível*. Dado que nos leva a inferir que os rituais que antecediam à morte eram primordiais ao bem morrer, portanto, todo cristão devia submeter-se a eles. Quanto à atitude do falecido Bento Teixeira Bastos, a primeira proposição que inferimos é que a recusa aos sacramentos da Igreja se deu por ele professar uma religião distinta da católica, já que a separação da Igreja e Estado gerou flexibilização de liberdade religiosa. Todavia, a hipótese acima trata-se apenas de conjectura nossas, levando em consideração o contexto social-histórico-cultural da ocorrência. Pois, muito embora, o documento que registra o falecimento de Bento Teixeira seja bem claro em sua recusa aos sacramentos de pré-morte, não saberíamos, nem poderíamos afirmar com clareza dos fatos a opção religiosa do falecido.

Deste modo, entendemos que as lexias de pré-morte registradas nos documentos analisados são rituais que servem ao moribundo de preparação para o bem morrer, conforme a religião católica.

A seguir, destacamos as lexias do contexto de pré-morte e as classificamos conforme as proposições de Pottier (1978) já conceituadas na *subseção 2.2*.

Todavia, é necessário ressaltar que na categoria de pré-morte identificamos apenas *lexias simples* e *lexias complexas*, que serão dispostas em tabelas com os respectivos dados quantitativos de ocorrência.

Consideramos lexias simples aquelas que são compostas por apenas um vocábulo, formada por uma única forma livre, ou seja, uma única unidade funcional significativa que contém comportamento lexical. As lexias complexas são sequências vocálicas que têm uma base verbal e são constituídas com seus complementos. As lexias, conforme já mencionado,

foram apresentadas na forma lematizada, no caso dos verbos, foram dispostos na forma infinitiva e os nomes (substantivos e adjetivos) no singular e masculino.

A seguir dispomos a **Tabela 6** com as lexias simples e os dados quantitativos de ocorrência no *corpus*, bem como as variações ortográficas e/ou lexicais. Em seguida realizamos análise qualitativa, em que relacionamos o significado da lexia com o contexto sócio-histórico-cultural de produção.

Tabela 6 – Lexias simples de pré-morte

LEXIAS SIMPLES DE PRÉ-MORTE (1889 – 1915)				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRÁFICA ⁴⁴
Batizar	7	0,9	-	Baptizado;
Comungar	50	7	-	Commungou; Commungar;
Confessar	163	21,6	-	Confessouse; Confessou <i>in articulus mortis</i> ;
Ungir	8	1	-	Ungiu-se; Foi unvida; Depois de unvido;

Fonte: Elaborada pela autora.

As lexias acima dispostas dizem respeito, no contexto de ocorrência, aos sacramentos que antecederam os instantes finais da morte dos moribundos, todavia, ressaltamos que não são sacramentos que anunciam a morte, mas que direcionam o bem viver do cristão católico, conforme atitudes recomendadas pela Igreja Católica a todos os fiéis ainda em boa saúde, atributo que garante o bem morrer.

A palavra sacramento deriva do latim *sacramentum*, que significa juramento. Sendo, o batismo, o primeiro sacramento ministrado ao cristão católico, comumente administrado às crianças como uma maneira de lavar a culpa do pecado original. O batismo é também conhecido como *primeira tábuca da salvação* (WOODBRIDGE; JAMES, 2017) e o sacramento da penitência a *segunda tábuca da salvação*, assunto que abordaremos mais adiante.

⁴⁴ Preservamos a grafia conforme ocorrência no *corpus*.

É o batismo um dos sete sacramentos da Igreja católica e tem como função a incorporação do indivíduo à comunidade católica, ou segundo as orientações eclesiais o “Batismo é o primeiro de todos os Sacramentos, é a porta por onde se entra na Igreja Catholica, e se faz, o que o recebe capaz dos mais Sacramento, sem o qual nem-um dos mais fará nenhum efeito” (ARQUIDIOCESE DE SALVADOR, 1853, p. 12). Consiste em imergir ou em derramar (na) água sobre a cabeça do batizando, enquanto é verbalizada a evocação da Santíssima Trindade “Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” e o gestual que concerne ao sinal da cruz (é um ritual executado com as mãos, desenhando-se no ar, sobre uma pessoa o sinal da cruz). Cabe ressaltar que é recomendação da Igreja aos seus fiéis a fazerem tudo para evitar que uma pessoa venha a morrer sem o sacramento do batismo, dado revelado nos documentos de análise, visto que todas as ocorrências da lexia *batizar*, sucedem somente quando o falecido é criança, tal como os excertos destacados abaixo:

Aos cinco de Outubro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano a parvula Maria **apenas nascida e baptisada** filha legitima de Manuel José Moreno e Maria Alexandrina. (fl.33v – reg. 39).

falleceu nesta villavictimado de dentição o parvulo Antonio, filho natural de Maria Amelia de Lima de **dois mezes de idade baptizado**, o seo cadaver foi inumado. (fl. 78r – reg. 23).

Aos vinte e um de Abril do presente anno, falleceovictimada por enterite a parvula Josepha de deceseis dias de idade filha legitima de Luis Carneiro da Silva e Luiza Mareivina d’Oliveira, **na qual foi baptizada em casa**. (fl. 80r. – reg. 13).

Deste modo, podemos inferir que embora o quantitativo de ocorrência seja pequeno, ainda evidencia a preocupação dos fiéis na inclusão da criança à religião católica. Em alguns casos, encontramos a indicação do batismo em *articulus mortis*, ou seja, a criança em vias de falecer era batizada antes de sua partida para o além-morte, para que, assim, pudesse alcançar o paraíso e não fosse parar no limbo. Na geografia celestial limbo era o lugar reservado aos inocentes (crianças) que faleciam sem o devido sacramento do batismo, entretanto, nos dias atuais, já não se propaga a crença do limbo. Quando há o falecimento de crianças, diz-se que estas viram anjos, logo, vão para o céu.

Outras lexias de pré-morte presentes nos documentos são: *comungar* e *confessar*. A comunhão ou sacramento da eucaristia consiste em receber e ingerir fisicamente em forma de hóstia o que se considera como sendo o corpo de Jesus Cristo. Para ser digno de receber a hóstia consagrada o cristão deve estar em “estado de graça”, ou seja, sem máculas, devendo ter confessado os seus pecados ao padre, para cumprir o sacramento da confissão ou penitência. Embora, outras situações ainda impeçam o sacerdote de ministrar a comunhão ao doente, como

foi o caso da velha Luiza, escrava liberta de Alexandre José Rodrigues, que contava com “noventa e tantos anos”, ela “[...]confessou-se; não commungou por não convir arriscar-se administrar este sacramento a enferma que não estava de bom sizo. Mas recebeo sacramentos dos enfermos[...]

(fl. 76r – reg. 8), ou o caso de João de Freitas, músico de profissão que “[...] falleceu de tetano traumático [...] Tendo perdido a falla não pode se confessar, tendo apenas recebido a absolvição *in articulos mortis* [...]” (fl. 62v – reg. 1). Destaques que revelam a importância do ato de confissão dos pecados na hora da morte.

Na religião católica a confissão é o sacramento que dá ao cristão a oportunidade de reconhecer as suas falhas e, se arrependido, ser perdoado por Deus. E segundo o catecismo da Igreja Católica deve ocorrer em três atos: a contrição (diz-se do arrependimento, dor pelo acometimento do pecado), a confissão (verbalização ao sacerdote, que funciona como canal com o mundo espiritual) e a penitência ou satisfação (o penitente quer reparar o pecado, aceitação da penitência estabelecida pelo sacerdote).

Assim, no contexto de produção dos registros de óbito, a confissão configura-se com a verbalização, ao sacerdote, dos pecados pelo moribundo em estado de contrição, deste modo, o vigário com o poder que lhe é atribuído pela Igreja, dá-lhe a absolvição. Por isso, é um ritual tão importante à hora da morte, visto que morrer sem ter as faltas perdoadas é garantia de condenação eterna.

É, portanto, o sacramento da confissão ritual indispensável ao bem morrer, sendo ministrado apenas a adultos, como se pode averiguar nos excertos abaixo:

falleceu de indigestão Bernarda Francisca Cavalcante, dêsta freguezia viuva de Joaquim d’Hollanda Cavalcante, com idade de cincuenta annos e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico dêsta parochia. Confessou-se e foi encommendado segundo ritual romano. (fl. 2r – reg. 14).

falleceu de anemia Maria Ignacia da Penha, casada que era com João Januario Barreto, tinha quarenta e oito annos confessou se, teve missa de corpo presente. (fl. 5v – reg. 45).

Após a análise, identificamos a confissão dos pecados como ritual de pré-morte com maior ocorrência no *corpus*, diferente do ritual de unção dos enfermos, que tem poucas ocorrências e consiste no sacramento pelo qual o sacerdote reza e unge o doente com óleos sagrados, a fim de instigar a cura mediante a fé.

Nos documentos, a lexia *ungir* apresenta-se na forma nominal do particípio passado *ungido*, conforme exemplo: “[...] foi unguido – Francisco Ferreira Filho, 30 annos de idade, casado que era com Antonia Barbosa Vieira [...]” (fl. 51r – reg. 84), é ainda representada pela lexia composta *extrema-unção*, lexia que serve de complemento à lexia complexa *receber a*

extrema-unção, construção que será a seguir comentada (depois da tabela com as representações e os quantitativos das lexias complexas que apresentamos abaixo).

Alertamos que não dispomos na tabela a seguir as lexias que têm menos de dez ocorrências no *corpus*. É necessário justificar que, tomamos a decisão de analisar apenas as lexias mais recorrentes nos documentos, tendo em vista a proporção quantitativa dos dados, todavia, salientamos que o quantitativo total das lexias e as devidas ocorrências estão, em tabelas separadas por ano de registro, dispostas em nossos apêndices.

Tabela 7 – Lexias complexas de pré-morte

(continua)

LEXIAS COMPLEXAS DE PRÉ-MORTE (1889-1915)				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Receber absolvição	11	1,5	-	Recebeo a absolvição dos pecados; Receber absolvição sacramental; Recebeo absolvição a ora da morte;
Receber o sacramento da Penitência	11	1,5	-	-
Receber o viático	13	1,7	Confortou-se com o sagrado viactico;	Recebeu o sagrado viatico; Receber o santo viactico;
Comparecer para confessar	15	2	Fui confessal-a; Ia confessal-a;	Compareci e o confessei-o; Para confessal-a tive de comparecer; Confessei-o;
Receber a extrema-unção	18	2,4	Tomou a extrema-uncção;	Recebeu a extrema Uncção

Tabela 7 – Lexias complexas de pré-morte

(conclusão)

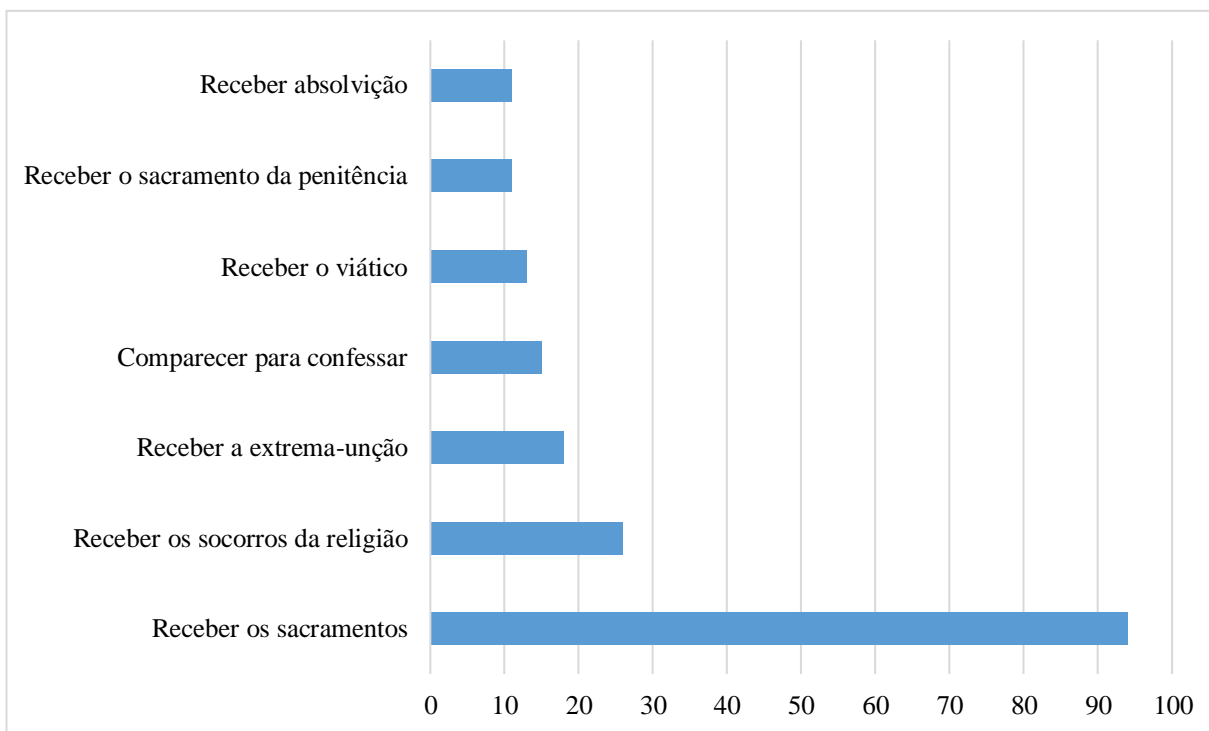
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Receber os socorros da religião	26	3,5	Munido com os socorros da religião; Cercada de consolações espirituais da Religião; Recebeo todos os confortos da religião;	Recebeo todos os socorros da Igreja Catholica; Recebeo todos os socorros da Igreja; Recebeo os socorros espirituaes da Santa Igreja; Recebeu todos os socorros da hora da morte;
Receber os sacramentos	94	12,5	Tomou todos os sacramentos;	Receber todos os sacramentos; Sacramentou-se; Receber os Sacramentos da Santa Igreja; Recebeu os sacramentos dos enfermos; Recebeo todos os sacramentos na ora da morte; Recebeu o sacramento da hora extrema; Recebeu todos os sacramentos espirituais; Recebeu o sacramento do matrimonio; Recebeo os 3 sacramentos dos enfermos;

Fonte: Elaborada pela autora.

Em nossa análise das lexias complexas de pré-morte destacamos⁴⁵ as lexias de maior ocorrência no *corpus*, são elas: *receber absolvição*; *receber o sacramento da penitência*; *receber o viático*; *comparecer para confessar*; *receber a extrema-unção*; *receber os socorros da religião* e *receber os sacramentos*.

E, a fim de ilustrar, são representadas quantitativamente conforme gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Lexias complexas de pré-morte



Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pode verificar **Tabela 7** e no **Gráfico 4** a construção das lexias complexas analisadas predomina o verbo regular *receber* como base verbal e há variação quanto aos complementos, apenas uma lexia complexa é formada pela base verbal *comparecer*, esta que ocorre em 15 registros, o equivalente a 2% do total dos documentos.

Adotamos como variação semântica do verbo *receber* as lexias formadas com o verbos *tomar*, *confortar*, *munir* e *cercar*, conforme exemplos: “falleceu de phthysica na idade de trinta oito annos, Antonio Agostinho, casado que era com Francisca Maria da Conceição; **tomou todos os sacramentose** seu cadaver amortalhado em habito branco” (fl. 23r – reg. 31), ou “Com cincoenta annos de idade confessou se **confortou-se com o sagrado viatico**” (fl. 1r – reg. 7), dentre outros, pois entendemos que no contexto de produção as lexias *receber*, *tomar*,

⁴⁵Todas as demais lexias de pré-morte estão dispostas em tabelas em nossos apêndices.

confortar, munir e cercar adquirem características sinonímicas entre si.

Quanto aos complementos que acompanham as bases verbais temos: *absolvição; o sacramento da penitência; o viático; para confessar; a extrema-unção; os socorros da religião e os sacramentos*.

Ressaltamos que todos os complementos acima dizem respeito a rituais próprios da religião católica e são orientações que, segundo a crença, garantem o bem morrer, pois, conforme mencionado na *subseção 4.1*, que trata da morte e a cultura do bem morrer, faz-se fundamental na hora da morte, que o moribundo verbalize suas falhas por meio da confissão ao sacerdote da Igreja, para que este possa ministrar-lhe os sacramentos da penitência e com isto absolver-lhes os pecados, bem como entregar ao moribundo o viático, que se trata de uma variante do sacramento da comunhão, assunto que abordaremos mais adiante, e, por fim, o sacerdote administra ao doente o sacramento da extrema-unção, ritual que tem como matéria física o óleo consagrado (ver *subseção 4.1*) e diz respeito ao derradeiro sacramento em vida. Assim, morrer cercado pelos “confortos da religião” significava garantir a tranquilidade e aceitação na “hora extrema”⁴⁶ tanto para quem partia para o além-morte, como para a família enlutada.

Destacamos que a lexia <receber os sacramentos>, e suas variantes ortográficas, têm o maior número de ocorrência nos documentos, conforme **Gráfico 4**, portanto, inferimos que <receber os sacramentos> pode ser definida como hiperônimo das demais lexias complexas concernentes ao pré-morte, pois de modo geral, comporta o grupo semântico dos rituais realizados ao/pelo moribundo.

Consideramos como variantes ortográficas de <receber os sacramentos> as variantes que delimitam o tipo de sacramento recebido (ver **Tabela 2**), a exemplo de “recebeu os sacramentos da hora da morte” (fl. 1r – reg. 12) ou “recebeo os sacramentos da hora extrema” (fl. 5r – reg. 40). O mesmo acontece com a lexia <receber os socorros da religião>, que tem como variante o complemento semântico <espirituais> que adquire o mesmo predicado semântico de religião, conforme ocorrência: “recebeo todos os socorros espirituaes” (fl. 29r – reg. 49). Destacamos que, se analisadas fora do contexto de produção, os complementos <socorros da religião> e <socorros da hora da morte> possuem significado distintos, no entanto, no contexto de produção das certidões de óbito <os socorros da religião> dizem respeito aos rituais empregados à <hora da morte>, ou seja, ambos adquirem o mesmo potencial semântico.

Quanto ao significado das lexias <receber o viático> e <receber absolvição>. A

⁴⁶ Lexia utilizada pelo vigário que tem predicado semântico de “hora da morte”.

primeira é o nome dado, pela Igreja Católica, à comunhão eucarística dada àqueles que estão prestes a falecer, é uma espécie de comunhão dos agonizantes. *Viático* deriva do latim *viaticum* que significa via ou caminho, no caso do moribundo tem o significado de provisão para o caminho da alma ao além-morte. Já a segunda, <receber absolvição> é um ato ritualístico derivado do sacramento da penitência, como se pode averiguar nas orientações abaixo:

Depois de acabados de confessar os peccados pelo penitente, e estar por elle aceita a penitencia, que lhe for imposta pelo Confessor, o tal *ad cautelam* o absolverá em primeiro lugar das censuras, ainda que lhe não conste, que as tem incorrido, e em segundo lugar o absolverá dos peccados. (ARQUIDIOCESE DE SALVADOR, 1853, p. 76).

É, portanto, a lexia <receber os sacramentos>, uma construção frequentemente usada pelos vigários Philomeno do Monte Coelho e Catão Porfirio Sampaio para se referir aos sacramentos sem, contudo, especificá-los, ou por economia na escrita, ou por julgar desnecessário enumerar os sacramentos ministrados.

Em poucos casos há a indicação dos sacramentos ministrados, destes exemplificamos a partir dos excertos a seguir:

[...] tendo antes pedido e recebido os socorros espirituais da Santa Egreja, confissão, comunhão, extrema-unçãoo ancião José Pereira Barbosa Cavalcante[...]. (fl. 74r – reg. 22).

[...] falleceu no domicilio da fazenda Cachoeira, onde compareci para administrar-lhe-es os sacramentos da penitencia, Communhão e Extrema-unção [...]. (fl. 16v – reg. 26).

É importante destacar que em alguns casos há a elipse da indicação dos sacramentos, porém fica implícito que se trata do sacramento da penitência, da comunhão e da extrema-unção, como podemos ver nos trechos: “Ella recebeo os 3 sacramentos dos enfermos [...]” (fl. 52r – reg. 91) ou “[...] Dona Rosa Barbosa Cavalcante confessou-se e recebeo os sacramentos dos enfermos [...]” (fl. 56r – reg. 32). É possível depreender que os sacramentos que acompanham o cristão (o enfermo) na hora da morte são três: a penitência, a comunhão e a extrema-unção.

Tendo em vista que, segundo as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, “Os Sacramento da Santa Madre Igreja, como a Fé Catholica nos ensina, são sete, convem a saber: *Baptismo, Confirmação, Eucaristia, Penitencia, Extrema unção, Ordem e Matrimonio*” (ARQUIDIOCESE DE SALVADOR, 1853, p. 10, grifo do autor). Destes sete, três são essenciais para o bem morrer: o sacramento da eucarística, que pode ser ministrado em forma de viático e funciona como uma provisão à viagem para o além; o sacramento da penitência, que purifica a alma dos pecados terrenos e, por último, o sacramento da extrema-unção, este é

o quinto sacramento da Igreja Católica e administrado ao doente por sacerdote autorizado. Sua matéria é o *óleo dos enfermos*, um dos óleos consagrados pelo Bispo na Quinta-feira Santa, na Missa Crismal (assim chamada por causa da benção dos óleos), trata-se, obrigatoriamente, de óleo de oliveira, e a cor que representa este óleo é a roxa, cor que no mundo místico está ligada espiritualidade, magia e mistério, pois transmite a sensação de tristeza e introspecção. Na liturgia católica o roxo é uma das cores que se usa no período da Quaresma ou nas missas pelos mortos, e tem significado de melancolia e penitência. Geralmente, é representada pela estola⁴⁷ usada pelo sacerdote.

O ritual de unção deve ser feito pelo padre, seis vezes: nos olhos, nas narinas, nos ouvidos, na boca, nas mãos e nos pés. Todavia, o sacerdote deve ser autorizado para tal, pois segundo as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1853, p. 470), a administração do sacramento por sacerdote não autorizado imbuí-lhe pecado mortal. Orienta ainda que, não devem receber o sacramento crianças ou pessoas que não estejam em seu juízo perfeito, ou em caso de morte violenta, e aos “doentes, que tiverem recebido a Extrema-unção uma vez, não se lhes administre segunda vez na mesma doença”

Conforme pudemos aferir nos documentos, o perfil dos sujeitos que receberam o sacramento da extrema-unção são homens ou mulheres com enfermidades avançadas, mas conscientes. Os dados apontam para a importância dada a este sacramento, pois tinha como função, além da purificação da alma e preparação do doente para a morte, visava também o reestabelecimento da saúde quando conviesse à alma.

Todavia, ressaltamos que não apenas os três sacramentos foram ministrados aos falecidos, há, por exemplo, o registro de Francisco de Salles Borges, de 32 anos, vitimado por uma bronquite, que “recebeo nos ultimos instantes de vida, sacramento do matrimonio que fez com sua concubina Maria da Conceição e recebendo depois todos mais sacramentos” (fl. 78v – reg. 27), ou as crianças que em vias de falecer foram batizadas, conforme já mencionamos anteriormente.

Por fim, depreendemos que o período de produção dos textos foi marcado por mudanças históricas e sociais que levaram cada vez mais a população a se distanciar dos rituais de separação, momento de entremeio entre a morte domada e a morte selvagem (ARIÈS, 2014). Portanto, fica evidente nos registros de óbito a preocupação, principalmente dos vigários, na administração dos rituais de pré-morte, a fim de garantir uma boa passagem para o além-morte.

⁴⁷ Trata-se de uma faixa de pano usada pelo sacerdote da Igreja sobre as vestes sacerdotais, é um paramento litúrgico cristão que representa o poder e autoridade do sacerdote na celebração litúrgica. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estola>).

5.1.2 As lexias da *causa mortis*

A análise das lexias de *causa mortis* recolhidas nos documentos de certidão de óbito, que compõem o *corpus* desta pesquisa, nos possibilitou conhecer as causas que acometiam os falecimentos na região da paróquia de São Francisco (Itapajé), bem como nos permite reconhecer o contexto social e histórico da região, sobretudo no que diz respeito à vida e à morte da população. Visto que, as lexias concernentes à *causa mortis* revelam a razão do falecimento, ou situação vivenciada que ocasionou a morte do indivíduo a exemplo da fome, portanto, é um importante dado para que possamos reconstruir, parcialmente, a realidade social-histórico-cultural.

No contexto linguístico as lexias de *causa mortis* são frequentemente construídas com uma base verbal *falecer* e a preposição *de*, acrescido do colocado que é a causa imediata da morte, conforme excertos: “Aos dez dias do mez de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove **falleceu de phtisica** Antonia Damasceno de Jesus [...]” (fl. 1r – reg. 1) ou “Aos quatoze dias do mes de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove, **falleceu de garrotilho** a parvula Francisca [...]” (fl. 1r – reg. 3). Construção linguística que Almeida (2016) chamou de fraseologia, todavia, amparados em Pottier (1978) adotamos a terminologia lexia complexa, para a construção *falecer de garrotilho*, por exemplo. Destacamos que há na base verbal da lexia complexa a variação semântica de <falecer de> para <perecer de>, obedecendo o mesmo modelo acima descrito, embora a construção <perecer de> ocorra em um número insignificante de registros, os quais exemplificamos abaixo:

Aos tres de junho de mil oitocentos noventa dous **pereceu de um tiro** accidental José, filho legitimo de José Francisco de Souza [...]. (fl. 22r – reg. 22).

Aos vinte de Outubro de mil oitocentos e noventa e sete **pereceu de um disparos** da propria espingarda que encostáseá parede de casa á Fazenda [...]. (fl. 50r – reg. 77).

A um de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e oito **pereceu de um tiro** de rifle na povoação de Santa Cruz, João Taveira [...]. (fl. 52v – reg. 5).

É curioso destacar que nas ocorrências acima, em que a causa da morte é construída pela base verbal <perecer de> o complemento circunstancial é em decorrência de tiro ou disparos, mesmo que a construção <perecer de> tenha o mesmo valor semântico de <falecer de>, parece-nos curioso o uso desta formação para indicar a morte por causa externa. Aqui entendemos morte por causa externa conforme proposição de Mello-Jorge *et al.* (1997), em um artigo em que os autores analisam os dados de mortalidade nos Estados brasileiros e exemplificam alguns casos de falecimento por causas externas, a saber: acidente de trânsito,

afogamento, queda, homicídio, suicídio etc.

Embora curioso, não podemos alegar as motivações do vigário ao optar pelo uso da lexia *perecer de*, tendo em vista que em outros momentos para a mesma *causa mortis* opta pela lexia *falecer*, conforme exemplos abaixo:

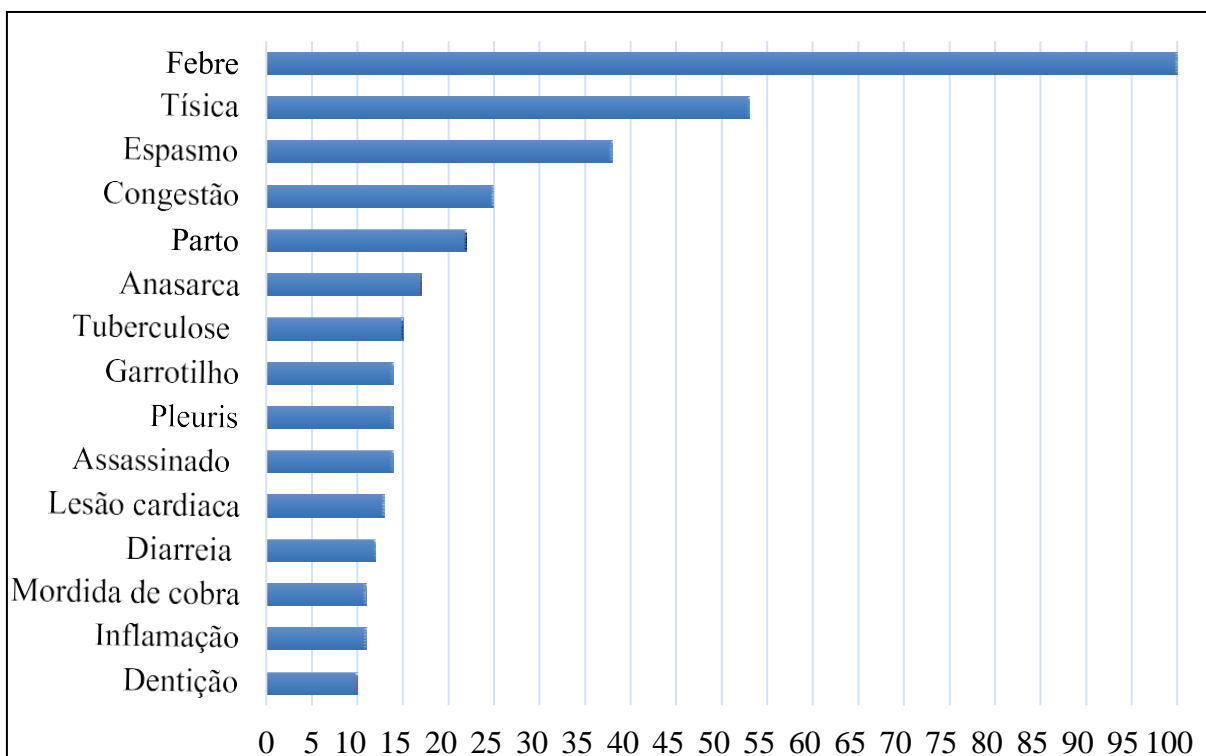
Aos vinte e tres de Maio de mil e novecentos **falleceu de um tiro** de espingarda dispara do por Jacintho Cabecinha no parvulo Pedro de sete annos de idade [...]. (fl. 63v – reg. 11).

Aos vinte e sete de Janeiro de mil e novecentos e dous **falleceu de um tiro** de espingarda no seu domicilio no sitio Guahy Domingos Francisco Braga, solteiro, quarenta annos de idade [...]. (fl. 71r – reg. 1).

Deste modo, inferimos que o uso da lexia *falecer de* ou *perecer de* ocorrem em sinonímia independente do complemento circunstancial que as seguem, como por exemplo, a substituição do complemento de *causa mortis*, pelo complemento de lugar conforme ocorreno registro 117 – fl. 13r: “Aos vinte dous de Dezembro de mil oitocentos e noventa **falleceu em seu domicilio na fazenda** volta [...]”. E no registro 34 do fl. 23r: “Aos trese de Setembro de mil oitocentos noventa dous **pereceu em seu domicilio** no sitio Guahy [...]”.

Todavia, para este trabalho iremos nos ater, sobretudo ao complemento circunstancial que indica a morte imediata, ou seja, não discutiremos as bases verbais que se repetem nas lexias complexas de *causa mortis*, mas somente o colocado que indica o motivo do falecimento. Assim, dispomos nas tabelas de recolha e análise apenas a causa da morte, ou seja, não analisamos a construção linguística *falecer de* ou *perecer de*, tendo em vista que são termos recorrentes e não nos interessa como escopo de pesquisa, deste modo, analisamos somente o indicativo do mal que acometeu o enfermo levando-o à morte.

Assim, dispomos a seguir gráfico com os indicativos de *causa mortis* com maior recorrência e seus respectivos quantitativos de ocorrência, dados relevantes à análise contextual. É importante salientar que todas as demais ocorrências de *causa mortis* estão dispostas em nossos apêndices, em tabelas separadas por ano de registro, conforme indicamos na *subseção 4.5*, que trata dos procedimentos metodológicos. Em seguida, digressamos pelo contexto e representações lexicais expressas nos indicativos de *causas mortis*.

Gráfico 5 – Quantitativo de *causa mortis* com maior ocorrência no *corpus*

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme se pode aferir no **Gráfico 5** a *causas mortis* de maior ocorrência no *corpus* é o indicativo de falecimento por *febre*, ocorrendo em 100 dos registros totais, atingindo a porcentagem de 13,5%. Esse dado pode revelar que a indicação do sintoma febre era usado para substituir a causa imediata da morte, visto que o indicativo da *causa mortis* era feita pelo vigário ou por membros da família do doente, assim, não havia precisão nos diagnósticos, já que, devido à fragilidade social no tocante à saúde pública, muitos óbitos ocorriam sem que os doentes tivessem acesso à medicina, assim o falecimento se dava sem o diagnóstico técnico da causa da morte, por isso, os sintomas perceptíveis aos familiares do doentes era dados como indicativo de *causa mortis*.

Acerca da condição social e sanitária do Ceará, Sampaio (1966, p. 494) alerta para um período longo e nebuloso na medicina que atravessa o período colonial até meados do século XIX, restando resquícios destas práticas de “obscurantismo científico” para o século XX, sobretudo, em localidades longínquas dos grandes centros urbanos, como era o caso da região de São Francisco (Itapajé) vinculado à Vila de Imperatriz, hoje Itapipoca.

Foi um período em que a medicina era praticada “com o ingênuo empirismo da época, um burlesco mistifório de abusões e de charlatanismo” (SAMPAIO, 1966, p. 494), de modo que os doentes eram tratados com unguentos, rezas ou chás sob os cuidados de

curandeiros, curiosos ou charlatões (LEAL, 1979). Pois, foi somente no ano de 1948 que a faculdade de medicina passou a funcionar no Ceará, embora, já desde o início do século XIX, a Bahia dispunha de uma *Escola Anatômica, cirúrgica e médica*, que foi elevada a faculdade no ano de 1832, no entanto, Sampaio (1966) assevera que o Brasil demorou a estabelecer sua emancipação na medicina, ficando, por muito tempo, as terras mais longínquas à mercê da medicina paliativa e empírica.

Portanto, a indicação de *febre* nos registros analisados tem caráter metonímico, ou seja, o sintoma é tomado pela causa. Verificamos que em apenas um registro há indicação de febre em que aponta o diagnóstico da causa e não o sintoma: “Aos vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e sete falleceu victimada por **febre typho** Dona Bellarmina de Souza Pessoa com cincoenta e tres annos [...]” (fl. 85r – reg. 1), em referência a Febre Tifoide, doença bacteriana causada pela *Salmonella Entérica Sorotipo Typhi*, que se não tratada corretamente leva à morte. Nos demais casos, em que os vigários usam a causa da morte por *febre(s)*, infere-se que a principal motivação das mazelas que acometiam os moradores daquela região, não era a febre, mas outras doenças que não eram identificadas, isso se dava inicialmente pela falta de recursos e acesso à medicina, como também pelos poucos conhecimentos de higiene pessoal e social, sendo a febre sintoma de infecções ou inflamações não identificadas pelos escrivães dos registros de óbitos. Importante ressaltar que, já em 1829, o médico da câmara real do Rio de Janeiro, Francisco de Mello Franco, ponderou sobre o diagnóstico da febre,

Tenho para mim como muito provável, que toda a febre he suscitada por hum estímulo qualquer extraordinário, que seja formado em nós mesmos, ou adventicio; e que a organização humana dotada de sensibilidade, e irritabilidade faz notável resistência para vencer, e expulsar o inimigo, que a incommoda[...]Logo (torno a dizer) seria mais arraxoado não dar a este estado de moléstia o nome de; febre, porque esta, segundo as idéas mencionadas, he o resultado da reaccão da força vital contra o inimigo, que a ataca. (FRANCO, 1829, p. 9).

A citação de Franco (1829) é corroborada por Chernoviz (1890) ao afirmar que:

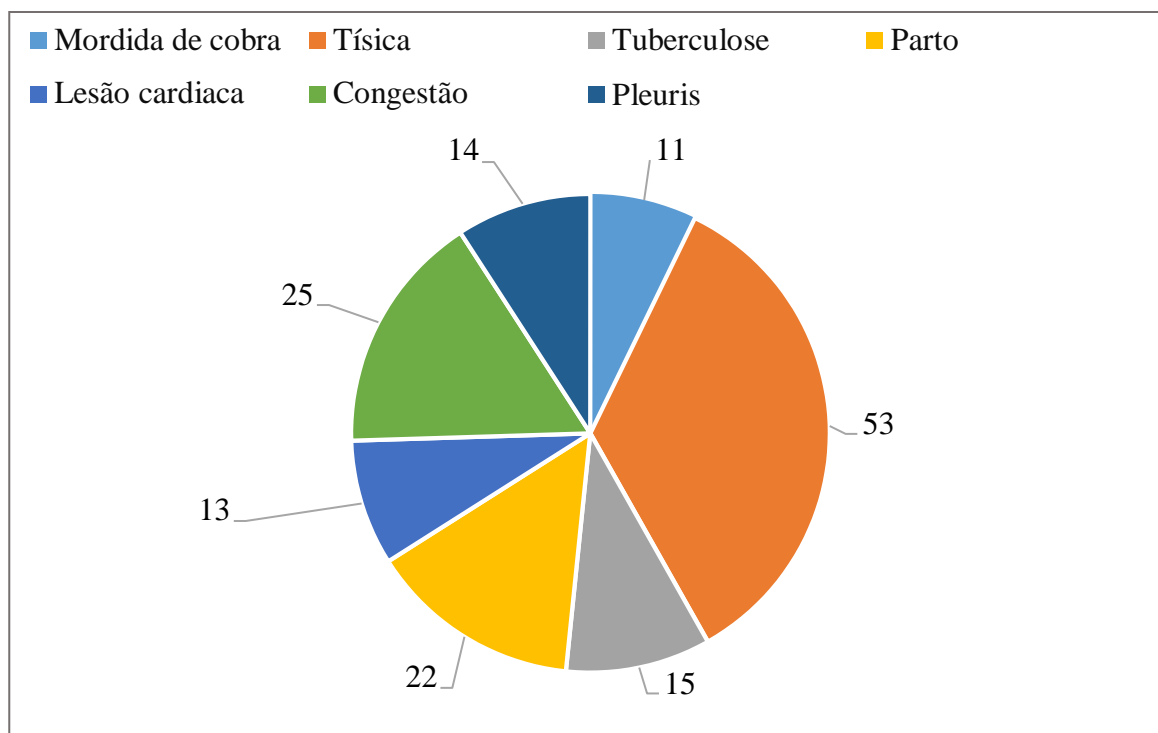
Emquanto a febre persistir, é signal de que a desordem orgânica, que lhe deo motivo, ainda não cessou. Se augmentar, prova que a lesão orgânica, que a occasionou, augmenta de intensidade, e por isso mesmo annuncia grande crescimento da moléstia; se diminuir gradualmente, deve concluir-se que a causa mórbida cessou de obrar. (CHERNOVIZ, 1890, p. 1086).

Assim, pode-se aferir nos documentos que a *febre* atingia a todas as idades sem distinção de sexo, e como indicação de *causa mortis* se dava pela carência de um diagnóstico mais apurado, tendo em vista que, a região da paróquia de São Francisco (Itapajé) era desprovida de políticas públicas voltadas aos cuidados básicos de saúde e higiene, não diferente

de muitas regiões afastadas dos grandes centros urbanos.

É relevante citar que, diferente da febre, algumas *causas mortis* ocorriam apenas em indivíduos adultos, conforme gráfico ilustrativo a seguir:

Gráfico 6 – Indicativo de *causas mortis* em que todos os indivíduos são adultos



Fonte: Elaborado pela autora.

A *causa mortis* por mordida de cobra é indicada nos documentos pelas variantes: <falleceu de mordedura de cascavel> e <falleceu de veneno de cascavel>, em referência a espécime do gênero *Crotalus*, que no Brasil é representada por uma única espécie, *Crotalus durissus cascavella*⁴⁸, ou o nome popular: *cascavel*. Répteis que são responsáveis por um grande número de fatalidades e seu habitat é em áreas de caatinga, campos e cerrado.

Identificamos no *corpus* que, esse tipo de causa acomete, apenas homens adultos, com faixa etária entre 18 a 70 anos, contando 11 casos ou 2% dos registros totais. O que nos faz inferir que, por ser um público que exerce como labor diário atividades voltadas para a agricultura, principal atividade da região, fica mais susceptível a este tipo de morte, casos que segundo Chernoviz (1890), se não houver o socorro da medicina, a morte é certa, sendo os principais sintomas a “prostração extrema, esfriamento da pelle, dificuldade de engulir, e aumento das convulsões precedem a morte”.

⁴⁸ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Crotalus>>.

No período analisado os acidentados por mordida de cobra demoravam a receber socorro, sendo os paliativos medicinais limitados e os doentes eram tratados, geralmente por curandeiros, com unguentos, raízes e chás, que em muitos casos aliviavam os sintomas, mas na maior parte das vezes não logravam sucesso.

É necessário ressaltar que, no Brasil, os primeiros estudos sobre sorologia antiofídica marcam os findos do século XIX, quando o recém-formado médico Vital Brazil inicia suas pesquisas sobre serpentes e seus venenos. E foi somente em 1901, criado o Instituto Soroterápico do Estado de São Paulo, o futuro Instituto Butantan, à época tendo Vital Brazil como diretor. Atualmente, o instituto é o maior centro de referência em produção de imunobiológicos, e conta com museus, laboratórios e até hospital, recebe pesquisadores e estudiosos do mundo inteiro.

No entanto, no período estudado, ser vítima de uma mordida de cobra era uma sentença de morte, pois, segundo Chernoviz (1890, p. 618), “a actividade do seu veneno é tal, que mata em mui pouco tempo. Não ha animal que não sendo soccorrido possa sobreviver á mordedura d'ella”.

Também acomete apenas adultos a *causa mortis* por tísica ou tuberculose, ressaltamos que acima dispostos no **Gráfico 6** a *causa mortis* por <tísica> e <tuberculose> separadamente, bem como nas tabelas dispostas nos apêndices, contudo entendemos as como sinonímicas, pois Chernoviz (1890, p. 1092) define tísica como moléstia também conhecida como “moléstia do peito” e “consiste no desenvolvimento de tuberculos nos pulmões. Os tuberculos são corpos de côr branco-amarellada, opacos de grossura que pôde variar desde o volume de um grão de arroz até ao de um ovo ou de uma laranja”. Atualmente, o termo *tísica* é definido por Borba (2012, p. 1359) como tuberculose e o adjetivo tísico como “doente de tísica; tuberculoso”, portanto, embora apresentados distintamente a entendemos como sinônimos.

O termo <tísica> tem origens no grego *phthisis* que significa decair, consumir, definhar, todavia, paulatinamente foi caindo em desuso, e pode ser considerado, hodiernamente, como um arcaísmo, pois foi, na medicina, principalmente, substituído pelo termo <tuberculose>, trata-se de uma enfermidade infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium tuberculosis* ou bacilo de Koch – em homenagem ao seu descobridor, o bacteriologista alemão Robert Koch. A bactéria pode afetar outros órgãos, como rins, órgãos genitais, intestino delgado ou os ossos, apesar de a tuberculose pulmonar ser o tipo mais comum da afecção. Conforme já mencionado, era popularmente conhecida como moléstia de peito/mal do peito, acunha atribuída devido aos sintomas de dor no peito, escarros e afecções nos pulmões, ou peste branca, que se deve à palidez da pele contrastando com a cor rósea das maçãs do rosto

durante os períodos febris.

Até metade do século XIX muitos tinham, sobre a tísica/tuberculose, uma visão lírica, sobretudo, os artistas e intelectuais, pois acreditavam que a doença permitia que se expressassem com mais veemência, sendo inclusive desejada por alguns desses intelectuais da época, conforme salienta Pôrto (2007),

[...] o tuberculoso trazia uma aura de excepcionalidade, que o colocava, aos olhos de seus contemporâneos, numa posição de certo refinamento. A concepção da tuberculose seria própria de uma sensibilidade marcadamente romântica, que se difundia em especial entre intelectuais e artistas. (PÔRTO, 2007, *on-line*).

Porém, aos finais do século XIX, a doença deixa de ser vista como manifestação física da espiritualidade refinada; mas o contrário, alastra-se, particularmente entre as populações longínquas e desfavorecidas socialmente. Chernoviz (1890, p. 205) assinala que “alguns médicos consideram com razão como uma das causas da tísica os quartos estreitos, húmidos, escuros e em que dormem grande número de pessoas”, acometendo, especialmente, adultos, conforme pudemos aferir nos registros de óbitos analisados, visto que o registro mais jovem acometido pela doença é de Livramento e Joanna, moças que contavam com dezesseis anos de idade, conforme a transcrição:

Aos dez de março de mil oitocentos e noventa e seis faleceu, no Livramento, Maria **dezeseis anos** de idade, vítima de tísica. (fl. 39v – reg. 5).

Aos dezesseis de setembro mil e novecentos faleceu de phtísica Joanna Marques d’Araujo – tendo de **idade dezeseis anos**; confessou-se e commungou. (fl. 64r – reg. 20).

Já a *causa mortis* em decorrência de parto ocorre em 22 casos, que equivale a 2,9% do total, e é usada pelos vigários com a variante semântica <distocia>, assim classificamos a lexia <faleceu de parto> como hiperônimos e a lexia <faleceu de distocia> como hipônimo, tendo em vista que esta última diz respeito às complicações em decorrência do parto, que podem levar a parturiente à morte, nas palavras de Chernoviz (1890, p. 892) diz-se que há distocia “todas as vezes que um parto não se termina espontaneamente e que é necessário a intervenção do parteiro para esse fim [...]” tendo como causa “Tudo quanto tende a fazer aumentar o tamanho do feto ou a collocar-o em uma posição desfavorável constitue uma causa de dystocia”.

Naquele período, em geral, os partos eram realizados nas residências com a ajuda de mulheres denominadas aparadeiras ou parteira. Brenes (1991) assevera que tradicionalmente, sobretudo no século XIX,

[...] os partos e seus cuidados eram realizados por mulheres conhecidas popularmente como *aparadeiras*, *comadres* ou mesmo de *parteiras-leigas*. Estas detinham um saber empírico e assistiam domiciliarmente as mulheres durante a gestação, parto e puerpério (como também nos cuidados com o recém-nascido). Estas mulheres eram de inteira confiança do *mulherio* e eram consultadas sobre temas vários, como cuidados com o corpo, doenças venéreas, praticavam o aborto ou mesmo colaboravam com o infanticídio. (BRENES, 1991, p. 135).

Fato também confirmado por Pereira (2011) quando lembra que até o surgimento da medicina moderna

[...] as mulheres pariam seus filhos em casa, e eram assistidas por outras mulheres que sabiam “aparar crianças”. Os acontecimentos acerca da gravidez, do parto e do cuidado com as crianças eram decifrados por práticas e gestos de uma cultura essencialmente feminina que ainda trilhava equidistante ao olhar da Medicina. (PEREIRA, 2011, p.79)

Na labuta da realização do parto eram usados utensílios domésticos como bacias com água morna, tesoura para cortar o cordão umbilical, cachaça para desinfetar os utensílios, tecidos para compressas e unguentos para massagens, o parto era acompanhado por familiares que se valiam de rezas como subsídio motivacional e espiritual na hora do parto. Este instante é retratado por Luiz Gonzaga na música *Samarica Parteira*, a canção data do ano de 1973 e narra com efeitos sonoros a saga na realização do parto de Dona Juvita, conforme trecho transcrito abaixo:

Samarica sartou do cavalo véi embaixo, cumprimentou o Capitão, entrou prá camarinha, vestiu o vestido verde e amarelo, padrão nacioná, amarrou a cabeça c'um pano e foi dando as instrução:

- Acende um incenso. Boa noite, D. Juvita.

- Ai, Samarica, que dô !

- É assim mermo, minha fi'a, aproveite a dô. Chama as muié dessa casa, p'a rezá a oração de São Reimundo, que esse cristão vem ao mundo nesse instante [...] - Capitão Barbiino, bote uma faca fria na ponta do dedão do pé dela, bote. Mastigue o fumo, D. Juvita. Aguenta nas oração, muié [...].⁴⁹

Assim, até meados do século XX, cultivou-se o costume de parir em casa, sendo as *parteiras* profissionais atuantes em lugares distantes e de difícil acesso aos serviços de saúde, e também em zonas periféricas, onde assistiam as mulheres grávidas que, por razões diversas, não tinham acesso ao atendimento médico-hospitalar.

Na região de Itapipoca o primeiro hospital foi inaugurado no ano de 1951, e atendia a toda população da circunvizinhança. Foi um projeto idealizado pelo médico e professor

⁴⁹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/392697/>.

Álvaro Pontes Bahia, que deu à instituição o nome de Maternidade Martagão Gesteira, em homenagem ao amigo, também médico e importante nome na história da medicina pediátrica no Brasil.

Figura 12 – Fotografia da Maternidade Martagão Gesteira instalada na cidade de Itapipoca-CE, no ano de 1951



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=436386&view=detalhes>.

No entanto, mesmo com chegada dos espaços de atendimento médico-hospitalar as mulheres, sobretudo, das classes populares e regiões mais afastadas dos centros urbanos, ainda preferiam contar com a presença da parteira, de familiares ou de vizinhas, para socorrê-las e ajudar-lhes fisicamente e moralmente em meio às dores e incertezas do parto. Portanto, embora tenha as últimas décadas do século XIX dado início a uma nova mentalidade sobre a assistência na hora do parto, foi somente a partir da segunda metade do século XX que os partos ficam circunscrito ao espaço hospitalar e na presença de médico especialista.

Seguindo a análise da *causa mortis* que acometia apenas adultos destacamos ainda as causas por lesão cardíaca, que é representada nos documentos com a variação ortográfica <lezaõ cardíaca> ou <lesão cardíaca>, variação que caracteriza o uso da escrita pseudoetimológica, e ocorre em 13 casos, ou seja 1,7% do total. Todos os falecimentos são de

adultos entre a faixa etária de 36 a 81 anos, porém, chama-nos a atenção que em 12 dos casos são homens e apenas um registro de falecimento por lesão cardíaca se deu em indivíduo do sexo feminino, conforme destaque “[...] **falleceu de lesão cardíaca** dona Rita Francisca d’Albuquerque na idade de sessenta e oito annos [...]” (fl. 77v – reg. 17), o que nos leva a inferir que o acometimento de doenças cardíacas em indivíduos do sexo masculino pode ocorrer por estilo de vida dos homens serem diferentes dos das mulheres da época, a exemplo das atividades laborais do campo ou mesmo o consumo de bebidas alcoólicas e do fumo, que no período era atividade especialmente exercidas por homens. No entanto, nos valemos apenas de conjecturas. Outras lexias que estão registradas nos documentos e que remetem a *causa mortis* por problemas cardíacos são <falecer de pericardite> ou <falecer de cardite>, lexias que identificamos como variação semântica e ocorrem em 8 casos.

E para finalizar a lista das *causas mortis* que afetam apenas adultos e estão dispostas no **gráfico 6**, citamos a *congestão* e a *pleuritis*, a primeira é causada pelo aumento local do volume de sangue em um determinado tecido ou, segundo Chernoviz (1890, p. 663), “chama-se congestão todoo affluxo de sangue mandado pela exageração impulsiva do centro dacirculação, para os vasos de um órgão alias perfeitamente são”.

Segundo Chernoviza (1890), a congestão é geralmente causada por,

[...] embriaguez, os abusos dos licores espirituosos, dos alimentos substanciaes; o somno depois de um copioso jantar; a exposição da cabeça descoberta a um sol ardente; uma temperatura mui elevada ou um frio excessivo; os banhos mui quentes e prolongados; o excesso dos trabalhos intellectuaes; o abuso dos prazeres venereos nas pessoas idosas ; os vestidos muito apertados; o costume de se deitar com a cabeça mui baixa; os gritos violentos; o somno mui prolongado; a supressão de um fluxo sangüíneo habitual, como o fluxo hemorrhoidal ou menstrual. (CHERNOVIZ, 1890, p. 199).

No entanto, não é possível identificar em todos os registros o órgão afetado pela congestão, pois apenas dois registros indicam o tipo de congestão.

Aos sete de Maio de mil novecentos e um falleceu em seu domicilio Maria Teixeira Bastos, com 17 annos filha legitima de Francisco Teixeira Bastos, victima d’uma **congestão cerebral** [...]. (fl. 68v – reg. 17).

Aos vinte de Maio do presente annofalleceoCarolinda Rodrigues Bastos, casada que era com Roberto Francisco Pinto de quarenta annos de idade victima de **congestão pulmonar** [...]. (fl. 80r – reg. 16).

Porém, é possível afirmar que todos os casos de falecimento por congestão são apenas em adultos, o que ousamos afirmar que pode tratar-se de uma espécie de processo hemorrágico interno, ocasionado por diversos fatores.

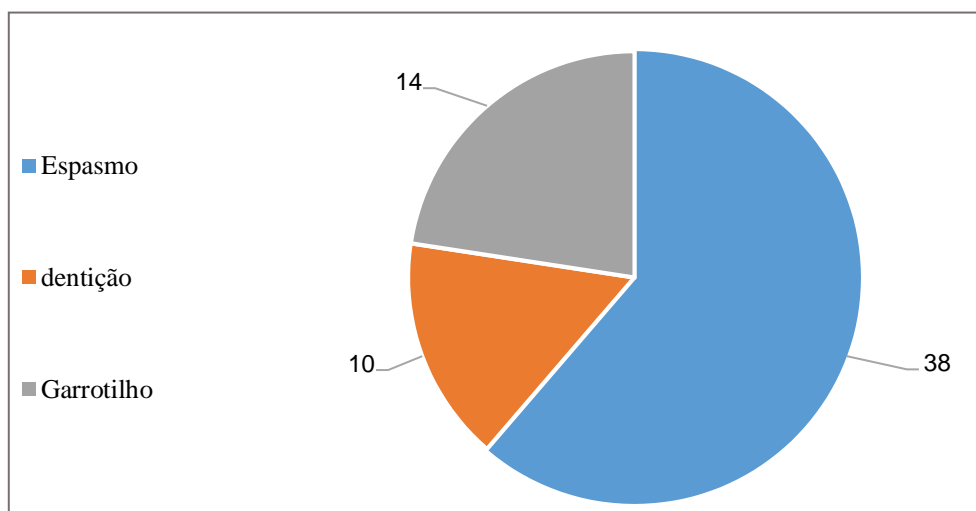
Já *causa mortis* ocasionada pela *pleuris* trata-se de uma inflamação que afeta a membrana que reveste os pulmões, denominada pleura. Nos documentos de óbito estudados atinge apenas adultos com idade entre 18 a 54 anos.

A Pleura quando inflamada causam fortes dores, devido o atrito natural que ocorre quando há respiração e expansão dos pulmões. A dor causada pela afecção se caracteriza por uma pontada forte, e é um dos principais sintomas da doença. Atualmente é denominada pelo Sistema de Classificação Internacional de Doenças (doravante CID) como Pleurisia, e mantém o mesmo significado de outrora, que é a inflamação das pleuras, tecidos que revestem os pulmões e a parede do peito.

Em 1890 as principais causas apontadas para a afecção nas pleuras eram a supressão rápida da respiração, o tempo frio sobre a pele suada, a ingestão de líquidos muito frios em ambientes com temperaturas baixas, pancadas e muitas vezes sem razão identificável, conforme assevera Chernoviz (1890), o que se pode notar nas causas descritas acima são altas doses de empirismos, característica comum aos diagnósticos da época, e hodiernamente refutadas pela medicina.

Do mesmo modo há *causa mortis* que acometem apenas párvulos, conforme gráfico ilustrativos a seguir:

Gráfico 7 – Indicativo de *causa mortis* em que todos os indivíduos são párvulos



Fonte: Elaborado pela autora.

A *causa mortis* mais frequentes em indivíduos párvulos é o espasmo, lexia que nos documentos sofre variação ortográfica para <spasmo> e <espamos>, é uma causa em que todos os 38 registros são de indivíduos entre as faixas etárias de 3 dias de nascido a 3 anos de vida.

Nota-se que as crianças acometidas por espasmo estão em tenra idade, no entanto, são informações que não se pode fazer conjecturas, pois no caso do espasmo Chernoviz (1890, p. 1028) assevera que,

[...] o sentido da palavra espasmo é mui vago: ás vezes emprega-se como synonymo de convulsão; frequentemente toma-se por ataque de nervos. Applica-se também o nome de ar de espasmo á moléstia chamada tétano; e com o mesmo nome se designa algumas vezes a apoplexia. (CHERNOVIZ, 1890, p. 1028).

Já a segunda *causa mortis* mais frequente em párvulos é o garrotinho ou *crup*, esta variação semântica ocorre apenas uma vez, no folio 62v, reg. 4, que registra o óbito do párvulo Nestor, com apenas seis meses de idade. Chernoviz (1890, p. 754) define *garrotinho* ou *crup* como uma inflamação da garganta, caracterizada pela formação de uma membrana nas vias aéreas que, por sua vez, obstrui a passagem do ar podendo levar à asfixia. Porém, hodiernamente, a lexia garrotinho já não tem o mesmo valor semântico que outrora. Segundo Borba (2012), garrotinho é uma doença infecciosa que acomete equinos e é causada pela bactéria *Streptococcusequi*⁵⁰.

Por outro lado, *crup* é atualmente qualificada no CID como “Laringite obstrutiva aguda (crupe)”, e é assim definida “Crupe é uma doença inflamatória dos tratos respiratórios superior e inferior, causada mais comumente pelo vírus parainfluenza tipo 1”⁵¹. Portanto, a definição atual de crupe condiz com a definição apontada por Chernoviz (1890), quanto à ortografia, houve uma variação ortográfica de *Crup*<Crupe e uma variação semântica, pela mudança de significado de garrotinho.

A faixa etária dos falecimentos por garrotinho ou *crup* varia de 1 mês de vida a 11 anos de idade. Conforme se pode aferir nos excertos:

[...] **falleceu de garrotinho** o parvulo Francisco com **um mez de idade** filho legitimo de João Rodrigues da Veiga [...]. (fl. 1r – reg. 6).

Aos trinta de maio de mil oitocentos e noventa e quatro **falleceu de garrotinho** a parvula Francisca, nascida **ha dous annos** [...]. (fl. 31r – reg. 17).

Aos oito de Outubro de mil oitocentos noventa e quatro, **falleceu de garrotinho** o parvulo Francisco, **com onze mezes** de idade [...]. (fl. 33v – reg. 40).

A dezoito de julho de mil e novecentos e quatro, **falleceo de garrotinho**, Maria Lopes, solteira com **onze annos de idade**. (fl. 80r – reg. 18).

Chernoviz (1890, p. 754) alerta que o garrotinho ou *crup* é uma doença

⁵⁰ Fonte: <https://www.ourofinoaudeanimal.com/ourofinoemcampo/categoria/artigos/garrotinho-em-equinos/>.

⁵¹ Fonte: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria>.

infecção contagiosa e dever-se “evitar cuidadosamente que se aproximem do doente outras crianças da mesma família” visto que tem característica epidêmica, e alega que a principal causa da afecção é o clima frio e úmido, sendo uma moléstia grave e muitas vezes mortal, principalmente quando o afetado for muito jovem, como é o caso das crianças.

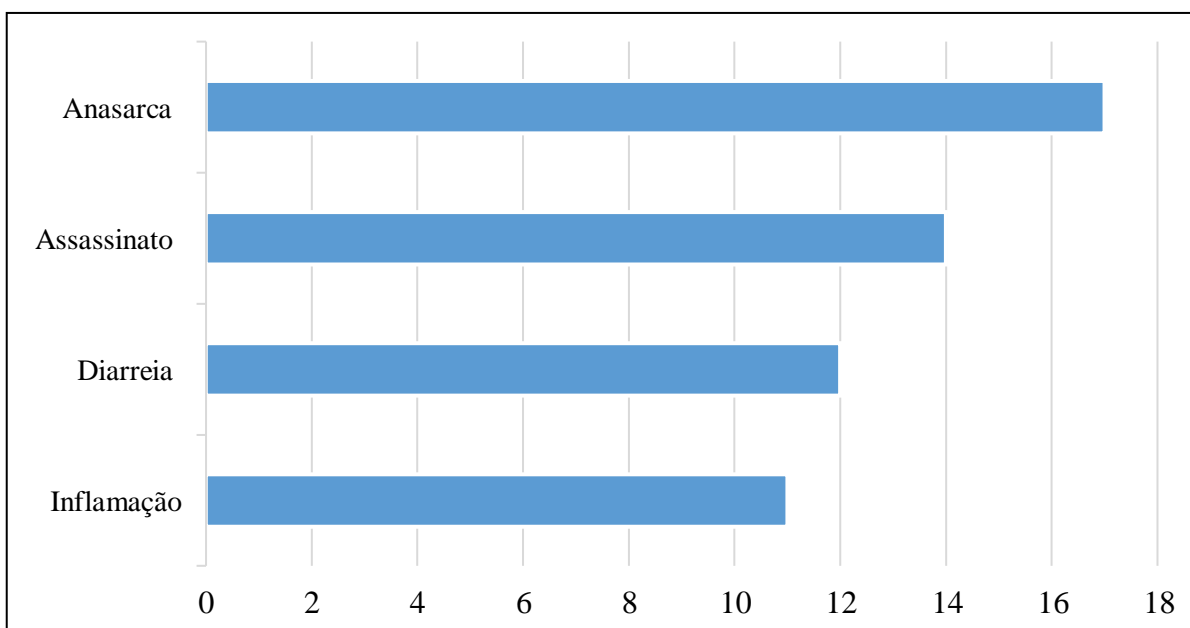
Por fim, outra *causa mortis* que acomete apenas crianças é a morte por dentição, Chernoviz (1890) define como todos os sintomas físicos que ocorrem com a saída dos primeiros dentes, podendo ser sintomas leves ou penosos, contudo a dentição não oferece riscos. Logo, infere-se que as indicações de *causa mortis* por dentição se deram pela dificuldade no diagnóstico, pois, conforme salienta Chernoviz (1890):

A grande mortalidade que se observa na primeira idade da vida, e a dificuldade que ha de reconhecer a natureza de certas affecções da infância, tem feito adoptar a opinião de que a dentição é a fonte principal de todas as moléstias que atacam as crianças, e a causa da morte de grande numero d'ellas. Por este preconceito commodo, faz-se cargo á natureza de muitos accidentes e de resultados funestos, que muitas vezes procedem de tratamentos impróprios. A dentição por si só não é uma moléstia, mas sim uma função natural. (CHERNOVIZ, 1890, p. 804).

Portanto, inferimos que os casos de morte por dentição se deram por afecções outras que não se pode identificar a causa, visto que, conforme Chernoviz (1890) a dentição não é uma moléstia que cause a morte das crianças.

Entre as *causas mortis* que atingem a todas as faixas etárias estão *anasarca*, *assassinato*, *diarreia* e *inflamação*. Conforme quantitativo exposto no gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Quantitativo de *causa mortis* que afetam párvulos e adultos



Fonte: Elaborado pela autora.

Destacamos no **Gráfico 8** que as causas que acometem tanto adultos como crianças e mais frequentes nos documentos analisados são as ocasionadas por anasarca e por assassinato. No caso da *causa mortis* por assassinato nos chama a atenção o fato de acometer apenas indivíduos do sexo masculino. Conforme podemos aferir, dos 14 casos ou 2,5% dos registros totais todos os defuntos são do sexo masculino, em que 5 são acometidos por perfuração a faca e os demais (9) são atingidos por tiros de rifle⁵², mais popularmente conhecido por espingarda. Consideramos variação semântica de <faleceu assassinado> as lexias <faleceu de um tiro>; <pereceu de facadas>; <pereceu de um tiro> e variação ortográfica a lexia <faleceu assassinado a tiros>.

Outro fato relevante na análise dos documentos é o assassinato de três crianças (párvulos), José de nove anos de idade, José com oito anos e Pedro o mais jovem falecimento por assassinato com sete anos de idade, todavia, podemos inferir, pela construção lexical usada no registro 22 do fôlio 22 e no registro 12 do fôlio 43 que se tratou de uma eventualidade acidental, já o registro que trata da morte de Pedro (fl. 63v. – reg. 11) não podemos inferir o mesmo, conforme revela as transcrições a seguir:

Aos tres de junho de mil oitocentos noventadous **pereceu de um tiro accidental** José, filho legitimo de José Francisco de Souza morador alem do sitio – Descanço – e com nove annos de idade. (fl. 22r – reg. 22).

Aos cinco de março demil oitocentos e noventa e sete **falleceu victima de uma facada; casualmente dada por Joaquim Guimarães**, que ultimamente foi processado e depois livre pelo jury o parvulo José, oito annos de idade filho legitimo de Francisco Ferreira d’Araujo seu cadaver foi sepultado ao outro dia no cemiteriublicodéstaparoquia. (fl. 43r – reg. 12).

Aos vinte e tres de Maio de mil e novecentos **falleceu deum tiro de espingarda disparado por Jacintho** Cabecinha no parvulo Pedro de sete annos de idade (fl. 63v. – reg. 11).

Em outros casos, o assassinato ocorre com dolo eventual, ou seja, com intenção de matar, como é o caso do assassinato de Francisco Marques da Costa, adulto de 24 anos de idade atingido por Francisco Agostinho: “Aos nove dias do mez de setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu assassinado á facadas por Francisco Agostinho que evadiu-se - o adulto-Francisco Marques da Costa vinte quatro annos de idade” (fl. 32v – reg. 30).

Quanto à lexia <faleceu de anasarca> é possível identificar variação lexical faleceu de *hydropisia*> e variação ortográfica <faleceu de anazarca>, trata-se de uma *causa mortis* que atingia a todas as faixas etárias, acometendo crianças de 4 meses de vida a adultos de 85 anos.

⁵² Arma de fogo com cano longo, muito comum ao uso doméstico para fins de caça e proteção das residências, sobretudo em cidades interioranas do Estado do Ceará, mais popularmente conhecido por espingarda.

A moléstia, também denominada *hidropsia*, ou conforme ortografia usada pelo vigário *hydropisia* é, segundo Chernoviz (1890, p. 160), um acúmulo de líquido no tecido celular “como uma esponja embebida d'agua, a moléstia toma o nome de *anasarca*”. Todavia, pode ganhar novas conotações a depender do órgão atingido, visto que “se esta *hydropisia* se limita a uma só região, chama-se edema, ordinariamente inchaço; a que occupa o ventre denomina-se ascite, ou vulgarmente barriga d'agua” (CHERNOVIZ, 1890, p. 160).

Com isso, podemos dizer que a *lexia* *hidropsia* é o hiperônimo de *anasarca*, que é definida, por sua vez, como uma “inchação geral ou muito extensa do corpo, produzida pela acumulação de serosidade no tecido celular subcutaneo” (CHERNOVIZ, 1890, p. 151). Entretanto, atualmente, podemos identificar o termo *anasarca* como um arcaísmo, visto que caiu em desuso e não consta no CID, diferente do termo *hidropsia*, que ainda é usado com complementos definidores, a exemplo de *hidropsia fetal* e de *hidropsia da vesícula biliar*.

Quanto às causas de *hidropsia* ou *anasarca* não se tinha ao certo uma motivação, todavia, Chernoviz (1890, p. 452) alerta que as “*affecções* do coração e do rins, as obstrucções do figado e baço, as febres intermitentes prolongadas, as perdas abundantes de sangue, o escorbuto, aopilação, e muitas moléstias chronicas que oceasionam debilidade geral” podiam ser fatores que ocasionavam a moléstia, embora salientasse que não há uma causa que se possa definir assertivamente, visto que a doença podia “*apparecer* em varias *circumstancias*” (CHERNOVIZ, 1890, p. 453).

Chernoviz (1890, p. 876) assegura também que a “*diarrhea* sobrevem também sem causa conhecida”, e é uma das *causas mortis* que atingem a todas as faixas etárias, muitas eram as crenças em torno da enfermidade, acreditava-se inclusive que a ingestão de agua fria com o corpo suado era uma das causas da *diarreia*. Conforme aponta Chernoviz (1890, p. 879), eram causas da *diarreia* eram desde comidas gordurosas e frutas verdes até “as bebidas frias imprudentemente tomadas quando se está suado, as emoções vivas, o desaparecimento súbito de uma empigem”, no caso das crianças que ainda eram amamentadas, as causas de *diarreia* de davam, sobretudo, pela qualidade do leite materno.

Outra *causa mortis* que se trata de sintoma e não causa é a inflamação que ocorre em 11 casos, o que equivale a 1,5% do total de registros, pois não há indicativo de qual órgão ou membro do corpo foi afetado pela inflamação. Vale ressaltar que em 10 dos registros os falecidos são adultos e há apenas um falecimento de párvulo por inflamação, conforme destaque: “Aos trinta de junho de mil oitocentos e noventa e sete **falleceu de inflamação** a parvula Florentina **6 annos** de idade [...]” (fl. 47r – reg. 49). Todavia, é possível assegurar que os casos de *causa mortis* por inflamação são decorrentes de enfermidades de diversas ordens,

ou por não terem o tratamento adequado e assim agravarem o quadro do doente, ou na tentativa de tratarem o processo inflamatório e fazerem uso paliativo de raízes, compressas, rezas e tudo o mais que pudesse sanar a inflamação, atitudes comuns ao período analisado⁵³.

É necessário salientar que as *causas mortis* discutidas não configuram o total de moléstias que acometiam os moradores daquela região, contudo, não seria possível, neste trabalho, lançar olhares sobre todas as ocorrências encontradas nos documentos de registro de óbito, por esta razão limitamos nosso olhar aos casos anteriormente descritos. Todavia, há um ponto importante a destacar nos registros de óbito analisados – a falta de indicação de *causa mortis* –, levando-nos novamente a inferir a dificuldade em diagnosticar a causa da morte, pois, conforme já mencionado, os diagnósticos eram dados pelo vigário ou por membros da família do doente que, muitas vezes, apelavam para o conhecimento popular e empírico para a identificação do acometimento do falecimento. Estes dados apontam para 113 casos, ou seja, em 15% do total de registros não há a indicação de *causa mortis* no registro de óbito ou o texto é impreciso no tocante à identificação, conforme podemos conferir nos excertos:

Aos quatorse dias do mes de Outubro do anno de mil oitocentos oitenta e nove **sepultou-se** no Cemiterio publico dêstavilla, o cadaver de Pedro da Silva, solteiro [...]. (fl. 2v – reg. 21).

Aos vinte oito de agosto de mil oitocentos noventa e um **falleceu** em seu domicilio, onde compareci para administrar-lhes os sacramentos, que Recebeu como bom catholico [...]. (fl. 17r – reg. 29).

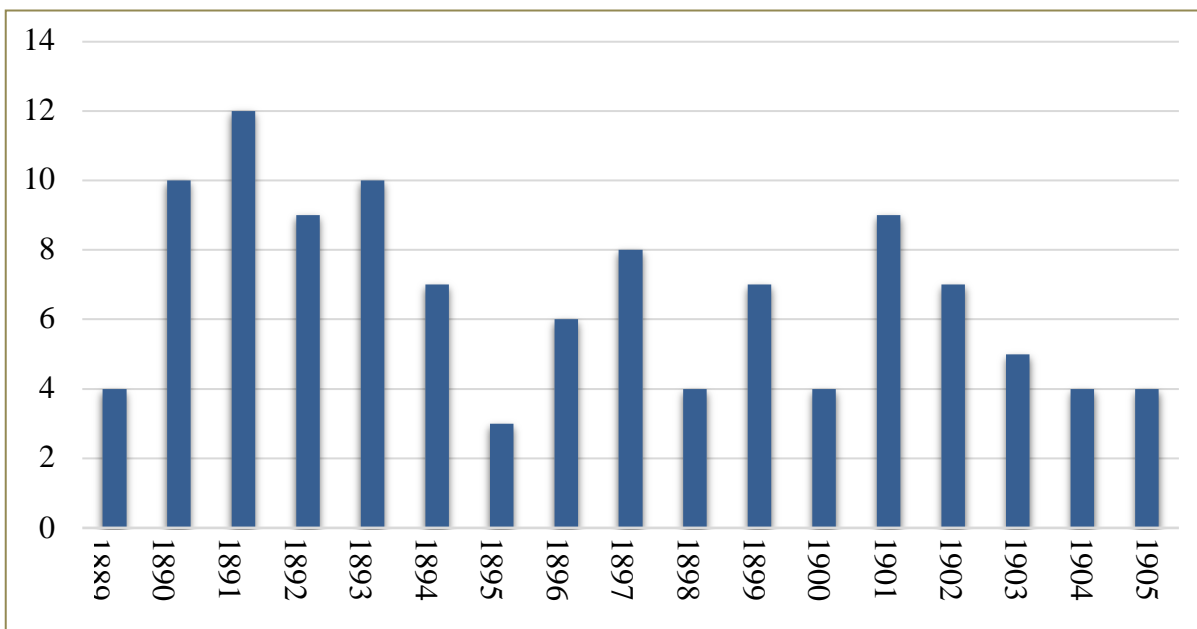
Aos desesete de setembro de mil oitocentos noventa e dois **falleceu repentinamente** na fazenda Britto da freguezia de Aracatyacú Laureano ferreira Gomes solteiro, quarenta quatro annos [...]. (fl. 23v – reg. 26).

Assim, para fins ilustrativos, apresentamos a seguir o gráfico com o quantitativo de ocorrência por ano de registro, em que não foi possível indicar a *causa mortis*. Os presentes dados são necessários, pois nos serviram de indicativo do alcance e da responsabilidade social que tinha o vigário em nome da Igreja perante a população, pois, diferente do que ocorre hodiernamente, os registros de óbito são produzidos por um escrivão do cartório civil e a indicação da *causa mortis* é dada por um profissional da medicina por meio de um documento chamado *atestado de óbito*. No atestado de óbito o médico registra a causa da morte e é

⁵³ Sobre estes tratamentos paliativos, contam os meus pais que, no ano de 1977 minha irmã, que tinha 1 ano de idade, foi acometida do que eles chamavam de “ferida braba”, um processo inflamatório de um ferimento que agravou-se virando uma enorme úlcera em suas costas, para tratar o ferimento arriscavam-se em longas caminhadas em busca de rezadores e orientações sobre o tratamento, um dos tratamentos, e que julgam até hoje ter sido o remédio para a cura, tratava-se de raspar as cinzas deixadas pelo fogão a lenha nas paredes da casa de taipa e misturar a elas a gordura do leite de cabra. A mistura formava uma pasta que era diariamente inserida no “buraco” da ferida, dentre outras lavagens com água de raízes e infusões, atualmente, esse tipo de tratamento foi extinto.

encaminhado pela família (ou profissional contratado para tal) ao cartório, instituição onde o escrivão produz a certidão de óbito com as informações presentes no atestado de óbito.

Gráfico 9 – Quantitativo de *causa mortis* não informada pelos vigários



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 9, dispomos apenas os anos que há registros sem a indicação de *causa mortis*. E conforme se pode aferir, o ano de maior ocorrência de *causa mortis* não informada pelo vigário é o ano de 1891, contando com 12, o equivalente a 23% do total de registros daquele ano, e o ano de menor ocorrência (proporcional ao número de registros, visto que foi o ano com maior número de falecimentos) é o ano de 1897 com 8, ou seja 8% dos registros. Embora as diretrizes da Igreja orientem para a indicação da causa da morte, este dado nem sempre era possível, porém, a presença da Igreja era fundamental para a aferição do falecimento e até na identificação do corpo, conforme consta no registro de óbito de Francisco de Souza Barreto,

Aos tantos dias do mez de Setembro de mil oitocentos noventa e dous desapareceu d'esta Villa, onde vagava, o louco Francisco de Souza Barreto, conhecido por Caboclo de Mattos e não sendo encontrado em parte alguma, suppos-se ter morrido nas mattas, eis que hoje onze de Fevereiro de mil oitocentos noventa e dous foi encontrado o seu cadaver no lugar Jorge por um caçador de nome José Delmiro e **sendo verificado por mim e identificado da pessoa e que era realmente** o dito Francisco de Souza Barreto casado que era com a professora Dona Maria Joanna de Araujo Sampaio fis a inhumação no Cemiteriopublico desta Parochia depois de feita a encomendação na forma do Ritual Romano. (fl. 19r – reg. 52).

É possível verificar também nos documentos analisados que as variantes usadas na indicação do falecimento que não apontam com precisão a *causa mortis* são: sepultou-se,

faleceu, faleceu repentinamente, faleceu subitamente e faleceu ao nascer. Lexias que indicam a morte, sem, contudo, precisar a causa do falecimento. Deste modo, ratificamos que embora os vigários não tivessem formação para diagnosticar as causas do falecimento, estes eram feitos a partir dos poderes a eles atribuídos pela Igreja, à época costume naturalizado por todos.

Portanto, reafirmamos que, no período estudado, o papel da Igreja era fundamental aos rituais que concernem à morte, estando a Igreja presente desde a agonia do doente perante a morte, conforme veremos na subseção 5.2 que trata das lexias de pré-morte, quanto à identificação e ao diagnóstico da morte até os últimos instantes da matéria física (o corpo) e espiritual (a alma) veremos a seguir na *subsubseção 5.1.3*.

5.1.3 As lexias do pós-morte

A morte é um fenômeno universal e todo indivíduo, independente da cultura ou da crença religiosa, está sujeito a um fim. Todavia, cada sociedade cultiva a sua maneira única de lidar com os instantes finais de separação entre os vivos e os mortos. Os rituais de morte revelam muito sobre a cultura e o que as pessoas valorizam e acreditam.

Cultivada pela sociedade ocidental cristã, a cultura do bem morrer perpassa a vida e a morte dos indivíduos, e foi (ou é) a Igreja Católica figura fundamental para o sucesso e a propagação desta cultura, estando presente nos rituais e costumes arraigados à hora da morte. Nesta subsubseção, analisamos as lexias de pós-morte, que figuram os rituais que sucedem o morrer, em que identificamos os sentidos destes rituais perante os vivos, os mortos, a Igreja e o contexto sócio-histórico-cultural.

No Ocidente, a necessidade do cumprimento de rituais para o enfrentamento da morte pode ser observada através da preparação para o bem morrer, que ia desde os cuidados com a elaboração do testamento, que precediam até mesmo a doença, até os instantes finais de despedida do cadáver para o sepultamento. Reis (1991) afirma que os ritos fúnebres eram atos que interessavam muito mais aos vivos que aos mortos e ter um funeral decente era importante a todas as classes sociais, vistos que se tratava de um momento de reparação dos pecados, preparação para a vida eterna e conforto à consciência dos que ficavam, pois acreditava-se em uma reparação pré-morte como garantia de salvação da alma no pós-morte. Por isso, os rituais, sobretudo, religiosos eram indispensáveis à salvação, como pudemos aferir nos registros de óbitos que apontam desde a preparação da morte com os rituais de pré-morte até à necessidade de relembrar e confortar o espírito do morto em missas e orações.

Diferente dos ritos de pré-morte – todos rituais próprios da religião católica – os

rituais de pós-morte como, por exemplo, o amortalhamento e o sepultamento do cadáver são oriundos da cultura ocidental e acompanham diferentes povos desde os mais remotos tempos. Já os demais rituais de pós-morte, presentes nos óbitos, são característicos do catolicismo, como a encomendação do corpo pelo sacerdote e a realização de missas em homenagem ao defunto, assunto que abordaremos mais adiante.

Para análise das lexias de pós-morte apresentamos, a seguir, a tabela 8 com o quantitativo de maior número de ocorrências nos documentos, estes dados nos serviram de diretriz na definição dos conceitos e na discussão dos dados. Ressaltamos que, nesta categoria analítica, optamos por apresentar todas as lexias em uma mesma tabela, inicialmente por ter um número reduzido de lexias a serem analisadas e assim facilitar a leitura, portanto, não há necessidade de dispor as lexias em uma tabela muito extensa, conforme se pode conferir a seguir:

**Tabela 8 – Lexias de pós-morte
PÓS-MORTE – 1889 a 1915**

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	427	57	-	Amortalhado em pano pardo Amortalhado em azul Amortalhado em branco Amortalhado em preto revestido da apa
Encomendar o cadáver	303	40	-	Encommendado; Encommendação rezada; Encommendaçõesolemn e Encommendação privada;
Sepultar	723	96	Inhumado; Enterro solenme; Inumado; Foi dado a sepultura; Feito a inumação;	Sepultado no cemiterio; Sepultado na capela de Santa Cruz; Sepultado na povoação de Santa Cruz; Foi sepultado em São Luiz; Foi sepultado na povoação do Retiro; Sepultou-se; Foi sepultado no tumulo da mãe;
Ser transportado	25	3,5	Foi conduzido;	Cadaver transportado;
Ter missa	22	3	Rezar missa;	Teve missa de setimo dia; Teve missa de corpo presente; Teve missa de visita de cova;

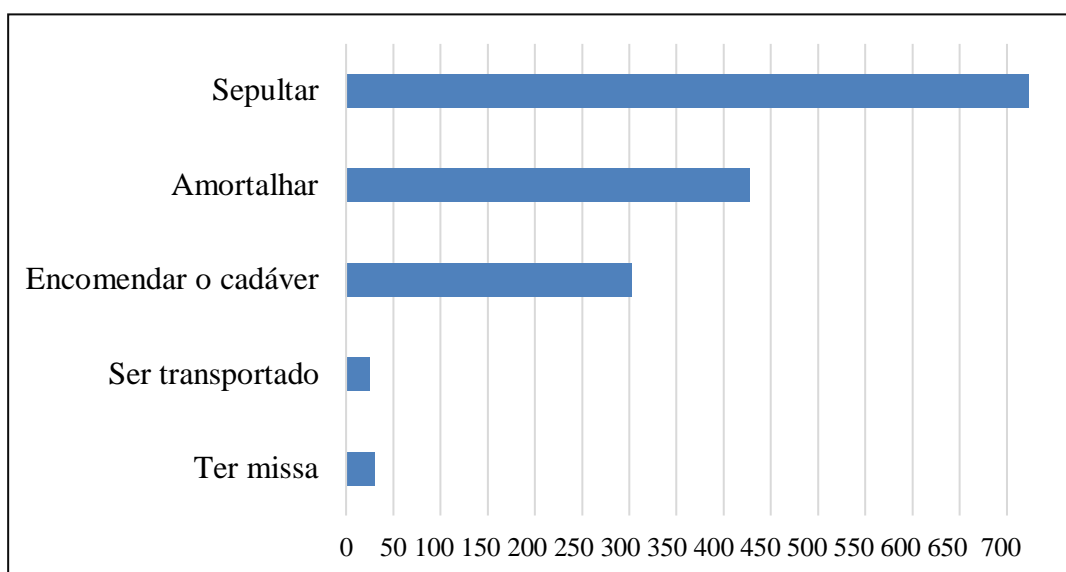
Fonte: Elaborada pela autora.

As lexias de pós-morte dispostas na tabela são classificadas, conforme as definições de Pottier (1978): lexias simples (amortalhar, sepultar) e lexias complexas (encomendar o cadáver, ser transportado, ter missa).

Inicialmente, discorreremos sobre as lexias simples <amortalhar> e <sepultar>, pois são as lexias de maior recorrência nos documentos e se caracterizam como indispensáveis a todo falecimento. Nos documentos, a lexia <amortalhar> é geralmente acompanhada por um complemento adjetival que define a cor da mortalha e a lexia <sepultar> segue acompanhada de advérbio de lugar.

A fim de ilustrar os quantitativos das lexias de pós-morte dispomos a seguir de um gráfico ilustrativo:

Gráfico 10 – Lexias de pós-morte com maior recorrência no *corpus*



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico acima serve de ilustração aos dados dispostos na *Tabela 8* e aponta, conforme mencionado, que as lexias de pós-morte mais recorrentes são <sepultar> e <amortalhar>, respectivamente, seguidas da lexia <encomendar o cadáver> e as lexias menos recorrentes são <ter missa>, com 22 registros, que corresponde a 3% do total de documentos, e <ser transportado>, que contam 25 recorrências, ou seja, 3,5% do total de registros.

Já o ritual de sepultamento ocorre em 723 registros, o equivalente a 96% do total de documentos, embora possamos inferir que, mesmo não contendo a indicação do sepultamento, todos os falecidos naquela região foram sepultados, ou em cemitérios públicos ou em cemitérios particulares, visto que se tratava de um período em que a Igreja proibia veementemente a cremação, e por não haver nos registros de óbito outra indicação ritualística, que não o sepultamento.

Quanto ao amortalhamento, que ocorre em 427 registros, ou seja, 57% dos documentos, tinha função espiritual, visto que a escolha da mortalha fúnebre, conforme Ferraz

(2016), era uma das maneiras de conferir aos defuntos uma viagem segura para o outro mundo. Essa crença que foi difundida pela religião católica a partir da Idade Moderna, sobretudo com o amortalhamento em vestes de ordem religiosa, pois a mortalha funcionava como identificação e inserção representativa do morto no plano espiritual, portanto, tinha função cristã escatológica de assegurar a salvação eterna ao indivíduo que tivesse seus restos mortais envoltos nessas vestes.

Tamanha era a importância do amortalhamento que a indicação nos registros de óbito de que o cadáver foi amortalhado era frequente. Nos documentos analisados, o quantitativo da ocorrência desta lexia é representado pela forma lematizada <amortalhar> e complementado com adjetivos que indicam a cor do tecido usado na fabricação da mortalha, conforme os excertos:

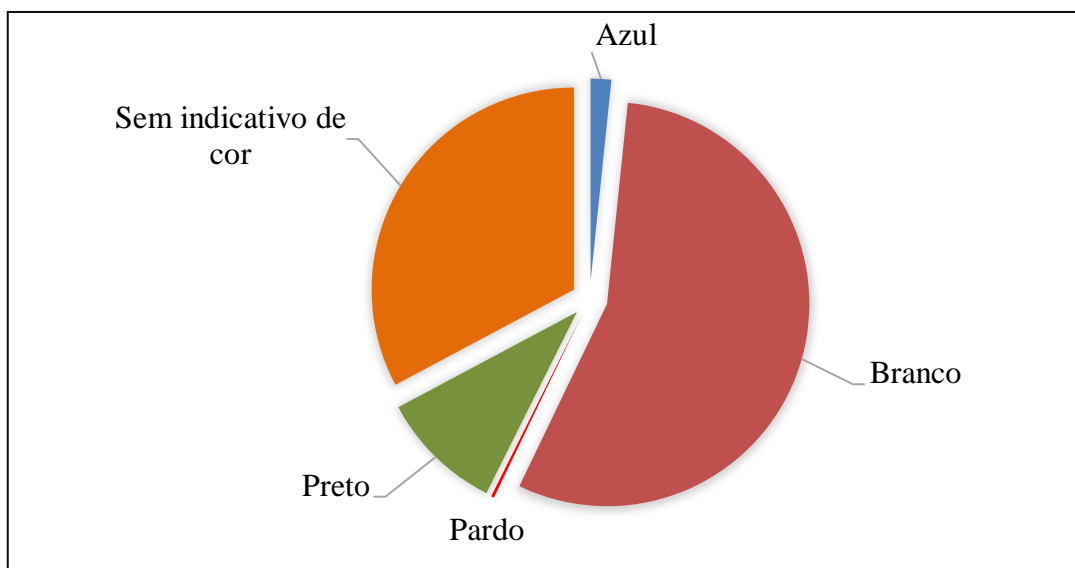
[...] seu cadáver **amortalhado em habito azul** foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. (fl. 32v – reg. 33).

[...] seu cadáver **amortalhado em habito preto**, foi sepultado ao outro dia junto ao tumulo de sua finada mãe Mariana Hortensa de Carvalho no Cemiterio publico desta Matriz. (fl. 33r – reg. 34).

[...] seu cadáver **amortalhado em branco** foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. (fl. 30v – reg. 14).

[...] e seu cadáver **amortalhado em panno pardo** foi sepultado no cemiterio desta parochia. (fl. 71r – reg. 3).

Reis (1991, p. 154) afirma que a mortalha fazia parte do rol de objetos simbólicos para a boa morte e “seu uso exprimia a importância ritual do cadáver na integração do morto ao outro mundo”, sobretudo as mortalhas que faziam reverência aos santos, pois “ao mesmo tempo que protegia, com a força do santo que invocava, ela servia de salvo-conduto na viagem rumo ao paraíso”. Contudo, não consta nos registros de óbitos analisados a indicação de mortalha que faça reverência a santos, todavia, do total de 427 de registros que aparecem a lexia <amortalhar>, 348 registros, o que corresponde a 83%, há indicativo adjetival de cor, para ilustrar os dados descritos dispomos em gráfico ilustrativo:

Gráfico 11 – Cores das mortalhas

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme podemos averiguar, o maior número de ocorrência era para o uso de mortalha branca, representado 68% ou 237 dos registros com o indicativo do uso da cor branca, enquanto 42 falecidos, ou 12%, usou hábito na cor preta, apenas 7 registros, 2%, foi sepultado com mortalha na cor azul e um registro indica a cor pardo, lexia que, segundo o dicionário online Michaelis⁵⁴, é um adjetivo de cor que fica entre o branco e o preto ou branco sujo, ou ainda cor escurecida que varia entre o amarelo e o marrom escuro.

É importante frisar que todos os registros que constam amortalhamento em azul são de crianças, por outro lado, os indicativos de cor branco ou preto variam os sujeitos entre adultos e crianças, havendo maior frequência para os sujeitos adultos em relação ao número de crianças.

Sobre o uso de mortalhas brancas, Reis (1991) esclarece que eram feitas de tecido grosseiro de algodão, sendo mais comum aos menos favorecidos, tendo em vista o baixo custo do tecido. Reis (1991) exemplifica que tal vestimenta era usada sobretudo pelo povo de origem africana, primeiro pelo apego às tradições funerárias africanas, depois pelas condições sociais vividas e o baixo poder aquisitivo deste povo, naquele período. Já para o uso de mortalha preta “era preciso maior poder aquisitivo, uma vez que o pano preto era mais caro” (REIS, 1991, p. 158). Mesmo diante dessas evidências, não podemos assegurar fielmente a simbologia na cor das mortalhas nos documentos analisados nesta dissertação, todavia, “é indiscutível que condição social, sexo, idade, diferenças etnicorraciais dos mortos eram características que influíam em seu uso”. Por outro lado, Rodrigues (1997) salienta que,

⁵⁴ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pardo/>.

[...] para cristãos e africanos, tinha grande importância a cor e o tipo da mortalha. Seu uso tinha a função ritual de integrar o morto no outro mundo. Determinadas cores, mal-empregadas, poderiam, na concepção cristã, dificultar o desprendimento da alma, funcionando como uma espécie de barreira a entrada no Além; outras, pelo contrário, poderiam servir de identificação e passaporte. Crianças geralmente eram amortalhadas em tecidos coloridos, talvez, pelo fato de que, por serem declaradas inocentes por parte da Igreja, já eram consideradas em estado de graça e, portanto, o uso do colorido poderia indicar um estado de contentamento pela certeza da salvação. (RODRIGUES, 1997, p. 196).

Partindo destes pressupostos e a partir do contexto histórico e social da região onde os óbitos ocorreram, inferimos que a preponderância no uso de mortalha branca é justificada pela condição social da população daquela região, visto que nenhuma certidão faz referência às tradições africanas de sepultamento. No entanto, no documento que registra a morte de Alberto Barbosa Lima, é possível inferir a posição social do defunto, visto que o vigário destaca a patente do genitor, informação que não é comum aos demais registros:

[...] Alberto Barbosa Lima, solteiro, vinte e cinco anos de idade, filho legítimo de **Capitão** Norberto Barbosa Lima e tendo recebido apenas absolvição expirou – seu cadáver amortalhado em habito preto foi sepultado no dia seguinte depois de encomendado por mim no cemiterio publico desta Parochia. (fl. 10v – reg. 88).

Já o uso da lexia <amortalhado em azul>, para a indicação de cor <azul> no amortalhamento de crianças, dialoga com Rodrigues (1997, p. 196) quando afirma que “crianças geralmente eram amortalhadas em tecidos coloridos, talvez, pelo fato de que, por serem declaradas inocentes por parte da Igreja”. Deste modo, a escolha da cor da mortalha tem uma alta representatividade espiritual para o ritual de pós-morte e a vestimenta escolhida para o sepultamento representa mais que um simples adereço.

É necessário salientar que o ato de sepultar ou enterrar os mortos faz parte das práticas humanas desde a idade das cavernas, o que inicialmente evitou que os restos mortais fossem devorados por animais e vermes à vista dos vivos e, posteriormente, adquiriu um caráter espiritual, como uma forma de respeito ao morto.

O ato do sepultamento é adotado pelo homem ocidental cristão como uma atitude de cuidado e respeito à matéria, principalmente, por existir uma propagação de percepção materialista sobre a morte. Assim, o homem ocidental supunha que o defunto deveria ser sepultado em terra, em local apropriado, como as igrejas, pois acreditava-se que no dia da ressurreição aquele corpo inerte poderia voltar à vida. Por essa razão, até meados do século XX a cremação dos corpos era tabu para a religião católica, sendo inclusive proibida pela Igreja Católica. Somente no ano de 1968, o Papa Paulo VI, por Instrução do Santo Ofício *Piam et*

constantem, cessa a proibição da cremação, embora, ainda “recomende insistentemente”⁵⁵ a sepultura, conforme consta no Código de Direito Canônico adotado até os dias atuais, sendo a cremação aceita somente em casos de última vontade do falecido e não seja um ato de contradição aos dogmas da Igreja.

Nos documentos analisados, prevalece o sepultamento dos cadáveres, e mesmo quando não há no documento indicação de sepultamento, inferimos que era a atitude comum à época, visto que consta em 88% dos registros a lexia <sepultado no cemitério> havendo uma variação semântica para <inumado no cemitério>, conforme os excertos: “[...] foi encomendado e levado a sepultura onde foi inumado no cemiterio publico desta villa” (fl. 79r – reg. 6) e “[...] seo cadaver foi inumado no Cemiterio publico desta villa no seguinte dia” (fl. 78r – reg. 23).

É importante ressaltar que os sepultamentos se davam em cemitérios públicos que, na época, eram administrados pela Igreja, pois, somente a partir do século XX, deu-se início à municipalização dos cemitérios, conforme pudemos inferir em nota deixada pelo vigário e já mencionada na *subseção 5.1*.

Sendo assim, podemos constatar que no momento histórico da ocorrência dos óbitos os falecidos eram sepultados somente em cemitérios, prática não muito comum até meados do século XIX, já que muitos, ou a grande maioria dos mortos, eram sepultados nas igrejas ou em terrenos próximos às igrejas, pois acreditava-se que era o ambiente ideal para aproximar a alma da salvação e evitar a completa separação entre vivos e mortos. Conforme salienta Reis (1991),

As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos [...] ser enterrado na igreja era também uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos. (REIS, 1991, p. 214).

No entanto, mesmo depois que o regime imperial instituiu a criação dos cartórios de registro civil, que ficaram com a incumbência de registrar os nascidos, os casamentos e os mortos, ainda assim, até a década de 50 do século XX, constam registros de mortos nos livros da paróquia. Situação que demonstra como a igreja, paulatinamente, foi perdendo a condição de controladora da relação entre vivos e mortos, conforme aponta Quiossa (2009), porém relata que se faz necessário proceder os ritos fúnebres a fim de definir plenamente a separação entre vivos e mortos.

⁵⁵ “Cân. 1176 § 3. Seguindo a antiga tradição cristã, a Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado”. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html. Acesso em: 12 set. 2019.

Outro ritual de pós-morte com significativa representatividade espiritual, é a encomendação do cadáver, que segundo as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* – se fazia necessária a todo enterramento. Conforme consta em suas orientações:

Conforme a direito, nem-um defunto pôde ser enterrado sem primeiro ser encommendado (1) pelo seu Párocho, ou pelo Sacerdote de seu mandado. 1)por tanto ordenamos, e mandamos, que assim se cumpra, e execute em todo nosso Arcebispado, e que para isso, tanto que alguma pessoa morrer, se dê com brevidade recado ao Párocho, em cuja Parochiafallecer, para que acuda ao encomendar com muita diligencia. (ARQUIDIOCESE DE SALVADOR, 1853, p. 288).

A encomendação do corpo faz parte do ritual das exéquias, que são ações ritualísticas de honras fúnebres. A lexia <exéquias> provém do Latim *exsequi*, que denota “seguir” e refere-se ao cortejo fúnebre que segue o corpo do defunto até o sepultamento. Conforme consta no Catecismos da Igreja Católica⁵⁶: O adeus («a Deus») ao defunto é a sua «encomendação a Deus» pela Igreja. É «a última saudação dirigida pela comunidade cristã a um dos seus membros, antes de o corpo ser levado para a sepultura» (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA).

No *corpus* em análise há apenas duas ocorrências da lexia <exéquias>, o que se pode inferir é que havia um custo às famílias para que o vigário executasse as exéquias, conforme se verifica no trecho “[...]teve enterro solemne **feito a custa** do seu protetor João Augusto de Castro junto com **Vigario da freguezia que nada exigiupor seus serviços** e mesmo fez as exéquias [...]” (fl. 71v – reg. 9).

As exéquias são um conjunto de rituais que procedem à morte, como é o caso da celebração de missas em favor do falecido, dias após a morte, assunto que trataremos nos próximos parágrafos, quanto ao ritual de encomendação, este se dar antes do sepultamento, conforme aponta o vigário nos excertos em destaque:

[...] seo cadaver **depois de encommendado foi sepultado** no semiterio publico desta parochia [...]. (fl.77v – reg. 20).

[...] sendo seo **cadaver encommendado antes da inhumação** comtava 69 annos de idade. (fl. 78v – reg. 1).

[...] recebo todos os sacramentos e seo cadaver **depois de ser encommendado foi sepultado** no cemiterio publico desta villa [...]. (fl. 79r – reg. 7).

A encomendação do cadáver era comum apenas a adultos, visto que nenhum registro de criança consta o ato de encomendação e do total de 538 registros de adultos, 302, ou 56%, tiveram encomendação do cadáver realizada pelo vigário. As *Constituições Primeiras*

⁵⁶ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap4_1667-1690_po.html. Acesso em: 12 set. 2019.

do *Arcebispado da Bahia* recomendam que nenhum defunto seja sepultado sem a devida encomendação do cadáver pelo pároco, trata-se de oração em favor do morto, feita perante o corpo exposto do falecido.

Quanto a indicação de transporte do cadáver ou o uso da *lexia* sinonímica <condução do cadáver> ocorre em 25 registros, que equivale a 3,3% do total de óbitos. É construído com o complemento de lugar, em que é definido o local de sepultamento, como por exemplo

[...] seu **cadaver foi transportado** para esta villa em cujo cemiterio foi sepultado ao outro dia [...]. (fl. 49v – reg. 73).

[...] seu **cadaver transportado para** Assumpção, alli foi sepultado [...]. (fl. 51v – reg. 89).

[...] **cadaver foi conduzido** à povoação do Jacú, da freguezia de Pentecoste e no respectivo Cemiterio foi sepultado seu cadaver. (fl. 21v – reg. 17).

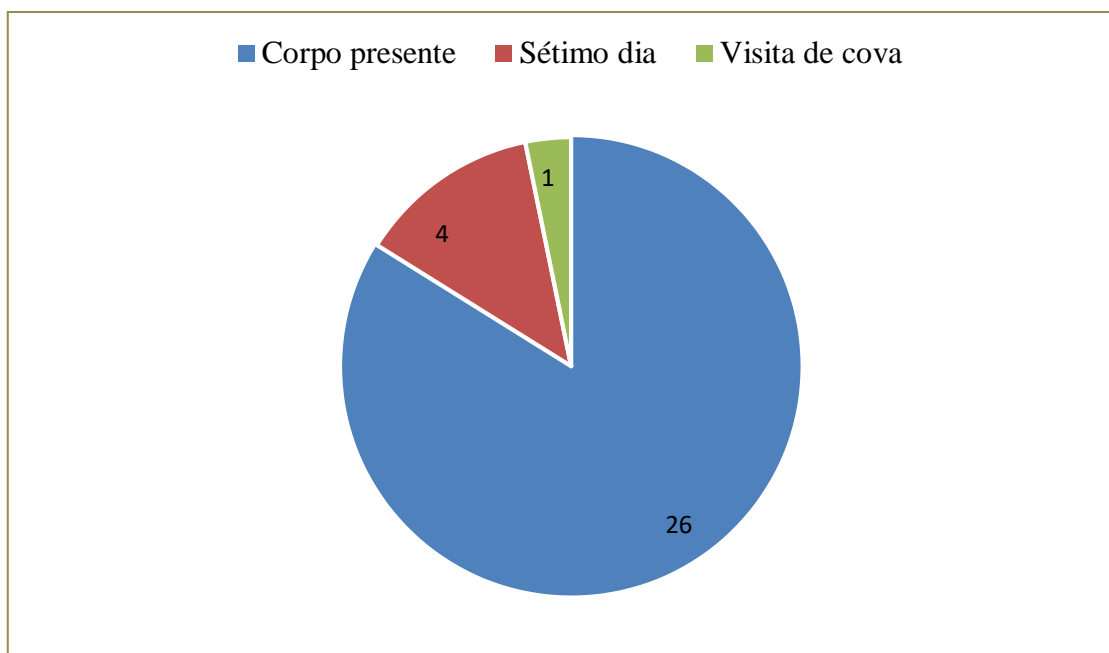
Outros atos das exéquias são as missas ministradas em homenagem ao defunto, que são conforme ocorrência nos documentos <missa de corpo presente> com 26 ocorrências, que corresponde 87% do total de registros que indicam que o defunto teve missa, já a variação de <missa de sétimo dia> ocorreu em apenas 3 registros e o menos recorrente nos documentos, com apenas 1 registro e a variante <missa de visita de cova>.

[...] seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. **Teve Missa de visita de cova** e encomendação por mim [...]. (fl. 9v – reg. 81).

[...] teve enterro solemne e **missa de setimo dia**, seu cadaver amortalhado de habito preto foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. (fl. 5v – reg. 43).

[...] teve **missa de corpo presente** e seu cadaver depois de encomendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. (fl. 5v – reg. 45).

As missas de corpo presente são as mais frequentes nos documentos, conforme gráfico ilustrativo que segue:

Gráfico 12 – Tipos de missa ministrada aos defuntos

Fonte: Elaborado pela autora.

É costume, na Igreja Católica, rezar pelos falecidos em solicitação às divindades (Deus, Jesus Cristo, as Santas e Santos de devoção do fiel) que dê a alma do defunto um repouso eterno. Com a crença no purgatório, as missas funcionam como subterfúgio para reduzir uma possível passagem da alma do falecido ao purgatório, ou seja, as orações ajudam neste hiato entre o purgatório e o céu. Assim, as missas de corpo presente eram (são) ministradas com o defunto ainda “presente”, como a indicação na lexia faz-se deduzir (corpo presente).

Na liturgia antiga as missas destinadas aos mortos eram no 3º dia, no 7º dia, no 30º dia e no aniversário do falecimento, todavia, pelo agravante do clima tropical (no Brasil) era necessário que os defuntos fossem sepultados com certa urgência e pela grande extensão territorial ficava difícil que os parentes ou conhecidos que morassem longe estivesse em tempo hábil à missa de corpo presente ou mesmo à missa de terceiro dia, deste modo, ainda no período colonial, a Igreja difundiu a missa de sétimo dia como a mais importante, por considerar um número mais significativo, principalmente, por que garantia que quem desejasse homenagear o morto tivesse tempo de chegar para tal. No entanto, é importante salientar que esta prática, é uma tradição da cultura brasileira, não ocorrendo o mesmo em outros países.

Todavia, quanto aos documentos analisados o que se pode verificar é que o mais comum eram missas de corpo presente em detrimento as missas de sétimo dia, que ocorrem em apenas 5 registros, ou seja, menos de 1% dos registros totais de óbitos, portanto, inferimos que por ser uma região interiorana as missas de corpo presente eram muito mais significativas ao

morto e aos familiares.

Outro preceito que orienta a realização da missa de sétimo dia é que o prazo de sete dias é suficiente para que se possa comunicar as pessoas da família e aos amigos o falecimento, e assim, pudessem se reunir para finalizar o ritual de morte na Santa Missa, onde cânticos e orações são destinadas a alma do falecido, que por fim pode descansar. Os sete dias fazem menção aos dias da criação do mundo por Deus, que depois do sétimo dia pode descansar de sua obra. Todavia, conforme podemos ver na *subsubseção 3.1.3* que trata da comercialização da morte, as missas eram o item mais oneroso nos rituais da morte e nem todas as famílias tinham recursos financeiros para pedir a celebração de missas para os seus entes falecidos, fato que justifica apenas 30 registros com indicativo de celebração de missas nos documentos analisados, ou seja, apenas 4% dos falecidos entre os anos de 1889 a 1915 registrados no livro da paróquia de São Francisco (Itapajé) ter a indicação de celebração de missa. Situação que, mais uma vez, corrobora a afirmação de que a região era composta, sobretudo, por famílias com poucos recursos financeiros.

E mais uma vez reafirma-se o papel da Igreja perante a vida e a morte da população, sendo a condição social do indivíduo parâmetro que direciona os comportamentos culturais, e por que não dizer espirituais, já que sem recursos financeiros os rituais de morte podem ser limitados, mesmo o defunto professando a fé e as crenças da religião, como se pode deduzir do trecho retirado dos documentos: “[...] Teve enterro solemne feito a custa do seu protetor João Augusto de Castro junto com Vigário da freguezia que nada exigiu por seus serviços e mesmo fez as exequias [...]” (fl. 73v – reg. 9).

Deste modo, depreendemos desta subseção que as crenças e costumes são também constituídos por fatores sócio-históricos, que são arraigados culturalmente aos povos, de maneira a fazer parte do cotidiano, dos comportamentos, das escolhas e dos caminhos a serem seguidos, sendo assim, os comportamentos dos/nos rituais que concernem o pós-morte são transferidos e naturalmente vão ganhando (maior ou menor) espaço e importância no meio social, por vezes ganhando novos elementos como é o caso dos novos rituais fúnebres descritos na *subsubseção 3.1.3*, mas sempre em busca de um mesmo fim, o conforto de quem fica e a salvação de quem vai.

6 O FIM DE UMA JORNADA: PASSOS DERRADEIROS DESTA ETAPA

Nestas últimas páginas expomos os passos derradeiros de nossa dissertação, mas cientes de que não findamos o trabalho, visto que entendemos que esta pesquisa não finda em sua seção conclusiva, mas abre lacunas para novos projetos investigativos no que tange ao léxico em sua perspectiva sócio-histórico-cultural, dado o caráter social e mutável inerente à ‘palavra’, conforme assevera Matoré (1953). Portanto, pela necessidade do fechamento de um ciclo e em clima reticente de “despedida”, usamos esta última seção como um “prestador de contas” para apontar as “descobertas” nesta caminhada e instigar estudiosos e interessados sobre os possíveis caminhos que não conseguimos desbravar ao longo destes dois anos.

Aqui, estudamos o léxico da morte sob uma perspectiva interdisciplinar, pois nos valemos de áreas disciplinares como a Lexicologia, a Filologia e a História, dentre outras áreas do conhecimento que nos foram ricas para alcançar o objetivo principal desta dissertação, que foi, inicialmente, através da edição mecânica e edição semidiplomática de textos intitulados de certidões de óbitos, analisar o léxico do ritual da morte, considerando o contexto sócio-histórico-cultural e as relações de sentido expressas pelas lexias concernentes à morte.

No percurso da investigação, nos valemos, além de outras vertentes teóricas, da função transcendente da Filologia, caracterizada por não se prender ao texto, mas o transpor, ou seja, esta função atravessa a materialidade linguística e mergulha em universos outros, assim, permite que o texto possa subsidiar as reflexões sobre contextos sócio-histórico-culturais. Portanto, na interpretação dos dados entendemos que a função transcendente da Filologia, primordialmente, responde às nossas questões de pesquisa, embora, em alguns momentos na pesquisa, para alcançar os objetivos finais, tenhamos empregado, no trato dos documentos, as funções substantiva e adjetiva da Filologia.

Outra abordagem teórica que nos foi primordial nesta caminhada foi a historiografia da morte e as atitudes do homem perante ao morrer, discussão que nos ajudou na explicação dos ritos e propagação de crenças que acompanham a sociedade diante do fim inevitável da matéria, o corpo.

Sobre os procedimentos metodológicos que constituem o percurso desta pesquisa, valemo-nos inicialmente do fazer filológico, na restituição dos 755 textos, registros de óbitos, manuscritos em um livro, que atualmente encontra-se em poder da cúria diocesana de Itapipocace. Posteriormente, amparados nas proposições de Pottier (1978) sobre classificação de lexias, realizamos a recolha e sob o viés da Lexicologia (BIDERMAN, 1978, 1996; MATORÉ, 1953) a análise dos significados considerando o contexto sócio-histórico-social.

No explorar deste caminhar retornamos aos anos de 1889 a 1915, a uma região longínqua do interior do Ceará, denominada paróquia de São Francisco, atualmente o município de Itapajé, região onde os documentos de certidão de óbitos que nos serviram de *corpus* para esta pesquisa foram escritos. Foi neste espaço/tempo que buscamos respostas às nossas duas primeiras questões de pesquisa que inquiram sobre o contexto sócio-histórico-cultural e religioso em que foram produzidas as certidões de óbitos e qual realidade sócio-histórico-cultural e religiosa do período é refletida nos textos que permite um reestabelecimento do contexto.

Portanto, adentrando à janela deixada aberta pelo léxico alcançamos nosso primeiro objetivo, no qual identificamos que o contexto sócio-histórico-cultural vivenciado pelos sujeitos que escreveram e os que são referenciados nos documentos de óbitos, era um ambiente rural, em que os moradores da região tinham pouco (ou nenhum) acesso às políticas públicas de promoção à saúde e bem-estar da população. Atributo reforçado pelo registro 19, disposto nos fólios 72r-73v concernente ao ano de 1902, em que no documento, o vigário relata a ida do doente João Augusto à cidade de Sobral, que por falta de estrutura médica na região onde morava, partiu em busca de tratamento para sua mazela, retornado oito dias depois sem sucesso no reestabelecimento de sua saúde e “foi chegando e morrendo entre a liteira d’onde o tiraram e a rede onde o collocaram para acabar de morrer como effectivamente morreu” (fl. 73v – reg. 19). Registro que aponta a deficiência de cuidados médicos na região, tendo a população que se deslocar longas distâncias em busca de socorro. Sendo que, apenas indivíduos em condição social e financeira mais elevada podiam sair em busca de ajuda fora da região de São Francisco (Itapajé), como era o caso de João Augusto, que era “Inspector da linha Telegraphica, Residente em São Francisco, havia já 17 annos”, cargo que à época lhe rendia além de *status* social, condição financeira confortável, diferente da maioria dos moradores daquela região. Estes últimos ficavam à mercê dos cuidados paliativos, muitas vezes insuficientes na cura das doenças, sendo acometidos por mazelas que se tratadas podiam ser facilmente curadas, mas que, com o agravamento, ou por fragilidade da saúde ou por aplicação de tratamentos dos mais variados e insalubres, tornava-se mortal. Conforme vimos na *subsubseção 5.1.2*, que trata das *lexias de causa mortis*.

No reestabelecimento do contexto sócio-histórico-cultural, que diz respeito ao segundo objetivo desta pesquisa, precisamos conhecer os sujeitos envolvidos e referenciados nos documentos de certidões de óbitos, dentre eles identificamos os escribas e os sujeitos falecidos. Sobre os sujeitos que escreviam os documentos foi possível conhecer além de suas biografias, a sua função social nos rituais de morte. Já quanto aos sujeitos que são referenciados

nos documentos, conhecemos os quantitativos de falecimentos por sexo, faixa etária e estado civil, dados que nos foram caros para a reconstrução do retrato social da morte naquela região.

Conhecendo o retrato social dos sujeitos envolvidos foi possível adentrar ao estudo do léxico da morte com um envolvimento afetivo encantador, muito embora alguns estudiosos julguem o envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa uma atitude prejudicial ao resultado final, todavia, acreditamos e pudemos concluir que o envolvimento afetivo nos permitiu não apenas enxergar o léxico da morte como quem desseca um cadáver a ser analisado, mas como quem faz parte do processo. O sentimento de pertença possibilitou um olhar atento aos dados, com isto, enxergar por ângulos diversos, o que nos permitiu encantar-nos por cada etapa desta pesquisa.

Compreendemos que as certidões de óbitos fazem refletir uma realidade histórica própria da região e que as atitudes e rituais concernentes à morte e ao morrer eram predominantemente caseiras, de tal modo, que não havia o conhecimento do Estado (tal como ocorre atualmente), visto que a Igreja, na figura do sacerdote, fazia o papel do Estado, sendo ela [a Igreja] responsável por registrar a morte e o sepultamento dos falecidos, embora sendo em um período que o Estado já havia atribuído para si esta função. Todavia, pelo atraso social e cultural, a comunidade de São Francisco (Itapajé) demora a engendrar as novas regras políticas de registro civil, de modo que a população continua a procurar a Igreja para os registros eclesiásticos de seus falecimentos.

Outro ponto que julgamos necessário destacar foi a identificação das permanências e rupturas dos rituais de morte, principalmente nas atitudes dos vivos perante aos mortos, se no período analisado o morrer em casa, rodeado de parentes e amparado pelos socorros da religião eram atitudes comuns aos rituais da morte, com o passar do tempo e a modernização social, a morte ganha novos espaços. Hodiernamente, muitas das atitudes e rituais outrora propagados e fundamentais ao bem morrer já não têm os mesmos significados, a exemplo da presença do vigário na hora da morte para ministrar os sacramentos da “hora extrema” ou o costume de amortilhar os defuntos com vestimentas especialmente produzidas para o sepultamento do corpo.

Quanto às relações de sentido expressas pelas lexias, última questão investigativa que deu origem ao nosso objetivo derradeiro e vislumbrou explicar os sentidos que as lexias expressam na identificação da pré-morte, da *causa mortis* e do pós-morte, concluímos com os resultados que o léxico revela os ritos que permeiam a morte e se materializam em rituais peculiares a um grupo social, cultural e historicamente situado. Destacamos o fato de que o sistema lexical de uma língua é dinâmico e motivado socialmente, deste modo, intrínseco aos

costumes e influenciado pelo contexto. Por isso, a decisão por analisar o léxico da morte em três categorias: pré-morte; *causa mortis*; pós-morte.

Percorrendo os passos metodológicos analisamos a primeira categoria analítica que foi as lexias de pré-morte, momento que em termos mais gerais, pode ser denominado como a preparação do moribundo para a morte, conforme exemplificamos com o registro de Maria Thereza (fl. 72r – reg. 10), que depois de receber os sacramentos demonstrou disposição para comparecer ao juízo final. Portanto, os rituais de pré-morte são identificados como predominantemente de cunho religioso, e estão dispostos nos documentos em lexias simples (batizar, comungar etc.) e lexias complexas (receber os sacramentos, receber a extrema-unção etc.) e predominam as variações ortográficas, características comuns à época, tendo em vista a falta de normatização oficial da língua portuguesa, deste modo, os escribas se utilizavam das características pseudoetimológicas da escrita, comum ao período.

Atualmente, os rituais de pré-morte são pouco propagados e estão cada dia mais longe dos costumes que circundam o morrer, tendo em vista a diversidade cultural e religiosa dos povos e, sobretudo, o distanciamento da morte dos lares e da vida dos familiares e amigos, momento que Ariès (2012) chamou de morte selvagem, pois já não se fala ou pensa na morte, como se ela nunca fosse ocorrer, assim sendo, não há preparação.

A segunda categoria são lexias que registram a causa da morte, estão dispostas no documento em lexias complexas, geralmente, construídas pelas bases verbais <falecer de> ou <perecer de> e o colocado que diz respeito à causa do falecimento. Sobre as lexias de *causa mortis* inferimos que, como o diagnóstico da época era dado pelo vigário ou por familiares do defunto, em muitos casos o sintoma era substituído pela causa, criando uma relação metonímica, como era o caso da *causa mortis* por <falecer de febre>. Outro fator importante na análise das lexias de *causa mortis* foi a identificação dos sujeitos acometidos por determinadas causas de morte, por isso dividimos nossa análise em *causa mortis* que acometiam apenas adultos, como era o caso de <falecer de tísica>, lexia com o maior número de variação ortográfica, visto que era grafada como <thysica> <phtisica> <Phtysica>, dentre outras formas. E as causas que afetavam apenas as crianças (párvulos) como eram os casos de <falecer de garrotinho>; <falecer de espasmos> e <falecer de dentição>, esta última lexia, embora não configure uma doença, frequentemente era usada como causa da morte, mais uma vez reforçando o caráter metonímico das lexias. O mesmo ocorre com a lexia <falecer de espasmo>, *causa mortis* mais frequente quando se trata de crianças, a lexia nos documentos sofre variação ortográfica para <spasmo> e <espasmos>.

E por fim as causas que independente do sexo ou idade afetava a todos. Os dados

revelaram que, embora, houvessem registros de *causa mortis* que afetassem apenas homens (como era o caso de assassinato) ou mulheres (como o parto), os quantitativos de falecimentos eram equivalentes entre si. O mesmo não ocorre em relação ao quantitativo de crianças e adultos, sendo numericamente maior a morte de adultos em detrimento à de crianças. Nesta última etapa de análise das lexias que tratou das causas dos falecimentos, identificamos como mais frequente <falecer de anasarca>, que assim como <falecer de garrotilho> e <falecer de tísica> são, atualmente, consideradas arcaísmos, ou por ter mudado o campo semântico como é o caso de <garrotilho>, que hodiernamente é atribuído a uma mazela que afeta apenas equinos, ou por cair em desuso, como ocorreu com <anasarca> e <tísica>.

E por último, o estudo sobre os sentidos expressos pelas lexias de pós-morte, última categoria analítica, foi possível identificar que são rituais oriundos da cultura ocidental o amortalhamento e o sepultamento do cadáver, e os demais rituais de pós-morte são característicos da religião católica como é o caso de encomendar o corpo e realizar missa de corpo presente e de sétimo dia.

Quanto ao amortalhamento e ao sepultamento são os rituais identificados nos documentos como os mais recorrentes e caracterizam-se indispensáveis a todo falecimento. Nos documentos a lexia <amortalhar> é geralmente acompanhada por um complemento adjetival que define a cor da mortalha, costume que sofreu modificação, inicialmente, por fatores sociais e paulatinamente deixou de existir por fatores culturais. A vestimenta do defunto, hodiernamente, não tem a importância que outrora tivera. No período estudado o amortalhamento do cadáver era instrumento que servia ao defunto de salvo conduto e garantia-lhe uma viagem tranquila ao além-morte. Todavia, não se pode assegurar fielmente a simbologia na cor das mortalhas nos documentos analisados para esta dissertação, embora se possa inferir que a cor da mortalha traduz a condição social do defunto, visto que o maior número de ocorrência era o uso da cor branca, representado 68% ou 237 dos registros com o indicativo do uso de mortalha, enquanto as demais cores representam o quantitativo total de apenas 14%. Dado confirmado na *subsubseção 5.1.3*, pois as mortalhas de cor branca, eram produzidas com tecidos grosseiros de algodão, comuns aos pobres, pois não dispunham de recursos para aquisição de outros tecidos, à época de custo mais elevado.

Já a lexia <sepultar> que também ocorre com a variação <inumar> segue acompanhada de advérbio de lugar, indicando o local onde o corpo foi sepultado. Dado que nos revelou a ausência de sepultamento em igreja, visto que todos os registros de sepultamento indicam que se deu em cemitérios, ou da paróquia ou de localidades próximas, embora fossem [os cemitérios] administrados pela Igreja.

Outros rituais de pós-morte, como a encomendação do cadáver, a realização de missas, estas com finalidades diversas, eram diretrizes orientadas pelos documentos eclesiásticos e garantia aos vivos o conforto pela salvação da alma do ente falecido, no entanto, eram rituais dispensados aos defuntos em que as famílias custeavam o serviço. Visto que as missas eram o item mais oneroso nos rituais da morte e muitas vezes os escassos recursos financeiros não eram suficientes para pedir a celebração de missas para os seus entes falecidos, fato que justifica apenas 30 registros com indicativo de celebração de missas nos documentos analisados, ou seja, apenas 4% dos falecidos entre os anos de 1889 a 1915 tiveram a celebração de missa em sua homenagem, dados revelados nos documentos.

Por fim, acreditamos que o trabalho, desde a restituição dos documentos em edição semidiplomática até a análise do léxico da morte, atendeu aos objetivos propostos, primeiro por trazer à tona o conteúdo de documentos, até então armazenados em arquivos, e guardavam informações importantes sobre a vida e a morte daquela população, depois, por garantir a restituição dos documentos em arquivos digitais, garantindo, assim, a preservação do material linguístico e histórico presente no livro, por fim, por restituir a memória linguístico, histórica, social e cultural que sobressai das lexias concernentes à morte e ao morrer. E, sobretudo, acreditamos na pertinência desta investigação para os estudos filológicos e linguísticos, principalmente no que se refere aos estudos do léxico, partindo de uma perspectiva sócio-histórico-cultural, ainda pouco explorada no âmbito da Linguística Aplicada.

Todavia, ciente de que esta investigação não teve a pretensão de dar conta de todas as questões que permeiam o objeto de pesquisa, asseveramos que lacunas foram deixadas no decorrer deste processo investigativo, visto que não pudemos abarcar todas as potencialidades de investigação que os documentos de óbitos detêm. Portanto, acreditamos que as discussões apresentadas nesta dissertação não findam aqui, e abrem caminhos especulativos para outras pesquisas científicas. Uma vez que, deixamos, como resultado deste trabalho, o livro que nos serviu de *corpus* editado no modelo semidiplomático que servirá a novas investidas, assim podendo contribuir com pesquisadores que tenham interesse por pesquisas históricas, sociológicas, sobre religião, saúde pública e linguísticas de caráter interdisciplinar. A exemplo de estudos que visem analisar a perspectiva diacrônica do léxico da morte nos documentos de óbitos, ou mesmo a análise diacrônica das lexias das causas de morte, a fim de identificar as mudanças no léxico. E tantas outras perspectivas investigativas que venham a contribuir com os estudos da língua, do léxico, da história e da cultura.

E por fim, encerramos estas linhas reiterando que, nosso trabalho, se insere no rol de edições, estudos, pesquisas e análises realizadas pelo grupo PRAETECE.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In*: ISQUIERDO. Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicografia, lexicologia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed.UFMS, 2012. p. 141-161.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (orgs.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 226-240.
- ALENCAR, Claudiana Nogueira; FERREIRA, Dina Maria Martins. Contexto: considerando *ad infinitum*. **Cadernos de linguagem e Sociedade**. v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/view/720>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. Filologia: uma linha para a lexicologia tecer os seus pontos. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (orgs.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 227-240.
- ALMEIDA, Fernanda Kécia de. **O léxico de Causa Mortis em certidões de óbito do Vale do Jaguaribe no século XIX**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Fernanda%20Almeida.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.
- ALVES, Maria Ieda. **Neologismo**: criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ARIÈS, Phillipe. **A história da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Tradução de Priscila de Siqueira Viana. ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ARIÈS, Phillipe. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2014.
- ARQUIDIOCESE DE SALVADOR. **Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia**. São Paulo: Na thypographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222291>. Acesso em: 09 ago. 2018.
- BARRETO, Cátia Maria Ferreira. **Representações da EEFM Monsenhor Catão Porfírio Sampaio em Itapajé-CE**: memórias do "grupão" (1936-1978). 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Programa de pós-graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3049>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. v. 1.
- BERWARGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípede Franklin. **Noções de Paleografia e diplomática**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed.UFSM, 2008.

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: linguística quantitativa e linguística computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.
- BLUTEAU, Rafael. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Lisboa: [s.n.], 1789.
- BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário UNESP do Português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicologia. São Paulo: UNESP, 2003.
- BRENES, Anayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 135-149, abr./jun. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1991000200002. Acesso em: 17 set. 2019.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 216 p.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTE, Marilda (orgs). **Linguística aplicada e Transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 115-126.
- CHERNOVIZ, Paulo Luiz Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular**. Paris: Casa do autor, 1890. v. 1.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- EUFRÁSIO, Vinícius; ROCHA, Edite. O ritual de Encomendação das Almas: aspectos de uma prática luso-brasileira, In. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 26., 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANPPOM, 2016. p. 1-9 Disponível em: https://www.academia.edu/27990543/O_ritual_de_Encomenda%C3%A7%C3%A3o_das_Almas_aspectos_de_uma_pr%C3%A1tica_luso-brasileira?auto=download. Acesso em: 04 nov. 2018
- FERRAZ, Norberto Tiago Gonçalves. Vestidos para a sepultura: a escolha da mortalha fúnebre na Braga setecentista. **Tempo**, Niterói, v. 22, n. 39, p. 110-125, jan.-abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v22n39/1413-7704-tem-22-39-00110.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GALENO, Cândida. **Ritos Fúnebres no Interior do Cearense**. Fortaleza: Henriqueta, 1977.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed.URFGS, 2009. (Série Educação a Distância).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Resumo Histórico dos Inquéritos Censitários realizados no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv83964.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

JANSON, Tore. **A história das línguas: uma introdução**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

KENEDY, Eduardo. Léxico e computações lexicais. *In*: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 41-69.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KÜBLE-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes**. 7. ed. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEAL, Vinicius Barros. **História da medicina no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1979.

LIMA, Francisco Cleziano Mendes de; XIMENES, Expedito Eloísio. Léxico e cultura: as denominações das culturas agrícolas do feijão e do milho por agricultores do município de Ocara-CE. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS**, Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 167-181, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1922/pdf>. Acesso em: 03 jun. 2019.

LIMA, Igor de; SILVA, Patricia G. E. Tipologia documental. *In*.: SAMARA, Enide Mesquita (org.). **Paleografia, documentos e metodologia histórica**. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 201-252.

MAGGI, Michele Barth. Conexão léxico-cultural de alguns manuscritos setecentistas pertencentes aos annaes do Sennado da Camara do Cuyabá – 1719-1830. **Revista da ABRALIN**, v. 16, n. 3, p. 449-465, jan./fev./mar./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52388/32255>. Acesso em: 06 jul. 2018.

MARCOTULIO, Leonardo Lennentz; LOPES, Célia Regina dos Santos; BASTOS, Mário Jorge da Motta; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. **Filologia História e língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo: Parábola, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie**: domaine français. Paris: Didier, 1953.

MELLO-JORGE, Maria Helena Prado de; GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro; LATORRE, Maria do Rosário D. de O. Análise dos dados de mortalidade. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, sup. 4, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v31n4s0/3134.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2019.

MIRANDA, Evaristo Eduardo. **Como ministrar exéquias**. 16 out. 2011. Disponível em: <http://www.evaristodemiranda.com.br/artigos-humanidade/como-ministrar-exequias/>. Acesso em: 06 jul. 2019.

NALIN, Paulo. A função social do contrato no futuro código civil brasileiro. *In*: CONGRESSO DE DIREITO CIVIL EM HOMENAGEM AO MIN. MOREIRA ALVES, 1.; CICLO DE ESTUDOS JURÍDICOS DO NOROESTE DO PARANÁ, 16., 2002, Curitiba. **Anais [...]** Umarama, PR: UNIPAR, 2002. Conferência. Disponível em: http://ead2.fgv.br/ls5/centro_rec/docs/A_funcao_social_do_contrato_no_futuro_codigo_civil.pdf. Acesso em: 20 abr. 2019.

NALINI, José Renato. **Pronto para partir?** Reflexões jurídicos-filosóficas sobre a morte. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Revista dos tribunais, 2014.

NASCIMENTO, Karleandro Pereira do. O léxico em testamento da capitania do Ceará do século XIX. *In*: XIMENES, Expedito Eloísio; NUNES, Ticiane Rodrigues (Org.). **Estudos filológicos e linguístico na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 31-49.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

OLIVEIRA, Luiza Ferreira de Oliveira. Ronco da abelha: resistência popular e conflito na consolidação do estado nacional, 1851-1852. **Informes de pesquisa**, Almanack brasiliense, n. 01, p. 120-127, maio 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11610/13379>. Acesso em: 09 out. 2018.

PEREIRA, Norma Suely da Silva. Os rituais “da boa morte”: as práticas culturais e a construção do *ethos* em documentos coloniais trasladados no livro velho do tombo do mosteiro de São Bento da Bahia. *In*: ABBADE, Celina Márcia de Souza; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (orgs.). **Entre a palavra, o discurso e o texto**. Curitiba: Appris, 2016. p.103-124.

PESSOA, Jáder Lúcio de Lima. **Registro civil de nascimento**: direito fundamental e pressuposto para o exercício da cidadania. Brasil, 1988-2006. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito, Campos dos Goytacazes, RJ, 2006. Disponível em: <http://fdc.br/Arquivos/Mestrado/Dissertacoes/Integra/JaderLucioLimaPessoa.pdf>. Acesso em 10 out. 2018.

PIMENTEL, Mercia Sylvianne Rodrigues. Morte customizada: uma análise discursiva do processo de individualização dos funerais brasileiros. *In*: JORNADA NACIONAL DO GELNE, 25., 2014, Natal. **Anais [...]** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. p. 1-10. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/921.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é e como se lê. Fortaleza: Eduece, 2009. 261 p.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral**: teoria geral e descrição. Tradução de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978. (Coleção Linguagem 7).

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Autos de defloração: um estudo léxico-semântico de documentos cíveis do início do séc. XX. **Revista Virtual** - Revista do Colegiado de Pós-Graduação Lato Sensu em Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes, ano. 1, n. 1, p. 14-27, 2015. Disponível em http://www.uefs.br/colplet/revista/ed01_102009/artigos/artigo_02.pdf. Acesso em: 10 jun. 2018.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Para que editar? A filologia a serviço da preservação da memória baiana. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (orgs.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 141 - 157.

QUINDERÉ, José. História eclesiástica do Ceará. *In*.: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966. p. 52 - 64.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. *In*.: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **A história da vida privada no Brasil**: Império – a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das letras, 1997. p. 96 – 141.

RIBEIRO, Ana Cláudia Aníbal. **A morte pede passagem**: ressuscitando lembranças dos ritos fúnebres em Russas–CE. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20ANA%20CL%C3%81UDIA%20ANIBAL%20RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2006.

SAADREVA, Renata. Recenseamento e conflito no Brasil imperial: o caso da Guerra dos Marimbondos. **Clio**, Revista de Pesquisa Histórica, v. 33, n. 1, p. 90-113, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/24529-49060-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

SAMPAIO, Pedro. A medicina no Ceará. *In*.: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966. p. 495-503.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manuel Mourivaldo. Para que filologia/critica textual? **Revista Acta**: A escrita no Brasil colonial e suas relações. Assis, SP, v. 1, 2011. Disponível em: [http://sgcd.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICA TEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://sgcd.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICA TEXTUAL(revistoISSN).PDF). Acesso em: 29 maio 2019.

SÃO Francisco. **JORNAL A CIDADE**, Ceará, ed. 00077, nov. 1902. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168092&PagFia>. Acesso em: 05 dez. 2018.

SANTO, Bruno de Jesus Espírito; PEREIRA, Norma Suely da Silva. **A metáfora e as práticas religiosas**: a conceptualização da alma em um testamento do século XVII. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 361-378, 2018.

SANTOS, Rosa Borges dos. A filologia textual e a gramática estilística do autor. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (orgs.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 79-93.

SARNO, Donato. *Storia dei Registri dello Stato Civile*. Maletica: Halley Editrice, 2010.
SCHNEIDER, Luizane. O léxico a partir de um olhar sociológico. **Revista Travessias**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/view/305>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SÉGUIER, Jayme de. **Dicionário Prático Ilustrado**. Porto: Lello & Irmão, 1947.

SILVA NETO, Serafim da. **Manual de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.

SILVA, José Pereira da. O método em Filologia. **Revista Philologus**, CiFEFiL, Rio de Janeiro, n. 51, ano 17, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3883/2712>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SOMMERMAN, Américo. Complexidade e Transdisciplinaridade. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE, 1., 2005, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2005. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/complex.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.

STEFANES, Ivonete. Léxico: fonte de resgate histórico. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11., 2006, Uberlândia, SP. **Anais [...]** Uberlândia, SP: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 1412-1418. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_428.pdf. Acesso em: 21 maio 2019.

STUDART, Guilherme. **Notas para a história do Ceará**. Brasília: Senado Federal, 2004. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1090/702791.pdf?sequence=4>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. 34. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

TAVARES, Thiago Rodrigues. Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Maringá, PR, ano 2, n. 4, maio 2009.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários**: Uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004. 299 p.

WOODBIDGE, John D.; JAMES III, Frank A. **História da Igreja**: da Pré-Reforma aos dias atuais. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017. v. 2.

XIMENES, Eloísio Expedito. Estudo das fraseologias religiosas em testamentos do século XIX. *In*: XIMENES, Eloísio Expedito; NUNES, Ticiane Rodrigues (orgs.). **Estudos filológicos e linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 11-30.

XIMENES, Expedito Eloísio. **Fraseologias Jurídicas**: estudo filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris, 2013.

APÊNDICE A – TABELAS COM AS LEXIAS DE PRÉ-MORTE ORGANIZADAS POR ANO DE REGISTRO

PRÉ-MORTE – 1889				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Batizar em artigo de morte	1	2,5	-	-
Comungar	1	2,5	-	-
Confessar	4	10	-	
Não se confessou	1	2,5	-	-
Receber a extrema-unção	2	5	-	Recebeu a extrema unção
Receber absolvição a hora da morte	3	7	-	-
Receber o sacramento da hora extrema	1	2,5	-	-
Receber o sacramento da penitência	4	10	-	-
Receber o viático	2	5	Confortou-se com o sagrado viatico	Recebeu o sagrado viatico
Receber todos os sacramentos	2	2	-	Receber os sacramentos da Santa Igreja

PRÉ-MORTE – 1890

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Batizar	1	1,25	-	Foi batizado
Comungar	1	1,25	-	Commungou
Confessar	18	22,5	-	Confessou <i>in articulus mortis</i> ;
Não se confessar	4	5	-	-
Receber absolvição	1	1,25	-	-
Receber o sacramento da hora extrema	3	3,75	Recebeu todos os socorros da hora da morte; Recebeu os últimos sacramentos ;	-
Receber o sacramento da penitência	1	1,25	-	-
Receber o viático	2	2,5	-	Não pode receber o sagrado viatico
Receber todos os sacramentos;	9	11,25	-	Recebeu os sacramentos da igreja; Receber os sacramentos da Santa Igreja; Recebeu os sacramentos da Santa Mãe Igreja

PRÉ-MORTE – 1891

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Administrar os sacramentos de penitência, comunhão e extrema-unção	2	4	-	Administra-lhe-es os sacramentos da penitencia, comunhão e Extrema-uncção.
Comparecer para confessar	5	10	-	Compareci para confessalo; Compareci para confessal-o;
Comungar	1	2	-	-
Confessar	5	10	-	-
Receber a extrema-unção	1	2	-	Extrema-uncção
Receber absolvição	1	2	-	-
Receber o sacramento da penitência	3	6	-	-
Receber o santo viatico;	1	2	-	-
Receber os sacramentos;	9	18	-	Recebeu todos os sacramentos; Recebêo os sacramentos; Sacramental-o;
Ser sacramentado	1	2	-	Sacramentou-se
Urgir	1	2	-	-

PRÉ-MORTE – 1892

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Administrar os sacramentos da Igreja	1	2	-	-
Comparecer para confessar	1	2	-	Compareci e o confessei-o
Comungar	2	4	-	-
Confessar	2	4	-	Confessei-o
Comparecer para confessar	4	8	-	-
Não se confessar	1	2	-	Não confessou-se
Não administrar os sacramentos	1	2	-	-
Receber o viatico;	1	2	-	-
Receber os socorros da religião	4	8	Munido com os socorros da religião;	Recebeo todos os socorros da religião; Recebeo todos os socorros da religião catholica;
Receber todos os sacramentos;	7	15	Tomou todos os sacramentos; Recebeo os santos sacramentos da Igreja	Recebeu os Sacramentos da Santa Igreja; Recebeo todos os sacramentos;

PRÉ-MORTE – 1893				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Comungar	1	2	-	commungou
Confessar	6	12	-	-
Comparecer para confessar	4	8	-	Compareci para confessal-o; Para confessal-a tive de comparecer;
Ouvir a confissão	1	2	-	-
Receber todos os sacramentos;	5	10	-	Recebeo os sacramentos da Igreja; Recebeo todos os sacramentos espirituais;
Receber todos os socorros espirituais;	3	6	-	Recebeo todos os socorros da Santa Igreja Catholica; Recebeo todos os socorros espirituais da Santa Igreja;

PRÉ-MORTE – 1894

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Administrar os sacramentos da Igreja	2	4	-	-
Batizar	1	2	-	baptizado
Confessar	5	10	-	-
Receber o sacramento da penitência	1	2	-	-
Receber os sacramentos;	6	12	-	Recebido todos os sacramentos;
Receber os últimos sacramentos	1	2	-	-
Receber todos os socorros da Igreja;	4	8	-	Recebeo todos os socorros da Santa Igreja;

PRÉ-MORTE – 1895

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Comungar	1	3	-	-
Confessar	3	9	-	-
Receber os socorros espirituais	2	6	Recebido os socorros da religião;	-
Receber os sacramentos da vida eterna	2	6	Recebeu o sagrado viatico	-
Recusar obstinadamente os sacramentos da Igreja.	1	3	-	-
Receber os sacramentos da Igreja	5	16	-	Tendo recebido todos os sacramentos

PRÉ-MORTE – 1896

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIÇÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Comungar	2	10	-	commungou
Confessar	5	25	-	-
Receber os sacramentos	1	5	-	-
Receber os sacramentos da hora da morte	2	10	-	-

PRÉ-MORTE – 1897

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIÇÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Comungar	18	18	-	commungou
Confessar	34	34	-	Confessouse;
Comparecer para confessar	1	1	-	Compareci para confessal-o;
Não se confessar	1	1	-	-
Receber a extrema-unção	3	3	-	Recebeo a extrema unção
Receber o sacramentoda hora da morte	2	2	Recebeu os ultimos sacramentos	-
Receber o sagrado viático	1	1	-	Recebeu o sagrado viatico
Receber os sacramentos da Igreja	3	3	-	Recebeu os sacramentos repetidas vezes;
Receber os três sacramentos dos enfermos	1	1	-	Recebeo os 3 sacramentos dos enfermos;
Urgir	6	6	-	Foi unguida; Urgio-se

PRÉ-MORTE – 1898

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIações	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Batizar em artigo de <i>mortis</i>	1	2	-	-
Comungar	2	4	-	Commungou
Confessar	11	23	-	-
Receber os socorros espirituais	1	2	-	-
Receber o viático	1	2	-	Recebeu o sagrado viatico
Receber os sacramentos dos enfermos	5	10	-	Recebeo os sacramentos;
Receber os sacramentos da Santa Igreja	1	2	-	Recebeo os ultimos sacramentos da Igreja;
Receber os três sacramentos dos enfermos.	1	2	-	Recebeo os 3 sacramentos dos enfermos;

PRÉ-MORTE – 1899

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIações	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Comungar	3	7,5	-	Commungou;
Confessar	14	33	-	-
Receber a extrema-unção	4	10	Tomou a extrema unção;	-
Receber os socorros da religião	1	2,5	-	-
Receber o viático	1	2,5	-	Recebeu o sagrado viatico;
Receber todos os sacramentos	4	10	-	Recebeo os sacramentos dos enfermos;

PRÉ-MORTE – 1900

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Comungar	4	12	-	-
Confessar	20	60	-	-
Receber a extrema-unção	1	3	-	Recebeu a extrema unção
Receber o viático	1	3	-	Recebeu o viatico
Receber os sacramentos dos enfermos	3	9	-	-

PRÉ-MORTE – 1901

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Cercar de consolações espirituais	1	3	-	Cercada de consolações espirituaes da Religião;
Comungar	3	9	-	-
Confessar	17	46	-	-
Ir confessar	1	3	-	Ia confessal-a;
Não se confessar	2	6	-	Não chegou a confessar-se;
Receber o sacramento da penitência	2	6	-	-
Receber o viático	1	3	-	Recebeu o santo viatico
Receber os sacramentos	5	15	-	Recebeo os sacramentos dos enfermos;
Urgir	1	3	-	Depois de urgido

PRÉ-MORTE – 1902

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Comungar	6	18	-	Commungou
Confessar	9	28	-	-
Não se confessar	2	6	-	Não pode se confessar; Não deu tempo a ir-se chamar o vigário para confessa-la.
Receber a extrema-unção	2	6	-	Recebeu a extrema uncção
Receber absolvição dos pecados	2	6	-	Recebeo a absolvição in articulus mortis
Receber o viático	1	3	-	Recebeu o santo viatico
Receber os sacramentos	1	3	-	Recebeu todos os sacramentos
Receber os socorros espirituais	1	3	-	-

PRÉ-MORTE – 1903

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Administrar os sacramentos	1	4	-	-
Batizar	1	4	-	Baptizado
Comungar	3	12	-	Commungou
Confessar	8	31	-	-
Dar a absolvição	1	4	-	Dei-lhe absovição
Não comungar	1	4	-	Não commungou
Receber a extrema-unção	3	12	-	Recebeu a extrema uncção
Receber absolvição sacramental	2	8	-	Recebeo apenas absolvição sacramental;
Receber o sacramento do matrimônio	1	4	-	-
Receber os sacramentos dos enfermos	4	12	-	Recebeu os ultimos sacramentos dos enfermos;

PRÉ-MORTE – 1904				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Administrar os sacramentos	1	2,5	-	Administrei-lhe os sacramentos
Batizar	2	5	-	Foi batizada
Comungar	2	5	-	-
Confessar	1	2,5	-	-
Receber a extrema-unção	2	5	-	Recebeu a extrema unção
Receber a irmandade	1	2,5	-	Recebeo a irmandade;
Receber absolvição a hora da morte	1	2,5	-	Recebeo absolvição na ora da morte;
Receber o sacramento da hora da morte	2	5	-	Recebeo todos os sacramentos na ora da morte;
Receber todos os sacramentos	6	15	-	Recebeo todos os sacramentos;
Receber todos os socorros Igreja;	5	12,5	Recebeo todos os socorros espirituaes da Egreja;	Recebeo todos os socorros Igreja;
Não receber os sacramentos	2	5	-	Por não chamarem o vigario não recebeo sacramentos; Deixou de receber os sacramentos por falta de conhecimento do vigário;

PRÉ-MORTE – 1910

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Receber todos os confortos da religião	1	100	-	Recebeo todos os confortos da religião

PRÉ-MORTE – 1915

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Receber os sacramentos da Igreja	1	100	-	-

**APÊNDICE B – TABELAS COM AS LEXIAS DE CAUSA MORTIS ORGANIZADAS
POR ANO DE REGISTRO**

<i>CAUSA MORTIS – 1889</i>				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Aneurisma	1	2,5	-	-
Asma	1	2,5	-	-
Cólicas	1	2,5	-	-
Congestão	1	2,5	-	-
Diarreia	2	5	Dysteria	-
Espasmo	4	10	-	Spasmo;
Febre	6	15	-	Febres;
Garrotinho	5	12	-	-
Indigestão	2	5	-	-
Lesão Cardíaca	1	2,5	-	-
Não informado	4	10	Subitamente	-
Parto	1	2,5	-	-
Pleuris	1	2,5	-	-
Reumatismo	1	2,5	-	-
Sarampo	4	10	-	-
Tétano	1	2,5	-	-
Tísica	5	12	-	Ptysica; Ptisica;

CAUSA MORTIS – 1890

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anemia	2	2,5	-	-
Anasarca	1	1,25	-	-
Asfixia	1	1,25	-	Asphixia
Beribéri	1	1,25	-	Beriberi
Caquexia	2	2.5	-	Cachexia; Cachecia;
Congestão	1	1,25	-	-
Dentição	2	2,5	-	-
Diarreia	4	5	Camera; Tysteria;	Diarrhea
Distocia	1	1,25	-	-
Espasmo	8	10	-	Spasmo
Febre	24	30	Inttermitente;	Febres
Ferimento crônico	1	1,25	-	Ferimentos chonicos;
Garrotilho	1	1,25	-	-
Hemoptise	1	1,25	-	Hemoptyse
Inflamação	1	1,25	-	-
Lesão Cardíaca	3	3,75	-	Lezão cardiaca
Mordida de cobra	1	1,25	Mordedura de cobra	-
Não informada	10	12,5	Repentinamente; Ao nascer;	-
Padecimento crônico	1	1,25	-	Padecimentos chronicos;
Pleuris	3	3,75	-	-
Queda	1	1,25	-	-
Sarampo	1	1,25	-	-
Tétano	1	1,25	Tetano espontaneo	-
Tísica	7	8,75	-	Tisica mensenterica; Phtysica; Phtsica;

CAUSA MORTIS – 1891

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anemia	3	6	-	-
Bexiga	1	2	-	Bexigas
Cancro	1	2	Cancro Sepphilítica	-
Dentição	2	4	-	-
Difteria	1	2	-	Disteria
Espasmo	9	18	-	Spasmo;
Estupor	1	2	-	Stupor;
Febre	4	8	-	Febres;
Hemorragia	1	2	-	Hemorragia;
Inanição	1	2	-	-
Indigestão	1	2	-	-
Lesão Cardíaca	1	2	-	-
Mesenterite	2	4	-	-
Não informado	12	23	Repentinamente;	-
Parto	1	2	-	-
Pleuris	3	6	-	-
Pneumonia	1	2	-	-
Reumatismo	1	2	-	Rheumatismo;
Tétano	1	2	-	-
Tísica	4	8	-	Tísica; Phtysica;
Garrotilho	1	2	-	-

CAUSA MORTIS – 1892

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anemia	2	4	-	-
Assassinado	4	8	Tiro;Facadas;	-
Cancro externo	1	2	-	-
Congestão	1	2	-	-
Coqueluche	1	2	-	-
Diarreia	2	4	-	Diahrrea
Distocia	1	2	-	Dystocia
Espasmo	6	13	-	Spasmo;
Estupor	1	2	-	-
Febre	3	6	-	-
Lesão Cardíaca	2	4	-	-
Não informada	9	19	Repentinamente	-
Nisorexia	1	2	-	Nysorexia
Tétano	8	17	-	Tetanoexpontaneo;
Tísica	4	8	-	Phtysica; Phthysica;

CAUSA MORTIS – 1893

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	2	4	-	Anazarca;
Anemia	2	4	-	-
Congestão	2	4	-	-
Coqueluche	1	2	-	-
Demência	1	2	-	-
Dentição	1	2	-	-
Diarreia	1	2	-	Diarhea;
Dilatação da aorta	1	2	-	-
Espasmo	5	10	-	Spasmo;
Estupor	1	2	-	-
Febre	7	14	-	-
Hemoptise	2	4	-	Hemophyse;
Inflamação	1	2	-	-
Mordida de cobra	1	2	Mordedura de cascavel;	-
Não informada	10	20	Falleceu	-
Parto	2	4	Dystocia	-
Pleuris	2	4	-	-
Tétano	3	6	-	-
Tísica	5	10	-	Tísica pulmonar; Tysica;

CAUSA MORTIS – 1894

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	4	7	Hydropisia	Anazarca;
Aneurisma	2	3,5	-	-
Assassinato	1	1,8	-	-
Congestão	2	3,5	-	-
Dado ilegível	1	1,8	-	-
Dentição	1	1,8	-	-
Dispepsia	2	3,5	Inflamação no estomago	-
Distorcia	1	1,8	-	Dystorcia
Espasmo	3	5,5	-	Spasmo
Estupor	1	1,8	-	-
Febre	9	16	-	-
Garrotilho	2	3,5	-	-
Icterícia	1	1,8	-	-
Mordida de cobra	1	1,8	Mordedura de cascavel;	-
Não informada	7	13	Repentinamente; Ao nascer;	-
Pericardite	1	1,8	-	-
Reumatismo	1	1,8	-	Rheumactismo
Tétano	9	16	-	-
Tísica	5	9	-	-
Tuberculose	2	3,5	-	-

CAUSA MORTIS – 1895

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	1	3	-	-
Anemia	1	3	-	-
Aneurisma	1	3	-	-
Cardite	3	9	Pericardite	-
Congestão	3	9	-	-
Distocia	1	3	-	Dystocia
Febre	3	9	-	-
Mordida de cobra	2	6	Mordedura de cobra;	-
Não informada	3	9	-	-
Reumatismo	1	3	-	-
Tétano	5	16	-	-
Tísica	1	3	Tísica pulmonar;	-
Tuberculose	4	12	-	-

CAUSA MORTIS – 1896

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	2	10	-	Anazarca
Dentição	1	5	-	-
Febre	1	5	-	-
Hemoptise	1	5	-	-
Inflamação	1	5	-	-
Lesão cardíaca	1	5	-	-
Mordida de cobra	2	10	Veneno de cascavel	-
Não informada	6	30	-	-
Parto	1	5	-	-
Pleuris	1	5	-	-
Tétano	1	5	-	-
Tísica	2	10	Tísica pulmonar	-

CAUSA MORTIS – 1897

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	2	2	-	Anazarca
Aneurisma	1	1	-	-
Assassinato	3	3	Facadas jogadas; Tiros; Disparos;	-
Beribéri	1	1	-	-
Câmara de sangue	1	1	-	-
Congestão	2	2	-	-
Enterite	2	2	-	Interite
Eripsela	1	1	-	-
Espasmo	1	1	-	Spasmo
Estupor	1	1	-	-
Febre	22	22	-	Febres
Hemoptise	1	1	-	Hemoptyse;
Inflamação	2	2	-	Inflamação
Lesão cardíaca	2	2	-	Leção cardíaca
Mordida de cobra	3	3	Veneno de cascavel; Mordedura de cascavel;	-
Não informada	8	8	Repentinamente; Um dia depois que nasceu;	-
Paralisia geral	1	1	-	-
Parto	2	2	-	-
Pericardite	3	3	-	-
Pleuris	1	1	-	-
Tétano	23	23	Tetano espontaneo	-
Tísica	10	10	Tísica pulmonar; Tísica na laringe;	-
Tuberculose	3	3	-	-
Velhice	2	2	-	-

CAUSA MORTIS – 1898

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	2	4	-	Anazarca
Anemia	1	2	-	-
Assassinado	1	2	Tiro de rifle;	-
Beribéri	1	2	-	-
Cancro	1	2	-	-
Congestão	4	8	-	-
Enterite	1	2	-	Interite
Febre	7	14	-	Febres
Inflamação	2	2	-	-
Lesão	2	2	Lesão cardíaca	-
Não informada	4	8	-	-
Parto	5	10	Dystorcia	-
Tétano	12	25	-	-
Tísica	5	10	Tísica pulmonar;	-

CAUSA MORTIS – 1899

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIações	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	1	2,5	-	Anazarca
Anemia	3	7,5	-	-
Assassinado	2	5	Victima de tiros de rifle	Assassinado a tiros de rifle;
Cólica	1	2,5	-	-
Enterite	2	5	Interite aguda;	-
Febre	6	14	-	Febres
Fome	2	5	-	-
Hemorragia interna	1	2,5	-	-
Inflamação	1	2,5	-	-
Laringite	1	2,5	-	-
Não informada	7	16,5	Ao nascer; Sepultou-se;	-
Parto	2	5	-	-
Pericardite	1	2,5	-	-
Pleuris	1	2,5	-	-
Sisterite	1	2,5	-	-
Tétano	5	12,5	-	-
Tísica	1	2,5	-	-
Tuberculose	3	7,5	Tuberculose pulmonar;	-

CAUSA MORTIS – 1900

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Absclusão	1	3	-	-
Anasarca	1	3	-	Anazarca
Anemia	1	3	-	-
Assassinado	1	3	Tiro de espingarda;	-
Asma	1	3	-	asthma
Bexigas	4	12	-	-
Congestão	2	6	-	-
Crup	1	3	-	-
Febre	2	6	-	-
Inanição	2	6	-	-
Laringite	1	3	-	Laryngyte
Mordida de cobra	1	3	Mordedura de cascavel;	-
Não informada	4	12	-	-
Parto	1	3	-	-
Pleuris	1	3	-	-
Sarampo	1	3	-	-
Tétano	2	6	-	-
Tísica	5	15	Phtysica pulmonar;	Phtisica
Varíola	2	6	-	-

CAUSA MORTIS – 1901

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Aborto	1	3	-	-
Anasarca	1	3	-	Anazarca
Anemia	3	9	-	-
Arritmia	1	3	-	Aritmia
Assassinado	1	3	-	-
Colerina	1	3	-	-
Coluna	1	3	-	Columna
Congestão	2	6	Congestão cerebral;	-
Febre	1	3	-	-
Inanição	1	3	-	-
Inchação	1	3	-	-
Inflamação	1	3	-	-
Mal da uretra	1	3	-	-
Metrorragia	1	3	-	Metrorrhagia
Mordida de cobra	1	3	Mordedura de cascavel	-
Não informada	9	24,5	Repentinamente	-
Paralisia	1	3	-	Paralizia
Parto	2	6	Distocia	-
Reumatismo	1	3	-	-
Tétano	1	3	Tétano traumático;	-
Tísica	3	9	Tísica pulmonar;	-
Tuberculose	2	6	-	-

CAUSA MORTIS – 1902				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Afogado	1	3	-	-
Anemia	4	12	-	-
Assassinado	1	3	Tiro de espingarda;	-
Cirose	1	3	-	Ciroze;
Congestão	2	6	-	-
Febre	1	3	-	-
Hipertrofia do coração	1	3	-	Hypertrophia do coração;
Indigestão	1	3	-	-
Não informada	7	21	Repentinamente; Falleceu de repente;	-
Parto	2	6	-	-
Pleuris	1	3	-	Pleuriz
Reumatismo	1	3	Rheumatismo articular;	-
Tétano	6	18	Tétano traumático;	-
Tísica	3	9	Tísica na laringe; Tísica pulmonar;	-

CAUSA MORTIS – 1903

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Anasarca	1	4	-	Anazarca;
Anemia	2	8	-	-
Bronquite	1	4	-	-
Dentição	1	4	-	-
Febre	1	4	-	-
Gangrena	1	4	Grangrena na mão;	-
Influenza	5	20	-	Influenza;
Lesão cardíaca	1	4	-	Leção cardíaca;
Não informada	5	20	-	-
Panarício	1	4	-	-
Parto	1	4	-	-
Tétano	3	12	-	-
Velhice	3	12	Falleceu de velha;	-

CAUSA MORTIS – 1904

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Afecção pulmonar	1	2,5	-	Affecção pulmonar;
Bronquite	2	5	Bronquite pulmonar;	-
Congestão	4	10	Congestão pulmonar:	-
Dentição	2	5	-	-
Diarreia	2	5	Desarango estomacal	Diahrea
Embaraço da via urinária	1	2,5	-	-
Enterite	3	7,5	-	Entterite; Enterites; Entherite;
Espasmo	2	5	-	-
Esquinência	1	2,5	-	-
Estupor	2	5	-	-
Febre	1	2,5	-	-
Garrotilho	1	2,5	-	-
Inchação	1	2,5	-	-
Inflamação	1	2,5	-	-
Influenza	2	5	-	Influenza;
Lesão	1	2,5	-	Lezaõ
Lesão Cardíaca	1	2,5	-	-
Não informada	4	10	-	-
Padecimentos	1	2,5	Antigos padecimentos;	-
Parto	1	2,5	Parto laborioso;	-
Pneumonia	2	5	-	-
Queda	1	2,5	-	-
Reumatismo	2	5	-	Rheumathismo;
Tumor	1	2,5	Tumor nas costas;	-

CAUSA MORTIS – 1905

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Asma	1	5	-	-
Congestão	1	5	-	-
Coração	1	5	-	-
Estupor	1	5	-	-
Febre	2	10	-	-
Garrotilho	3	15	-	-
Grangula	1	5	-	-
Laringite	1	5	-	-
Loucura	1	5	-	Lôcura
Não informada	5	25	-	-
Parto	1	5	-	-
Sarampo	2	10	-	-
Tísica	1	5	-	Tizica

CAUSA MORTIS – 1907

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Febre thyfo	1	100	-	-

CAUSA MORTIS – 1910

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Impaludismo	1	100	-	Empaludismo;

CAUSA MORTIS – 1915

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Congestão	1	100	-	-

**APÊNDICE C – TABELAS COM AS LEXIAS DE PÓS-MORTE ORGANIZADAS
POR ANO DE REGISTRO**

PÓS-MORTE – 1889				
LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	26	63	-	Cadaver amortalhado em preto; Foi amortalhado em branco;
Encomendar o cadáver	21	51	-	Encomendação solene; Cadaver encomendado segundo a forma do ritual romano; Encomendado solenemente;
Sepultar	41	100	-	Sepultado no cemiterio; Sepultado na capela de Santa Cruz. Sepultado na povoação de Santa Cruz.
Ter missa	1	2,5	-	Teve missa de corpo presente

PÓS-MORTE – 1890

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Amortalhar	64	81	Envolvida em hábito branco.	Amortalhado em habito preto. Amortalhado em branco.
Encomendar o cadáver	43	55	-	Encommendado; Teve incommendação privada;
Sepultar	76	98	Enterro solemne;	Sepultado em São luiz; Sepultado na povoação do Retiro;
Ter missa	8	10	-	Teve missa de cova; Teve missa de setimo dia; Teve missa da corpo presente;
Ter sufrágio	1	1,25	-	Teve suffragio.

PÓS-MORTE – 1891

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	46	88	-	Amortalhado em hábito branco; Cadaver amortalhado em azul; Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	18	35	-	Encommendado;
Fazer sufrágios	1	2	-	Fez-se-lhe suffragios;
Sepultar	49	94	-	-
Ter missa	1	2	-	Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1892

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIações	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	33	72	-	Amortalhado em hábito preto; Amortalhado em branco;
Encomendar o cadáver	17	37	-	Encommendado;
Sepultar	45	98	Feito a inumação; Foi dado a sepultura;	Sepultou-se;
Ser conduzido	1	2	-	Foi conduzido;

PÓS-MORTE – 1893

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIações	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	37	74	-	Amortalhado em branco; Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	20	40	-	Encommendado solenmente;
Sepultar	49	98	-	Foi sepultado;

PÓS-MORTE – 1894

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	42	77	-	Cadaver amortalhado em azul; Cadaver amortalhado em branco; Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	12	22	-	Encommendado; Teve encomendação rezada;
Sepultar	51	93	-	Sepultado no tumulo da mãe;
Ter acompanhamento no enterro	1	2	-	Teve acompanhamento do enterro;
Ter missa	3	6	-	Teve missa de setimo dia; Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1895

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Amortalhar	3	10	-	Amortalhado;
Encomendar o cadáver	16	54	-	Encommendado;
Sepultar	27	90	Foi dado a sepultura;	-
Ser transportado	1	3	-	Foi transportado para matriz;
Ter missa	2	7	-	Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1896

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	3	15	-	Cadaver amortalhado em branco;
Encomendar o cadáver	15	75	formalidades legais;	encommendado;
Sepultar	20	100	-	-

PÓS-MORTE – 1897

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	35	36	-	Amortalhado em azul; Amortalhado em branco; Amortalhado em preto; Amortalhado de sobrepeliz;
Encomendar o cadáver	51	51	-	Encommendado; Encommendação rezada; Encommendação solemne;
Fazer exéquias	1	1	-	-
Sepultar	99	100	Enterro solenme;	-
Ser transportado	4	4	Cadaver conduzido;	Transportado em esquife proprio;
Ter missa	6	6	-	Teve missa de setimo dia; Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1898

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	36	75	-	Amortalhado em branco; Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	13	27	-	Encommendado; Encommendação rezada; Encommendação solemne;
Sepultar	47	98	Enterro solenme;	-
Ser transportado	1	2	-	Cadaver transportado;

PÓS-MORTE – 1899

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	27	65	-	Amortalhado em branco; Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	12	29	-	Encommendado; Encommendação resada; Encommendação solemne;
Sepultar	38	91		Foi sepultado;
Ser transportado	2	5		
Ter missa	1	2,5	-	Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1900

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	24	71	-	Amortalhado em branco; Amortalhado em decente habito;
Encomendar o cadáver	6	18	-	Encommendado;
Sepultar	33	97	Enterro solenme;	-

PÓS-MORTE – 1901

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIAÇÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	20	54	-	Amortalhado em branco; Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	11	30	-	Encommendado; Encommendação rezada; Encommendação solemne;
Sepultar	34	92	Enterro solenme;	Sepultado na povoação de Assunção;
Ser transportado	1	3	-	Transportado em caixão preto;
Ter missa	3	9	-	Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1902

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	16	50	-	Amortalhado em pano pardo; Amortalhado em azul; Amortalhado em branco; Amortalhado em preto revestido da apa;
Dobrar os sinos	1	3	-	-
Encomendar o cadáver	11	34	-	Encommendado; Encommendação rezada; Encommendação solemne;
Sepultar	30	94	Enterro solenme;	Sepultado;
Ser transportado	6	19	-	Transportado;
Ter missa	5	16	Rezar missa;	Teve missa de setimo dia; Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1903

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	4	15	-	Amortalhado em branco;
Encomendar o cadáver	7	27	-	Encommendado;
Sepultar	23	89	Enterro solenme;	Sepultado;
Ser transportado	9	35	-	Transportado;
Ter missa	1	4	Rezar missa;	Teve missa de corpo presente;

PÓS-MORTE – 1904

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	LEXICAL	ORTOGRAFICA
Amortalhar	7	17,5	Vestido de preto; Trajando branco;	Amortalhado;
Encomendar o cadáver	20	50	-	Encommendado;
Sepultar	38	95	Inumado	Sepultado;

PÓS-MORTE – 1905

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Amortalhar	3	14	-	Amortalhado em preto;
Encomendar o cadáver	9	43	-	Encommendado;
Sepultar	21	100	-	Sepultado;

PÓS-MORTE – 1907

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Amortalhar	1	100	-	Amortalhado;
Sepultar	1	100	-	Sepultado;

PÓS-MORTE – 1910

LEXIA	OCORRÊNCIA		VARIACÕES	
	QUANT	%	SEMÂNTICA	ORTOGRAFICA
Encomendar o cadáver	1	100	-	Amortalhado;
Sepultar	1	100	-	Sepultado;

ANEXO A – EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA (ÓBITOS 2 – ITAPIPOCA)

APRESENTAÇÃO

O ANEXO A traz a edição semidiplomática do livro de registros de óbitos da Paróquia de São Francisco (Itapajé), intitulado Óbitos 2 – Itapipoca, escrito entre os anos de 1889 a 1915. Os documentos transcritos para este volume nos serviram de *corpus* para a realização da pesquisa de mestrado com tema O ESTUDO LEXICAL DO RITUAL DA MORTE EM CERTIDÕES DE ÓBITO DA DIOCESE DE ITAPIPOCA-CE, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA, da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Consta de 754 registros de óbitos escritos pelos Vigários Philomeno do Monte Coelho e Catão Porfírio Sampaio. O primeiro registrou os falecimentos da região entre julho de 1889 até julho de 1903, e a partir de outubro deste último ano, os registros foram feitos pelo recém-chegado vigário Catão Porfírio Sampaio.

Para realização da pesquisa, os documentos foram editados seguindo as normas filológicas propostas pelo grupo de pesquisa PRAETECE (Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará), de modo que respeitamos a grafia do documento. As abreviaturas foram desenvolvidas e destacadas em itálico e em negrito as letras incluídas na edição. Foram respeitadas as fronteiras entre as palavras, inclusive as ligadas; bem como, mantivemos a pontuação, a acentuação e a translineação, tal como dispostas no documento. Em casos de dúvida ou questões outras que dificultem a leitura, nos remetemos às notas de rodapé, a fim esclarecer a passagem do texto que gerou a dificuldade. Os fólios são numerados no canto superior do texto, conforme documento original, e na transcrição indicamos quando se tratar do recto ou verso do fólio, por exemplo: Fl.1r – Fl.1v e as linhas numeradas de cinco em cinco.

Por fim, atribuímos a este volume o predicado de “importante fonte histórica, cultural, social e linguística” pois, assim como nos serviu de objeto de análise quanto ao léxico da morte, poderá servir de fonte de pesquisas em novas investigações. Poderá contribuir com pesquisadores nos estudos históricos, sociais, bem como, sobre religião, saúde pública e pesquisas linguísticas.

Por autorização legal do *Excelentíssimo*

Senhor Bispo Diocesano abro este livro, que há de Servir para registro dos obitos, dados na Freguezia de *Saõ* Francisco. Todas as folhas vão por mim numeradas e rubricadas com a Rubrica – *Lima* – de que uso E para constar fis este termo que assigno.

Itapipoca 10 de Fevereiro de 1890.

O *Vigario* Antero José de Lima

O.B.S nos fôlhos 90 e 100 contem dois (2) registro de óbitos do ano de 1915.

Fl. 1r
(*Lima*)

1

Antonia⁵⁷ = Aos dez dias do mez de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de phtisica Antonia Damasceno de Jesus, desta freguesia, filha legitima de João *Damasceno* de Araújo, tinha trinta anos; confessou-se recebeu oviatico, extrema uncção, e seu cadaver, depois de encomendado, foi sepultado no cemitério desta parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Lourença = Aos onze dias do mez de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de aneurisma, Lourença Maria da Conceição, solteira, cinquenta anos de idade; recebeu absolvição á hora da morte: e seu cadaver depois de encomendado na Matriz foi sepultado no cemiterio publico desta parochia, E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho.

3

Francisca = Aos quatoze dias do mes de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove, falleceu de garrotinho a parvula Francisca, com um anno de idade, filha illegitima de Maria José Ribeiro, desta freguezia e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho.

4

Jardelina = Aos deseseis dias do mes de Julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove, falleceu de phtisica Jardelina Francisca de Mesquita, casada que era com Falsino Benicio de Mesquita desta freguezia, com vinte seis annos de idade, Recebeu os sacramentos da Sancta Madre Igreja e seu cadaver depois de encomendado segundo a forma do ritual foi sepultado ao mesmo dia no cemiterio publico. E para constar lavrei este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho.

⁵⁷ O número de indicação do registro do óbito e a indicação nominal do falecido encontram-se na margem do documento, sendo dividido do corpo do texto por uma linha

5

Joaquim = Ao desete dias do mez de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de garrotilho o parvulo Joaquim com dois annos filho legitimo de Victaliano Rodrigues Pinto, desta freguezia; e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio desta parochia. Epara constar lavrei esta que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho.

6

Francisco = Aos trinta dias do mês de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de garrotilho o parvulo Francisco com um mez de idade filho legitimo de João Rodrigues da Veiga, desta freguezia, seu cadaver foi sepultado no cemiterio desta parochia. Epara constar lavrei esta que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho.

7

Pedro = Aos treze dias do mez de julho do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de phtysica Pedro Carneiro, casado que era com Isabel de Andrade Carneiro, desta freguezia. Com cincoenta annos de idade confessou se confortou-se com o sagrado viatico, e depois de encommendado o seu corpo

Fl.1v

foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Manuel = Aos dois dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos oitenta e nove, nesta villa falleceu de sarampo o parvulo Manuel com trez annos de idade, filho legitimo de Porfirio Gomes dos Santos, desta freguezia e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio desta parochia Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Joaquim = Aos cinco dias do mez de Agosto do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de phtysica Joaquim Ferreira Lima, casado que era com Francisca Sabina de Lima, na idade cuarenta e cinco annos, recebeu o sacramento de penitencia e commungou seu cadaver, depois de encomendado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Epara constar lavrei este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Raymundo = Aos dose dias do mez de agosto do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de sarampo o parvulo Raimundo com nove dias de nascido, filho legitimo de Joaquim da Cruz Carneiro, desta freguezia seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio desta parochia. Epara constar lavrei este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

11

José = Aos vinte e nove dias do mez de Agosto do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de garrotilho o parvulo José com cinco mezes de idade filho legitimo de Roberto Francisco Pinto, desta parochia e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

12

Anna = Aos vinte trez dias do mez de julho o anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de phtysica Anna Maria daCosta, casada que era com João Francisco da Costa, desta freguezia, conta va cinquenta annos de idade e foi sepultado o seu cada ver no cemiterio povoação de Santa Cruz. Recebeu os sacramentos da hora do morte. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

13

Francisco = Aos dois dias do mês de Setembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de [S. Miguel], desta fre

Fl. 2r
(Lima)

guezia Francisco Joaquim da Silva. Casado que era com Delfina de Sousa Neves. Com idade de quarenta e tantos annos e seu cadaver depois de encomendado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Recebeu os sacramentos da hora da morte e teve Missa de corpo presente. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Bernarda = Aos trez dias do mez de Setembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de indigestão Bernarda Francisca Cavalcante, dêsta freguezia viuva de Joaquim d'Hollandia Cavalcante, com idade de cincuenta annos e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico dêsta parochia. Confessou-se e foi encomendado segundo ritual romano. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Sebastiana = Aos oito dias do mez de setembro do anno de mil oitocentos oitenta nove falleceu de spasmos a parvula Sebastiana, com trez mezes de idade filha legitima de Feliz Pereira de Sousa, desta Freguezia; e seu cadaver amortalhado de brancofoi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Anna = Aos onze dias do mez de Setembro do anno de mil oitocentos oitenta nove falleceu de dysteriaAnna Francisca de Andrade casada que era com José Geraldo Alves do Nascimento, desta freguezia com quarenta dois annos recebeu os sacramentos da hora da morte e seu cadaver depois de por mim encomendado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Estevão = Aos dez de Setembro do anno de mil oitocentos oitenta nove falleceu de indigestão Estevão Domigues da Cruz casado que era com Anna Maria da Cruz tinha trinta annos de idade e seu cadaver amortalhado foi sepultado

Fl.2v

na capela de S. Cruz desta parochia. E para constar fiz este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Raymundo = Aos vinte e cinco dias do mez de Setembro do anno de mil oitocentos oitenta nove falleceu de spasmo o parvulo Raymundo com dois annos de idade filho legitimo de José Fernandes do Rego Filho e de Francisca [a Telles] Gomes desta Freguezia, e seu cadaver de pois de encomendado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. E para constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

19

Francisca = Aos onze dias do mez de Outubro do anno de mil oitocentos oitenta nove falleceu de parto Francisca Benedita Saraiva, filha natural de Manuel Saraiva e de Benedita de tal, tinha vinte oito annos de idade; e seu cadaver depois de amortalhado e encomendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Não confessou-se. E para constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Francisco = Aos doze dias do mez de Outubro do anno de mil oitocentos oitenta nove falleceu de spasmos o parvulo Francisco com dois mezes de idade. filho legitimo de Francisco Rodrigues Barreto e Maria Barreto da Paixão; e seu cadaver amortalhado de preto foi sepultado no cemiterio publico desta villa e parochia. E para constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

21

Pedro = Aos quatorze dias do mes de Outubro do anno de mil oitocentos oitenta e nove sepultou-se no Cemiterio publico desta villa, o cadaver de Pedro da Silva, solteiro, de trinta dois annos de idade, desta freguezia, victima de facadas, e tendo sido encomendado e amortalhado foi sepultado. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.3r
(Lima)

22

Anna = Aos quatorze dias do mes de Outubro do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de diarreia Anna Theresa de Jesus solteira. Com quarenta e tantos annos. Recebeu todos os sacramentos e seu cadaver depois de amortalhado e encomendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Raimunda = Aos deseseis dias do mes de Outubro do anno de mil oitocen_
 tos oitenta e nove falleceu de sarampo a parvula Rai_
 munda Com seis annos de idade, filha legitima de Ru_
 fino Francisco Ribeiro, desta villa e seu cadaver
 amortalhado de branco foi sepultado no cemi
 terio publico desta Parochia. Epara constar la
 vrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Joaquim = Aos desesete dias do mes de Outubro do anno de mil oito
 centos oitenta e nove falleceu de spasmo o parvulo Joa
 quim com um anno de idade filho legitimo de Luis Pereira
 de Salles, e seu cadaver amortalhado de branco foi se
 pultado no Cemiterio publico desta parochia .
 Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Thomaz = Aos dezoito dias do mes de Outubro do anno de mil oitocentos oiten-
 ta e nove falleceu de leção cardiaca Thomaz de Oliveira, es
 poso que era com Felismina de Oliveira, obito sucedido em
 [casada da] Antonio Paulino daCosta, desta Villa, Com idade Trinta
 annos; Recebeu todos os Sacramentos e Seu cadaver de
 pois de amortalhado foi sepultado no cemiterio publi
 co desta Parochia. Epara constar lavrei este termo
 que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.3v

26

Maria= Aos vinte quatro dias no mez de Outubro do anno de
 mil oitocentos oitenta e nove falleceu subitamente Maria Iignes
 da Conceição, casada que era Com Joaquim Antonio Francisco
 Tapera, desta Freguezia e seu cadaver amortalhado de branco foi
 sepultado no cemiterio publico desta Parochia, tendo sido por mim
 encommendado. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Manuel= Aos vinte dois dias no mez de Outubro do anno de mil oitocentos oitenta
 e nove falleceude garrotilho o parvulo Manuel, com quatro
 annos de idade filho illegitimo digo legitimo de Antonio Pe-
 reira de Souza e Maria Ignacia daConceição desta fre
 guezia e seu cadaver amortalhado de branco foi se
 pultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara
 constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Manuel = Aos dois dias no mez de Novembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de pleuris Manuel Francisco de Paula, casado que era com Maria Amelia dePaula residente em S. Miguel, desta Parochia. Tinha trinta e cinco annos. Recebeu o sacramento da penitencia amortalhado de branco e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Manuel= Aos quatro dias no mez de Novembro do anno de mil oitocentosoitenta e nove falleceu ao nascer o parvulo Manuel filho legitimo de João Ferreira de Araujo tendo sido baptizado em artigo de morte, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.4r
(Lima)

30

Agostinho= Aos cinco dias no mez de Novembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de Congestão Agostinho Rodrigues da Silva, setenta hum annos de idade, filho legitimo do finado Jose Rodrigues daSilva desta Parochia. Recebeu os sacramentos dapenitencia e Extrema unccção, e seu cadaver amortalhado de preto foi, depois de encommendado por mim. sepultado nocemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Francisca = Aos trinta dias no mez de Novembro do anno de mil oito centos oitenta e nove falleceu de colicas Francisca de Oliveira, viuva de Pedro Jacintho na idade de cincuenta e cinco annos, Recebeu osacramento de penitencia, e seu cadaver sendo encomendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Villa e Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

32

Venancio = Aos quatro dias no mez deDezembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove, falleceu de febres, o parvulo Venancio, com idade de cinco mezes, filho legitimo de Amancio Jose deLima, desta freguezia. E seu cadaver amortalhado foi sepultado o cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

33

Julia = Aos cinco de Dezembro do anno de mil oitocentos e nove falleceu de tetano a parvula Julia, com cinco mezes de idade filha illegitima de Maria Archanja, desta Freguezia, e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Maria = Aos dez dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos e nove falleceu de febres Maria de Hollanda Cavalcante, solteira vinte e sete annos, filha legitima do finado Joaquim de Hollanda Cavalcante, Recebeu os sacramentos e foi encommendada por mim, seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.4v

35

Minervina = Aos dez dias do mez Dezembro do anno de mil oitocentos e nove falleceu de reumatismo a parvula Minervina com seis annos de idade filha legitima de João Mendes Ferreira e de Maria Magdalena, desta freguezia e seu cadaver amortalhado de preto foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

36

Maria = Aos seis dias do mez Dezembro do anno de mil oitocentos e nove, falleceu de asma Maria Raymunda do Nascimento; casada que era com Basilio Pereira do Nascimento, desta freguezia, tinha trinta e tres annos, recebeu todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado de branco, e depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

37

Maria = Aos quinze dias do mez Dezembro do anno de mil oitocentos e nove, falleceu de febres, Maria Pereira, filha legitima de Cipriano Pereira, da freguezia de Itapipoca, com quatorze annos de idade, e seu cadaver depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

38

José = Aos onze dias do mez Dezembro do anno de mil oitocentos e nove falleceu de febre o parvulo José com um anno, filho legitimo de Raymundo Barbosa de Souza, desta freguezia. E seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

39

Maria = Aos vinte e hum dias do mez Dezembro do anno de mil oito centos oitenta e nove falleceu de febre Maria Antonia

Fl.5r
(Lima)

Barreto, solteira, dezeseite annos, filha legitima de Manoel Lopes Barreto e Josepha Barreto, desta Freguezia e confes sou-se e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo, que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

40

Maria = Aos vinte e dous dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove falleceu de febre Maria Peres da Conceição, casada que era com Manoel Primo de Souza desta freguezia, tinha vinte annos, tinha vinte annos de idade; recebeo os sacramentos da hora extrema, e seu cadaver depois de encommendado solemnemente por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

41

Raimundo = Aos vinte e quatro dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos oitenta e nove, falleceu de sarampo o parvulo Raymundo, com dous annos de idade, filho legitimo de Raimundo Barbosa de Souza e Mariana Pires de Souza, desta freguezia, e seu cadaver sepultado em o cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

42

Raimundo = Aos quatro dias do mez de dezembro de Janeiro digo do anno de mil e oitocentos e noventa falleceu de dentição Raimundo, com um anno de idade, filho legitimo de Antonio Teixeira Bastos Filho **Don**a Rosa Pinheiro Bastos, desta Freguezia. E seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia depois de encommendado solemnemente por mim E para constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

43

Maria = Aos cinco dias do mez de Janeiro do anno de mil e oitocentos e noventa, falleceu de padecimentos chronicos Maria Delfina

Fl.5v

de Souza, viuva que foi de Francisco de Souza Bomfim com idade de oitenta e hum annos; recebeo todos os sacramentos da hora da morte, teve enterro solemne e missa de setimo dia, seu cadaver amortalhado de habito preto foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este assento, que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

44

Dorothea = Aos vinte dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Dorothea Ferreira Lima, viuva do finado André Ferraira Lima, desta Freguezia, com idade de setenta annos e seu cadaver amortalhado em habito branco e encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia Recebeo o sacramento da penitencia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

45

Maria = Aos trinta hum de janeiro de mil oitocentos e noventa falleceu de anemia Maria Ignacia da Penha, casada que era ^{com} João Januario Barreto, tinha quarenta e oito annos confessou se, teve missa de corpo presente e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

46

Francisco = Aos vinte e dous de janeiro de mil oitocentos e noventa falleceu de camera Francisco Ferreira 'Saraiva' viuvo que foi de Maria de tal, tinha de idade setenta e seis annos, Recebeo todos os sacramentos e foi encommendado por mim nesta Matriz . E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

46⁵⁸

Victaliano = Aos vinte e sete de Janeiro de mil oitocentos e noventa falleceu de lesão cardiaca, Victaliano Duarte casado que foi com Thereza Coelho de Moraes, com cincoenta annos de idade confessou-se e commungou e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia foi encommendado solemnemente por mim

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.6r
(Lima)

48

Maria = Aos dois de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de diarrhea Maria, filha legitima de Antonio José de Mattos, desta Freguezia, tinha vinte annos de idade, solteira confessou-se in articulus mortis; e seu cadaver amortalhado e depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

49

Ricardo = Aos seis dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febres Ricardo José Cavalcante digo Ricardo Francisco Cavalcante, casado que foi com D. Maria Magdalena Alves Feitosa, com setenta e tantos annos, Recebeu os sacramentos da Igreja teve missa de Corpo presente, enterro solene

⁵⁸ 47.

encomendação e seu cadaver amortalhado de preto foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
50

Maria Grinalva = Aos nove dias de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu repentinamente Maria Grinalva, viuva que foi de Francisco Taveira Lima, na idade de quarenta annos, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
51

Esmerino = Aos treze de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de uma queda Esmerino, filho legitimo de Bellarmino de tal, com doze annos de idade, era operario de Laureano de Araujo Bastos, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado, sendo encomendado por mim, no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.6v

52

Francelino = Aos treze de Fevereiro de mil oitocentos e noventa, falleceu de febre o parvulo Francellino, com cinco annos de idade, filho legitimo de Antonio Pereira de Maria, desta freguezia e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
53

Herculina = Aos dezeseite dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa falleceu de dentição a parvula Herculina, com dois annos de idade filha legitima de Manuel Mendes de Oliveira e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavreieste termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
54

Francisco = Aos dezeseite dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa falleceu de anasarca o parvulo Francisco, com seis annos de idade filho legitimo de Jannuario Vieira da Cruz, E seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
55

Porphirio = Aos dezeseite dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa, falleceu ao nascer o parvulo que foi batizado por Porphirio, filho legitimo de Caetano de Oliveira Barros e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

56

Herculano Mello = Aos desesete dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa falleceu na Cacimba do meio Herculano da Motta, e casado que era com *Dona* Maria do Motta, contava setenta e dois annos, victima de inflamação chonica, recebeu todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco e depois de encommendado solenemente por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl. 7r
(*Lima*)

57

Maria = Aos desoito de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa, falleceu de spasma a parvula Maria, com quatro annos de idade filha legitima de do finado Francisco Bernardino da Cunha e seu cadaver amortalhado de branco foise sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

58

Angelina = Aos deseseis de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de Tysteria Angelina Marques, viuva de com quarenta annos de idade, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado em S. Luis. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

59

Antonio = Aos vinte um dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de sarampo Antonio, parvulo, com um anno de idade, filho legitimo de José Luis de Mesquita e Francisca de Salles Bastos, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

60

Maria = Aos vinte cinco dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de spasma a parvula Maria, com um de idade filha legitima de João Pereira e Joanna Evangelista, desta freguezia e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

61

Antonio = Aos vinte oito dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de Phtysica Antonio Joaquim Coêlho, solteiro trinta dois annos de idade, filho legitimo de Joaquim de Hollanda Cavalcante, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em habito Branco depois de encommendado por mim foi sepultado o dia Seguente no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

62

Bernardino = Aos sete dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e noventa no S. Miguel falleceu Bernardino Gomes de Lima filho de Josepha Sales Gomes; com oitenta dois annos de idade victima de ferimentos chonicos. Recebeu os sacramentos da hora da morte e seu cadaver Amortalhado de branco depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

63

Maria= Aos vinte um dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Maria Antonia Ferreira, casada que era com Raymundo Rodrigues Teixeira, dêsta freguezia, com trinta e nove annos de idade. confessou-se e se cadaver amortalhado em habito branco depois de encommendado por mim foi sepultado no mesmo dia em o cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

64

Anastacio = Aos vinte dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e noventa falleceu nésta vila de beriberi Anastacio Teixeira Bastos viuvo que era de Antonia Maria de Andrade na idade de cincoenta annos recebeu os sacramentos da Santa Mae Igreja e se cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado ao dia seguinte em o cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

65

José = Aos trinta dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre o parvulo José com trez annos de idade filho legitimo Antonio Sabino Carlos morador no lugar [misericordia] e seu cadaver foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

66

Joanna = Aos dezoito dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de tistica, nésta villa, Joanna de Souza Pires, casada que era com Joaquim Pires Chaves, com idade de Trinta e nove annos recebeu todos os sacramentos da Igreja, teve enterro solemne e missas de setimo dia e seu cadaver amortalhado de habito preto depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

67

Francisca = Aos dias primeiro de Abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de asphixia em seu sitio Ipú Francisca Teixeira Pinto, casada que era com Custodio Teixeira Pinto desta freguezia, com sesseta e oito annos de idade, confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito preto depois de encommendado por mim foi sepultado noutra dia no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar la vrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

68

Domingos= Aos sete dias do mez de Abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de tetano espontaneo Domingos Barbosa do Espirito Santo casado que era com Francisca Maria de Jesus, desta freguezia com sessenta e oito annos. Recebeu todos os socorros da hora da morte e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia mas depois de encommendado por mim Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

69

Anna = Aos oito de abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de anemia em sua casa no sitio Santa Maria Anna Pires, casada que era com Domingos Pires Chaves com cinquenta annos confessou-se e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.8v

70

Francisco = Aos trinta cinco dias do mez de Abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de spasmo nesta Villa o parvulo Francisco. Com cinco mezes de idade filho legitimo de Antonio Bento da Costa e sua mulher e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

71

Francisca= Aos vinte seis dias do mez de Abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu nesta Villa Francisca Jezuina de Araujo casada **que** era com Antonio Ferreira de Araujo, contando quarenta e seis annos de idade victima de phtysica [mesenterica] tinha recebido o sacramento durante a molestia. E seu cadaver amortalhado em habito preto depois de encommendo por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Matriz. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

72

Juvencio = Aos onze dias do mez de Abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de lesão cardiaca Juvencio Rodrigues Bastos com trinta e oito annos de idade casado que era com Maria Brandão Bastos; e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio do Retiro depois de encomendado pelo Reverendo Luiz de Sousa Leitão. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

73

Rita = Aos trinta dias do mez de Abril do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de phisica Rita Saraiva de Andrade, solteira vinte annos, filha legitima de Raimundo Saraiva, recebeu os últimos sacramentos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.9r
(Lima)

74

Maria = Aos dois de Maio do anno de mil oitocentos e noventa falleceu no sitio Baixa Grande, desta freguesia, Maria Pedro da Conceição, viuva, victima de distocia, Com trinta annos de idade Não confessou-se: e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

75

Liberalina = Aos treze dias do mez de Maio do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de pleuris Liberalina Ferreira Frade, com dezoito annos de idade filha legitima de Vicente Ferreira Frade desta Freguezia e seu cadaver amortalhado depois de encomendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia, não confessou-se. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

76

Raimunda = Aos doze dias do mez de Maio do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de tísica Raimunda de Castro Com trinta annos de idade, filha legitima de Antonio José de Castro da Freguezia de Pentecostes, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico da Povoação do Jacú da mesma Freguezia. Não confessou-se mas teve incomendação privada feita por mim e missa de setimo dia. E para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

77

Maria = Aos vinte oitodias do mez de Maio do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de spasma a parvula Maria, filha legitima de Paulo Pereira Lima, dois mezes de idade e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

78

Joanna = Aos vinte um dias do mez de Maio do anno de mil oitocentos e noventa sepultou-se no cemiterio publico desta Parochia o cadaver de Joanna Correia de Mesquita, casada que era com Sebastião Pinto de Mesquita. Confessou-se. E sendo envolvida em habito branco teve encommendação privada. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.9v

79

João = Aos vinte e nove dias do mez de Maio do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de garrotilho o parvulo João, com trez annos de idade, filho legitimo de Antonio Pereira Lima Sobrinho seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

80

Francisca = Aos vinte dias de junho do anno de mil oitocentos (oitenta) e noventa falleceu de intermittente Francizca Ferreira de Jezus casada que era com Manuel Carneiro da Silva, morava nesta Villa, com trinta annos de idade e tendo se confessado, depois perdendo os sentidos não pode receber o sagrado viatico, seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia depois de encommendado por mim. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

81

Vicente = Aos oito de junho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Vicente Teixeira Pinto, cinquenta annos de idade, casado que era com Igenes Maria da Conceição não confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Teve Missa de visita de cova e encomendação por mim Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

82

Raimundo = Aos oito de junho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Raimundo Pinto de Mesquita, solteiro, vinte annos de idade, filho legitimo de José Coêlho do Nascimento, desta freguezia e seu cadaver amortalhado foi ao dia seguinte sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Não confessou-se; teve suffragios e encommendação. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

83

Jezuina = Aos quinze de junho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre nesta Villa Jezuina, quinze annos de idade, filha legitima de João daSilva, e seu cadaver amortalhado foi sepultado

Fl.10r
(Lima)

no cemiterio publico desta Parochia. Teve Missa e encomendação privada. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

84

Antonio = Aos desesete de junho do anno de miloitocentos e noventa falleceu de febre o parvulo Antonio, filho legitimo de Francisco Ferreira Lima, com dois annos de idade e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia.

Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

85

José = Aos vinte dois de junho do anno de miloitocentos e noventa falleceu de spasmo, o parvulo José, um anno, filho legitimo de Joaquim daCunha Marinho. desta Freguezia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico destaParochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

86

José = Aos vinte quatro dias do mez de junho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre José Torcato Junior, quarenta annos de idade, casado que era com Joanna Teixeira de Mesquita confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito branco e depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico destaParochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

87

Maria = Aos vinte oito de junho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de diarrhea a parvulaMaria quinze mezes de idade filha legitima de Francizco de Andrade Sampaio, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado ao seguinte dia em o cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

88

Alberto = Aos vinte trez dias do mez de junho de mil oitocentos e noventa falleceu de hemoptyse Alberto Bar-

bosa Lima, solteiro, vinte e cinco annos de idade, filho legitimo de Capitão Norberto Barbosa Lima e tendo recebido apenas absolvição expirou – seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no dia seguinte depois de encommendado por mim no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

89

Satyro = Aos vinte quatro dias do mez de junho de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Satyro, dezoito annos, filho legitimo de João Jacintho Evangelista, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado em habito branco e depois de encommendado por mim foi sepultado em cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

90

Manuel = Aos vinte seis de junho de mil oitocentos e noventa falleceu de febre o parvulo Manuel, sete annos de idade filho legitimo de Gregorio Alves da Fonseca, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado em cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

91

Joaquim = Aos vinte sete de junho de mil oitocentos e noventa falleceu de febre o parvulo Joaquim, quatro annos de idade filho legitimo de João Julião, desta freguezia E seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado em cemiterio publico desta Parochia. E para constar fiz este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.11r
(Lima)

92

Brasilino = Aos vinte nove dias do mez de junho de mil oitocentos e noventa falleceu de Lesão Cardíaca Brasilino José Monteiro, quarenta e cinco annos de idade, casado que era com Mariana Francisca Monteiro desta Freguezia; confessou-se e recebeu osagramo Viático, e seu cadaver amortalhado em habito branco depois de encomendado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar fiz este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

93

João = Aos dias primeiro de julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre João, com nove annos de idade, filho legitimo de Francisco Pereira Barbosa e Ursula Maria dos Anjos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi, depois de encomendado por mim, sepultado no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

94

Francisco = Aos Deseseis de junho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de spasma o parvulo Francisco na idade quinse meses, filho legitimo de Francisco Pinto de Mesquita, desta freguezia, seu Cadaver amortalhado em habito branco foi no mesmo dia sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

95

Antonio = Aos cinco dias do mez de julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre no sitio Ipú Antonio Teixeira de Castro, solteiro, vinte e dois annos de idade, filho legitimo de Luiz Teixeira de Castro, desta freguezia. Confessou-se e seu Cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado depois de encomendado por mim, no cemiterio publico desta Parochia. E para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.11v

97⁵⁹

Francisco = Aos quinze de julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre na fazenda Tejessuoca Francisco Macario Pinto, vinte annos de idade, solteiro, filho legitimo de Lourenço Teixeira Pinto Não confessou-se teve porem Missa de corpopresente e encommendação; e seu cadaver amortalhado em habito branco-foi sepultado no Cemiterio de Povoação do Retiro. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

98

Francisco = Aos desenove dias do mez julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Francisco Praxedes das Chagas, solteiro, trese annos, filho legitimo de João Jacintho Evangelista, desta freguezia E seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

99

Josepha = Aos vinte de julho do anno de mil oitocentos e noventa, falleceu de febre Josepha Rodrigues, casada que era com Domingues Rios daSilva, cincoenta annos, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

100

Maria = Aos vinte quatro dias do mez julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de cachexia Maria Pires de Mattos, casada que era com Angelo Jose de Mattos, cincoenta e um annos de idade. Recebeo todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito preto depois de encommendado pormim sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

101

Sebastianna = Aos vinte dias do mez julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de cachecia Sebastiana Pinto, viuva de Luiz Carneiro da Silva, sessenta e quatro annos; recebeo os

Fl. 12r
(Lima)

Sacramentos as Santa Madre Igreja, e seu cadaver depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este, termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

102

Joanna = Aos vintenove de julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceude Phtysica Joanna Francisca de Souza, casada que foi com Pompilho da Silva Torre, morador em *São* Miguel desta Parochia, e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este, termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

⁵⁹ O registro de número 96 não foi realizado, sendo salteado para o número 97.

103

João = Aos trinta um de Julho do anno de mil oitocentos e noventa falleceu no sitio MattoGrosso desta Parochia João Francisco de Souza, casado que era com Joanna Maria Roberto, trinta e seis annos, confessou-se e seu cadaver Amortalhado em habito branco e depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

104

Antonio = Aos trez de Agosto do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de Congestão em São Miguel desta Parochia Antonio Luis de Lima solteiro, desenove annos de idade, filho legitimo de Antonio Jorge da Cruz; confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito branco e encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

105

Francisca = Aos vinte um de Setembro do anno de mil oitocentos e noventa falleceu de Tisica Francisca Raymunda de Araujo de trinta e dois annos de idade, filha legitima de Raimundo Bastião da Silva, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Recebeo os sacramentos da Santa Madre Igreja; e foi devidamente encommendada. Epara constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.12v

106

Raimundo = Aos vinte um de Setembro de mil oitocentos e noventa falleceu de spasmoo parvulo Raimundo tres dias de nascido, filho illegitimo de Ignez Ferreira Gomes; seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio Publico desta Parochia. Epara constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

107

Joanna = Aos dezoito de Outubro de mil oitocentos e noventa falleceu em São Miguel desta Freguezia Joanna, solteira, dezesseis annos, filha legitima de Francisco Ricardo Ferreira Gomes, victima de febres Confessou-se. seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio do Retiro. Epara constar lavrei este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

108

Ignacio = Aos desenove de Outubro de mil oitocentos e noventa falleceu de febres em São Miguel Ignacio Joaquim de Pinho, quarenta annos Casado que era Com Josefha de Pinho. Confessou-se e seu cadaver amortalhado e encommendado particularmente foi sepultado no Cemiterio do Retiro. Epara constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

109

Francisco = Aos vinte e sete de Outubro de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Francisco Ricardo Ferreira Gomes casado que era com Antonia de Lyra Pessoa, com quarenta e cinco annos de idade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi encommendado por mim e sepultado no Cemiterio Publico desta Parochia. Epara constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

110

Francisco= Aos quatro de Novembro de mil oitocentos e noventa falleceu em São Miguel Francisco Ricardo, vinte annos, solteirofilho legitimo de Francisco Ricardo Ferreira Gomes, fallecido, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio Publico desta Parochia. Elle confessou-se. E para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

111

Francisca = Aos dois de setembro de mil oitocentos e noventa falleceu a parvula Francisca, dezoito mezes, filha legitima de Pedro Alexandrino de Souza e seu cadaver foi sepultado neste Cemiterio. E para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

FL. 13r
(Lima)

112

Luiz = Aos quatorze de novembro de mil oitocentos e noventa falleceu de pleuris no Sitio Maria, Luis Raimundo de Vasconcellos, trinta annos de idade, casado que era com Florencia Braga de Vasconcellos, seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado em Cemiterio publico da Assumpção. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

113

Francisco = Aos dezoito de novembro de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Francisco Vicente Ignacio da Silva, viuvo de Anna Maria da Motta Com oitenta e quatro annos, confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito em branco foi sepultado em Cemiterio publico de Assumpção. Do que para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

114

Pompilio = Aos dezesesseis de Dezembro de mil oitocentos e noventa falleceu de mordedura de Cobra cascavel o adulto Pompilio Magno de Souza, solteiro filho legitimo do finado Francisco Magno de Souza, tinha Dezoito annos de idade e seu Cadaver Amortalhado de preto e encommendado por mim foi sepultado, aquelle dia, no Cemiterio publico, desta Parochia.

Do que para constar fiseste termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

115

Maria = Aos dezoito de Dezembro de mil oitocentos e noventa falleceu repentinamente Maria Rodrigues Baptista, viuva de Jose Domingues Dias, sessenta annos de idade e seu cadaver encommendado por mim foi no Cemiterio publico desta parochia sepultado a tarde. Do que para constar lavrei este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

116

Maria = Aos dezoito de Dezembro de mil oitocentos e noventa falleceu de febre Maria Ferreira Doria, casada que era com Jose Ferreira Doria tinha vinte e seis annos: Confessou-se e seu cadaver, conduzido de São Miguel a esta Matriz, onde a encommendei foi n'aquella tarde sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fiseste que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

117

Innocencio = Aos vinte dous de Dezembro de mil oitocentos e noventa
falleceu em seu domicilio na fazenda volta

Fl. 13v

onde fui confessalo Innocencio Rodrigues deMoura, casa
do que foi com Margarida de Moura, desta Freguezia
contava sessenta annos de idade efoi sepultado
no Cemiterio publico daPovoação de Retiro. Doque para
constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

118

Antonio = Aos vinte trez de novembro de mil oitocentos e noventa
falleceu de spasmo Antonio, Com sete mezes de idade
filho natural de Joanna d'Oliveira, desta Freguezia.
e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado
no cemitério publico desta parochia. Do que para constar
lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

119

Luiz = Aos cinco de Dezembro de mil oitocentos e noventa falleceu
em seu domicilio no sitio Canto escuro de pleuris Luis Pereira
de Souza casado com Vicencia Maria da Conceição que lhe
sobrevive contava cincoenta e quatro annos de idade.
Confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito branco
foi sepultado no Cemiterio da povoação de Assumpção.

Do que para constar fisestetermo que assigno. Vigario Monte Coelho

120

Joaquina = Aos oito dias do mez de Dezembro de mil oito centos
noventa falleceu nesta Villa de tistica mensenterica
Joaquina Maria da Conceição, casada que era com
Francisco Antonio de Salles quarenta annos de idade
recebeu os sacramentos e seu cadaver amorta-
lhado em habito branco, depois de encomenda
do foi sepultado no Cemiterio publico desta
Parochia. Do que para constar fiseste termo

que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

121

Pedro = Aos dez de setembro de miloitocentos e noventa falleceu Pedro Antonio
do Nascimento, casado que era com Francisca Pereira dos Santos, cincoenta
annos de idade; seu cadaver, depois de encommendado, foi sepultado
neste cemiterio. Doque etc Vigario Philomeno Monte Coelho

1891⁶⁰1⁶¹

Juliana = Aos cinco dias do mez de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu repentinamente em seu domicilio Juliana Pires, solteira com quarenta e seis annos de idade e seu cadaver amortalhado em habito preto foi, depois de encommendado solenemmente sepultado no Cemiterio publico desta Parochia pelatarde do dia seguinte. Doque para constar lavrei este termo que depois assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Manuel = Aos dous de Janeiro de mil oitocentos noventa um falleceu em seu domicilio no Sitio Frade, onde compareci para confessalo Manuel Francisco dos Santos, oitenta e sete annos de idade, casado com Francisca Maria de Jesus, e seu cadaver amortalhado foi sepultado a tres no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Maria = Aos quatro dias do mez de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de spasmo Maria, filha legitima de José Benedito com dous annos de idade, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

José = Aos vinte quatro de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de febre no domicilio do Sitio Torre, onde compareci para confessal-o- Jose Manuel da Silva, filho legitimo de Manuel Francisco de Souza Jacinto, com dezoito annos de idade, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico de Santa Cruz. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Raimunda = Aos dezenove de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de anemia Raimunda Maria da Conceição

Fl. 14v

viuva de Marcos Raimundo de Souza, contando oitenta annos de idade, recebeu todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia Doque para constar lavrei este termo que depois assignei. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁶⁰ Início de um novo ano

⁶¹ No fólho 14 inicia o ano de 1891 e a numeração dos registros recomeçam

6

Francisca = Aos vinte de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu Francisca Maria de Jezus, viuva de Domingos Barbosa do Espirito Santo, com setenta annos de idade victima de anemia, recebeu todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

7

Maria = Aos vinte um de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de spasmo a parvula Maria, filha legitima de Saturnino Borges de Freitas, com Dezoito mezes de idade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Antonia = Aos vinte quatro de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu no Domicilio do sitio Canta-gallo Antonia Florencia de Jesus, casada que era com Pedro Coelho dos Santos, tinha dezoito annos de idade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia.

Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Francisco = Aos vinte nove de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de spasmo o parvulo Francisco, cinco annos de idade filho legitimo de João Evangelista da Cruz

Fl.15r
(Lima)

seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este termo *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Francisca = Aos vinte nove de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de tísica nesta Villa Francisca Maria de Jesus, solteira, trinta e oito annos de idade, recebeu os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia.

Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

11

Herculina = Aos seis de Janeiro de mil oitocentos noventa e um falleceu de hemorragia nesta Villa Herculina de Souza, casada que era com Martiniano Pinto de Mesquita, trinta e cinco annos de idade, Confessou se e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

12

Laureano = Aos dous de Fevereiro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de lesão cardíaca em seu domicilio no sitio Pau'dacho, on de compareci para confessal-o, ungil-o sacramental-o-
Laureano Teixeira Bastos. Casado que era com *Dona* Theresa de Queiros tinha oitenta annos de idade, e seu cada ver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Doque fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Josepha = Aos dezeseis de Fevereiro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de anemia Josepha Ferreira de Araujo, solteira e virgem, com setenta annos de idade filha legitima de Vicente Ferreira de Araujo; confessou-se e sacramentou-se, e seu cadaver amortalha do em habito branco foi: depois de encommendado por mim se pultado no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl. 15v

14

Geraldo = Aos dous de Março de mil oitocentos noventa e um, sepultou-se no Cemiterio publico desta Parochia, o cadaver de Geraldo Ferreira de Souza com trinta e tantos annos de idade filho, legitimo de finado Raimundo Ferreira de Souza, e sendo encommendado por mim no mesmo dia, fez-se-lhe suffragios. Do que para constar lavrei este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Francisca = Aos dous de Março de mil oitocentos noventa e um, falleceu no domicilio do Sitio Frade – repentinamente Francisca Maria Barbosa, casada que era com Pedro Vaz de Souza, contava vinte oito annos de idade e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia depois de encommendado por mim
Do que para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Filomena = Aos doze de Março de mil oitocentos noventa e um falleceu de stupor Maria Vicencia do Nascimento, viuva *que* foi de Raimundo Ferreira, vinte e cinco annos confessou-se e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar lavrei este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Filomena = Aos treze de Março de mil oitocentos noventa e um falleceu de espasmo a parvula Filomena, vinte oito dias de nascida, filha legitima de Joaquim Teixeira Primo e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar lavrei este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Manoel = Aos dezoito dias do mez de Março de mil oitocentos noventa e um sepultou-se no Cemiterio publico desta Parochia o cadaver do soldado Manoel Pedro da Silva, solteiro, filho legitimo do sentenciado Antonio Pedro da Silva detento na cadeia do Ceara : confessou-se recebeu o santo Viático, e foi encommendado por mim: Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl. 16r
(Lima)

Raimunda = Aos treze de Abril de mil oitocentos noventa e um falleceu de cancro sephphtica Raymunda de tal, solteira, com dezenove annos de idade, filha legitima de Raimundo Fernandes da Silva e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar lavrei este assento que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Francisca = Aos vinte e trez de Abril de mil oitocentos noventa e um falleceu de tísica Francisca Pereira dos Santos, com vinte cinco annos de idade, filha legitima de José Pereira dos Santos, Recebeu os sacramentos da penitencia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar lavrei este assento que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho

21

Antonio = Aos vinte e quatro de Abril de mil oitocentos noventa e um falleceu de indigestão em São Miguel o retirante Antonio Salvino, filho de Martim de Souza, natural de Quixeramobim, com dezenove annos de idade e Recebeu o sacramento da penitencia e seu cadaver amortalhado em branco e depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho

22

Raimundo = Aos quinze de abril de mil oitocentos noventa e um falleceu Raymundo, parvulo de seis mezes de idade, filho legitimo de Raymundo e Umbelina da Conceição, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar lavrei este termo que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Francisco = Aos vinte tres abril de mil oitocentos noventa e um, falleceu de febre Francisco, parvulo de quatro annos, filho legitimo Cesario Reiz Barretto, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado neste Cemiterio. Do que para constar lavrei este termo, que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Hermelinda = Aos oito de Maio de mil oitocentos noventa e um, falleceu de spasmo a parvula Hermelinda com tres annos de idade

Fl.16v

filha legitima de Antonio Leitão Sobrinho, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Maria = Aos dous dias do mez de Junho de mil oitocentos noventa e um, falleceu de mesenterite *Dona* Maria Franklina de Souza solteira, trinta e nove annos de idade, filhalegitima de finado João de Souza Bomfino: recebêo os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco, depois de encommendado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Domingos = Aos dose dias do mez de Junho de mil oitocentos e noventa e um, falleceu no domicilio da fazenda Cachoeira, onde compareci para administrar-lhe-es os sacramentos da penitencia, Communhão e Extrema-uncção, Domingos Ferreira de Castro, solteiro com cincoenta e quatro annos de idade; e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Provimento⁶² = Visto e examinado este livro em visita pastoral, é um grato termos occasião de louvar o *Reverendo* parochio pelo zelo que tem revelado neste ramo do serviço parochial.

São Francisco, 13 de Agosto de 1891

† Joaquim Bispo diocesano.

27

Aos quinze de agosto de mil oitocentos e noventa e um falleceu nesta villa Antonio Carneiro da Silva, casado que era com Rosa Maria da Conceição e seu cadaver amortalhado em habito branco depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.17r
(Lima)

27

Raimunda = Aos dous de Agosto de mil oitocentos e noventa e um falleceu de dentição Raimunda, filha illegitima de Antonia Cayana, com idade de um anno e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

⁶² O termo foi manuscrito na borda esquerda, não se tratando de uma certidão de óbito, mas registro de vistoria dos serviços paroquiais.

28

Manuel = Aos desesseis de agosto de mil oitocentos noventa e um falleceu de febre Manuel Pereira da Costa, viúvo, com setenta annos de idade e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio da Povoação de Santa Cruz. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Monte Coelho

29

José = Aos vinte oito de agosto de mil oitocentos noventa e um falleceu em seu domicilio, onde compareci para administrar-lhes os sacramentos, que Recebeu como bom catholico, José Rodrigues de Moura, casado que era com Luiza Rodrigues de Moura, trinta e seis annos de idade e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado, depois de encomendado por mim, em o Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

30

Manoel = Aos vinte oito de agosto de mil oitocentos noventa e um falleceu de dentição Manoel, filho legitimo de Jacob Paulo de Albuquerque, com oito mezes de idade, e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fiseste que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Joanna = Aos vinte cinco de agosto de mil oitocentos noventa e um falleceu de pneumonia Joanna Pinto de Mesquita quarenta e seis annos, casada que era com Antonio Francisco Marques e seu cadaver depois de encomendado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.17v

32

Maria = Aos vinte e cinco de agosto de mil oitocentos noventa e um, falleceu de phtysica Maria da Lyra do Nascimento, vinte e sete annos casada que era com José Bernardo da Silva, e seu cada ver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Recebeu todos os sacramentos.

Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

33

Laurinda = Aos quatro de setembro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de spasma a parvula Laurinda, tres annos de idade filha legitima de Antonio Francisco de Souza e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Monte Coelho

34

Mariana = Aos nove de setembro de mil oitocentos noventa e um, faleceu no domicílio, á fazenda Alagoa da Cruz, de rheumatismo Mariana com dezoito annos de idade, filha legitima de Francisco Vicente Santiago da freguezia de Pentecoste, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

35

Joaquim = Aos vinte cinco de setembro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de inanición Joaquim Tapera, viuvo que foi de Maria Ignez, cincoenta e seis annos de idade, recebo todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coêlho

36

José = Aos vinte oito de setembro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de spasma o parvulo José; filho legitimo de Antonio Alves de Freitas, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

37

Joaquim = Aos quinze de outubro de mil oitocentos noventa e um Falleceu Joaquim Feliz do Nascimento, casado que era

Fl.18r
(Lima)

com Maria José do Nascimento, cincoenta annos de idade victima de um pleuris recebo o sacramento de Penitencia teve missa de corpo presente e encommendação e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

38

Domingos = Aos vinte tres de outubro de mil oitocentos noventa e um falleceu de tetano o parvulo Domingos, com vinte um dias de nascido, filho legitimo de Francisco Rodrigues Barretto e Maria Barretto da Paixão; desta freguezia e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia.

Do que para constar fiseste que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

39

Inocencio = Aos vinte dous de Outubro de mil oitocentos noventa e um falleceu de bexigas Innocencio, preto, casado

63

seu

cadaver amortalhado em branco foi sepultado no campo denominado Assáu. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁶³ Espaço deixado pelo autor.

40

João = Aos vinte trez de Outubro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de pleuris João Pereira dos Santos, casado que era com Angelica Maria da Conceição, com cincoenta annos de idade, recebeo absolvição, extrema-uncção e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia, depois de encommendado por mim. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

41

Quiteria = Aos vinte cinco de Outubro de mil oitocentos noventa e um, falleceu de pleuris Quiteria, com vinte annos de idade, filha legitima de Manoel Ferreira Sarambê e recebeo todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

Fl.18v

42

Maria = Aos vinte nove de Outubro de mil oitocentos noventa e um falleceu em seu domicilio Maria Francisca da Conceição de parto, casada que era com Manoel dos Santos, morador no sopé da ladeira, tinha trinta cinco annos e seu cadaver amortalhado em habito branco, depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fise este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

43

Antonio = Aos vinte um de Novembro de mil oitocentos noventa e um falleceu de pytistica Antonio Thomaz, viuvo de Izabel Maria da Conceição, tinha quarenta annos, recebeo todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar lavrei este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

44

João = Aos vinte sete de Novembro de mil oitocentos noventa e um falleceu de spasmos o parvulo João, com dous mezes de idade filho legitimo de Francisco Rodrigues do Nascimento e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Monte Coelho

45

Umbelina = Aos vinte de Novembro de mil oitocentos noventa e um falleceu de distreia Umbelina Marques de Vasconcellos, casada que era com Pedro de Alcantara de Vasconcellos, desta freguezia, Recebeo os sacramentos e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio do Arraial. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

46

Manuel = Aos onze de Dezembro de mil oitocentos noventa e um falleceu de febre o parvulo Manuel, com um anno e seis mezes filho illegitimo de Felix Antonio de Sá e Izabel Maria e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este. Vigario Philomeno Monte Coelho

47

Manuel = Aos onze de Dezembro de mil oitocentos noventa e um falleceu de spasma o parvulo Manuel, filho legitimo de Roberto Alves de Araujo e Jardelina Benicio de Araujo, com cincoenta dias de nascido e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

48

Maria = Aos quinze de Dezembro de mil oitocentos noventa e um, em seu domicilio do sitio-Chapada d'esta Parochia, onde compareci para confessal-a-*Dona* Maria da Cunha Araujo falleceu de mesenterite, na idade de quarenta e cinco annos, viuva de Francisco Magno de Sousa e seu cadaver amortalhado foi, depois de encommendado sepultado no Cemiterio publico desta Parochia ao dia seguinte. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

49

José = Aos quatorze de Dezembro de mil oitocentos noventa e um falleceu de garrotinho o parvulo José, filho legitimo de Leontino Laurentino de Menezes Carvalho, na idade de dous annos, seu cadaver amortalhado em azul foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia depois de ter sido encommendado por mim Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

50

Manuel = Aos dezeseite de Dezembro de mil oitocentos noventa e um falleceu, depois de ter se confessado e Commungado Manuel Marques da Costa, casado que era com Rosa Francisca de Jesus, morador do Olho d'agua, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado em branco depois de encommendado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este termo, que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.19v

51

Joseph = Aos vinte um de Dezembro de mil oitocentos noventa e um falleceu em *São* Miguel onde compareci para a confessar Joseph de Mattos com trinta e um annos de idade, casada que era com Joaquim Francisco de Mattos e seu cadaver amortalhado em preto foi encommendado por mim e sepultado no Cemiterio publico d'esta Parochia .Do que para constar lavrei este termo, que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

52

Francisco = Aos tantos dias do mez de Setembro de mil oitocentos noventa e dous⁶⁴ desapareceu d'esta Villa, onde vagava, o louco Francisco de Souza Barreto, conhecido por Caboclo de Mattos e não sendo encontrado em parte alguma, suppos-se ter morrido nas

⁶⁴ Acreditamos que o autor enganou-se ao datar o ano

mattas, eis que hoje onze de Fevereiro de mil oitocentos noventa e dous foi encontrado o seu cadaver no lugar Jorge por um caçador de nome José Delmiro e sendo verificado por mim e identificado da pessoa e que era realmente o dito Francisco de Souza Barreto casado que era com a professora *Dona* Maria Joanna de Araujo Sampaio fis a inhumação no Cemiterio publico desta Parochia depois de feita a encommendação na forma do Ritual Romano. Doque para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

53

Francisca = Aos vinte dois Setembro de mil oitocentos noventa e dois falleceu Francisca Ferreira Gomes, victima de [ilegível]⁶⁵] anemia⁶⁶ filha legitima de Francisco Rufino Ferreira Gomes e Francisca Lira Gomes⁶⁷, seu cadaver vestido de branco foi sepultado no Seguente dia no Cemiterio publico desta villa.

Contando ella desenove annos de idade

Doque faço este termo

Vigario Philomeno Monte Coelho

⁶⁸Este assento foi encontrado em pedaço de papel cujo teor passo para este local do presente livro. *Vigario* Catão Porfirio Sampaio

⁶⁵ O trecho está rasurado e grifado, impossibilitando a leitura.

⁶⁶ Texto sobrescrito.

⁶⁷ O sobrenome da mãe foi escrito na margem esquerda do documento.

⁶⁸ O registro acima consta de ortografia diferente da que vem sendo utilizada no livro.

1892⁶⁹Fl.20r
(Lima)

1

João = Aos dous dias do mez de Janeiro mil oitocentos noventa e dous falleceu de lesão cardíaca no próprio domicilio nésta villa João Antonio Barretto, trinta e seis annos, casado que era com Floren-
cia Marques dos Santos. Recebeo todos os sacramentos e seu
cadaver amortalhado em preto depois de encomendado
por mim foi sepultado no Cemiterio publico déstaPa
rochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

2

~~Luiz~~⁷⁰

Francisca *Parvula* = Aos oito de Janeiro de mil oitocentos noventa e dous falle-
ceu no sitio Frade désta freguezia Luiz Marques da
Costa e seu cadaver depois de encomendado foi
sepultado no Cemiterio publico désta parochia. Recebeo os
sacramentos. Do que para constar fis este termo
que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

Digo falleceu Francisca, de idade onze mezes, filha legitima de
Luiz Marques da Costa. Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Felismina = Aos quinze de Janeiro de mil oitocentos noventa e dous fal-
leceu de dystacia em *São Miguel* onde compareci para
confessal-a Felismina de Mattos, trinta annos
casada que era com Manuel Lourenço de Mattos, e
seu cadaver amortalhado foi depois de encomendado
sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do
que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Alexandre Parvulo = Aos vinte quatro de Janeiro de mil oitocentos noventa e dous falleceu de
tetano o parvulo Alexandre, de nove dias nascido, filho legiti-
mo de Antonio Rodrigues Barroso, e seu cadaver depois de en-
commendado por mim foi sepultado no cemiteriopublico
déstaParochia. Do que para constar lavrei este termo que assi-
gno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Raimunda *Parvula* = Aos trinta um de Janeiro de mil oitocentos noventa
dous falleceu a parvula Raymunda, um mez de idade

Fl.20v

filha legitima de Mariano Felix da Rocha, desta freguezia, seu cadaver
amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia.

Do que para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁶⁹ Ano anotado na margem superior do fólho.

⁷⁰ Rasura presente no documento.

6

Maria *Parvula* = Aos quatorze de Fevereiro de mil oitocentos noventa dous, falleceu Maria, um anno de idade, filha legitima de Joaquim Pinto Silva, destafreguezia, seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

7

Joaquim *Parvulo* = Aos quinze de Fevereiro de mil oitocentos noventa dous falleceu de tetano o parvulo Joaquim dous annos de idade filho legitimo de Vicente Francisco Pontes, desta freguezia seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar lavrei este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Manuel = Aos trinta um de Janeiro de mil oitocentos noventa dous sepultou-se no cemiterio publico desta Parochia o cadaver de Manuel Nogueira assassinado em um samba a rua do Pau ferrado desta villa e seu cadaver amortalhado foi dado a sepultura como acima se declara. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Antonio = Aos quatro de Fevereiro de mil oitocentos noventa dous foi assassinado na cadeia publica desta villa o sentenciado Antonio Ferreira de Tal com 45 annos, casado com Fulana de Tal, moradora em Sobral, e seu cadaver amortalhado e encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico d'estaparochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.21r
(Lima)

10

Francisco = Aos desenove de Março de mil oitocentos noventa e dous, falleceu da vida presente em seu domicilio a Fazenda Lagoa da Cruz Francisco Vicente Sant'Iago casado que era com Mariana Freire de Sant'Iago, contava sessenta e seis annos de idade, victima de lesão cardiaca não confessou-se por que morreu repentinamente e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico destaparochia no mesmo dia. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

11

Raimunda = Aos vinte oito de Março de mil oitocentos noventa e dous sepulto-se no Cemiterio publico desta parochia o cadaver de Raymunda Ferreira da Silva, com idade de oitenta e quatro annos, casada que era com Victoriano José da Silva, desta Villa, recebeo todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito preto teve encommendação Doque para constar fis este que assigno. Vigario Monte Coelho

12

Raimunda Parvula = Aos vinte cinco de Janeiro de mil oitocentos noventa e dous falleceu e depois sepulto-se no Cemiterio publico desta Parochia o ca daver da parvula Raymunda filha legitima de José Benedicto d'estafreguezia, victima de febre contando oito annos de idade. Doque para constar fis este assento, que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Maria P = Aos vinte nove de março de mil oitocentos noventa dous tendo fallecido da vida presente Maria Antonia; solteira com vinte trez annos de idade, e munida dos socorros da religião ao mesmo dia foi sepultada no Cemiterio publico destaparochia, depois de encommendado por mim na forma do Ritual romano. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Francisco Parvulo = Aos trinta de Março de mil oitocentos noventa dous falleceu de diahrrea Francisco trez annos de idade filho illegitimo de Francisco Nogueira, desta freguezia, e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.21v

15

Março⁷¹ **Parvula** = Aos oito de Março de mil oitocentos noventa dous falleceu de spasma a parvula Constancia, com oito dias, filhalegitima de Antonio Francisco Lima, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Doquepara Constar fis este *que* assigno.

Vigario Philomeno Monte Coêlho

16

Francisca Parvula = Aos desoito de Abril de mil oitocentos noventa dous falleceu de tetano a parvula Francisca filha legitima de Antonio Alexandre com Cinco mezes de idade e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Doquepara Constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Francisca = Aos sete de Maio de mil oitocentos noventa dous falleceu em seu domicilio a fazenda Borbadas, onde Compareci para administra lhe os Sacramentos da Igreja, e effectivamente os recebeo todos – a viuva de Pedro Barroso Valente – Francisca Maria Teixeira na idade de oitenta dous annos, victima de nysorexia e seu cadaver foi conduzido à povoação do Jacú, da freguezia dePentecoste e norespectivo Cemiterio foi sepultado seu cadaver. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coêlho

⁷¹ A idendificação nominal, como vem sendo usado, foi trocada pelo mês de falecimento.

18

Maria = Aos nove de Maio de mil oitocentos noventa dous falleceu no seu domicilio sitio Baixa grande⁷² desta freguezia – e victima de febre laboriosa⁷³ Maria Francisca de Mesquita, Com trinta Cinco annos de idade, Casada que era com José Alves daCrus, e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo em que me assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.22r
(Lima)

19

Francisco = Aos vinte um de Maio de mil oitocentos noventa dous falleceu de anemia total em seu domicilio ao Sitio Sant'Anna, onde compareci e o confessei-o adulto Francisco d'Andrade Sampaio, solteiro, cinquenta annos de idade, filho legitimo do finado Manuel Ignacio de Sampaio e e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado, depois de encommendado por mim no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Pedro *Parvulo* = Aos vinte um de Maio de mil oitocentos noventa e dous falleceu em seu domicilio o parvulo Pedro, filho legitimo de Joaquim da Cruz Marinho e Joanna Pereira Lima, com sete mezes de idade, espasmo, e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no cemiterio publico d'esta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

21

Luiza = Aos nove de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu em seu domicilio a fazenda Barbadas, onde não fui chamado para administrar os sacramentos. LuizaBarroso Forte casada que era com Antonio Francisco Forte, de sessenta dous annos de idade, victima de letano⁷⁴ expontaneo, e seu cadaver amortalhado foi sepultado na povoação de Jacú. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

22

José = Aos tres de junho de mil oitocentos noventa dous pereceu de um tiro accidental José, filho legitimo de *José* Francisco de Souza morador alem do sitio – Descanço – e com nove annos de idade e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

23

Joaquim = Aos dezeseite de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de tetano o parvulo Joaquim, com quatro mezes de idade, filho legitimo de Antonio Pereira daSilva, desta freguezia e seu cadaver amortalha do em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁷² Grifo do autor.

⁷³ Trecho rasurado e aspeado, acreditamos que trata-se de uma informação excluída pelo autor.

⁷⁴ Tétano.

24

Maria = Aos treze de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de coqueluche Maria filha legitima de Pedro Coelho do Nascimento, desta freguezia na idade de dous annos e sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Luiza = Aos vinte de junho de mil oitocentos noventa dous nesta villa falleceu de phtysica Lulú de Mattos, solteira, filha legitima de Domingos de Mattos Barretto, na idade de sessenta annos confessou-se e commungou, e seu cadaver depois de encomendado foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo *que* assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Estevão = Aos quatro de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de cancro externo Estevão TeixeiraPinto, na idade de cincoenta seis annos, recebo os Sacramentos da Santa Igreja e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia tendo sido encomendado por mim na forma do Ritual Romano. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Tertuliano *Parvulo* = Aos vinte tres de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de tetano Tertuliano um anno de idade, filho legitimo de Vicente Francisco Pontes, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coêlho

28

Manuel *Parvulo* = Aos vinte tres de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de spasma Manuel, filho legitimo de Manuel Agostinho Lopes desta freguezia Sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

29

José = Aos vinte seis de junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de febre nesta villa Jose BarbosaRibeiro, viuvo pelo falecimento de sua mulher MarianaPinto deMesquita desta freguezia Confessou-se e commungou seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento *que* assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coêlho

Fl.23r
(Lima)

30

Severiano *Parvulo* = Aos trinta de Junho de mil oitocentos noventa dous falleceu de tetano o parvulo Severiano, quatro mezes de idade, filho legitimo de Victalino Rois Peixe desta freguezia seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

31

Antonio = Aos vinte seis de agosto de mil oitocentos noventa dous falleceu de phthysica na idade de trinta oito annos, Antonio Agostinho, casado que era com Francisca Maria da Conceição; tomou todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

32

Francisco *Parvulo* = Aos quinze de agosto de mil oitocentos noventa dous falleceu de spasma ao nasce Francisco, filho legitimo de Francisco Rufino Pereira Gomes, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico destaparochia. Doque para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

33

Izabel = Aos vinte d'Agosto de mil oitocentos noventa dous falleceu no domicilio lugar *São* Thomé, desta freguezia, onde compareci para confessal-a e effectivamente Confessou-se Izabel de Sousa Cavalcante, casa da com Eufrezino Bizerra Cavalcante, Com quarenta oito annos de idade e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico da povoação de *Santa* Cruz. Doque para constar fis este assento queas signo. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

34

José = Aos trese de Setembro de mil oitocentos noventa dous pereceu em seu domicilio no sitio Guahy, onde compareci para confessal-o José Bernando do Nascimento, solteiro, vinte e tres annos de idade, victima de facadas filho legitimo de João Bernando do Nascimento e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio de SantaLuiza. Doque para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

35

Luiz = Aos Dezesete de Setembro de mil oitocentos noventa dous falleceu de tísica no seu domicilio ao sitio Solidade, onde compareci para confessal-o e dar viactico Luiz Dias de Souza quarenta annos de idade filho legitimo de Agostinho Pereira daSilva, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico Desta parochia. Doque para constar fiz este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

Fl. 23v

36

Laureano = Aos desesete de setembro de mil oitocentos noventa dous falleceu repentina mente na fazenda Britto da freguezia de Aracatyacú Laureano ferreira Gomes solteiro, quarenta quatro annos filho legitimo de Rufino Gomes e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'aquela Parochia Doque para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

37

Francisca = Aos onze d'Outubro de mil oitocentos noventa dous falleceu da vida presente na idade de quatorce annos, Francisca filha legitima de Antonio Gonçalves Ramos, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em habito branco foi, depois de encomendado, sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento *que* assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

38

Maria *Parvula* = Aos onze d'Outubro de mil oitocentos noventa dous falleceu de spasma a parvula Maria com mezes de idade, filha legitima de Francisco Pinto de Souza, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

39

Thomaz = Aos oito de Dezembro de mil oitocentos noventa dous falleceu da vida presente Thomaz Marcellino de Castro, solteiro trinta e tantos annos victima de congestão lenta recebeo todos os soccorros da Religião e seu cadaver amortalhado em habito preto e com esquite decente depois de encommendado por mim foi sepultado no dia seguinte em o Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

40

Pedro *Parvulo* = Aos dez de dezembro de mil oitocentos noventa dous falleceu de spasma o parvulo Pedro, filho legitimo de Francisco Pinto de Mesquita, desta freguezia, com dezoito mezes de idade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.24r
(Lima)

41

Joaquim = Aos quinze de dezembro de mil oitocentos noventa dous falleceu de [dispnea] Joaquim Moreira da Silva com trinta cinco annos casado que era com Felismina Maria da Conceição residentes d'esta villa, recebeo os santos sacramentos da Igreja e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no dia seguinte depois de encommendado por mim em o Cemiterio parochial desta Villa. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coêlho

42

André = Aos vinte um de dezembro de mil oitocentos noventa dous falleceu de tísica em seu domicilio n'esta villa, o artista musico Andre Corsino de Sousa Careca, casa do que era com Bellarmina de tal, com idade de trinta e oito annos; recebeo todos os socorros da religião catholica e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico d'esta Matriz. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho
Aos primeiro de Janeiro mil oitocentos noventa tres⁷⁵

⁷⁵ Informação não continuada pelo autor.

43

Antonio = Aos dias primeiro de novembro de mil oitocentos noventa e dous falleceu no seu domicilio no *São Miguel* desta freguezia Antonio Teixeira de Farias casado que era com Angelica Maria do Nascimento com trinta e cinco annos victima de estupor Recebeo os sacramentos da igreja e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

44

Manuel *Parvulo* = Aos vinte dous de dezembro de mil oitocentos noventa dous falleceu de tetano Manuel com mezes de idade filho legitimo de José Manuel da Costa, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl. 24v

176

Raimundo= Ao primeiro de Janeiro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de anasarca Raimundo Anastacio do Nascimento com oitenta e cinco annos de idade, casado que foi com Anna Rita da Silva confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

2

Francisco = Aos cinco de Janeiro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de febre o parvulo Francisco, com trez annos de idade, filho illegitimo de Francisca Marques e e seu cadaver amortalhado foi no mesmo dia sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

3

Raimunda = Aos dez de Janeiro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de dentição a parvula Raymunda, falecida com um annos de existencia, filha illegitima de Maria Thereza de Jesus desta freguezia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

4

Maria = Aos dezoito de fevereiro de mil oitocentos noventa e trez em seu domicilio falleceu de parto Maria Paz de Sant'Iago, casada que era com João Vicente Sant'Iago, tendo de idade vinte cinco annos confessou-se e seu cadaver depois de encommendado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

⁷⁶ O registo numérico recomeça pois se inicia um novo ano.

5

Maria = Aos dezoito de fevereiro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de espasmo a parvula Maria com um anno de idade filha legitima de Francellino *José* de Sant'Anna

Fl.25r
(*Lima*)

e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este assento que assignei.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

6

Maria = Aos dezoito de fevereiro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de estupor Maria Joaquina de Souza, casada que era com João Pereira de Souza a qual confessou-se e commungou e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

7

Francisco = Aos dezenove de fevereiro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de pleuris em seu domicilio no sitio Pedra Furada onde compareci e ouvi-o os confissão Francisco Pereira de Souza, solteiro, vinte quatro annos de idade, filho legitimo de Laureano Pereira de Souza e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

8

Antonio = Aos vinte de fevereiro mil oitocentos noventa e tres falleceu de diarhea o parvulo Antonio de um anno filho legitimo de Pedro de Alexandrino de Souza e sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

9

Januario = Aos vinte um de Fevereiro mil oitocentos noventa e tres falleceu de inflamação Januario Bispo Constante, com trinta e cinco annos de idade, solteiro, recebeo os sacramentos da Igreja, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

10

Aos vinte um de Fevereiro mil oitocentos noventa e tres falleceu de spasma a parvula Maria de trez dias filha de Maria da Gloria, seu cadaver foi sepultado no dia 21 no Cemiterio desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

11

Pedro = Aos vinte e sete de Fevereiro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de espasmo o parvulo Pedro de oito mezes de idade filho legitimo de Joaquim Carlos de Vasconcellos e seu cadaver a mortalhado em branco foi sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta parochia . Do que para constar fiz este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

12

Francisco = Aos dous de Março de mil oitocentos noventa e trez falleceu de ane mia Francisco Pinto de Mesquita em seu domicilio, no sitio canta Gallo, onde compareci para confessal-o, na idade de trinta e sete annos, casado que era com Maria da Penha do Nascimento e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado, depois de encommendado por mim, no mesmo dia em o cemiterio publico d'esta Parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

13

Francelino = Aos cinco de março de mil oitocentos noventa e trez falleceu de hemoptise Francelino José de Sousa, casado que era com Florencia Pereira de Mesquita, com idade de quarenta e um annos; compareci ao seu domicilio ao sitio Solidade, onde confessou-se; seu cadaver amortalhado em habito branco foi, depois de encommendado por mim, sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

14

Joanna = Aos vinte e nove de março de mil oitocentos noventa e tres falleceu de distocia Joanna Baptista do Sacramento Jandaia e seu cadaver amortalhado em habito preto e depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio desta parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

15

Rosa *Parvula* =Aos vinte um de março demil oitocentos noventa e tres falleceu de tetano a parvula Rosa filha legitima de Damião Pinto de Mesquita e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

16

Manuel = Aos primeiro de maio mil oitocentos noventa e trez falleceu de pleuris em seu domicilio Manuel Dias Cardozo, casado que era com Guilhermina Maria de Andrade; contava vinte e seis annos de idade; confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito branco depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

17

Francisco = Aos oito de maio mil oitocentos noventa e tres falleceu da vida presente o parvulo Francisco com dous mezes de idade filho legitimo de Francisco Julião Barbosa, morado em **São Miguel** e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no dia seguinte em o Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

18

Manuel = Aos vinte seis de maio mil oitocentos noventa e tres falleceu de mordedura de cascavel Manuel Rodrigues de Souza, casado que era com Francisca da Cruz e Mello e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz. Do que para constar fis este termo em que me assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

19

Pedro = Aos tres de maio de mil oitocentos noventa e tres falleceu de febre Pedro filho legitimo de João Rodrigues de Souza, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.26v

20

Maria = Aos dous de junho de mil oitocentos noventa e tres, falleceu da vida presente a parvula Maria com um anno de idade, filha legitima de José Marques Brandão, desta freguezia, da qual o cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia no mesmo dia do obito. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

21

José = Aos quatro de junho de mil oitocentos noventa e tres falleceu de tetano o parvulo José nascido a ⁷⁷ filho legitimo de Pedro Francisco Rodrigues, desta freguezia, e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

22

Thereza = Aos seis de junho de mil oitocentos noventa e tres falleceu de febre Thereza Rodrigues de tal na idade de sessenta annos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia em o mesmo dia. Do que para constar fis este termo, que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

⁷⁷ Espaço em branco deixado pelo vigário para um possível preenchido da data do nascimento do falecido.

23

Maria = Aos nove de junho de mil oitocentos noventa e trez falleceu de demencia Maria Ferreira da Conceição, com idade de oitenta annos recebeo os sacramentos da Santa Igreja, e seu cadaver amortalha do em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

24

Francisco = Aos nove de junho de mil oitocentos noventa e trez falleceu em seu domicilio Francisco José Romão, victima de hemophyze e na idade de sessenta annos, casado que era com Rosalina Romão confessou-se e seu cadaver amortalhado em habito branco depois de encommendado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

Fl.27r
(Lima)

25

Josefa = Aos quinse de junho de mil oitocentos noventa e trez falleceu em seu domicilio no sitio Mulungú, Josefa Maria Vivencia, quarenta annos de idade, casada que era com Delmiro Joaquim Rodrigues de Souza e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Francisca = Aos vinte trez de junho de mil oitocentos noventa e trez em seu domicilio onde compareci para confessal-a falleceu de febre Francisca Maria do Espirito Santo de trinta cinco annos de idade, casada que era com Francisco Soares da Silva. e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Joaquina = Aos dous de julho de mil oitocentos noventa e trez em seu domicilio em São Miguel falleceu de anemia Joaquina Maria da Conceição com oitenta annos de idade casada que era com João José Ferreira e seu cadaver amortalhado em habito branco foi, depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

28

Manuel = Aos cinco de julho de mil oitocentos noventa e trez falleceu o parvulo Manuel com trez annos de idade, filho legitimo de Francisco Ferreira de Mesquita seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Maria = Aos seis d'agosto de mil oitocentos noventa e trez em seu domicilio no sitio Bom Jezus, onde para confessal-a tive de comparecer Maria Prudencio de Jezus trinta seis annos de idade casada que era com Joaquim Domingos

Fl.27v

de Araujo, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi, depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

30

Raymunda = Aos dezenove de julho de mil oitocentos noventa e trez falleceu de febre a parvula Raymunda com dous annos de idade filha legitima de João Pereira Lima e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Rosendo = A um de setembro de mil oitocentos noventa e trez, falleceu de tetano o parvulo Rosendo com um anno de idade, filho legitimo de Luiz Nogueira Brigies seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

32

Mariana Marques = Aos vinte nove de junho de mil oitocentos noventa e trez falleceu de via gem para esta villa no sitio Jorge *Dona* Mariana Hortuça de Carvalho casada que era com João Marques de Carvalho, na idade de cincoenta annos victima de tísica pulmonar, recebeo todos os socorros espirituais e seu cadaver amortalhado em habito preto Depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

33

Izabel = Aos vinte e cinco de agosto de mil oitocentos noventa e trez falleceu em seu domicilio Izabel da Costa quarenta annos de idade casada que era com Antonio Paulino da Costa; recebeo todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em branco depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Francisca = Aos seis de Outubro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de thysica Francisca de tal, solteira, natural de Fortaleza na idade de vinte etantos annos, recebeo todos os sacramentos es- pirituais e seu cadaver depois de amortalhado e encom- mendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

35

Rosendo = Aos trinta de Outubro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de dilatação da aorta Rosendo Ferreira de Souza, casado que era com Maria Pinto tinha de idade cincoenta annos e seu cadaver depois de encom- mendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta pa rochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coêlho

36

Francisca = Aos trez de Outubro de mil oitocentos noventa e trez falleceu em seu domicilio em São Miguel onde compareci para confessional a Fran cisca Luisa de França, casada que era com Luis Victorino da Silva na idade de cincoenta annos e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

37

Rosendo = Aos dous de Outubro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de es- pasmo em seu domicilio o parvulo Rosendo com um mez, filho legitimo de José Francisco de Barros, desta freguezia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

38

Herculano = Aos treze de Novembro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de congestão Herculano Manuel de Vasconcelos, casado que era com Urçula Maria das Virgens, na idade de setenta e quatro annos e seu cadaver amor- talhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico Desta parochia aos quatorse de d'este mez; do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

39

Antonio = Aos quatorze de novembro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de febre Antonio Manuel de Mesquita, casado que era com Joanna Maria de Mesquita, na idade de cincoenta seis annos e seu cadaver amortalhado em branco foi

Fl.28v

sepultado no dia seguinte em o Cemiterio publico desta parochia

Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

40

José = Aos vinte oito de novembro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de Tysica José Pereira de Salles, solteiro, com vinte dous annos de idade, filho legitimo de Francisco Pereira de Salles, recebeo todos os sacramentos espirituais, e seu cadaver depois de en commendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

41

Neutel = Ao primeiro de Dezembro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de coqueluche o parvulo Neutel, na idade dous annos, filho legitimo de Mariano Pessoa Bastos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

42

Raymunda = Ao primeiro de novembro de mil oitocentos noventa e trez falleceu em seu domicilio Raymunda Mariano da Cruz filha legitima de Manuel Mariano da Cruz, solteira, quince annos de idade e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

43

José = Aos quatro de novembro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de spasma o parvulo José, filho legitimo de Antonio Pereira Barbosa e seu cadaver, sendo amortalhado, foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

44

Maria = Aos trese de novembro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de anazarca a parvula Maria, com sete mezes de idade, filha legitima de Manuel Vas de Sousa e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

45

Paulo = Aos vinte e cinco d novembro de mil oitocentos noventa etrez falleceu de tistica Paulo com vinte annos de idade, filho legitimo de Florencio da Penha, e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no

Fl. 29r
(*Lima*)

Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

46

Leontino = Aos quinse de Dezembro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de tysica em seu domicilio o tabellião publico deste termo de *São* Francisco Leontino Laurentino de Menezes Carvalho, na idade de quarenta cinco annos, casado que era com *Dona* Francisca Menezes de Carvalho, recebeo todos os socorros espirituais da Santa Igreja e seu cadaver depois de amortalhado em habito preto e de encommendado solenemente por mim foi sepultado no mesmo dia no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

47

Francisco = Aos desenove de Dezembro de mil oitocentos noventa e trez falleceu de congestão em seu domicilio Francisco Alves da Cruz, na idade de oitenta annos, casado que era com Thereza da Cruz e seu cadaver depois de amortalhado e encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

48

Vicente = Aos dezoito de Dezembro de mil oitocentos noventa e tres falleceu de febre o parvulo Vicente, oito annos de idade, filho legitimo de Raymundo Rodrigues d'Aguiar e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado em Cemiterio publico desta parochia

Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

49

Manuel = Aos vinte dous de dezembro de mil oitocentos noventa e trez em seu domicilio Manuel Coêlho de Moraes, cincoenta nove annos, casado que era com Maria da Conceição Moraes; recebeo todos os socorros espirituales e seu cadaver amortalhado em habito branco foi, depois de incommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coêlho

50

José = Aos vinte tres de julho⁷⁸ de mil oitocentos noventa e tres na fazenda Almas da freguezia de **Santo** Antonio falleceu de congestão José Jorge da Crus, vinte oito annos, casado que era com Maria Jorge da Crus e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio d'aquella povoação Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

⁷⁸ Percebe-se que os registros nem sempre seguem a sequencia cronológica.

Anno 1894⁷⁹2⁸⁰

Maria = Aos tres de fevereiro de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de tetano a parvula Maria quarenta dias filha natural de Francisca Pereira, moradora na rua do açude e seu cadaver amortalhado em branco foiseptado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Josefa = Aos dezeseis de fevereiro de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de hydropisia em seu domicilio, onde compareci para administra-lhe os sacramentos da Igreja **Dona** Josefa Pereira Guedes com sessenta annos de idade casada que era com Antonio Jeronymo Ferreira e foi sepultada no dia seguinte em o Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Francisco = Aos vinte de fevereiro de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu em seu domicilio no Sitio Jorge, onde compareci para administrar os sacramentos da Igreja Francisco Antonio de Salles, cincoenta annos de idade casado que era com **Dona** Maria Candido de Negreiros e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia ao dia seguinte Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Maria = Aos tres de março de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de eri [ilegível] Maria do Carmo com quatro annos, filhalegitima de Francisco José do Carmo, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado n'este Cemiterio publico. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.30r
(Lima)

6

Maria = Aos vinte de março de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de ictericia no seu domicilio onde compareci para confessal-a Maria Borges da Silva, com idade de cincoenta annos casada que era com Agostinho Francisco dos Santos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

⁷⁹ Inicia-se um novo registro anual.

⁸⁰ O inicio dos registros começa pelo numeral dois, havendo linhas em branco no topo do fólio.

7

Philomeno = Aos vinte seis de março de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de febre o parvulo Philomeno, com seis mezes de idade, filho legitimo de José Pereira Barbosa Cavalcante e seu cadaver amortalhado em habito azul foi sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta Parochia

Do que para constar fis este termo *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Aprigio = Aos trinta um de março de mil oitocentos e noventa e quatro sepultou se no Cemiterio publico desta Parochia o cadaver do parvulo

Aprigio victima de spasma na idade de trez annos, filho legitimo de João Rodrigues de Souza, do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Victal = Aos trinta de abril de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu depois de baptizado um dia depois o parvulo Victal

filho legitimo de Francisco Saraiva e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Joanna = Ao primeiro de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de anasarca a parvula Joanna com quatro

mezes de idade, filha legitima de João Carneiro seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento

que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

11

Manuel = Aos des de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu em seu domicilio o parvulo

Fl.30v

Manuel, com oito mezes de idade, filho legitimo de José Carneiro da Silva e sepultado

no Cemiterio publico desta parochia no mesmo dia. Do que para constar fis

este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

12

Josefa = Aos doze de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de tísica Josefa Januario

Barretto filha legitima de João januario Barretto com vinte dous annos de idade, rece

beo os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado

no Cemiterio publico desta parochia. Do

que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Maria = Aos vinte de maio de mil oitocentos e noventa e quatro

n'esta villa falleceu de febre Maria Michelina dos Santos Bonança com idade de setenta e sete annos de idade

natural de Laranjeira Estado de Sergipe, e seu cadaver amortalhado em habito preto depois de encommen-

dado em casa por mim tendo em vida recebido todos os sacramentos foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Raimundo = Aos vinte quatro de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de febre o parvulo com dezeseis mezes de idade, filho legitimo de Francisco Bernardo e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.31r
(Lima)

15

Francisca = Aos vinte dous de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de febre Francisca Firmina da Conceição, casada que era com Francisco Antonio do Nascimento desta freguezia e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Delfino = Aos vinte seis de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de aneurisma Delfino José de Barros com idade de trinta um annos, casado que era Luzia de Barros, recebeo os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte

17

Francisca = Aos trinta de maio de mil oitocentos e noventa e quatro falleceu de garrotilho a parvula Francisca, nascida ha dous annos, filha legitima de José Pereira Lima e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

18

José = Aos vinte seis de junho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu de tísica José Maria de Salles solteiro, com vinte nove annos de idade filho legitimo de Vicente de Salles Gomes e Maria de Assumpção Bastos; recebeo todos os socorros da Igreja e seu cadaver amortalhado em habito negro foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

19

Aos oito de julho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu de spasma o parvulo Manuel filhoillegitimo de Miguel Archanjo de Oliveira e Maria da Gloria do Espirito Santo, déste freguezia, na idade 2 dias seu cadaver foi sepultado no dia seguinte. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.31v

20

Joanna = Aos dose de julho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu de febre a parvula Joanna dous annos de idade filha legitima de Felix José da Silva, e seu cada ver amortalhado foi sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte

21

Antonio = Aos onze de julho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu em seu sitio Camará, onde compareci para confessar – Antonio Ferreira de Araujo, vinte annos de idade filho legitimo de Joaquim Ferreira de Araujo, victima de mordedura de cascavel e seu cadaver amortalhado depois de encomendado foi sepultado no dia seguinte no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

22

Julio = Aos quatorze de julho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu com dose dias de nascido o parvulo Julio, filho legitimo de Joaquim de Alexandre da Mattos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Maria = Aos vinte um de julho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu no seu domicilio no sitio Baixa Grande, onde compareci *para* confessal-a Antonia Benec dita, casada que era com Marcos Antonio de Mesquita na idade de sessenta annos victima de rheumactismo e seu cadaver amortalhado em habito branco foi depois de encomendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Quiteria = Aos dose de julho de mil oitocentos e noventa quatro falleceu de febre Quiteria Maria do Espirito Santo, casada que era com Manuel Ferreira de Tal, seu cadaver amortalhado

Fl. 32r
(Lima)

foi sepultado no Cemiterio publico desta matriz, tinha trinta quatro annos Do que para constar fis este assento *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Manuel = Aos quatro de agosto de mil oitocentos e noventa quatro em seu domicilio onde compareci para confessar Manuel Francisco Pinto, casado que era com Francisca Germana da Cruz, na idade de oitenta annos, victima de inflamação no estomago, teve missa de corpo presente e encomendação resada; Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Joanna = Aos cinco dias do mez de agosto de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tuberculose em seu domicilio no sitio Pitombeira, onde compareci para administra lhe os sacramentos da Igreja Joanna Barretto da Fonseca com idade de trinta e cinco annos, casada que era com Francisco Felix de Pinho teve missa de corpo presente e encomendação resada e acompanhamento no enterro e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

27

Joanna = Aos dez de agosto de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tísica em seu domicilio na idade de quarenta annos Joanna Pinto de Mesquita casada que era com Januario Vieira da Cruz e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Francisco = Aos vinte trez de agosto de mil oitocentos noventa quatro falleceu de garrotinho o parvulo Francisco, com dous annos de idade, filho legitimo de Francisco Raymundo de Oliveira e sepultou-se ao outro dia em o cemiterio publico desta matriz. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Cosma = Aos vinte quatro de agosto de mil oitocentos noventa quatro falleceu de congestão a louca **Dona** Cosma Maria da Rocha, viuva do finado Francisco Antonio da Rocha, com idade de cinquenta annos e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz; do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

30

Francisco = Aos nove dias do mez de setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu assassinado á facadas por Francisco Agostinho que evadiu-se -o adulto- Francisco Marques da Costa vinte quatro annos de idade filho legitimo de Francisco Marques da Costa, seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz Do que para constar fis este que assigno=SãoFranciscoVigario Philomeno Monte Coelho

Fl. 32v

31

Rosa = Aos quatorse de ⁸¹setembro de mil oitocentos noventa quatro na fazenda Barrinha falleceu repentinamente Rosa Pereira dos Santos, casada que era com José Julião Pereira dos Santos, com cincoenta annos de idade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

32

Quiteria = Aos quinse de Setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de spasma a parvula Quiteria, com trez mezes de idade, filha legitima de Manuel Pedro Ferreira, morador nésta villa e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

33

Antonio = Aos quinse de Setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano com dezoito mezes de idade filho legitimo de José Francisco Filho e seu cadaver amortalhado em habito azul foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coêlho

Fl.33r
(Lima)

34

Dorothea = Aos quinse de Setembro de mil oitocentos noventa quatro pelas oito horas da noite falleceu de tuberculose *Dona* Dorothea de Carvalho Mascarenhas, casada que era com Felix d'Araujo Mascarenhas, contava dezoito annos de idade; recebeo todos os soccorros da Santa Igreja Catholica e seu cadaver amortalhado em habito preto, foi sepultado ao outro dia junto ao tumulo de sua finada mãe Mariana Hortensa de Carvalho no Cemiterio publico desta Matriz. Doque para constar fis este termo que assigno.

Para saber o tumulo⁸²Vigario Philomeno Monte Coelho

35

Francelina = Aos vinte dous de Setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de aneurisma na cara Francellina Borges Soares casada que era com Antonio Soares na idade de cincoenta annos recebeo todos os soccorros da Santa Igreja Catholica e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta matriz. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

36

⁸¹ Por baixo da escrita setembro o autor iniciou escrevendo **agos**, entendemos que faz referencia ao mês de agosto

⁸² Informação pós-escrita ao óbito.

Maria = Aos vinte trez de Setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano a parvula Maria, com sete dias de nascida, filha legitima de José Tiburcio do Nascimento e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
37

Caetana = Aos vinte seis de Setembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de dispepsia Caetana Francisca d'Oliveira, solteira, quarenta trez annos de idade, filha legitima de João Francisco de Macedo fallecido, e Benec dita Francisca de Oliveira recebeu os socorros da Igreja, seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio desta Parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.33v

38

Dulcea = Aos quatorse de Setembro de mil oitocentos noventa quatro; falleceu de dystorcia no sitio Aguahy, onde compareci para con fessal-a Dulcea d'Almeida Ramos, com trinta annos de idade, casada que era com Francisco d'Almeida Ramos (Bita) e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio da povoação de Santa Cruz Do que para constar fis este termo *que* assigno. Vigario Monte Coelho
39

*Francisco*⁸³ = Aos cinco de Outubro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano a parvula Maria apenas nascida e baptisada filha legitima de Manuel José Moreno e Maria Alexandrina da Conceição seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

40

Francisco = Aos oito de Outubro de mil oitocentos noventa quatro, falleceu de garrotinho o parvulo Francisco, com onze mezes de idade, filho legitimo de Francisco Pinto e Laurentina Maria de Jesus seu cadaver amortalhado em habito de cor foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

41

Izabel = Aos nove de Outubro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano a parvula Izabel, com dous mezes de idade, filha legitima de Pedro Antonio Celestino desta freguezia seu cadaver amortalhado em habito azul foi sepultado no Cemiterio publico d'estaparochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

42

⁸³ O registro nominal não condiz com o registro de óbito.

Maria = Aos dose de *Abril* de 1894, falleceu de tetano a parvula Maria, filha legitima de Vicente Reis da Silva, com 2 mezes de idade seu cadaver amortalhado em habito foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.34r
(*Lima*)

43

Antonio = Aos vinte oito de Outubro de mil oitocentos noventa e quatro em seu domicilio no sitio Maritacaca falleceu de congestão Antonio Pereira Lima com idade de oitenta annos, natural da cidade de Jaguaribe, casado que era com Helena Francisca de Jesus, que o sobrevive, recebeo os ultimos sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito preto foi, depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

44

Francisca = Aos trinta de Outubro de mil oitocentos noventa e quatro falleceu ao nascer a parvula Francisca, filha legitima de Joaquim Rodrigues de Moura Filho e Izabel Maria de Jesus e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

45

Jardelina = Aos nove de novembro de mil oitocentos noventa e quatro falleceu de anazarca Jardelina, com onze annos de idade, filha illegitima da finada Maria Antonia e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

46

Damião = Aos cinco de novembro de mil oitocentos noventa e quatro falleceu de tísica Damião Pinto de Mesquita, com trinta annos de idade casado que era com Maria da Cruz e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Doque para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

47

Maria = Aos seis de novembro de mil oitocentos noventa e quatro falleceu de tetano a parvula Maria com nove mezes de idade, filha legitima de Trajano Pereira de Sousa, desta freguezia e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

48

Luiz = Aos quatorze de novembro de mil oitocentos noventa e quatro falleceu de pericardite o Major Luis Antonio Cordeiro, com quarenta cinco annos de idade, casado que era com *Dona* Maria d'Almeida Cordeiro, confessou-se, e seu cadaver amortalhado em habito negro foi depois de encommendado solenemente por mim sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

49

Joanna = Aos deseseis de novembro de mil oitocentos noventa e quatro falleceu de febre Joanna Amelia de Castro, com trinta annos de idade, casada que era com Manuel Marcelino de Castro recebeu os sacramentos da Igreja e seu cadaver amortalhado em habito preto foi depois de encommendado solenemente por mim foi sepultado no Cemiterio desta parochia. Do que fis este termo *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

50

Rita = Aos vinte dous de novembro de mil oitocentos noventa e quatro, no sitio *São* Francisco de Venancio, falleceu repentinamente Rita Maria da Conceição, viuva de Manuel Vicente, contava setenta annos de idade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

51

Francisco = Aos vinte quatro de novembro de mil oitocentos noventa e quatro nésta villa falleceu de estupor Francisco Marques Brandão com trinta e oito annos, casada que era com Monica *Rodrigues* [Peixe]⁸⁴, recebeu todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em habito branco foi depois de encomendado por mim sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

52

Maria = Aos vinte nove de Novembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tísica Maria Pinto de Mesquita

com vinte annos de idade filha legitima de José Coelho e Maria Pinto de Mesquita e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

53

Fl.35r
(*Lima*)

⁸⁴ Possível leitura do sobrenome.

Francisco = Aos vinte nove de Novembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano Francisco com um anno de idade filho legitimo de Francisco Pinto de Mesquita Maria da Conceição. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
54

Pedro = Aos vinte oito de Novembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de tetano Pedro filho legitimo de João Brandão Filho e Maria Brandão e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho
55

Pedro = Aos cinco de Dezembro de mil oitocentos noventa quatro sepultou se no cemiterio publico da povoação do Retiro o cadaver de Pedro Ferreira da Cruz solteiro vinte annos de idade victima de anasarca, filho legitimo de Francisco Ferreira da Silva, recebeo os sacramentos de Penitencia teve missa de setimo dia Do que para constar fis este termo que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho
56

João = Aos vinte quatro de Dezembro de mil oitocentos noventa quatro falleceu de dentição João com um anno de idade filho legitimo de João Ferreira de Araujo seu cadaver depois de amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

1895⁸⁵

Fl.35v

1

José Adulto = Ao primeiro de Janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco sepultou-se no cemiterio desta Matriz o cadaver de José Furtado Pacifico. viuvo com oitenta annos de idade falecido na vespera; recebeu todos os sacramentos da Igreja. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Bento *Adulto* = Aos cinco de Janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco Bento Teixeira Bastos com cincoenta annos, viuvo, victima de aneurisma, recusou obstinadamente os sacramentos da Igreja, sendo sepultado o seu cadaver no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Joaquina *Adulta* = Aos vinte e um de Novembro do anno passado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia o cadaver de Joaquina Martha de Jesus, com trinta annos de idade, casada que era com João Agostinho Lopes que confessou ter ella fallecido de reumatismo. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

José *Adulto* = Aos trinta de Dezembro do anno passado foi sepultado no cemiterio de Santa Cruz o cadaver de José, dose annos de idade, filho de Justino Quinto, tendo sido victima de febre, teve encommendação de corpo presente. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Antonio *Adulto* = Aos trinta de Dezembro do anno passado falleceu de congestão Antonio Joaquim Reiz Goteira, marido de Mariana da Conceição e foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz contava quarenta annos Do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.36r
(Lima)

6

Raimundo *Adulto* = Aos dezeseite de Janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia o cadaver de Raymundo Joaquim do Nascimento marido de Francisca de Jezus. quarenta annos de idade victima de congestão. Do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁸⁵ Início de um novo ano.

7

Antonia **Adulta** = Aos quatro de Dezembro do anno passado victima de congestão falleceu em seu domicillio Antonia Rodrigues da Silva, mulher de José Alves da Silva, contava cincoenta annos de idade, sendo seu cadaver sepultado no Cemiterio da povoação de Retiro. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Coelho

8

Narciso **Adulto** = Aos dezoito de Dezembro do anno passado victima de tísica pulmonar falleceu Narciso Ferreira Gomes marido de Maria Francisca do Carmo tendo quarenta oito annos de idade sendo sepultado no Cemiterio publico desta matriz. Do que para constar fis este termo que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

9

José Parvulo = Aos quinze de Janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco falleceu de tetano o parvulo José filho de Jose Firmino, com tres annos de idade seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Francisca **Adulta** = Aos vinte quatro de Janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco falleceu de febre Francisca Maria de Jezus, mulher de Manuel Joaquim Taveira; tendo sessenta cinco annos de idade seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.36v

11

Manuel **Adulto** = Aos dezenove de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e cinco, victima de tuberculose, falleceu da Fazenda Feijão Manuel Saldanha Pinto, na idade de vinte oito annos, casado que era com **Dona** Dionysia Mene-lau Pinto seu cadaver amortalhado depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

12

Francisca **Adulta** = Aos vinte dous Fevereiro de mil oitocentos e noventa e cinco, falleceu de tuberculose Francisca Maria Saraiva, solteira, vinte quatro annos de idade, filha de Raimundo Saraiva Recebeo os sacramentos da Igreja Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Maria **Adulta** = Aos vinte dous de abril de mil oitocentos e noventa e cinco victima de tuberculose Maria Francisca da Conceição setenta annos de idade, solteira, tendo recebido os sacramentos da vida eterna. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Bernarda *Adulta* = Aos sete de maio de mil oitocentos e noventa e cinco falleceu victima de febre Bernarda Magalhães, mulher de Joaquim José de Magalhães, com setenta annos de idade, recebo os socorros espirituaes seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Valerio Parvulo = Aos sete maio de mil oitocentos e noventa e cinco falleceu victima de anasarca Valerio filho de Vicente Ferreira Mano com 9 annos di idade seu cadaver depois de encommendado foi sepultado neste Cemiterio Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.37r
(Lima)

16

Manuel *Parvulo* = Ao primeiro de junho de mil oitocentos e noventa e cinco falleceu victima de tetano o parvulo Manuel filho de Antonio Reis Barretto seu cadaver depois de encom- mendado por mim foi sepultado no Cemiterio pu- blico desta parochia. Do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Josefa *Adulta* = Aos vinte e um junho de mil oitocentos e noventa e cinco falleceu, victima de febre Josefa Maria viuva de Eusebio Correia Lima na idade de setenta annos recebo os sacramentos da vida eterna e seu cadaver depois de encommendado por mim foi se- pultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Joanna *Parvula* = Aos dous de julho de mil oitocentos e noventa cinco falleceu de tetano a parvula Joanna, cinco annos filha de Antonio Justino e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte

19

José *Adulto* = Aos vinte tres de julho de mil oitocentos e noventa cinco falleceu de tuberculose José Pereira d'Abreu filho de Izabel Major na idade de vinte e seis annos; e tendo recebido todos os sacramentos ainda foi seu cadaver depois de encommendado sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Ignacia *Adulta* = Aos deseseis d'Agosto de mil oitocentos e noventa cinco falleceu de anemia na idade de oitenta annos Ignacia Bizerra, viuva de Agostinho Bizerra e tendo recebido os socorros da Religião seu cadaver depois de encommendado foi sepultado neste Cemiterio. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.37v

21

Josefa **Parvula** = Aos trinta d'Agosto de mil oitocentos e noventa cinco falleceu de tetano a parvula Josefa filha de José Manuel da Costa com dos mezes de idade seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este Vigario Philomeno Monte Coelho

22

Joaquim **Adulto** = Aos treze de setembro de mil oitocentos e noventa cinco victima de mordedura de cobra falleceu Joaquim filho de Paulo Pereira Lima na idade de dezoito annos e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Emilia **Parvula** = Aos treze de setembro de mil oitocentos e noventa cinco falleceu de tetano a parvula Emilia com desesete mezes de idade, filha de Maria Vicencia da **Conceição** seu cadaver amortalhado foi sepultado no – Cemiterio publico desta parochia. Doquepara constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Maria **Adulta** = Aos um de setembro de mil oitocentos e noventa cinco falleceu de pericardite na idade de setenta cinco annos Maria Francisca, mulher de Quintiliano da Silva Torres recebeo todos os sacramentos da Igreja e seu cadaver depois de encomendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Luiz **Adulto** = Aos vinte tres de abril de mil oitocentos e noventa cinco victima de cardite falleceu no próprio domicilio na fazenda Campinas Luiz José da Natividade

com setenta annos de idade, viúvo de Ursula Francisca de Mesquita recebeo os sacramentos da Igreja e seu cadaver tendo sido transportado **para** a Matriz ali teve missa de corpo presente encomendação depois de que foi dado à sepultura no Cemiterio publico desta parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Filomena **Adulta** = Aos treze de Outubro de mil oitocentos e noventa cinco falleceu, victima de dystocia Filomena de Mattos Carvalho, com trinta seis annos, mulher de João Marques de Carvalho Confessou se teve missa de corpo presente e seu cadaver depois de encomendado por mim foi sepultado no Cemiterio

Fl.38r
(Lima)

publico desta Matriz. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
27

Francisco *Adulto* = Aos vinte um de dezembro de mil oitocentos e noventa cinco, falleceu de Cardite no Sitio Ipú Francisco José Vieira marido de Francisca Baptista Frazão. na idade de quarenta e cinco annos confessouse e commungou seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Raimunda *Parvula* = Ao primeiro de outubro de mil oitocentos e noventa cinco falleceu a parvula Raimunda filha legitima de Horacio Furtado e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.38v

29

Joaquim *Adulto* = Aos tantos de setembro falleceu de mordedura de cobra na Fazenda Tamnadaú - Joaquim *Rodrigues* de Moura, na idade de setenta annos, marido de *Dona* Francisca Rodrigues de Moura seu cadaver amortalhado foi por mim encommendado e sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
30

Veronica = Aos tantos dias do mez de novembro de mil oitocentos e noventa cinco, Veronica Maria de Jezus, na idade de 45 annos casada que era com Ignacio Gomes Evangelista confessou se e sepultou se no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

1896⁸⁶

1

Alexandro = Aos vinte e oito de março de mil oitocentos e noventa e seis faleceu de veneno de Cascavel Alexandre Pereira de Vasconcelos trinta annos de idade casado que era com Cordalina Pereira de Vasconcelos seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no dia seguinte no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Gregorio = Aos vinte de março de mil oitocentos e noventa e seis falleceu de lesão cardiaca Gregorio Alves da Fonseca, cincoenta annos, casado que era com Maria Maximina de Moura Recebeo os sacramentos da hora da morte seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado ao dia seguinte no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Joanna = Aos oito de março de mil oitocentos e noventa e seis falleceu, em São Pedro, Joanna Ferreira de Mesquita Quarenta annos, viuva de José Torquato, victima de Tisica pulmonar. Confessou-se e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

João = Aos dez de março de mil oitocentos e noventa e seis falleceu, João, parvulo, filho legitimo de Manuel Rocha e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Maria = Aos dez de março de mil oitocentos e noventa e seis falleceu, no Livramento, Maria dezeseis annos de idade, victima de tísica, filha legitima do louco Galdino Benicio de Mesquita e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio particular do Livramento Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.39v

⁸⁶ Inicia um novo registro anual.

6

Agostinho = Aos dez de junho de mil oitocentos e noventa e seis
falleceu de tetano o parvulo Agostinho filho legitimo
José *Rodrigues* de Sousa e seu cadaver amortalhado de
branco foi sepultado no Cemiterio publico desta
Parochia Do que para constar fis este termo
que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

7

Bento = Aos vinte seis de Janeiro de mil oitocentos e noventa e seis
falleceu Bento Pereira de Araujo Chaves, casado
que era com Anna Gertrudes, contava sessenta
annos de idade. Confessou-se E seu cadaver
depois de encommendado por mim foi
sepultado no Cemiterio publico desta parochia
Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Claudina = Aos vinte de Fevereiro de mil oitocentos e noventa
e seis falleceu de anazarca no Sitio Santa Barbosa
Claudina Maria da Conceição de Manuel Viana
de Mesquita seu cadaver depois de encommen-
dado por mim foi sepultado no Cemiterio publico
dêsta parochia Do que para constar fis este as-
sento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Francisco = Aos vinte sete de Janeiro de mil oitocentos e

noventa e seis falleceu de febre Francisco dezeseis
annos de idade filho legitimo Izachiel Pereira
Lima seu cadaver amortalhado em branco
foi sepultado no Cemiterio publico desta
Parochia Do que para constar fis este que
assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Manoel = Aos vinte sete de maio de mil oitocentos e no-
venta seis falleceu de pleuris com idade de cinco-
enta annos Manuel Rodrigues casado que era
com Maria Vicencia seu cadaver depois de
encommendado por mim foi sepultado no Cemi-
terio publico desta Parochia Do que para
constar fis este que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

11

Manoel = Aos seis de Janeiro de mil oitocentos e noventa e
seis falleceu de veneno de cascavel com idade de
quarenta annos Manuel Camelião casado
que era com Joaquina Camelião con-
fessou-se e commungou e seu cadaver
depois de encommendado por mim foi

Fl.40r
(Lima)

sepultado no Cemiterio publico desta paro-
chia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

12

Maria = Aos quatro de novembro falleceu em *São* Miguel a
octagenaria Maria da Silva, viuva de
. . . .⁸⁷ seu cadaver amortalhado em
habito branco foi depois de encommendado
por mim sepultado no Cemiterio publico
desta Parochia Do que para constar fis este termo
que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.40v

13

Romão *Adulto* = Aos vinte dous de Outubro de mil oitocentos e noventa e seis
falleceu Romão Lopes dos Santos, com vinte um
annos de idade, casado que era com Antonia Ferreira dos
dos Santos. Recebeo os sacramentos da hora da morte
seu cadaver depois de encommendado por mim foi
sepultado no Cemiterio publico desta parochia
Do que para constar fis este Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Pacifica *Adulto* = Aos vinte tres de Outubro de mil oitocentos e noventa e
seis falleceu de parto e na idade de vinte cinco annos
Pacifica Venancia dos Santos casada que era com
José Gonçalves dos Santos seu cadaver depois de
encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio
publico desta parochia Do que para constar fis
este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Vicente *Adulto* = Aos trinta de Outubro de mil oitocentos e noventa e seis falleceu
de anazarca Vicente filho legitimo de Vicente Ferreira
Mano, com idade de 12 annos confessou-se e commun-
gou; e seu cadaver depois de encommendado por mim
foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que
para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Francisco *Adulto* = Aos vinte um de Novembro de mil oitocentos e no-
venta seis falleceu de hemoptyse Francisco Pacely
casado civilites tantum⁸⁸ e seu cadaver depois
das formalidades legaes foi sepultado no Cemiterio
publico desta Parochia Do que para constar fis este assento
que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁸⁷ Supressão feita pelo autor.

⁸⁸ Sublinhado pelo autor (expressão que indica que o casamento não foi realizado no ritual católico).

17

Pergentina = Aos vinte tres de Novembro de mil oitocentos e noventa e seis falleceu de dentiçãõ a parvula Pergentina filha legitima de Agostinho Francisco

Fl.41r
(Lima)

dos Santos e seu cadaver depois de incommodado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Delfina *Adulta* = Aos vinte oito de novembro de mil oitocentos e noventa e seis falleceu nesta villa a cega Delfina Maria com sessenta annos de idade; recebeo os sacramentos seu cadaver depois de encomendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

19

Rufino *Adulto* = Aos vinte dous de novembro de mil oitocentos e noventa seis falleceu de inflamaçãõ Rufino Manuel da Costa com 46 annos, casado que era com Rita Maria da Costa Confessou-se; seu cadaver foi sepultado no cemiterio do Arraial. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Maria *Parvula* = Aos vinte seis de dezembro de mil oitocentos e noventa seis falleceu logo depois de nasce a parvula Maria, filha legitima de Januario Teixeira Pinto seu cadaver foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.41v⁸⁹

⁸⁹ O Fólío 41 verso está em branco (não foi manuscrito).

1897⁹⁰

1

Raimundo Adulto = Aos cinco de Janeiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de pleuris e na idade de dezoito annos, Raimundo filho legitimo de Luiz Marques da Costa. Recebeo os sacramentos da Igreja seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

2

João Adulto = Aos trez de Janeiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu em Pau ferrado, victima de tuberculose com idade de 27 annos João Boanerges de Carvalho casado que era com Maria do Carmo de Carvalho. Recebeo os sacramentos repetidas vezes seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Manuel Adulto = Aos 2 de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu victima de facadas jogadas por Domingos Sampaio Manuel Amancio Reis, solteiro, natural de Sobral, com idade de 25 annos; confessou-se; seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

João Adulto = Aos dezoito de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de velhice com 90 annos João Carneiro da Silva, casado que era com Bernarda de Jezus. Seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Joaquim = A um de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tistica na idade de 28 annos Joaquim Lou-

reiro Pinto, solteiro, confessou-se e commungou seu cadaver amortalhado foi, depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.42v

⁹⁰ Início de registros de um novo ano.

6

Tertuliano **Adulto** = Aos quatorze de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete faleceu de anazarca na idade de quarenta annos Tertuliano ramos, casado que era com Anna Vaz seu cadaver amortalhadofoi encommendado por mim e sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

7

João **Adulto** = Aos quinze de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tuberculose com idade de 21 annos João Almeida Silva, solteiro, natural de **São** Matheus; seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochiaDo que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Pedro **Parvulo** = Aos desoito de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de interite o parvulo Pedro filho de José **Rodrigues** de Souza seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Raimunda **Parvula** = Aos desoito de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano a parvula Raimunda filha legitima de de Joaquim Alves de Oliveira, cujo cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

⁹¹Aos vinte cinco de fevereiro demil oitocentos e noventa e sete

falleceu de tetano a parvula Maria filha legitima de Cordo lino Marques de Salles. Depois de encommendado por mim seu cadaver mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Filomena **Parvula** = A hum de março demil oitocentos e noventa sete falleceu de tetano a parvula Filomena filha legitima de José Antonio d'Hollanda cujo cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

11

Francisco **Adulto** = Aos trez de março demil oitocentos e noventa sete, nesta villa falleceu de camara de sangue e na idade de 56 annos, Francisco Ferreira Diniz, tendo recebido antes os sacramentos da hora da morte

⁹¹ Não foi registrado um número para o registro de óbito.

casado que era com **Dona** Josefa Mourão seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta parochia. Do que *para* constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

12

José **Parvulo** = Aos cinco de março demil oitocentos e noventa e sete falleceu victima de uma facada; casualmente dada por Joaquim Guimarães, que ultimamente foi processado e depois livre pelo jury o parvulo José, oito annos de idade filho *legitimo* de Francisco Ferreira d'Araujo seu cadaver foi sepultado ao outro dia no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Felisbella **Parvula** = Aos 7 de março demil oitocentos e noventa e sete falleceu de parto no sitio Alto grande **Dona** Felisbella Reis da Costa com 25 annos de idade, casada que era com José Ferreira de Salles. Recebeo todos os sacramentos da Igreja e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio do Retiro. Do que para constar fis este

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.43v

14

Domingos Adulto= Aos nove de março demil oitocentos e noventa e sete em sua fazenda Cachoeira, falleceu de erypsela e na ida de cincoenta annos . Capitão Domingos de Souza Pessoa casado que era com **Dona** Francellina **Rodrigues** Pessôa. Recebeo os Sacramentos da Santa Igreja seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Maria **Parvula** = Ao primeiro de março demil oitocento e noventa sete falleceu de enterite a parvula Maria filha legitima de Ednardo Vieira da Cruz seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Cosme **Parvulo** = Aos quinse de março demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano o parvulo Cosme, filho legitimo de Ignacio Leitão de Mello. Seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Damião **Parvulo** = Aos vinte um de março demil oitocentos e noventa e sete, falleceu de tetano o parvulo Damião, filho legitimo de Ignacio Leitão de Mello. Seu cadaver amortalhado sepultado foi no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Domingos **Adulto** = Aos vinte dous de março demil oitocentos e noventa e sete, falleceu de tuberculose com idade de sessenta annos, Domingos Pereira Barbosa, casado

Fl.44r
(Lima)

que era com Maria Joaquina do Nascimento, seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

19

José **Parvulo** = Aos vinte cinco de março demil oitocentos e noventa e sete falleceu de spasmo o parvulo José, filho legitimo de João Pereira de Sousa, seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Maria **Parvula** = Aos quatro de março demil oitocentos e noventa sete, tendo falecido na vespera a parvula Maria. filha legitima de Antonio de Sales Gomes depois de encommendado por mim foi sepultado o seu cadaver no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

21

José **Adulto** = Aos dez de abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica na idade de cincoenta e cinco annos de idade José Vicente Ferreira, casado que era com Izabel Vianna de Mesquita; Confessou-se seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

22

Candido **Adulto** = Aos treze d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de veneno de cascavel Candido José Rodrigues, solteiro, trinta annos de idade filho legitimo de Civintiliano Francisco de

Fl.44v

Farias seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio particular de Olhod'agua. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Maria **Adulta** = Aos quinze d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica com idade de 38 annos Maria Joanna do Nascimento, casada que era com Antonio Pinto Barreto confessou-se e commungou; seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Manuel **Adulto** = Aos trese de Março demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica com idade de cincoenta e seis annos Manuel de Mattos Saldanha casado que era com Joanna Vieira Saldanha confessou-se e commungou; seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

25

José **Parvulo** = Aos oito de abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu tetano o parvulo José filho legitimo de Pedro Pinto de Mesquita; seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Francisca **Parvula** = Aos oito d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano a parvula Francisca filha legitima de Joaquim Gregorio de Sousa seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico. Do que Philomeno Monte Coelho

Fl.45r
(Lima)

27

Luis **Parvulo** = = Aos dezeseis d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu tetano o parvulo Luiz filho legitimo de Antonio de Salles Gomes; seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Luiz **Adulto** = Aos vinte de abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de estupor com sessenta annos de idade Luiz Marques da Costa, casado que era com Florencia Marques, confessou-se seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Joaquim Adulto= Aos dezesete d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de hemoptyse com idade de setenta annos, Joaquim Luis Teixeira, casado que era com Antonia Ferreira d'Oliveira; confessou-se; seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

30

José Parvulo = Aos vinte quatro d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano o parvulo José, filho illegitimo de Raimunda da Costa seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Rita Parvula= Aos vinte quatro d'abril demil oitocentos e noventa e setefalleceu de tetano a parvula Rita filha legitima de Venancio Francisco de Moura, seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.45v

32

Luisa Adulta = Aos vinte quatro d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de velhice a preta Luisa Rodrigues de Maria, com idade de oitenta annos seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

33

Maria Parvula = Aos quatro de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano a parvula Maria filha de Francisca Elay seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Anna Adulta = Aos quatorse de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de parto Anna Bessa Forte, com idade de quarenta e sete annos, casada que era com Galdino Ribeiro Bessa, seu cadaver amortalhado em preto foi sepultado no Cemiterio publico da povoação de Retiro. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

35

Raimundo *Adulto* = Aos cinco de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica Raimundo Henrique de Negueiros, solteiro, filho legitimo de Luis das Chagas Negreiros, com fessou se e commungou, seu cadaver amortalhado foi, depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que *para* constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

36

João *Adulto* = = Aos tres d'abril demil oitocentos e noventa e sete falleceu de veneno de cascavel João Teixeira de Castro, viuvo de Quiteria Teixeira, setenta e quatro annos contados, seu cadaver

Fl.46r
(Lima)

amortalhadofoi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia
Do que para constar fis este *que* assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

37

Maria *Parvula* = Aos trese de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre a parvula Maria, filha natural de Antonia Rocha Braga, contava um anno de idade seu cadaver sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

38

Vicente *Adulto* = Aos dezoito de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre e na idade de setenta annos Vicente Pereira de Souza, casado que era com Anna Rosa de Oliveira, confessou se seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

39

José *Adulto* = Aos 19 de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica José Thomas, solteiro, filho legitimo de Florencio d'Hollanda Cavalcante. Confessou se e commungou. Seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

40

Izabel *Adulta* = Aos dezeseis de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu em Fortaleza Izabel com dezeseis annos de idade, filha legitima de Antonio Paz d'Avila e Maria Francisca de Vasconcelos, foi seu cadaver sepultado no cemiterio publico da Fortaleza. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

41

Bernarda *Parvula* = Aos vinte e tres de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano a parvula Bernarda, com 30 dias de nascida, filha legitima de Cesario Rodrigues Barretto seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

42

Octaviano *Adulto* = Aos dias de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de lesão cardiaca Octaviano José Rodrigues, casado que era com Rufina Marques, com idade de setenta annos: confessou-se e commungou seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

43

Izaias *Parvulo* = Aos vinte dous de maio demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano o parvulo Izaias filho legitimo de Manuel Luis da Rocha seu cadaver encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento.

44

Antonia *Adulta* = Aos seis de junho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica pulmonar Antonia Rodrigues da Costa com vinte e oito annos de idade, casada que era com João Ferreira de Sousa; confessou-se e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

45

Theresa *Adulta* = Aos oito de junho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano espontaneo com idade de quarenta e oito annos *Dona* Theresa d'Alleluia Pessoa casada que era com João Ribeiro Pessoa Montenegro. Confessou-se teve missas de corpo presente e enterro solenne. E seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemi-

terio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

46

Marciana *Adulta* = Aos oito de junho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre Marciana, escrava que foi do finado Alexandre Rodrigues tinha 66 annos de idade confessou-se commungou e foi ungida; seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

47

Eufrazia **Adulta** = Aos des de junho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de congestão Eufrazia Maria do Nascimento viuva de Custodio de Tal com idade de oitenta annos seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

48

Antonia **Parvula** = Aos vinte e sete de junho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano a parvula Antonia filha legitima de Antonio Bastos Filho, seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

49

Floren-

tina⁹² = Aos trinta de junho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de inflamação a parvula Florentina 6 annos de idade, filha legitima de Francisco Domingos Dias. seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

50

Raimunda **Adulta** = Aos sete de Julho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano espontaneo **Dona** Raimunda Francisca do Sacramento, com 48 annos, casada que era com José Fernandes do Rego, confessou-se teve missa de corpo presente enterro e encommendação solene e seu cadaver foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.47v

51

Maria **Adulta** = Aos quatorse de Julho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre Maria da Penha Moraes, casada que era ⁹³ morador no Arraial contava 50 annos confessou se e commungou seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

52

Antonio **Adulto** = Aos dессeseis de Julho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de mordedura de cascavel Antonio Januario Barretto com 73 annos casado que era com Francisca Ferreira de Paulo Barretto fallecida anteriormente. Teve missa de corpo presente enterro solem ne seu cadaver depois de encommendado foi se-

⁹² A indicação nominal encontra-se na margem do fólio translineada com hífen.

⁹³ Nome do cônjuge não registrado pelo autor, constante apenas um espaço em branco.

pultado no Cemiterio publico desta parochia
Do que fis este que assigno. Vigario Monte Coelho

53

José **Parvulo** = Aos vinte de Julho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano o parvulo José com quatorse mezes de idade, filho legitimo de Manoel Primo de Souza seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

54

Joanna **Adulta** = Aos vinte seis de Julho demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tísica e na idade de cincoenta e cinco annos Joanna Antonia da Conceição casada que era com Francisco Pedro da Silva; confessou se e commungou tendo missa de corpo presente seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

55

Marcello **Adulto** = Aos vinte nove de Julho demil oitocentos e noventa e sete falleceu Marcello Francisco da Silva na idade de trinta e cinco annos, casado que era com Antonia Maria da Conceição; Confessou-se. Seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.48r
(Lima)

56

Agostinho **Adulto** = Aos des d'Agosto demil oitocentos e noventa e sete falleceu de aneurisma Agostinho Ferreira de Araujo, na idade de 69 annos, casado que era com Joanna Maria da **Conceição** Confessou se e commungou seu cadaver depois de encommendado por mim, havendo missa de corpo presente, foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

57

Luiz **Parvulo** = Aos dez de agosto demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano o parvulo Luis, filho legitimo de Francisco Manuel da Costa, seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

58

Manuel **Parvulo** = Aos desesseis de agosto demil oitocentos e noventa e sete falleceu um dia depois de nascido o parvulo Manuel filho legitimo de João da Costa, seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

59

João **Adulto** = Aos vinte e cinco de agosto demil oitocentos e noventa e sete falleceu de pericardite João de Sá Albuquerque na idade de cincoenta annos, casado que era com Francisca Pinto de Mesquita. Confessou se e seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

60

Antonio **Parvulo** = Aos dezeseite de setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano na idade de 3 mezes o parvulo Antonio filho legitimo de Antonio Rufino de Mesquita, seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

61

Maria **Parvula** = Aos vinte dous de Setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano 3 dias depois de nascida

Fl.48v

a parvula Maria, filha legitima de Ricardo Pinto de Mesquita seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

62

Francisca **Parvula** = Aos vinte tres de Setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de anasarca a parvula Francisca, sete annos de idade, filha legitima de Manuel Borges da Silva seu cadaver depois de encommendado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

63

Nicomedes **Adulto** = Aos cinco de Setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febres em seu domicilio ao Olho d'agoa Nicomedes Leitão casado que era com Genoveva Leitão; confessou se. seu cadaver foi sepultado no cemiterio de Assumpção Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

64

Delmiro Adulto = Aos vinte seis de Setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu repentinamente em Guahy, Delmiro Francisco Brandão, seu cadaver foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz desta freguezia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

65

Francisco Adulto = Aos vinte oito de Setembro demil oitocentos e noventa e sete Francisco da Crus e Mello viuvo que era de Helenna Lucia da Crus. Confessou se recebeu os ultimos sacramentos seu cadaver foi depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico

desta parochia. do que fis este *que* assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

66

Rita *Parvula* = Aos vinte nove de Setembro demil oitocentos e noventa e sete, falleceu de tetano com idade de

Fl.49r
(*Lima*)

quatro mezes a parvula Rita, filha legitima de Antonio dos Santos Bastos; seu cadaver depois de encomendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

67

Maria *Parvula* = Aos trinta de Setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febres com idade de sete annos, Maria, filha legitima de Francisco Rodrigues do Nascimento seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

68

Maria *Adulta* = Aos trinta de Setembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu com idade de sessenta annos, victima de febres

Maria Viera Marques, viuva do finado José Marques Vianna. Confessou-se, seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado solenemente por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

69

Manuel *Adulto* = Aos tres de Outubro demil oitocentos e noventa e sete em *São* Thome falleceu de febre e na idade de setenta annos

Manuel dos Santos, casado que era com *Dona* Maria dos Santos, confessou se e recebeo a extrema uncção e foi sepultado no cemiterio de Santa Cruz.

Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

70

Christina *Adulta* = Aos dez de Outubro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febres *Dona* Christina Victalina Bastos com vinte um annos e idade, filha legitima do Tenente Coronel Antonio Severiano Bastos, residente em Assumpção Confessou se, teve enterro solemne Missa de corpo presente e foi sepultada no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.49v

71

Marieta *Parvula* = Aos onze de Outubro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre a parvula Marieta com oito mezes de idade, filha legitima de José Fernandes dos Santos e Maria José Fernandes seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este assento que

assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

72

Francisco Adulto = Aos dezeseis de Outubro demil oitocentos e noventa e sete falleceu em seu domicilio ao Sitio *Santo* Amaro e na idade de vinte sete e victima de tísica na larynge Francisco Teixeira Bastos Filho casado que era com Maria Teixeira Bastos confessou-se, commungou e ungiu-se seu cada ver foi transportado para esta villa em cujo cemiterio foi sepultado ao outro dia depois de encommendado por mim Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

73

Antonio *Adulto* = Aos dezoito de Outubro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre Antonio Ferreira de Mattos Filho, na idade de dezeseite annos, filho legitimo Antonio Ferreira de Mattos. seu cadaver amortalhado de branco foi; depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

74

Joanna *Adulta* = Aos dezoito de Outubro demil oitocentos e noventa e sete falleceu da vida presente em casa de seu genro e curador Domingos *Rodrigues* Barretto – *Dona* Joanna Ferreira de Paula viuva de João Francisco Ferreira, tendo de idade noventa e cinco annos. Teve missa de corpo presente enterro e encommendação solemne, mandado celebrar por seu genro acima declarado seu cadaver guardado em honesto esquife foi sepultado ao dia seguinte no Cemiterio publi

Fl.50r
(*Lima*)

co desta parochia, houve [ilegível] da familia para exequias de setimo dia, tudo do que fica registrado para honra e credito do bem haver desempenhado seus deveres o seu digno genro e curador. Do que para constar fis este que termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

75

Antonia *Parvula* = Aos desenove de Outubro de mil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre a parvula Antonia, filha legitima de Antonio Luis de Mesquita e Mathilde Teixeira de Mesquita contava seis mezes de nascida, seu cadaver amortalhado em azul foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

76

José *Adulto* = Aos vinte de Outubro de mil oitocentos e noventa sete falleceu de pericardite e na idade de sessenta e seis annos José Joaquim Cardoso, casado que era com Florinda Rufina de Maria; confessou-se commungou e foi ungiu, e seu cadaver amortalhado depois de encommendado foi sepultado

no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo, que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
77

José **Adulto** = Aos vinte de Outubro de mil oitocentos e noventa e sete pereceu de um disparos da propria espingarda *que* encostáse á parede de casa á Fazenda Torella, onde de viagem para esta villa pretendia pousar o infelis, José Alves Filgueiras por alcunha , farinheiro, solteiro, residente nésta villa tendo trinta e cinco annos de idade; seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio particular do Livramento Doque para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
78

Rosalina **Adulta** = Aos vinte e um de Outubro de mil oitocentos e noventa e sete em seu domicilio ao Sitio Eugucho no Mundahu, desta freguezia, onde compareci e confessei-a, tomando depois o sagrado viactico e extrema unção – Rosalina Ferreira de Mello, com 70 annos de idade, casada que era com Antonio Rodrigues Barbosa. Foi sepultada no Arraial Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.50v

79

Antonio **Adulto** = Aos vinte e sete de Outubro demil oitocentos e noventa e sete em seu domicilio à Fazenda Cacimbinha⁹⁴ desta freguezia faleceu, victima de lezão cardiaca, e na idade de trinta e trez annos, Antonio Rodrigues das Chagas casado que era com Francisca Rodrigues das Chagas; seu cadaver amortalhado em branco foi; ao outro dia, sepultado no Cemiterio publico da povoação de Retiro Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
80

Joanna **Adulto** = Aos vinte e nove de Outubro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de pericardite em seu domicilio ao sitio Genipapo com idade de trinta annos Joanna Maria da Conceição casada com Valdivino Mendes Barbosa e seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico da povoação de Santa Cruz no dia seguinte Do que para constar fis este assento, que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho
81

Mariana **Adulto** = Aos vinte de Fevereiro demil oitocentos e noventa e sete falleceu em Santa Maria a [viadora] Mariana Caetana de Paiva, victima de tísica, confessouse e comungou, era cazada com Manuel Miguel de Mendonça, morador na Lagoinha e contava 32 annos seu cadaver foi sepultado no Cemiterio de *Santa* Cruz. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁹⁴ Grifo do autor.

82

Geralda *Adulta* = Aos quinze de Novembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu em seu domicilio na Fazenda Riacho Feio Geralda Barbosa, solteira, 30 annos de idade, victima de febres, filha legitima de Antonio Barbosa Ribeiro confessou-se e recebeu a Extrema unção; seu cadaver conduzido a esta villa foi, depois de encomendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.51r
(Lima)

83

Vicencia *Adulta* = Aos desete de Novembro demil oitocentos e noventa e sete em seu domicilio a Fazenda *São* José falleceu de beriberi *Dona* Vicencia Ferreira Lustosa, 50 annos se idade, casada que era com João Antonio Magalhães, seu cadaver de pois de encommendado por mim, foi sepultado no Cemiterio particular de *São* José. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

84

Francisco *Adulto* = Aos dez de Novembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febres em seu domicilio a fazenda Buqueirao do Aracatyassú onde compareci *para* confessal-o e depois commungou e foi urgido – Francisco Ferreira Filho, 30 annos de idade, casado que era com Antonia Barbosa Vieira seu cadaver foi, depois de encommendado por mim se pultado no Cemiterio publico de Aracatyassú. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

85

Pedro *Adulto* = Aos dezoito de Novembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu nesta villa de febres Pedro José Coelho do Nascimento, 34 annos annos de idade, casado que era com Anna Maria do Nascimento; confessou-se e commungou seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta villa Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

86

Luiz *Adulto* = Aos vinte de Novembro demil oitocentos e noventa na povoação do Retiro, falleceu de inflammação e na idade de cincoenta e nove annos, Luiz Ferreira Gomes, viuvo de Francisca Maria da Lus, confessou-se e commungou e foi urgido e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio do Retiro no dia seguinte, tendo se lhe feito as ex equias no 3º dia do seu passamento na Igreja de *São* Francisco a custa do despolio⁹⁵ do finado. Do *que*

⁹⁵ Espólio.

para constar fis este que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.51v

87

Joaquina *Adulta* = Aos vinte dias de Novembro demil oitocentos e noventa e sete, em seu domicilio no sitio Guahy falleceu de febre e na idade de trinta e seis annos *Dona* Joaquina da Crus, casada que era com Francisco da Crus Marinho; seu cadaver depois de amor talhado foi sepultado no Cemiterio publico da povoação de Santa Cruz. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

88

Francisco *Parvulo* = Aos vinte e dous de Novembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre nésta villa o parvulo Francisco, filho legitimo de Alexandre Vieira d'Alencar e Francisca de Paula Carneiro e seu cadaver amortalhado de sobrepeliz foi, depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico désta Villa no dia seguinte Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

89

Joanna *Adulta* = Aos vinte e trez de Novembro demil oitocentos e noventa e sete, falleceu de febre em seu domicilio no sitio Bom Jesus Joanna Xavier, viuva, com oitenta annos de idade, seu cadaver transportado *para* Assumpção, alli foi sepultado; do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

90

Anna *Parvula* = A um de Novembro demil oitocentos e noventa sete falleceu de febre na idade de quatro annos a parvula – Anna – filha legitima de Florencio José do Nascimento, e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico désta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

91

Modesta *Adulta* = Aos vinte e cinco de Novembro demil oitocentos e noventa sete em seu domicilio nesta villa falleceu com idade de oitenta annos *Dona* Modesta de Castro, viuva de Marcellino Ferreira de Castro seu cadaver depois de encommendado por mim

foi sepultado no Cemiterio publico désta Parochia
 Ella recebeo os 3 sacramentos dos enfermos
 Do que para constar fis este assento que assigno
Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.52r
(Lima)

92

Manoel *Adulto* = Aos nove dias do mes de Dezembro demil oitocentos e noventa e sete, falleceu de paralisia geral em seu domicilio ao sitio Palmeiras e com idade de setenta e quatro annos – Manuel Pereira Passos, casado que era com Izabel Pereira de Mello; confessou-se commungou e foi unguido e seu cadaver amortalhado foi solemneamente transportado em esquife proprio ao cemiterio onfoi⁹⁶[[foi]] solemneamente encommendado por mim, e depois sepultado aos dias ^{seguinte}no⁹⁷ Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

93

Francisco *Parvulo* = Aos onze de Dezembro demil oitocentos e noventa e sete, falleceu detetano o parvulo Francisco, com tres mezes de idade, filho legitimo de José Pereira das Chagas e Joanna Maria da Conceição; e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'êsta Matris. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

94

João *Adulto* = Aos doze de Dezembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre, João Bernardo de Sousa com oitenta annos de idade, casado que era com Faustina Dias Vianna. Confes souse e commungou seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

95

Vicente *Adulto* = Aos vinte quatro de Dezembro demil oitocentos e noventa e sete falleceu de febre Vicente Alex da Crus com oitenta annos de idade, casado que era com Maria Joaquina Braga, não confessou se, mas seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado sepultado no Cemiterio

publico d'êsta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

96

Joanna *Adulta* = Aos vinte quatro de Dezembro demil e oitocentos e noventa e sete, falleceu de congestão em sua casa ao Sitio Guahy Joanna Moreno com sessenta annos de idade, viuva de José Moreno, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl. 52v

⁹⁶ Onde foi?

⁹⁷ Subscrito no original.

97

Manuel *Adulto* = Aos trez de Outubro demil e oitocentos e noventa e sete falleceu de febre Manuel Joaquim dos Santos, com sessenta annos de idade; casado que era com Maria dos Santos; e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico de Santa Cruz. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

98

Raimunda *Parvula* = Aos dezeseis de Dezembro demil e oitocentos e noventa e sete falleceu de tetano a parvula Raimunda de trez mezes de nascida, filha legitima de Antonio Firmino de Mesquita; seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

1898⁹⁸

1

Pedro **Parvulo** = Aos sete de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu ao nascer o parvulo Pedro – filho legitimo de Pedro Spinosa de Filho e Maria Antonia Spinosa; e seu cadaver amortalhado de Branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Leodegaria = Aos quatro de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de interite a parvula Leodegaria, cinco annos de idade filha legitima de José Bernardino de Salles e Rosa Ferreira Gomes, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

3

José **Adulto** = Aos nove de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de congestão ao seu domicilio no sitio Guahy José Pedro de Sousa casado que era com ⁹⁹ tinha cincoenta e seis annos de idade, confessou-se e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio de Santa Crus. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Genoveva **Adulta** = Aos trese de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de parto em seu domicilio no Sitio **São** Mathias Genoveva Maria da Conceição, com trinta e cinco annos, casada que era com João Januario de Mattos e seu cadaver amortalhado em habito preto, foi sepultado ao dia seguinte depois de encommendado por mim no-cemiterio publico d'esta parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

João **Adulto** = A um de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito pereceu de um tiro de rifle na povoação de Santa Cruz, João Taveira trinta e cinco annos de idade, casado que era com Joanna Grinalda¹⁰⁰ Taveira; seu cadaver transportado para esta villa foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

⁹⁸ Início de um novo ano de registros de óbito.

⁹⁹ Espaçamento deixado pelo autor.

¹⁰⁰ Grinalda?

6

Maria **Adulta** = Ao quinse de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito nésta villa e seu domicilio, falleceu de tísica pulmonar **Dona** Maria Antonia Spinosa, de trinta e cinco annos de idade, casada que era com Pedro Spinosa Filho, recebeu os tres sacramentos dos enfermos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado depois de encommendado por mim no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

7

João **Parvulo** = Ao dezeseite de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito nésta villa falleceu de anazarca o parvulo João, de dez annos de idade, filho legitimos de Francisco Carneiro da Silva e seu cadaver amortalhado em habito preto foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia no dia seguinte. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Joanna **Adulta** = Ao dezoito de Dezembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de lesão Joanna Barros, de trinta e nove annos casada que era com Pedro **Ferreira** Gomes, confessou-se seu cadaver amortalhado em brancofoi sepultado depois de encommendado por mim no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Anna **Adulta** = Ao vinte um de Feveireiro falleceu de congestão Anna Gertrudes, com oitenta annos de idade, viuva de Bento Pereira, e seu cadaver amortalhado e depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Francisca **Adulta** = Ao dezeseis de Feveireiro demil e oitocentos e noventa e oito sepultou-se no Cemiterio publico desta parochia Fancisca Candida, com 70 annos, solteira. Recebeo os sacramentos. Do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

11

João **Adulto** = Aos seis de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de anemia João Saraiva casado com Angelica Saraiva - tinha setenta e sete annos, confessou se e recebeu os sacramentos dos enfermos e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta villa. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.54r
(Lima)

12

Manuel *Parvulo* = Aos seis de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu ao nascer sendo entretanto baptizado em artigo de mortis o parvulo Manuel, filho legitimo de Antonio Fabricio do Nascimento e Anna Maria do Nascimento, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta villa hoje sete de março Do que para constar fis este *que* assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Maria *Adulta* = Aos quatorse de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de inflamação e na idade de cincoenta e oito annos, Maria Pinto confessou-se e recebeu o sagrado viatico e seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim se pultado no Cemiterio publico desta Parochia do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Maria *Parvula* = Aos vinte e quatro de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano a parvula Maria com seis annos de idade, filha legitima de Francisco Geraldo de Andrade e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.54v

15

Francisca *Adulta* = Aos deseseis de fevereiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tísica Francisca Vicencia com cincoenta e oito annos de idade; confessou se e com mungou. E seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Maria *Parvula* = Aos vinte e tres de Fevereiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetato a parvula Maria, filha illegitima de Theodora Neves da Silva e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Maria *Parvula* = Aos quatorse de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano a parvula Maria, com um anno de idade, filha legitima de Silvestre Serafhim e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Francisca *Adulta* = Aos vinte e um de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de dystorcia Francisca Fernandes Carneiro, com trinta e oito annos, casada que era com Alexandre de Alencar recebeu os sacramentos dos enfermos. E seu cada-
ver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

19

Luiza *Adulta* = Aos trinta de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de parto Luisa Maria da Motta, com 35 annos de idade casada que era com Eustachio Rodrigues de Vasconcelos e seu cadaver, amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico do Pão de Assucar. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.55r
(Lima)

20

Francisco *Adulto* = Aos vinte e oito de abril demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de congestão Francisco Barbosa do Espirito Santo com 40 annos, casado que era com Filomena Barbosa; seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este Vigario Philomeno Monte Coelho

21

Anna *Adulta* = Aos seis de maio demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de inflamação – Anna Barroso. Com trinta annos e idade casada que era com Tertuliano Gonçalves Barroso; confes-
sou se e commungou; seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

22

Francisca *Adulta* = Aos vinte oito de Maio demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tísica Francisca Pinto de Mesquita, com quarenta annos de idade, casada que era com Francisco Reis do Nascimento. Recebeo os sacramentos dos enfermos e seu cadaver amortalhado foi, depois de encommendado, sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Antonia *Adulta* = Aos trinta de Maio demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tísica Antonia Renovata d'Araujo, com trinta, nove annos, casada que era com Francisco Ferrreira da Silva e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio de São José. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Maria **Parvula** = A um de junho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano a parvula Maria. com dias de nascida, filha legitima de Antonio Pereira; e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico désta Parochia

Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Pedro = Aos dous de junho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano com um anno de nascido

Fl.55v

o parvulo, Pedro, filho de José Pereira Lima Sobrinho, sendo o cadaver sepultado no Cemiterio publico desta Parochia . Do que fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Maria **Adulta** = Aos dous de junho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de parto, e na idade de vinte e quatro annos Maria do Carmo Marques, casada que era com Saturnino Borges de Freitas, confessou se e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico désta Parochia. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Raimunda **Adulta** = Aos trese de Junho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de congestão Raimunda Marques da Costa, viuva de João de tal – com sessenta e oito annos; e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico désta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Manuel **Parvulo** = Aos treze de Junho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano o parvulo Manuel com uma annos de idade, filho legitimo de José Hermino Braga e Maria Sabino de Jesus; seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Maria **Parvula** = Aos trese de Junho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano a parvula Maria, com 2 mezes de idade, filha legitima de Damião Martins Leitão, e seu cadaver amortalhado em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia

Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

30

Joaquim **Adulto** = Aos dous de Julho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de lesão cardiaca Joaquim Alves Carneiro casado que era com Francisca Maria d'Anunciação com 81 annos, confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico

Fl.56r

(Lima)

désta Parochia. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Raimunda Parvula = Aos sete de Julho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano a parvula Raymunda com 7 mezes de idade filha legitima de Manuel Francisco d'Araujo e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

32

José Adulto = Aos vinte um de Julho demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tísica em seu domicilio nésta villa José Antonio d'Oliveira com sessenta e quatro annos de idade, casado que era com **Dona** Rosa Barbosa Cavalcante confessou-se e recebeu os sacramentos dos enfermos e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

33

Raimunda Parvula = A um de agosto demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano a parvula Raimunda de quatro mezes de idade filha legitima de Joaquim da Cruz Marinho e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico désta Matriz. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Antonio Adulto = Aos cinco de Outubro demil e oitocentos e noventa e oitofalleceu nésta villa de beribéri Antonio Rodrigues d'Araujo de 45 annos, casado que era com Francisca Barbosa d'Araujo e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

35

Dionisia Adulto = Aos treze de Outubro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de parto Dionisia Menelau de Salles, com trinta annos, casada que era com José Ferreira de Salles e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Ce-

miterio publico désta Parochia. Confessou-se e foi seu corpo encommendado na forma do Ritual Romano. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

36

Maria = Aos sete de novembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de Cancro, e na idade de quarenta annos Maria Baptista, casada que era com Antonio Baptista, confessou-se e recebeu os ultimos sacramentos da Igreja. Do que para constar fis este que assigno.

Fl.56v

Vigario Philomeno Monte Coelho

37

José *Parvulo* = Aos sete de novembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano o parvulo José com um mez de nascido, filho legitimo de Laureano d'Araujo Bastos seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

38

Francisca *Adulta* = = Aos oito de dezembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de febre Francisca Maria da Conceição com oitenta annos de idade, casada que era com Joaquim Alves Carneiro, e confessou-se, e seu cadaver, depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

39

Otilia *Parvula* = = Aos oito de Dezembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano com tres dias de nascida a parvula Otilia, filha illegitima de Otilia Pinto de Mesquita seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

40

José *Parvulo* = Aos dezenove de Dezembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de tetano o parvulo José filho legitimo de Francisco Germano dos Santos

seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

41

João *Adulto* = Aos vinte e oito de Dezembro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de anazarca João José *Ferreira* com noventa annos de idade, casado que era com Joaquina Maria da Conceição, que fallecera, e seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

42

Maria *Adulta* = Aos quinze de Fevereiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu em Santa Cruz, victima de febres Maria da Penha, com vinte annos, filha legitima de Francisco Manoel Teixeira, seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.57r
(Lima)

43

Izabel **Adulta** = Aos dias de Fevereiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de febre em Santa Cruz, Izabel de Andrade, casada que era com Antonio d'Andrade seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio de **Santa Cruz**. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

44

Francisca **Adulta** = Aos dias primeiro de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de febres em Santa Cruz a Francisca, filha legitima de Saulino Rodrigues da Costa seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta povoação Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

45

Luiza **Adulta** = Aos dias de Março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de febres em **Santa Cruz** Luiza Mendes com 50 annos, casada que era com Luiz Velloso seu cadaver foi sepultado no cemiterio de **Santa Cruz** Do que fis este **que** assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.57v

46

Sebastiana **Adulto** = Aos dias primeiros de março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de febres em **Santa Cruz** Sebastiana Mendes, com trinta dois annos viuva de Vicente Martins; e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico da povoação de **Santa Cruz**; do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

47

Maria **Adulta** = Aos dous dias do mez de março demil e oitocentos e noventa e oito falleceu de febre Maria do Espirito Santo Teixeira, com vinte e oito annos de idade casada que era com José Francisco Teixeira e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico da povoação de Santa Cruz, desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

48

Adulta = Aos trinta de Janeiro demil e oitocentos e noventa e oito falleceu Maria Ferreira Chaves de 40 annos de idade, casada que era com Gabriel José dos Santos, seu cadaver foi sepultado no cemiterio publico do Retiro, na enfermidade recebeu os socorros espirituais. Do que para constar faço este termo e assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.58r
(Lima)

1899¹⁰¹

1

Theresa **Adulta** = Ao oito de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de febre Thereza Maria de Jezus, quarenta annos, casada que era com Florencio da Penha confessou-se seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia tendo antes sido encommendado por mim Do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Antonio **Adulto** = Aos vinte de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de pericardite na idade de trinta annos Antonio Bastos dos Santos, casado que era com Antonia Bastos confessou-se; e seu cadaver amortalhado em habito preto foi depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que *para* constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Maria **Adulta** = Aos vinte um de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de anemia Maria Camello, com vinte quatro annos, filha legitima de João Camello Bizerra, e seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Raimunda **Adulta** = Aos treze de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de parto Raimunda Pinto Bastos, casada que era com Jorge Vianna de Mesquita e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio da povoação do Retiro. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Neutel **Adulto** = Aos vinte quatro de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu na idade de cincoenta

Fl. 58v

Neutel **Adulto**¹⁰² = cinco annos Coronel Neutel Pinheiro Bastos victima de tiros de rifle no caminho [*qualquer*] desta villa ia para sua fazenda Conceição no lugar afastado do Buqueirão, era casado com Francisca Argentina de Menezes Bastos, seu cadaver transportado para esta villa foi sepultado ao outro dia juntamente com o de João Passarinho que *tambem* foi victima. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

¹⁰¹ Início de um novo ano de registros.

¹⁰² A indicação nominal é repetida no verso do fôlio, continuação do registro.

6

João *Adulto* = = Aos vinte quatro de Janeiro de mil e oitocentos e noventa e nove foi assassinado a tiros de rifle

João Passarinho, casado que era com e

.¹⁰³ e seu cadaver transportado a esta

villa foi sepultado ao outro dia no cemi-

terio publico desta villa. Do que para constar

fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

7

Francisca de Mattos = Aos dez Fevereiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de tuberculose pulmonar *Dona*

Francisca de Mattos, solteira, sessenta annos de

Idade, filha do finado Domingos de Mattos, confes-

sou-se e recebeu o Santo Viatico. seu cadaver

amortalhado foi depois de encommendado por mim

sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que

para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Servita *Parvula* = Aos onze de Fevereiro de mil e oitocentos e noventa e nove, falleceu de tetano a parvula

Servita, trez mezes de idade, filha legitima

de Pedro Alexandrino de Souza, seu

cadaver amortalhado em branco sepul-

tado no Cemiterio publico desta Parochia

Do que fis este termo Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.59r
(Lima)

9

Francisco Adulto = Aos treze de Março de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de anemia e com oitenta e trez annos

de vida Francisco Pereira de Souza, casado com

Francisca Maria de Jesus. Confessou-se e recebeu

a extrema unção : seu cadaver amortalhado em

branco foi depois de encommendado por mim

sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta

Parochia. Do que fis este Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Francisca Adulta = Aos dezeseite de Março de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de tuberculose pulmonar

na idade de vinte e cinco annos – Francisca Julia

das Chagas, casada que era com João Vieira do Nas-

cimento. Recebeo os socorros da Religião nos

tres sacramentos dos enfermos. Seu cadaver

depois de amortalhado foi sepultado no cemiterio

publico desta Parochia. Do que fis este termo

que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

¹⁰³ Sinais gráficos usados para omitir o nome da cónjuge do falecido.

11

Antonio *Parvulo* = Aos vinte e sete de março de mil e oitocentos e noventa e nove, falleceu de tetano o parvulo Antonio tres mezes de vida – filho legitimo de Cordolino Marques de Salles. Seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

12

Umbelina *Adulta* = Aos quatro de Abril de mil e oitocentos e noventa e nove, falleceu de turbeculose Umbelina Guedes de Miranda com 64 annos de idade, casada que era com Luiz de Sousa Miranda seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado ao outro dia no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.59v

13

Manuel *Adulto* = Aos vinte dous de fevereiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de febres na idade de sessenta annos – Manuel Lucio de Mesquita, casado com Rita Pereira Lima. Confessou-se e commungou seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Francisco Adulto = Aos sete de março de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de anemia e com oitenta annos de idade Francisco Estevão do Nascimento, solteiro confessou-se e commungou. Seu cadaver amortalhado foi, depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Francisco Parvulo = Aos vinte quatro de fevereiro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de tetano o parvulo Francisco, um anno de vida, filho legitimo de Francisco Martins Leitão seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Januaria *Adulta* = Aos vinte sete de março de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de laringite a preta Januaria, solteira, com trinta e cinco annos de idade; confessou-se e recebeo a Extrema uncção. seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Maria **Adulta** = Aos treze de Abril de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de fome Maria Firmina, que foi encontrada

Fl.60r
(Lima)

morta em sua propria casebre, filha de Romão de Tal seu cadaverfoi sepultadono Cemiterio desta parochia. Doque fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
18

Juvenal **Adulto** = Aos 14 de abril de 1899 falleceu de fome, em seu domicilio Juvenal, pardo, residente no suburbio da villa, casado com Maria de tal; seu cadaver foi, sepultadono Cemiterio desta Parochia. Doque fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
19

Agostinho **Parvulo** = Aos oito de Maio de 1899 falleceu de tetano o parvulo Agostinho, filho legitimo de Mandino Agostinho e Marcelina de Mesquita. Foi sepultado no cemiterio desta parochia Doque fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
20

Theresa **Adulta** = Aos primeiro de Maio de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de [sisterite] Theresa de Negreiros, filha legitima de Philadelpha de Negueiros; contava vinte annos: confessou-se e tomou a Extrema Uncção; seu cadaver, amortalhado em branco foi depo^{is} de encommendado, sepultado no cemiterio publico desta Matriz. Doque fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
21

Agostinho **Parvulo** = Aos primeiro de junho de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de inflamação Agostinho, filho legitimo de Luis Francisco d'Assis. Seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
22

Raimundo **Adulto** = Aos dose de junho de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de pleuris em seu domicilio Raimundo de Souza e Mello, 42 annos casado com Maria Lopes do Nascimento; seu cadaver transportado a Matriz teve missa de corpo presente e encommendação resada e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Matriz. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
23

Aos dez de junho de mil e oitocentos e noventa e nove

Fl.60v

23

Raimundo **Parvulo** = anazarca o parvulo Raimundo, de quatro annos de idade filho legitimo de Custodio Alves Carneiro e Rosa d'Hollan da seu cadaver foi sepultado no cemiterio publico desta Paro

chia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

24

Francisca Adulta = Aos trese de junho de mil e oitocentos e noventa e nove interite aguda Francisca Pereira viuva de Joaquim Dommingues Pereira. Com idade de sessenta annos; seu cadaver depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico da Parochia.

Do que fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Francisco Parvulo = Aos vinte e cinco de junho de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de tetano o parvulo Francisco, de quinse dias de nascido, filho legitimo Raimundo de Paula Vieira e Maria Angelica Vieira e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta Parochia. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Antonino Adulto = Aos oito de julho de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu em seu domicilio na fasenda “ Riacho Feio” f, e seu cadaver transportado *para* esta Villa, foi depois de encommendado solemnemente por mim, sepultado no cemiterio publico desta Matriz ao dia seguinte. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Luiza Adulta = Aos quatorce de Junho de mil e oito centos e noventa e nove falleceu de hemorragia interna Luisa Rufino Taveira, cincoenta annos de idade, natural de Itapipoca, casada que era com Manuel Taveira de Souza, confessou-se. Do que fis que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.61r
(Lima)

28

Felix = Aos vinte de Setembro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de febres Felix José de Souza, trinta annos viuvo de Maria da Penha. recebeu todos os sacramentos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia

Do que para constar fis este termo que. Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Manuel Adulto = Aos nove de Outubro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de colicas Manuel Francisco da Costa, cincoenta e nove annos de idade, casado que era com Maria Joaquina da Conceição. Recebeo os sacramentos dos enfermos. E seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Matris. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

30

Manuel **Parvulo** = Aos dez de Outubro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu ao nasce o parvulo Manuel, filho legitimo do soldado José Luis do Nascimento, seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Matris. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Zacarias **Parvulo** = Aos onze de Outubro de mil e oitocentos e noventa e nove sepultou-se no Cemiterio publico desta Parochia o cadaver do parvulo Zacharias, cinco mezes de idade, filho illegitimo de Florenza Pereira de Conceição. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

32

Josefa **Adulta** = Aos vinte de Outubro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu na povoação de Santa Cruz, onde compareci para confessal-a e effectivamente confessei enferma a Josefa de Freitas 45 annos de idade casada que era com João Borges de Freitas, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'aquella povoação. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.61v

33

Maria **Adulta** = Aos vinte um de Novembro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu da vida presente Maria Vianna na idade de noventa annos, viuva de Paulo Viana; recebeo os sacramentos dos enfermos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Joanna **Adulta** = Aos vinte sete de Outubro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de parto Joanna d'Almeida, de quarenta annos de idade, casada que era com João d'Almeida seu cadaver foi sepultado no Cemiterio de Santa Cruz no dia seguinte. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

35

MariaM. = Aos treze de Dezembro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de enterite Maria Francisca de Jezus, casada que era com Benedito Leitão dos Santos, tinha quarenta annos de idade. Confessou-se e recebeo os sacramentos dos enfermos, e seu cadaver depois de encomendado por mim foi sepultado Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

36

Maria *Adulta* = Aos vinte nove de Novembro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de febre Maria Ignacia viuva de João Antonio de Mattos. confesou se e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado Cemiterio do Retiro. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte

37

Benecdito *Adulto* = Aos deseseis de Dezembro de mil e oitocentos e noventa e nove sepultou-se no Cemiterio publico desta villa o cadaver de Benecdito Francisca d'Oliveira viuva de João Francisco de Macedo, tinha oitenta e quatro annos. seu cadaver Do que para constar-fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.62r
(Lima)

38

Francisca *Parvula* = Aos vinte e dous de Dezembro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu a parvula Francisca, com dous mezes de idade, filha legitima de Joaquim de Hollanda Cavalcante e Maria Francisca do Nascimento e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

39

Hellena *Adulta* = Aos os onze de Dezembro de mil e oitocentos e noventa e nove falleceu de febre Helena Francisca de Farias, com 90 annos de idade, casada que era com Joaquim Carneiro da Silva e seu cadaver amortalhado em branco foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Matris. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

40

*Parvulo*¹⁰⁴ = Aos onze de Julho de mil e novecentos¹⁰⁵ falleceu de febre o parvulo Raimundo, de dous annos de idade, filho legitimo de Joaquim da Cruz Marinho e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

41

Antonia *Adulta* = Aos vinte e dous de Julho de mil e novecentos falleceu de tistica a adulta Antonia Bastos, liberta *que* foi do finado *Doutor* José Francisco Jorge de Souza; confessou-se e commungou e recebeu a Extrema Uncção e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que

¹⁰⁴ A identificação nominal não foi registrada pelo vigário.

¹⁰⁵ Embora não tenha registrado a mudança do ano, os próximos três registros são do mês de Julho de 1900.

para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte

42

Anna *Adulta* = Aos vinte e cinco de Julho de mil e novecentos falleceu
Anna Teixeira d'Araujo, viuva na idade de oitenta
annos. confessou-se, e seu cadaver amortalhado

Anno 1900

1

Joanna *Adulta* = Aos cinco de Fevereiro de mil e novecentos falleceu de parto – com idade de quarenta annos Joanna Pereira Lima, casada que era com Joaquim da Cruz Marinho; confessou-se e seu cadaver amortalhado em branco depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Carlos *Adulto* = Aos oito de Fevereiro de mil e novecentos falleceu n'esta villa, victimado por pleuris – Carlos Francisco de Moura, com quarenta annos de idade, casado que era com Joanna de Brito; confessou-se e recebeu e extrema Uncção seu cadaver amortalhado em brancofoi depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Antonio *Adulto* = Aos trese de Fevereiro de mil e novecentos falleceu de phtysica pulmonar Antonio Cariolano de Queiroz com dezenove annos, solteiro, filho legitimo de Antonio Gonçalves de Queiróz; confessou-se, teve missa de corpo presente e enterro solemne. Do que para constar fis este termo, que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Nestor *Parvulo* = Aos quatorse de Fevereiro de mil e novecentos falleceu de crup o parvulo Nestor, com seis mezes de idade, filho legitimo de Belarmino Neves da Silva Gusmão. seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz Do que fis este que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Luisa = Aos dezenove de Fevereiro de mil e novecentos Luisa Pereira do Nascimento, solteira, sessenta annos de idade; victima de anazarca – confessou-se e commungou. Seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

6

Antonio *Adulto* = Aos dezenove de Fevereiro de mil e novecentos, tendo fallecido, sepultou-se no Cemiterio publico desta Parochia, o soldado Antonio João do Nascimento, solteiro, vinte e nove annos de idade natural de Fortaleza; confessou-se e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado tendo antes

feito lhe a encomendação. Do que para
constar fis este que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho
7

Firmino = Aos sete de Março de mil e novecentos falleceu
de mordedura de cascavel Firmino José Barbosa,
casado que era com Maria Felippa de Lima, e seu
cadaver amortalhado em branco foi sepultado no
cemiterio publico desta Matriz. Do que fiz este
assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho
8

Isabel *Parvula* = Aos seis de abril de mil e novecentos falleceu
de tetano a parvula, Isabel, com um annos,
filha legitima de Leonardo Vieira da Cruz seu
cadaver amortalhado em branco foi sepultado no
Cemiterio publico desta Parochia. Do que fis este que
assigno – Vigario Philomeno Monte Coelho –
9

Quintili
-ano- = Aos trese d'abril de mil e novecentos falleceu
de obsclusão Quintiliano José da Silva, com no-
venta annos, casado. Confessou-se e recebeo
o viactico; eseu cadaver amortalhado em
branco foi sepultado no Cemiterio de *Santa*
Cruz. Do que fis este que assigno
Vigario Philomeno Monte Coelho
10

Francisco *Parvulo* = Aos onze de Maio de mil e novecentos falleceu de
Tetano o parvulo Francisco, filho illegitimo de Joaquim
Thomas do Nascimento contava cinco dias de nascido
e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no
Cemiterio de *São* Francisco. Do que fis este que assigno
Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.63v

11
Pedro = Aos vinte e tres de Maio de mil e novecentos
falleceu de um tiro de espingarda dispara
do por Jacintho Cabecinha no parvulo Pedro
de sete annos de idade, filho legitimo de Damião
Martins Leitão e Maria do Nascimento Do
que para constar fis este que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho
12

Vicencia *Adulta* = Aos vinte e trez de Maio de mil e novecentos falle-
ceu de inanição no sitio Coité d'esta freguezia,
onde compareci para confessal-a Vicencia
Ferreira dos Anjos, viuva de Manuel Ferreira
E seu cadaver amortalhado foi sepultado no
Cemiterio publico de SantaCruz. Do que para
constar fis este que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Justiniano *Adulto* = Aos dezoito de junho de mil e novecentos falleceu de congestão – Justiniano José da Silva, casado com Francisca Barbosa de Oliveira – trinta e cinco annos. e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

14

Maria *Parvula* = Aos vinte e um junho de mil e novecentos falleceu de asthma a parvula Maria, filha legitima de José Manuel da Cruz e Maria *Francisca* da Conceição e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia – Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Maria = Aos dose de junho de mil e novecentos falleceu de sarampo a donzella Maria Jacintha com vinte e seis annos de idade, filha legitima do finado Cesario Pinto. seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.64r
(Lima)

16

Antonia *Adulta* = Aos vinte dous de julho de mil e novecentos falleceu Antonia Bastos, solteira, quarenta annos de idade victima de laryngyte, confessou-se e recebeo todos os sacramentos dos enfermos e seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que fis este *que* assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Anna *Adulta* = Aos vinte cinco de julho de mil e novecentos falleceu de inanição a octagenaria Anna Teixeira viuva, confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico d'esta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Maria = Aos dous de Agosto de mil e novecentos falleceu de febre a parvula Maria, filha legitima de Antonio Pereira da Silva e Filomena digo filha legitima de João Coelho da Cruz e Francisca Pereira de Souza – e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta Parochia. Do que *para* constar fis este. Vigario Philomeno Coelho

19

José **Adulto**= A um de agosto de mil e novecentos faleceu em seu domicilio na fazenda Papagaio José

Florencio de Mattos, casado que era com

¹⁰⁶ victima de tísica

pulmonar; confessou-se, e seu cadaver amor-

talhado em branco foi sepultado no cemi-

terio da povoação de Retiro. Do que para

constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Coelho

20

Joanna **Adulta** = Aos dezeseis de setembro mil e novecentos falleceu de phtisica Joanna Marques d'Araujo – tendo de idade dezeseis annos; confessou-se e commungou. Seu cadaver

Fl.64v

depois de encommendado por mim foi sepultado

no Cemiterio publico desta parochia Do que para

constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

21

Maria **Adulta** = Aos vinte e sete de setembro falleceu de febre

Maria Nazaria, solteira, com sessenta e oito annos

de idade; confessou-se, e seu cadaver amorta-

lhado em branco foi sepultado no Cemiterio -

publico desta parochia do que para constar

fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

22

Isabel **Adulta** = A um de Outubro de mil e novecentos falleceu

victima de congestão Isabel Ferreira, de idade

de quarenta e oito annos, viuva de José Vicente

Ferreira. Seu cadaver amortalhado em bran-

co depois de encommendado por mim

sepultado no Cemiterio publico desta paro-

chia Do que para constar fis este assento que

assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

23

Antonio **Adulto** = Aos onze de Outubro de mil e novecentos falleceu de

bexigas, na idade de quarenta annos, Antonio Luis de Mes-

quita, casado que era com **Dona**Mactilde Teixeira de

Mesquita Recebeo os sacramentos dos enfermos e seu

cadaver no mesmo dia foi sepultado no Cemiterio

publico desta parochia. Do que para constar fis

este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

¹⁰⁶ Espaço deixado pelo autor.

24

Raimundo *Adulto* = Aos treze de Outubro de mil e novecentos falleceu de bexigas, n'esta villa, Raimundo Costa, casado que era com

¹⁰⁷ de trinta annos de idade confes-

sou-se, e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta

parochia Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

25

Maria *Parvula* = Aos vinte de Outubro de mil e novecentos falleceu

de bexigas nésta villa a parvula Maria, filha legitima

Fl.65r
(Lima)

de Victalino Rodrigues Peixe e seu cadaver amortalhado em decente habito foi sepultado no cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Vicente *Adulto* = Aos dezenove de Outubro de mil e novecentos falleceu de bexigas, nésta villa, Vicente Pinto de Mesquita, com trinta e cinco

annos de idade, casado que era com Maria Amelia de

Mesquita. Confessou-se e commungou e seu cadaver

foi sepultado no cemiterio publico desta parochia Do

que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Joanna *Adulto* = Aos vinte dous de Outubro de mil e novecentos falleceu em seu domicilio no Sitio Sabonete desta freguezia Joanna

Teixeira de Mesquita, com trinta annos, casada que era

com Francisco Pinto de Mesquita; confessou-se

seu cadaver foi sepultado no cemiterio publico de

Doque para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Maria *Adulto* = Aos dias primeiro de Novembro de mil e novecentos falleceu e no seguinte sepultouse em *São* Francisco Maria

Justina de Lima, 35 annos, casada que era com

Antonio Marcos de Lima; confessou-se Doque

para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

29

Victor *Adulto* = Aos dias primeiro de Novembro de mil e novecentos falleceu de variolao octagenario Victor, morador

nésta villa, confessou-se e commungou e seu cada

ver amortalhado em branco foi sepultado no ce-

publico desta parochia Do que fis este

que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

¹⁰⁷ Espaço deixado pelo autor.

30

Raimundo = Aos sete dias do mez de Novembro falleceu de variola nesta villa Raimundo Faustino, casado que era com, ¹⁰⁸ confessou-se

Fl.65v

e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que paraconstar fis este que assigno Vigario Philomeno Monte Coelho

31

Antonio = Aos dezeseis de Novembro de mil e novecentos falleceu em seu domicilio na fazenda Junco o Antonio

Luis Corpina, casado com ¹⁰⁹

40 annos de idade confessou-se seu cadaver sepultou-se no ¹¹⁰

Do que para constar fis este Vigario Philomeno Monte Coelho

32

Francisca Adulta = Ao oito de Dezembro de mil e novecentos falleceu de anemia Francisca Barretto da Fonseca, viuva de Manuel Bernardino da Fonseca, com setenta e cinco annos, confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio da povoação do Retiro

Do que para constar fis este assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

33

Vicente Adulto = Ao primeiro de Dezembro falleceu de tísica

Vicente Lucas, casado que era com ¹¹¹

confessou-se, e seu cadaver amortalhado em branco

foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Excelsa Adulta = A onze de Dezembro de mil e novecentos falleceu de tísica pulmonar Excelsa de Carvalho

inupta, filha de João Marques de Carvalho

tinha apenas vinte annos de idade Recebeo

os sacramentos dos enfermos. E seu cadaver a

mortalhado foi sepultado no Cemiterio pu-

blico desta parochia Do que fis este que as-

signo. Vigario Philomeno Monte Coelho

Nota¹¹² = Este anno de terrível secca e de bexigas que desimaram

muito nesta Parochia, não foram somente 34 obitos que

se deram; centenas de pessoas morreram e foram sepulta

Fl. 66r
(Lima)

das, sem darem o respectivo Registro Parochial, em

¹⁰⁸ Espaço deixado pelo autor.

¹⁰⁹ Espaço deixado pelo autor.

¹¹⁰ Espaço deixado pelo autor.

¹¹¹ Espaço deixado pelo autor.

¹¹² Nota produzida pelo vigário (autor).

muitos Cemiterios inventados pela serra toda epelo sertão. É opinião geral que a causa principal da secca ter-se agravado tanto e o Governo Federal não ter socorrido em tempo de evitar o exodo precipitado e a mortandade pela fome eos grandes, prejuizos causados pelo roubo eos furtos dos animais nos Campos, foi exclusivamente o presidente do Ceará de [ilegível] Antonio Pinto Nogueira Accioly .. Eis como se exprime o auctor de um facheito evitado no Rio de Janeiro em Dezembro ja passado: << O penultimo e maior flagello governamental, que durante 4 annos da mais assoladora secca do seculo á findar-se devastou o Ceará passou como a rajada dum tufão moinho que arrasa e deita por terra Tudo que encontra de pé. Essa figura sinistra (o do Accioly) é a unica responsavel, sobre quem pezam todas as desgraças doCeará, presentes, passados e futuros; atesttam este sulco profundo de tamanho ar-raso documentos alta solemnemente de sua passagem maldita!... Milhares e milhares de contos essa figura deshumana e sombria, esse genio do mal sequestro aos cearenses em proveito de si mesmo e da turma de bajuladores e bar-rigudos, que o cercam, quais abutres que se alimentam á custa da miseria, da corrupção e da morte. Porque motivo este tigre humanizado até a ultima hora de sua tyrania e perversidade legais não Declarou a secca no Ceará? ... Horribille dictu! é tão horrível e infame que poria em duvida a mais prevenida opinião, ignorando a infima esphera em que gira esse homem estragado, corrupto e moralmente perdido.

Más infelizmente se deo assim: ___ De pleno acordo com _arrendatario benemerito e caridoso¹¹³ da via ferrea de Baturite para não baixar a tarifa em favor dos desprotegidos e abandonado morrem a fome e sede em todas as localidades do Estado

Fl. 66v

esse honrrabillissimo chefe da corrupção e do crime negou, mentio sempre aos poderes publicos, alastrando por toda parte ubi et urbi << que o Ceará gozava de todas as prosperidades!... >> . Que escarneo, que ultraje! ... Em outra parte que não o Ceará, seria inevitavel mais um linchamento. E'esse abejão moral e phisico que sobre um montão de esqueleto absorve a ultima seiva desse povo infeliz, que elle perverso e frio desbriou e prostituiu.....Nessasparedes interiores de seo palacio, erguido sobre um montão de cadaveres onde os alegões baltharicas, figure já ver escripto em caracteres de fogo este capitulo tremendo de sua condemnação: - Mane, thecel, phares >>

É assim, pois, que se manifesta a opinião publicasobre essa fonte verdadeira e unica de to-

¹¹³ Grifo do autor.

das as desgraças do Ceará. Aqui fica pois ainda registrada esta restia de verdade para perpetuo testemunho da verdade historica ao rebuscador do passado.

Vigario da Freguezia

Philomeno do Monte Coelho

Anno de 1901:¹¹⁴

1

Maria *Adulta* = Aos quatro de Janeiro de mil e novecentos e um falleceu no Sitio Santa Rita, onde ia confessal-a, voltamos porem do caminho em meio, porque veio encontrar-me portador trazendo noticia do fallecimento desta, Maria da Conceição, com quarenta annos de idade; seu cada ver foi sepultado no cemiterio privado. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

2

Eleuteria *Adulta* = Aos nove de Janeiro de mil e novecentos e um falleceu de colerina a velha Eleuteria, viuva, tendo noventa e oito annos de idade; confessou-se e commungou. Seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia; do *que* para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

3

Francisco *Adulto* = Aos vinte dous de Janeiro de mil e novecentos e um falleceu repentinamente Francisco Raimundo de Mesquita, cincoenta e seis annos de idade, casado que era com Innocencia Maria da Conceição. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Luiza *Adulta* = Aos tres de Janeiro de mil e novecentos e um falleceu em seu domicilio Luisa Maria de Jesus, casada que era com João Marques Pompeu; seu cadaver foi sepultado na povoação d'Assumpção Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Miguel = Aos vinte e cinco de Dezembro do ano proximo findo falleceu, depois de unguido e sacramentado, Miguel Gabo, com 56 annos, casado com Maria Rosa da Conceição; seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

6

Luiza *Adulta* = Aos dezeseite de Dezembro do ano findo, falleceu de paralizya Luiza Maria Borges, natural desta freguezia, com 60 annos de idade E seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.67v

¹¹⁴ Início de um novo ano de registros.

7

Maria *Adulta* = Aos trinta de Janeiro falleceu de colerina a pedinte Maria Thereza, solteira, trinta e oito annos de idade, natural de *Santa* Quiteria. Confessou-se. seu cadaver sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Maria *Adulta* = Aos vinte quatro de fevereiro falleceu de tistica pulmonar Maria de Moura, com dezeseite annos, filha do finado José de Moura. Confessou-se e seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

9

Maria *Adulta* = Ao primeiro de Março falleceu de parto Maria de Tal ¹¹⁵ mulher de Francisco Gonçalves de Aguiar, com trinta annos de idade; não chegou a confessar-se por que o Vigario voltou do caminho não tendo chegado a tempo. seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Joaquim *Adulto* = Aos dous de Março de mil e novecentos e um falleceu de mordedura de cascavel Joaquim Martins Leitão, casado ¹¹⁶ com trinta e cinco annos de idade; seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio de *São* Francisco Do que para fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

11

Manuel *Adulto* = Aos tres dias do mez de Abril de mil e novecentos e um falleceu de anemia Manuel Vicente do Nascimento, viuvo, com oitenta e oito annos de idade; confessou-se, e seu cadaver foi sepultado no cemiterio de SantaCruz. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

12

João= Aos dezoito de Abril de mil e novecentos e um falleceu de aritmia o parvulo João, 2 annos de idade, filho legitimo de Antonio Ferreira Gomes e Francisca Ferreira Gomes; seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.68r
(Lima)

¹¹⁵ Espaço deixado pelo autor.

¹¹⁶ Espaço deixado pelo autor.

13

Luisa *Adulta* = Aos vinte um de Abril de mil e novecentos e um, em seu domicilio falleceu cercada das consolações espirituaes da Religião, recebendo antes os ultimos sacramentos, Luisa Teixeira de Castro, com 45 annos de idade, innupta; filha legitima de Luiz Teixeira de Castro; teve missa de corpo presente e em seguida a encommendação na forma do Ritual Romano. Seu cadaver teve sepultur no dia seguinte no Cemiterio desta Parochia.

Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

14

Thereza *Adulta* = Aos vinte seis de Abril de mil novecentos e um falleceu n'esta villa, victima de tetano traumatico, *Dona* Teresa Montenegro Bastos com vinte um annos, casada que era com Antero Severiano Bastos; confessou-se e seu cadaver amortalhado em preto foi, depois de encommendado na forma do Ritual Romano, sepultado no cemiterio publico d'esta villa ao outro dia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

15

Delmiro *Adulto* = Aos vinte sete de Abril de mil novecentos e um falleceu no Jorge Delmiro José d'Andrade com 84 annos de idade casado que era com Thereza d'Andrade; confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.68v

16

Custodio *Adulto* = Aos trinta de abril de mil novecentos e um no sitio Ipú ao seu domicilio falleceu Custodio Teixeira Pinto, viuvo, com oitenta e dous annos de idade; confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta villa, tendo antes sido encommendado na forma do Ritual Romano. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

17

Maria *Adulta* = Aos sete de Maio de mil novecentos e um falleceu em seu domicilio Maria Teixeira Bastos, com 17 annos filha legitima de Francisco Teixeira Bastos, victima d'uma congestão cerebral; seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado por mim sepultado no Cemiterio publico desta parochia no dia 8. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

18

Thomaz *Adulto* = Aos vinte e trez de Maio de mil novecentos e um falleceu de tísica pulmonar Thomaz Nobrega casado que era com Anna Nobrega; com sessenta annos de idade; confessou-se e recebeu os mais sacramentos dos enfermos e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

19

Delfina *Adulta* = Aos vinte e sete de junho de mil novecentos e um falleceu em seu domicilio Delfina de Mesquita Magalhães, com trinta e tres annos de idade, casada que era Manuel Francisco de Jorge victima de distocia, seu cadaver amortalhado foi, depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio desta Parochia teve encommendação resada e missa de corpo presente Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

20

Raimunda *Adulta* = Aos cinco de agosto de mil novecentos e um falleceu de anazarca Raymunda de doze annos, filha le gitima de Antonio Pinto; confessou-se e recebeo o santo

Fl.69r
(Lima)

Viactico, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

21

Hermina *Adulta*= Aos quinze de Agosto de mil novecentos e hum falleceu de metrorrhagia, depois de ter confessado, *Dona* Herminia Cavalcante Gusmão, com vinte e cinco annos de idade, casada que era com o Bacharel Nereu da Silva Gusmão; seu cadaver amortalhado em preto foi sepultado no mesmo dia no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

22

Emilia *Adulta* = Aos vinte e hum de Agosto de mil novecentos n'esta villa falleceu de tuberculose Emilia de Tal, solteira, confessou-se e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coêlho

23

Antonio *Adulto* = Aos oito de setembro de mil novecentos e um falleceu em Fortaleza o Coronel Antonio Gonçalves de Queiróz – com cincoenta e quatro annos de idade, casado que era com *Dona* Angelica Pacifica de Queiróz, já se havia confessado e commungado; falleceu de mal na uretra, seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico d'aquela Cidade. Do que para constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

24

José *Adulto* = Aos nove dias do mes de Setembro de mil e novecentos e um falleceu de inanição o octagenario José dos Santos, cego – e viuvo, confessou-se, e seu cadaver amortalhado foi depois de encommendado por mim, sepultado no Cemiterio publico d'esta parochia. Do que para constar fis este termo, que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.69v

25

Ignacio *Adulto* = Aos dose de Setembro de mil e novecentos e hum falleceu de reumatismo Ignacio Rodrigues Barretto, com setenta e cinco annos, viuvo que era de Alexandrina Maria de Jezus, confessou-se e commungou, havia cinco dias antes, e seu cadaver agora foi depois de encommendado por mim sepultado no cemiterio publico d'esta Parochia Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

26

Pedro *Adulto* = Aos trese de Setembro de mil e novecentos e hum falleceu em seu domicilio Chapada Pedro Thomas d'Aquino, com cincoenta e nove annos, casada com Joanna Baptista Ferreira. Recebeo os sacramentos dos infermos. E seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Maria Adulta = Aos vinte dous de Setembro de mil e novecentos e um falleceu de congestão Maria Pereira de Salles com oitenta annos, viuva de Francisco de Salles Gomes, teve missa de corpo presente e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio desta villa. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

28

Maria Adulta = Aos vinte de Outubro de mil e novecentos e um falleceu de tuberculose em seu Domicilio na fazenda Papagaio , onde compareci *para* administra-lhe os sacramentos dos enfermos no dia 13 de Outubro, Maria Florencia de Mattos, vinte e seis annos, casadaque era com Joaquim Ferreira da Fomseca, e seu cadaver amortalhado, foi depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte CoelhoFl.70r
(Lima)

29

Maria Adulta =Aos vinte e oito de Outubro de mil e oitocentos e digo novecentos e um, falleceu de anemia Maria da Penha, mendiga viuva, natural de Sobral, recebeo o sacramento da penitencia, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio desta villa. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

30

José Paulino de Queiróz Bastos (assassinado por Orlando) = Aos dous de Novembro de mil e novecentos e

um, nésta villa de São Francisco, dentro do mercado publico foi barbaramente assassinado com seis tiros de rifles esfichados por Orlando Pinheiro Bastos, cerca de sete e meia hora da manhã – d’aquela dia, o infelis José Paulino de Queiróz Bastos, casado que era com Francisca de Assis Bastos, com trinta e oito annos de idade; e seu cadaver transportado em seguida *para* a casa do seu primo Antonio Benicio Bastos, e logo depois *para* a do Coronel Antonio Teixeira Bastos, d’ahi sahiu as cinco e meia da tarde do mesmo dia, *para* o Cemiterio, em caixão preto, passando pela Matriz, onde lhe fiz encommendação solemne.

Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

31

Maria = Aos trez de Dezembro mil e novecentos e um falleceu de anemia Maria José Barbosa, de 60 annos de idade, casada que era com Justino Pereira Lima, confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico désta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

32

José *Adulto* = Aos vinte e trez de Novembro falleceu de tísica pulmonar José Netto de Albuquerque; recebeo o sacramento da Penitencia; e seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio de Santa Cruz. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.70v

33

Virgelina *Adulta* = Aos treze de Dezembro falleceu de aborto em seu domicilio no sitio Limoeiro desta freguezia, Virgelina Marques de Salles, com trinta e dous annos, casada que era com Joaquim Pereira Guimarães; confessou-se, e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no Cemiterio publico d’esta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

34

Raimundo *Adulto* = Aos dezeseis de Dezembro de mil e novecentos e um falleceu de inflamação Raymundo, com 16 annos de idade, filho legitimo de Silvino Veras d’Avila. Confessou-se e seu cadaver amortalhado foi sepultado no Cemiterio publico desta Matriz. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coêlho

35

Geniliano *Adulto* = Aos desoito de Dezembro de mil e novecentos e hum falleceu de febre Geniliano de Farias, sessenta annos de idade, casado; não chegou a confessar-se, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia Do que fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

36

Florencio *Adulto* = Aos trinta de Dezembro de mil e novecentos e um falleceu em seu domicilio Florencio de Hollanda Cavalcante casado que era com Theresa Cavalcante, com sessenta e oito annos de idade, confessou-se e commungou, seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico désta villa Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

37

Francisca *Adulto* = Aos vinte e cinco de Março de mil e novecentos e um falleceu de inchação Francisca Preta, quarenta annos de idade; recebeo os sacramentos dos enfermos, solteira e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

1902

1

Domingos Adulto = Aos vinte e sete de Janeiro de mil e novecentos e dous falleceu de um tiro de espingarda no seu domicilio no sitio Guahy Domingos Francisco Braga, solteiro, qua renta annos de idade, filho legitimo de Innocencio Francisco Braga. Seu cadaver transportado a esta villa foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

2

Rufino Adulto = Aos trinta e hum de Janeiro de mil e novecentos e dous falleceu de pleuriz, Rufino Alves de Lima, solteiro, vinte cinco annos, filho legitimo de Antonio Alves de Lima confessou-se e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta Parochia teve encommendação privada mandada fazer pelo seu pai. Do que para constar fis este *que* assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

3

Mariana Adulta = Aos dezoito de Maio de 1902 falleceu Marianna Pereira Sant'Iago, viuva de Francisco Vicente Sant'Iago com 70 annos de idade, victima de anemia; e seu cadaver amortalhado em panno pardo foi sepultado no cemiterio desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

4

Francisco Adulto = Aos vinte quatro de Maio de 1902 falleceu de indigestão; moço Francisco, com 24 annos, filho legitimo de Filisardo Ferreira d'Oliveira, seu cadaver, transportado a esta villa foi sepultado, depois de encommendado por mim, no Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

5

Joaquinna Adulta = Aos dous de junho de mil novecentos e dous falleceu de congestão **Dona** Joaquinna Alexandrina da Rocha, viuva de Manuel Luis da Rocha, com sessenta e sete annos de idade; apenas recebeu a absolvição dos peccados, pois o ataque a fulminou; teve missa de corpo presente e de setimo dia. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

6

Joanna Adulta = Aos oito de Junho de mil novecentos e dous falleceu de febre Joanna Severiano Pinto casada com Roberto Pinto, tendo vinte e seis annos de idade, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio particular de Camará. Confessou-se. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

7

Manuel *Parvulo* = Aos quinze de Junho falleceu de febre o parvulo Manuel, filho legitimo de Joanna de Souza, com sete annos de idade, seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

8

Francisca *Parvula* = Aos vinte e seis de Junho de 1902 falleceu de tetano a parvula Francisca de 6 mezes, filha legitima de Saturnino Borges de Freitas e Maria Henrique de Araujo, e seu cadaver amortalhado de branco foi sepultado no Cemiterio publico desta villa.

Do que fis este assento *que* assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

9

Francisco = Aos dezeseite de Julho de mil e novecentos e dous, pereceu repentinamente num banheiro publico que tem no rio ao pé da villa, Francisco Joaquim d'Oliveira Zodiaco casado com Emilia Zodiaco, contava 46 annos, era alfaiate de profissão. Teve enterro solemne feito a custa do seu protetor João Augusto de Castro junto com Vigario da freguezia que nada exigiu por seus serviços e *mesmo* fez as exequias, ao 7º dia

Do que para constar fis este para em todo tempo constar. Vigario Philomeno do Monte Coelho

10

Maria *Adulta* = Aos vinte e tres de Julho de mil e novecentos e dous, falleceu no seu domicilio no sitio Mundahu desta freguezia Maria Thereza d'Avila, viuva de

José Pinto de Albuquerque, na idade de setenta e oito annos. Antes, porém, tendo sido chamado compareci junto a ella, que bem se confessou commungou e recebeu a Extremma Uncção, mostrando assim bem disposta ao comparecer ao juízo de Deus. E seu cadaver conduzido ao Cemiterio de Itapipoca por ser mais perto que o d'a qui, lá foi sepultada religiosamente. Do que para constar fis termo que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

11

Antonio *Adulto* = Aos oito dias de Agosto de mil e novecentos e dous, falleceu de tísica na laringe Antonio Braga, solteiro, trinta oito annos de idade, filho legitimo de Francisco Antonio Braga Recebeo todos os sacramentos dos enfermos, e seu cadaver amortalhado, foi encommendado por mim nesta matriz e depois sepultado no Cemiterio publico desta villa. Do que para constar fis termo que assigno Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.72r
(Lima)

12

Antonio Adulto = Aos vinte e trez de Fevereiro do anno mil e novecentos e dous, falleceu em seu domicilio Antonio Ferreira de Mattos, de cincoenta annos de Idade, casado que era com Maria Joanna da Luz confessou-se e commungou, depois do que veio a fallecer, tendo o seu cadaver sido sepultado no cemiterio mais perto de sua casa, que foi o da povoação de Santa Cruz. Do que para constar fis este assento, que assigno

Vigario Philomeno Monte Coelho

13

Maria Adulta = Aos trinta e um dias do mes de Agosto de mil e novecentos e dous, falleceu de anemia Maria da Conceição, viuva; com setenta e nove annos de idade; Confessou-se; e seu cadaver depois de encommendado por mim na Capela de Santa Cruz

Fl.72v

foi sepultado no Cemiterio d'aquella povoação.

Do que para constar fis este termo que assigno

Vigario Philomeno do Monte Coelho

14

David Adulto = Aos dous dias do mez de Setembro de mil novecentos e dous, em seu domicilio ao pé desta villa, falleceu David Rodrigues Peixe, casado que era com Maria Altina Peixe, e com cincoenta annos de idade; confessou-se e recebeu o santo Viatico, e seu cadaver depois de encommendado por mim nesta Matriz foi sepultado no Cemiterio publico desta villa. Do que para constar fis este assento, que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

15

Francisco Adulto = Aos nove dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e dous, falleceu em seu domicilio, ao sitio Santa Maria, desta freguezia tendo antes se confessado e commungado sacramentalmente nesta Matriz, Francisco Pires Chaves, casado que era com Claudina de Tal Pires Chaves, tendo cincoenta annos de idade, e seu cadaver transpostado ao povoado de Santa-Cruz, lá foi sepultado naquele cemiterio no dia seguinte ao do óbito. Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

16

Luiz Parvulo = Aos dezenove de Setembro do anno de mil novecentos e dous, falleceu nesta villa, e de tetano, o parvulo Luiz, de trez annos de idade, filho legitimo de Damião Martins Leitão e de Maria Vieira do Nascimento. E seu cadaver amor talhado em azul foi sepultado no cemiterio

publico desta villa.

Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl. 73r
(Lima)

17

João *Adulto* = Aos vinte e trez de Setembro de mil novecentos e dous, n'esta villa, falleceu de tetano traumatico

João de Freitas, musico de profissão, casado que era com Maria Pinto de Freitas, contando apénas vinte e nove annos de idade. Tendo perdido a falla não pode se confessar, tendo apenas recebido a absolvição in articulo mortis: seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no Cemiterio publico desta villa aos vinte e quatro do dito mez, tendo havido antes encommendação na igreja Matriz feita por mim. Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

18

José Luiz = Aos vinte e cinco de Setembro do anno mil novecentos e dous, no sitio Ipú, a dous kilodésta villa, falleceu em seu domicilio José Luis d'Araujo, solteiro, quarenta e quatro annos de idade filho legitimo do Major Francisco Bento de Araujo; victima que foi de hypertrophia do coração. Confessou-se e commungou; e seu cadaver amortalhado de preto e revestido de sua ápa encamada. Como irmão que era do *Irmandade Santíssimo* sacramento foi encommendado por mim nesta Matriz e logo depois sepultado no cemiterio publico destavilla

Do que para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

19

João Augusto¹¹⁷ = Aos oito dias do mez de Outubro de mil novecentos e dous, na fazenda Coité, onde morava a familia de Joaquim Ferreira do Nascimento, ahi chegando n'uma liteira, vindo de Sobral, cerca de sete horas da noitequando chegava ahi mesmo foi chegando e morrendo entre a liteira d'onde a tiraram e a rede onde o collocaram para acabar

de morrer como effectivamente morreu João Augusto de Castro, Inspector da linha Telegraphica, Residente em São Francisco, havia já 17 annos, casado que era com Dona Maria Amélia de Castro, que aqui exerce o cargo de Telegraphista; contava apénas 44 annos seu cadaver veio de lá transportado na mesma litei-

Fl. 73v

¹¹⁷ O nome de indicação do falecido não condiz com o nome do falecido indicado no corpo do texto.

ra em que fôra á Sobral, 8 dias antes, em busca de remedios aos seus incommodos de saúde tendo chegado aqui pela madrugada do dia 9. As cinco horas da tarde effectuou se o seu enterro sendo encomendado solenemmente na Matriz seu cadaver por mim que ja lhe havia celebrado pela manhã missa de corpo presente. Falleceu de cirrose seu cadaver foi sepultado no Cemiterio publico destaviela. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

20

Venancio *Adulto* = Aos dezoito de Outubro de mil novecentos e dous, em seu domicilio no Sitio São João, falleceu de anemia Venancio Caetano da Silva, cincoenta e quatro annos de idade casado em segundas nupcias com Rita Maria de Lima; confessou-se e seu cadaver transportado para esta villa foi depois de encomendado por mim sepultado no cemiterio publico desta parochia. Doque para constar fis este termo que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

21

Maria *Parvula* = Aos dezenove de Outubro de mil novecentos e dous, nésta villa, falleceu de tetano, a parvula Maria, filha natural de Josepha Clemencia, de trez mezes de idade; seu cadaver amortalhado de azul foi sepultado no cemiterio publico desta parochia; do que para constar fis esteque assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.74r
(Lima)

22

José *Adulto* = Aos vinte e trez de Outubro de mil novecentos e dous, no seu domicilio do Sitio Ipú, perto desta villa, falleceu de rheumatismo articular, tendo antes pedido e recebido os socorros espirituais da Santa Egreja, confissão, communhão, extrema-uncção o ancião José Pereira Barbosa Cavalcante, com 82 annos de idade, casado com *dona* Maria Magdalena Cavalcante; teve missa de corpo presente e seu cadaver collocado num esquife honesto, depois de encomendado por mim foi sepultado ao outro dia, no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

24¹¹⁸

Eu^{a119} Julia *Parvula* = Aos nove de Novembro de mil novecentos e dous, falleceu de tetano a parvula Julia, de um anno, filha legitima de José Pereira Lima Filho, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no

¹¹⁸ O número 23 não foi registrado, sendo registrado dois números 24.

¹¹⁹ Rasura do autor.

Cemiterio publico desta parochia. do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

24

Maria *Adulta* = Aos vinte e cinco de Novembro de mil novecentos e dous, falleceu na povoação de Irauçuba Maria Ferreira d'Albuquerque com 80 annos de idade, viuva do finado Antonio Gomes d'Albuquerque, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio rural de *São* José; tendo sido victima d'uma congestão pela que não deo tempo a ir-se chamar o vigario para confessa-la. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

25

Manoel = Aos sete dias do mez de Dezembro de mil novecentos e dous, falleceu de tetano o parvulo Manoel

Fl.74v

filha natural de Joaquim Thomaz do Nascimento e Francisca de Souza Pessoa, com idade de poucas horas; e seu cadaver amortalhado em preto foi sepultado no cemiterio publico desta Matriz. do que fis este termo que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

26

Anna *Adulta* = Aos nove de Dezembro de mil novecentos e dous falleceu de parto Anna Maria do Carmo (tendo antes se confessado) com idade de trinta e dous annos, casada com Joaquim Luis d'Andrade, e seu cadaver foi transportado, para Santa Cruz, onde foi sepultado no cemiterio Do que para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

27

Raimunda = Aos oito de Janeiro de mil novecentos e trez¹²⁰ falleceu de tísica pulmonar a moça¹²¹ *dona* Raimunda Marques Felis, solteira, com quarenta e oito annos de idade; confessou-se e commungou, e seu cadaver depois de encommendado por mim foi sepultado no cemiterio publico desta parochia

Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

Mariana *Adulta* = Aos oito de Janeiro de mil novecentos e trez falleceu de repente Mariana Betão, casada que era com o sentenciado João Timbauba, confessou se e seu cadaver amortalhado foi sepultado

¹²⁰ Inicia um novo ano sem indicação de mudança.

¹²¹ Grifo do autor.

no cemiterio publico desta parochia. Do que
fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Antonia *Adulta* = Aos treze de Janeiro de mil novecentos e
tres falleceu na solidão do parto Antonia
Passos Fernandes Rego, casada que era com Ignacio

Fl.75r
(Lima)

Fernandes do Rego com idade de vinte e sete annos, e seu ca-
daver amortalhado de branco, foi, depois de encommendado na
Matriz sepultado no Cemiterio publico desta parochia
Do que fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

Manoel Adulto = Aos dezeseis de Janeiro de mil novecentos e
tres, falleceu de anemia, e na idade de 27 annos, o
velho Manoel Pereira Vianna, viuvo de Germana Tei-
xeira Pinto; e seu cadaver amortalhado de branco foi se-
pultado no Cemiterio publico desta parochia. Do que
para constar fis este assento que assigno.
Vigario Philomeno Monte Coelho

Juliana *Adulta* = Aos dezeseis de Janeiro de mil novecentos e
tres falleceu de tistica a velha Juliana Honoria,
viuva de Honorio Furtado, com idade de setenta annos
e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no
Cemiterio publico desta parochia. Do que para constar
fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

¹²²José *Adulto* = Aos vinte e dous de Dezembro de mil novecentos
e dous no lugar Lago do Ananias, falleceu afogado
José Jacinto de Souza, trinta e dous, casado com...
.....¹²³ filho legitimo do finado Gentiliano
da Silva. A familia mandou resar missas e
dobrar os sinos a finados. Do que para constar
fis este assento que assigno. Vigario Monte Coelho

¹²² Os 5 registros anteriores não foram indicados numericamente.

¹²³ Marcas do autor.

1903

1

Maria *Adulta* = Aos dezeseis de Janeiro de mil novecentos e trez no seu domicilio ao sitio Santa Maria falleceu a moça Maria Nepomuceno, com vinte e cinco annos de idade, filha legitima dofinado João Nepomuceno. Confessou-se algumas horas de expirar. Seu cadaver foi transportado para a povoação de Santa Cruz em cujo cemiterio foi sepultado. Do que *para* constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

2

Helena *Adulta* = Aos trinta de Janeiro de mil novecentos e tres em seu domicilio nos sitio Santa Maria, falleceu de velha, na idade de cem annos, Helena Maria d'Oliveira, viuva, tendo recebido a absolvição sacramental alguns dias antes de falecer. Seu cadaver transportado a Santa Cruz, ahi foi sepultado no cemiterio. Do que *para* constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

3

Raimundo *Parvulo* = Aos nove de Fevereiro de mil novecentos e tres falleceu de tetano o parvulo Raimundo de um mez de idade, filho de Benna Maria da Conceição, desta villa, e seu cadaver transportado ao cemiterio ahi foi sepultado. Do que fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

4

Antonio *Adulto* = Aos dezeseite de Março de mil novecentos e tres falleceu no seu domicilio ao sitio Serri-
nha, o velho Antonio José da Silva, com idade de oitenta annos, casado; tendo antes

confessado e recebido a Extrema Uncção. Seu cadaver transportado a Santa Cruz, lá foi sepultado n'aquelle cemiterio. Do que *para* constar fis este termo que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

5

Rosa = Aos dezenove de Março de mil novecentos e tres falleceu no seu domicilio ao sitio Guahy – Rosa Braga, viuva, com cincoenta e nove annos de idade; recebeo apenas absolvição sacramental e Extrema – Uncção. Seu cadaver transportado a Santa Cruz, em cujo cemiterio foi sepultado. Do que *para*

Fl.76r
(Lima)

constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

6

Maria = Aos vinte e sete de Abril de mil novecentos e tres falleceu de tetano a parvula Maria, filha legitima de Laureano Alves de Souza, tendo de idade um annos; seu cadaver amortalhado foi sepultado no cemiterio publico desta matris. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

7

Marcos = Aos dous de Maio de mil novecentos e trez falleceu em Bolandeira, em seu domicilio, o adulto Marcos Carneiro, de sessenta annos de idade, casado com - ¹²⁴ confessou-se durante a molestia, e seu cadaver transportado para o cemiterio rural do Camará, ahi foi sepultado decente e religiosamente. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

8

Luiza = Aos trez de Maio de mil novecentos e tres nésta villa, falleceu de velha, a preta Luiza, escrava que fôra libertada do poder de Alexandre José Rodrigues

Fl.76v

na idade de noventa e tantos annos; solteira, mas mãe de filhos. Confessou-se; não commungou por não convir arriscar-se administrar este sacramento a enferma que não estava de bom sizo. Mas recebeo **sacramentos** dos enfermos. Seu cadaver foi sepultado, depois de encommendado por mim, no cemiterio publico desta villa. Do que fis este que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

9

João *Adulto* = Aos cinco de Maio de mil novecentos e tres em seu domicilio no sitio Maritacaca, falleceu de febre João, de onze annos de idade, filho legitimo de José Herminio Braga, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este assento, que assigno. Vigario Philomeno Monte Coelho

10

Severiano = Aos sete de Maio de mil novecentos e tres falleceu de tetano o parvulo Severiano, filho legitimo de Pedro Justino de Lima; e seu cadaver amortalhado em branco foi sepultado no cemiterio publico desta parochia. Do que para constar fis este que assigno.

Vigario Philomeno Monte Coelho

¹²⁴ Espaçamento deixado pelo autor.

11

Juliana = Aos nove de Maio de mil novecentos e tres falleceu d'uma grangrena na mão Francisco Vicente d'Oliveira Marciel, casado que era com Mariana de tal, tinha sessenta annos; confessou-se e seu cadaver foi sepultado na povoação do Retiro Do que para constar fis este Vigario Philomeno Monte Coelho

Fl.77r
(Lima)

13

Maria = Aos vinte de Maio de mil novecentos e tres na fazenda Timbauba, do termo de *Santa* Quiteria, falleceu Maria de Nazareth casada que era com Vicente Camillo Filho, victima de um parto; seu cadaver foi sepultado no cemiterio de Santa Quiteria. Do que para constar fis este assento que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

14

José *Adulto* = Ao primeiro de junho de mil novecentos e tres falleceu de anasarca e na idade de oitenta annos José Antonio de Mesquita, casado com Vicença Maria da Conceição; confessou-se e commungou e seu cadaver amortalhado em branco foi transportado para a povoação de Santa Cruz em cujo cemiterio foi sepultado. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

15

Francisca Adulta = Aos 31 de Maio mil novecentos e tres falleceu de anemia e na idade de noventa annos, Francisca Xavier Bizerra, casada que era com Raimundo Camello Ferreira, e seu cadaver transportado para a povoação de São Antonio do Aracaty Assú, ahi foi sepultado. Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

16

Francisco Adulto = Aos dous junho mil novecentos e tres falleceu no seu domicilio na fazenda Mocós desta freguezia – e na idade de sessenta e quatro annos – Francisco de Mesquita Braga, casado que era com Prudencio de Mesquita Braga. Recebeo os ultimos sacramentos dos enfermos e seu cadaver transportado *para* esta Matriz aqui teve missa de corpo presente encommendação feita por mim Do que para constar fis este que assigno. Vigario Philomeno do Monte Coelho

Fl.77v

17

Rita *Adulta* = Aos sete junho mil novecentos e tres falleceu de lesão cardiaca *dona* Rita Francisca d'Albuquerque na idade de sessenta e oito annos, casada que era

com Manuel Francisco d'Albuquerque, confes-
sou-se e recebeu todos os mais sacramentos
dos enfermos seu cadaver transportado aesta
Matriz, ahi foi encommendado por mim e
depois sepultado no cemiterio da villa.
Do que fis este que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

18

Anna *Adulto* = Aos onze de Junho de mil novecentos e tres fal-
leceu de anemia Anna Merencia da Conceição, viuva
de Francisco Ferreira da Silva, com noventa annos de
idade, e seu cadaver amortalhado em branco foi sepul-
tado no cemiterio desta parochia ao outro dia. Do que
para constar fis este assento que assigno.

Vigario Philomeno do Monte Coelho

19

Maria = Aos dezoito de outubro de mil novecentos e tres falleceu victimada
por um panaricio Maria Justina da Conceição Pinto, com¹²⁵
de idade, casada com João Teixeira Pinto, foi sepultado ao ce-
miterio publico desta villa ao mesmo dia. Do que para cons-
tar lavrei este termo Vigario Padre Catão Porfirio Sampaio¹²⁶

20

Manoel = Aos trinta e dous outubro de mil novecentos e tres falleceu no
lugar Aguas Bellas , Manoel, com vinte e seis annos de idade
solteiro, filho legitimo de José Vicente, natural desta parochia
victima de influenza seo cadaver depois de encommendado
foi sepultado no semiterio publico desta parochia no dia
seguinte Do que para constar lavrei este termo

Vigario Padre Catão Porfirio Sampaio

21

Antonia = Aos nove de Novembro de mil novecentos e tres foi sepulta-
do no semiterio publico desta villa o cadaver de Antonia de
Hollanda Cavalcante victima de influenza, viuva, com qua-
renta annos de idade e natural de Santa Quiteria seo cadaver
foi incommendado. E para constar lavrei este termo _

Vigario Padre Catão Porfirio Sampaio

1903¹²⁷

22

Maria = Aos quinse de Novembro de mil novecentos e tres victimada
por influenza Maria da Penha de treze annos de idade, filha
natural de Luiza da Conceição e como não pudesse mais fazer
a confissão dei-lhe a absolvição e a extrema-uncção e cons-
tatei sido sepultado o seo cadaver ao Cemiterio publico desta
villa no seguinte dia. E para constar lavrei este termo

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

23

¹²⁵ Não foi informado a idade da falecida.

¹²⁶ A partir deste registro muda o autor das certidões.

¹²⁷ A indicação de ano começa a ser anotada na margem esquerda do fólio.

Antonio = Aos deiz de Novembro de mil novecentos e tres falleceu nesta villa victi-
mado de dentição¹²⁸o parvulo Antonio, filho natural de Maria
Amelia de Lima de dois mezes de idade baptizado, o seo cada-
ver foi inumado no Cemiterio publico desta villa no se-
guinte dia. E para constar lavrei este termo

OVigario Catão Porfirio Sampaio

24

Antonio = Aos dias de Novembro de mil novecentos e tres falleceu, no lugar
São Miguel desta freguesia Antonio Marques da Silva, vi-
ctima de influenza casado com Joaquim Maria do Con-
ceição, com setenta e dois annos de idade; seo cadaver
foi sepultado no cemiterio publico desta villa sendo
feito a devida incommendação e tendo recebido todos
os sacramentos da penitencia e extrema unção. E para
constar fis este termo OVigario Catão Porfirio Sampaio

25

Francisca = Aos quatro de Novembro de mil novecentos e tres falleceu
nesta villa Francisca Sapateiro, victima de velhice com
noventa e oito annos de idade, viuva, seo cadaver foi
sepultado no cemiterio publico desta villa sendo-lhe
nos ultimos dias administrado todos os sacramentos e seo
cadaver encommendado. E para constar lavrei este
termo OVigario Catão Porfirio Sampaio

26

Mariana = Aos quatorse de Dezembro de mil novecentos e tres, falle-
ceu nesta villa Mariana Saraiva victimada de influ-
ensa, de idade de oitenta e seis annos, viuva. Foi-lhe
administrado os sacramentos e seo cadaver sepultado no ce-
miterio publico desta villa no seguinte dia. E para cons-
tar lavrei este termo OVigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.78v

1903

27

Francisco = Aos dous dias de Dezembro de mil novecentos e tres falleceu
nesta villa, Francisco de Salles Borges victima de uma bron-
quite de trinta e dois annos de idade achando-se em pu-
blico concubinato recebeo nos ultimos instantes de
vida, sacramento do matrimonio que fez com sua
concubina Maria da Conceição e recebendo depois todos
mais¹²⁹ sacramentos. Seo cadaver foi inhumado¹³⁰ no cemi-
terio publico desta villa no mesmo dia. E para constar
lavrei este termo OVigario Catão Porfirio Sampaio

¹²⁸ Sublinhado pelo autor.

¹²⁹ Grifo do autor.

¹³⁰ Inumado.

1904

1

Antonio **Adulto** = Aos trinta e um de Janeiro de mil e novecentos e quatro foi inhumada no cemiterio publico desta villa o cadaver de Antonio Marcelino de Magalhães, viuvo de... victima de desaranjo estomacal. Recebeo todos os sacramentos da hora da morte sendo seo cadaver encommendado antes da inhumação contava 69 annos de idade. Do que faço este termo

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

2

Nahyr **Parvula** = Aos quatro digo aos trinta e um de Janeiro de mil e novecentos e quatro falleceu Nahyr de quatro annos de idade victima de enterite filha legitima de Francisco Ottoni do Assis Bastos e **Joana** Raymundo Pinheiro Bastos seo cadaver foi no mesmo dia sepultado no cemiterio publico nesta villa. E para constar faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

3

Francelina **Adulta** = Aos dois de Fevereiro de mil e novecentos e quatro falleceu Francelina Maria da Conceição com 45 annos de idade victima de influencia administrei-lhe os sacramentos dos enfermos inclusive o santo Viatico: seo cadaver foi no mesmo dia inhumado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo e assigno.

Vigario Catão Porfirio Sampaio

1904

Fl.79r

(Lima)

4

Vicente **Parvulo** = No dia quatro de Fevereiro de mil e novecentos e quatro falleceu Vicente com dois annos de idade filho ... victima de enterites, seo cadaver foi no mesmo dia sepultado no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este termo.

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

5

Maria **Adulta** = Aos sete de Fevereiro de mil e novecentos e quatro, falleceu, nesta villa, a indigente Maria Lourenço socorrida da confiança de **São** Vicente de Paulo, contava 45 annos de idade, viuva de ... victima de um tumor nas costas, seo cadaver foi no mesmo dia sepultado no cemiterio publico desta villa, tendo ella antes recebido todos os socorros espirituais. Do que faço este termo.

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

6

Francisco **Adulto** = Aos treze de Março de mil e novecentos e quatro falleceu nesta villa, Francisco Barboza de Souza, victima de pneumonia solteiro, de quarenta e um annos de idade, tendo durante a enfermidade recebido todos os socorros da Igreja seo cadaver trajando do preto, foi encommendado e levado a sepultura onde foi inumado no cemiterio publico desta villa.

E para que possa constar lavro o presente termo.

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

7

Joanna *Adulta* = Aos treze de Março foi inhumado no cemiterio publico desta villa o cadaver de Joanna Feliciana Gomes, viuva de Miguel Gomes fallecido e contava setenta annos de idade foi victimada por uma bronquite pulmonar, recebeo todos os sacramentos e seo cadaver depois de ser encommendado foi sepultado no cemiterio publico desta villa no seguinte dia.

Do que faço este termo

Vigario Catão Porfirio Sampaio

8

José *Adulto* = Aos quatorse de Março de mil e novecentos e quatro falleceu victimado por um rheumathismo, José Vianna de Mesquita de sessenta e cinco annos de idade; recebeo todos os sacramentos da Igreja e seo cadaver depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este assento

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.79v

1904

9

Rita *Adulto* = Aos quinze e cinco de Março de mil e novecentos e quatro falleceu Rita Gonçalves residente nesta freguezia casada que era com Joaquim Gonçalves Ramos de sessenta e oito annos de idade tendo recebido todos os sacramentos seo cadaver depois de encommendado foi sepultado no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este termo

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

10

Manoel Rocha *Adulto* = Aos vinte e oito de Março de mil e novecentos e quatro a uma hora da tarde, falleceu Manoel Luiz da Rocha victimado por uma lesão cardiaca, con tava quarenta e tres annos de idade casado que era com *Dona* Mariana Genoveva da Rocha. Recebeo por mais de uma vez a communhão em forma viatico e todos os de mais sacramentos e indulgencias da boa morte. Seo cadaver trajando preto depois de Incommendado foi inhumado no cemiterio publico desta villa no seguinte dia com solemne acompanhamento ate o cemiterio da irmandade do *Santíssimo Sacramento* de quem era membro. E para constar lavro este termo

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

11

Francisca *Adulta* = Aos trinta de Março de mil e novecentos e quatro falleceu Francisca Maria de Jesus victima de um parto laborioso, casada que era com Felizardo Ferreira d'Oliveira contava quarenta annos de idade; por não chamarem o vigario não recebeo sacramentos seo cadaver foi no mesmo dia sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo. Vigario Catão Porfirio Sampaio

12

Maria *Adulta* = Aos deceseis de Abril de mil e novecentos e quatro, foi inhumado no cemiterio publico desta villa, o cadaver de Ma

ria Angelica da Conceição solteira de quarenta e sete annos de idade, victima de reumatismo. Seo cada-
ver foi incommendado e tendo no período da enfermidade
recebido os ultimos sacramentos. Do que para constar
faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.80r
(Lima)

1904

13

Joseph Parvula = Aos vinte e um de Abril do presente anno, falleceo victimada por entherite a parvula Josepha de deceseis dias de idade filha legitima de Luis Carneiro da Silva e Luiza Mareivina d'Oliveira, na qual foi baptizada em casa e [ilegível]a baptisar na ocassião de administra lhe as [ilegível] solemne da Igreja seo cadaver foi inhumado no seguinte dia nos Cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

14

Raymundo Parvulo = Aos quinze de Maio do presente anno, falleceo Raimundo de dois annos de idade filho legitimo de Antonio Luiz Coelho e Maria dos Anjos victimado por spasma, sendo no dia seguinte sepultado no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este termo.

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

15

Luiz Parvulo=Aos vinte de Maio do presente anno, falleceo victimado por um es tupo, Luiz de tres annos de idade, filho legitimo de Francisco Borges de Salles e Maria da Conceição. Sendo no dia seguinte sepultado no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este termo. Vigario Catão Porfirio Sampaio

16

Carolinda Adulta = Aos vinte de Maio do presente anno falleceo Carolinda Rodrigues Bastos, casada que era com Roberto Francisco Pinto de quarenta annos de idade victima de congestão pulmonar, na enfermidade recebo todos os socorros espirituais da Egreja;

seo cadaver amortalhado de preto depois de incommendado foi inhumado no cemiterio publico desta villa no seguinte dia. E para constar lavrei este termo e assigno-me Catão Porfirio Sampaio

17

Maria Parvula = Aos desesete de julho do presente anno foi inhumado no cemiterio publico desta villa o cadaver da parvula Maria de sete mezes de idade, filha legitima de Alexandre da Costa Lyra e Mariana *Ferreira* Lyra victima de dentição. E para constar faço este termo Vigario Catão Porfirio Sampaio

18

Maria = A dezoito de julho de mil e novecentos e quatro, falleceo de garrotilho, Maria Lopes, solteira com onze annos de idade, filha legitima de Manuel Domingos Lopes e Francisca Maria Lopes, seo cadaver depois de incommendado foi sepultado no seguinte dia cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

1904

19

Maria *Parvula* = Aos desesete de julho do presente anno falleceo nesta fre-
guezia, a parvula Maria de vinte e dois dias e idade
victima de diahrea, foi baptizada em casa era
filha legitima de José Pinto de Mesquita e Fidel-
china Guedes de Mesquita seo cadaver trajan-
do de branco foi no dia seguinte inhumado no
cemiterio publico desta villa no seguinte dia
Do que para constar faço o presente termo
Vigario Catão Porfirio Sampaio

20

Maria *Parvula* = Aos dezenove de julho do presente anno falleceu Maria victimada
por dentição, contava sete mezes de idade e filha legitima de
Alexandre da Costa Lopes foi no dia seguinte sepultada
no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este
termo. Padre Catão Porfirio Sampaio Vigario encommendado

21

Antonio *Adulto* = Aos de julho de mil e novecentos e quatro, nesta villa, falleceo
O *Coronel* Antonio Teixeira Bastos de setenta e oito annos de idade
casado que era com *Dona* Josepha de Salles Bastos victima
do por embaraço da via urinaria recebeu nos ultimos
dias a Extrema Uncção e absolvição na ora da morte.
Se o cadaver vestido de preto, depois de encommendado
foi no dia seguinte sepultado no cemiterio publico
desta villa. Do para constar faço este termo para constar faço este termo.

Padre Catão Porfirio Sampaio ,, ,,

22

Francisco *Parvulo* = Aos desenove de julho do mesmo anno falleceo Francisco com
quatro annos de idade, victima de influenza, filho legitimo
de José Ignacio Viana e Maria dos Anjos de Araujo sem
do seo cadaver no seguinte dia inhumado no cemite-
rio publico desta villa. Do que faço este termo

Padre Catão Porfirio Sampaio ,, ,,

23

Joaquim *Adulto* = Aos quatro de Agosto do mesmo anno falleceo Joaquim Pin-
to de Mesquita de sessenta annos de idade, solteiro, *filho* de Joa-
quim Vianna de Mesquita, victima de affecção pul-
monar, na enfermidade recebeu todos os socorros espi-

1904

tuais da Igreja seo cadaver depois de encommendado foi
sepultado no cemiterio publico desta villa. E para constar fa-
ço este termo. Padre Catão Porfirio Sampaio Vigario encommendador

24

Francisco *Adulto* = Aos trinta e um de julho de mil e novecentos e quatro nesta villa, falleceu Francisco Ottonido Assis Bastos de trinta e nove annos de idade, casado que era com *Dona* Raymunda Ottonido *Assis* Barros fora victima de congestão na doença recebeu todos os socorros da Igreja e seo cadaver trajando preto fora no seguinte dia sepultado no cemiterio publico desta villa E depois de encommendado E para constar faço este termo.

Padre Catão Porfirio Sampaio „ „

25

Roza *Adulta* = Aos tres de Agosto do mesmo anno falleceu Roza Pinheiro Bastos de trinta e seis annos de idade, casada que era com *Antonio* Bastos Filho victima de bronquite^{Ptísica} pulmonar, na doença recebeu todos os sacramentos da Igreja e seo cadaver depois de encommendado foi no seguinte dia sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo

Padre Catão Porfirio Sampaio „ „

26

José *Adulto* = Aos quatro do dito mez e anno, falleceu José Vidal de Souza, solteiro de vinte e tres annos de idade *filho* de Joaquim Vidal de Souza victima de inflamação na doença recebeu todos os socorros da Igreja e seo corpo foi no seguinte dia depois de encommendado inhumado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo

Padre Catão Porfirio Sampaio

27

Candido *Adulto* = Aos doze de Agosto do mesmo anno, falleceu Candido Pinto de Mesquita com cinquenta e quatro annos de idade casado que era com Florencia Antonia de Mesquita, victima de congestão recebeu todos os sacramentos da ora da morte, seo cadaver depois de encommendado foi sepulta do no cemiterio publico desta villa no seguinte dia . Do que faço este termo. Padre Catão Porfirio Sampaio „ „

28

Francisco *Adulto* = Aos sete de Agosto do dito mez e anno, falleceu Francisco Egidio Diniz com quinze annos de idade solteiro filho *legítimo* de João José

Fl.81v

1904

Diniz e Francisca da Conceição Diniz victima de lezaõ havia pouco tempo se confessado e commungado e nos ultimos momentos recebeu a extrema uncção e se o cadaver depois de encommendado foi no seguinte dia sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo. Padre Catão Porfirio Sampaio Vigario encommendador

29

Maria *Adulta* = Aos dose de Agosto de mil novecentos e quatro, falleceu Maria de Souza dos Prazeres solteira victima de ... , filha legitima de Antonio de Souza Cavalcante e Francisca Xavier de Souza contava dezeseite annos de idade; seo cadaver trajado de branco foi no dia seguinte, depois de feita incommendação sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que faço

este termo. Padre Catão Porfirio Sampaio, , ,
Em tempo no dia de sua morte commungou e recebeu a irma-
dade da Nossa [senhora] do Carmo.

30

Antonio **Adulto** = Aos dezoito de Agosto do presente anno, falleceo victima de an-
tigos padecimentos Antonio Jeronimo Ferreira viuvo de Josepha
Guedes Ferreira com sessenta e cinco annos de idade deixou
de receber os sacramentos por falta de conhecimento do viga-
rio, seo cadaver trajado de preto foi no seguinte dia
depois de encommendado; inhumado no cemiterio
publico desta villa. e para constar faço este termo

Padre Catão Porfirio Sampaio, , ,

31

Esmerina **Parvula** = Aos vinte dois de Setembro de mil novecentos e quatro, falleceo
Esmerina, de tres annos de idade, victima inchação filha
legitima de Vicente Ferreira Barboza e Maria, digo Innocen-
cia Maria da Conceição, sendo no dia o seo cadaver inhumado
no seguinte dia no cemiterio publico desta villa. E para

faço este termo O Vigario Catão Porfirio Sampaio

32

Francisco **Adulto** = Aos vinte e tres de Setembro de mil novecentos e quatro, falleceo Fran-
cisco Reinaldo de cincoenta annos de idade victima de com-
gestão, casado que era com Maria Reinaldo, seo cadaver depois
de feita a incommendação foi no seguinte dia sepultado no cemi-
terio publico desta villa. Do que faço este termo

O Vigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.82r
(Lima)

1904

33

Francisca **Adulta** = Aos vinte tres de Setembro de mil novecentos e quatro, falleceo Francisca
Maria de Jesus victima de pneumonia, de sessenta e nove
annos de idade, viuva que era de Manoel Francisco dos San-
tos, na enfermidade recebeu todos os socorros espirituais e
seo cadaver no dia seguinte a sua morte foi inhumado
no cemiterio publico desta villa. Do que faço este assento

O Vigario Catão Porfirio to

34

Anna **Adulta** = Aos vinte seis de Setembro de mil novecentos e quatro falleceo An-
na Duarte victima de terrivel febre, contava setenta annos
de idade, viuva que era de Joaquim Fidelis. Na doença
recebeo todos os sacramentos e seo cadaver no dia seguinte á
sua morte, foi inhumado no cemiterio publico desta vil-
la. Do que faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

35

Francisco **Parvulo** = Aos vinte seis de Setembro de mil novecentos e quatro falleceo Francisca de
um anno de idade victima de espasmos, filha de Antonio José de
Lima e Margarida Pereira. O seo cadaver foi no dia seguinte
sepultado cemiterio publico desta villa. Do que lavro este
termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

36

Joaquim Adulto = Aos trinta de Setembro de mil novecentos e quatro falleceu na fazenda Cauhá, em consequência de uma queda Joaquim Pires Chaves viuvo de Joanna Pires Chaves contava sessenta e cinco annos de idade recebeu todos os sacramentos e seo cada ver foi no seguinte dia sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

37

Raymunda Ad¹³¹ulta = Aos dois de outubro de mil novecentos e quatro, falleceu Raymunda de dois annos de idade, victima de estupor, filha legitima de Francisco Gomes da Silva e Francisca Gomes do Nascimento. De que faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

38

Juvencio Adulto = A um de Dezembro de mil novecentos e quatro falleceu Juvencio, solteiro, filho legitimo de de deseceis annos de idade, seo cadaver depois de encommendado foi inhumado no cemiterio publico desta villa no seguinte E para constar faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.82v

39

José Adulto = Aos dois de Dezembro de mil novecentos e quatro falleceu, José, quinze annos de idade, filho legitimo de Francisco Correia e Maria Alves da Cunha, victima de esquinencia, seo cada ver foi no mesmo dia sepultado no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

40

Ursula Adulta = Aos vinte quatro de Dezembro de mil novecentos e quatro falleceu, Ursula de quarenta annos de idade, casada que era com Pedro José de Sousa recebeu os socorros espirituais, seo cadaver depois de incommendado foi inhumado no cemiterio publico desta villa. E para constar faço este termo. O Vigario Catão Porfirio Sampaio

¹³¹ A abreviatura indica o registro de um adulto, porém o texto indica uma criança, fazendo-nos inferir que houve um erro na indicação.

– 1905 –

Anno de mil novecentos e cinco

1

Francisco Adulto = Aos quatorze de julho de mil novecentos e cinco, falleceu Francisco; de vinte e tres annos de idade, solteira, filha legitima Francisco das Chagas Pessoa e Luiza Antonia de França, recebeu os socorros espirituas seu cadaver depois de encommendado foi inhumado no cemiterio publico desta villa no seguinte dia e para constar mandei fazer este termo.

Vigario Catão Porfirio Sampaio

2

Anna Adulta = Aos dezeseite de julho de mil novecentos e cinco, falleceu Anna de noventa e seis annos filha legitima de Francisco Correia e Francisca¹³² victima por consequencia de febre recebeu os socorros espirituais, seu cadaver depois de encomendado foi inhumado no cemiterio publico d'esta villa no dia seguinte e para constar mandei fazer este termo

Vigario Catão Porfirio Sampaio

3

Luduvico Adulto = Aos dose de Agosto de mil novecentos e cinco falleceu Luduvico de cento e um annos de idade viuvo de Joaquina **Ferreira** Pires Chagas victima de congestão recebeu os socorros espirituais, seu cadaver depois de encomendado foi inhumado no cemiterio publico d'esta villa no dia seguinte; e para constar mandei fazer este termo

Vigario Catão Porfirio Sampaio

4

Francisco adulto = Aos quinse de Agosto de mil novecentos e seis¹³³, falleceu Francisco de sesenta annos de idade viuvo de victima¹³⁴ seu cadaver foi inhumado no cemiterio publico d'esta villa no dia seguinte; e para constar mandei fazer este termo

Vigario Catão Porfirio Sampaio

5

José Adulto = Aos vinte e dois de Setembro de mil novecentos e cinco falleceu José de sessenta annos de idade, filho legitimo de Alexandre de Oliveira Lima e Juliana de Oliveira da Conceição seu cadaver foi inhumado no cemiterio publico d'esta villa no dia seguinte e para constar mandei fazer este termo

Vigario Catão Porfirio Sampaio

6

Joaquim Adulto = Aos onze de Maio de mil novecentos e cinco falleceu Joaquim de vinte e sete annos de idade filho legitimo de Joaquim Alexandre de Mattos e Josepha **Rodrigues** de Mattos, victima febre, seu cadaver recebeu ao socorros espirituais depois de encommendado foi inhumado

¹³² Espaço deixado pelo autor.

¹³³ Ano informado pelo autor.

¹³⁴ Informação não escrita pelo autor.

no cemiterio publico d'esta villa e para constar
mandei fazer este termo Vigario Catão Porfirio Sampaio

7

José **Adulto** = Aos tantos de setembro de mil novecentos e cinco falleceu José de sesenta e tantos annos casado que era com Francisca da Silva victima ¹³⁵ recebeu os socorros espirituais e depois de encomendado seu cadaver foi inhumado no cemiterio publico d'esta villa, e para constar mandei fazer este termo Vigario Catão Porfirio Sampaio

8

Luiza **Adulta** = Aos trinta de Setembro de mil novecentos e cinco, falleceu Luiza de trinta annos de idade, casada que era com Lino Carneiro da Silva victima por consequencia de parto, seu cadaver amortalhado de preto e depois encomendado seu corpo foi inhumado no cemiterio publico desta villa no seguinte dia e para constar mandei fazer este termo Vigario Catão Porfirio Sampaio

9

Francisco **adulto** = Aos quatorse de outubro de mil novecentos e cinco, falleceu Francisco Pedro de setenta e cinco annos idade viuvo de Joanna Mara do Nascimento victa ¹³⁶ por consequencia larangite ¹³⁷, sepultado no cemiterio publico d'esta villa no mesmo dia e para constar mandei fazer este termo Vigario Catão Porfirio Sampaio

10

Rufino **adulto** = Aos dose de outubro de mil novecentos e cinco falleceu Rufino Batholdo Monteiro de trinta e dois annos, filho legitimo de Francisco Xavier Alves Monteiro e Francisca Ferreira Gomes Monteiro, victima por consequencia de lôcura, foi amortalhado de preto, seu cadaver depois de recomendado foi inhumado no cemiterio publico d'esta villa no seguinte dia do que mandei fazer este termo Vigario Catão Porfirio Sampaio

11

Luiz **parvulo** = Aos primeiro de outubro de mil novecentos e cinco falleceu de estupor Luiz de 3 annos de idade filho legitimo de Cordelino Marques de Salles e Urculina Ferreira de Salles, sepultado a 2 do dito mez no cemiterio publico desta villa.
Vigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.84r
(Lima)

¹³⁵ Espaçamento deixado pelo autor.

¹³⁶ Vítima .

¹³⁷ de laringite.

12

Maria Parvula = Aos quatorze de outubro de mil novecentos e cinco falleceu de sarampo Maria da Assumpção de onse annos de idade filha legitima de José Severi ano Bastos e Filisberta Finez Bastos sepulta da no mesmo dia no cemiterio publico desta villa
Vigario Catão Porfirio Sampaio

13

Francisco Adulto = Aos vinte de Outubro de mil novecentos e cinco falleceu de coraçãõ Francisco Torquato de 60 annos de idade, casado que era com Silvera Vianna sepultado no seguinte dia, no cemiterio publico desta villa. Do que mandei fazer este termo.
Vigario Catão Porfirio Sampaio

14

Maria Adulta = Aos vinte de Outubro de mil novecentos e cinco falleceu de sarampo Maria Julia do Nascimento, de trinta annos de idade viuva que era de Francisco Gomes de Jesus, sendo encomendado seu corpo, e depois inhumado no seguinte dia no cemiterio publico, d'esta villa. Do que mandei fazer este termo.
Vigario Catão Porfirio Sampaio

15

João Parvulo = Aos vinte e oito de Outubro de mil novecentos e cinco falleceu de grangula João de tres annos de idade, filho de Joaquim **Rodriguez** de Moura e Izabel Maria de Jesus, sepultado no seguinte dia no cemiterio publico d'esta villa. Do que mandei fazer este termo.
Vigario Catão Porfirio Sampaio

16

João = Aos trez de novembro de mil novecentos e cinco falleceu de tizica João Alves de Almada de 50 annos

Fl.84v

de idade casado que era com Sabina Thereza Lourenço sepultado no seguinte dia no cemiterio publico desta villa. Do que mandei fazer este termo.

Vigario Catão Porfirio Sampaio

¹³⁸Aos dose de Novembro de mil novecentos e cinco falleceu de garrotinho Luiz de dois annos de idade filho legitimo de Francisco Ferreira de Araujo Francisca **Rodriguez** de Araujo, sepultado no seguinte dia no cemiterio publico desta villa. Vigario Catão Porfirio Sampaio

Aos dezoito de Novembro de mil novecentos e cinco falleceu de Asma Ester de onze annos de idade filha legitima de Joaquim José de Oliveira e de Maria do Carmo sendo encomendado seu corpo e depois inhumado no cemiterio publico d'esta villa no seguinte dia Do que mandei fazer este

¹³⁸ Não há indicação nominal e numeral do falecido.

termo. Vigario Catão Porfirio Sampaio

Aos cinco de Dezembro de mil novecentos e cinco, falleceu de garrotinho Raimundo de tres annos de idade, filho legitimo de Francisco Ferreira de Araujo e Frandilina Rodriguez de Araujo, foi no seguinte dia inhumado no cemiterio publico d'esta villa seu corpo. Do que mandei fazer este termo. Vigario Catão Porfirio Sampaio

Aos dez de Dezembro de mil novecentos e cinco, falleceu de garrotinho Francisca de 4 annos de idade filha legitima de Francisco Ferreira de Araujo e Frandilina Rodriguez de Araujo, seu corpo foi sepultado no seguinte dia no cemiterio publico d'esta villa.

Do que mandei fazer este termo. Vigario Catão Porfirio Sampaio

Aos vinte e cinco de Dezembro de mil novecentos e cinco falleceu Maria de 21 annos de idade filha legitima de José Severiano Bastos e Fellisbela [ilegível] Bastos sepultado no seguinte Do que mandei fazer este termo. Vigario Catão Porfirio Sampaio

Fl.85r
(Lima)

Não foram tomados os assentos do obitos ocorridos de 1906 a 1909, devido a irregularidade proveniente do violento eslencho do Cemiterio que pertencen do a Matriz, fora della tomada pela municipalidade que até a presente data se recusa a entregar-o apesar dos constantes protestos do Parocho respectivo. De hoje em diante vou toman do os assentos dos obitos que for possivel ficando mui defeituosa a presente escripturação por que não estando em poder do parócho as chaves do cemiterio muitos enterramentos se farão sem ser ouvido e nem procurado o respectivo parocho.

1907 e 1910

1

Maria Adulto = No dia primeiro de Março de milnovecentos e dez victima de empaludismo, falleceu Maria Pascoal de Jesus, casada que era com Francisco M. de Salles, tendo vinte e quatro annos de idade, seu cadaver amortalhado de branco, foi no dia seguinte sepultado no cemiterio publico de Santa Cruz. Do que para constar foço este termo que assigno.

Vigario Catão Porfirio Sampaio

Bellarmina Adulta = Aos vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e sete falleceu victimada por febre typho *Dona* Bellarmina de Souza Pessoa com cincoenta e tres annos de idade, casada que foi com Antonio Rufino Ferreira Gomes; recebeu todos os confortos da religião e seu cadaver depois de encommendado, foi sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que para constar faço este termo *que* assigno

Vigario Padre Catão Porfirio Sampaio

Fl.86r¹³⁹
Fl.90r
(Lima)

Antonio = Aos quatorse de Setembro de mil novecentos e quinze falleceu victimado por uma congestão Antonio Rufino Ferreira Gomes com setenta annos de Idade, viuvo de Dona Belarmina Lyra Pessoa; Recebeu ~~todos~~ os sacramentos da Igreja e seu cadaver depois de recomendado, foi sepultado no cemiterio publico desta villa no dia seguinte. Do que fiz este termo que assigno.

Vigario Padre Catão Porfirio Sampaio

Fl.95r¹⁴⁰
(Lima)
Fl.100r
(Lima)

Aos quatorse de Setembro de mil novecentos e quinze victima de congestão, falleceu, Antonio, digo, falleceu nesta villana idade de setenta annos Antonio Rufino Ferreira Gomesviuvo de *Dona* Belarmina de Lyra Pessoa. Na doença Recebeu os sacramentos da Igreja e seu cadaver foi, no dia seguinte, depois de recomendado, sepultado no cemiterio publico desta villa. Do que para constar faço o presente termoque assigno.

Vigario Padre Catão Porfirio Sampaio

Fl.100v

¹³⁹ Dos fólhos 86r até 89v (recto e verso) estão em branco.

¹⁴⁰ Estão em branco dos fólhos 95r ao 99v.